

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História Social

VIVIANE VENANCIO MOREIRA



**Leopold von Ranke e a Questão Oriental:  
O Caso d'A *Revolução Sérvia*  
(1829-1879)**

Versão Corrigida

São Paulo  
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História Social

VIVIANE VENANCIO MOREIRA



**Leopold von Ranke e a Questão Oriental:  
O Caso d'A *Revolução Sérvia*  
(1829-1879)**

*De acordo  
com o autor*

Versão Corrigida

São Paulo  
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de História  
Programa de Pós-Graduação em História Social

**Leopold von Ranke e a Questão Oriental:  
O Caso d'A *Revolução Sérvia*  
(1829-1879)**

Viviane Venancio Moreira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sara Albieri

Versão Corrigida

São Paulo  
2014

## AGRADECIMENTOS

---

À FAPESP pelo apoio financeiro que possibilitou minha dedicação ao trabalho.

À professora Sara Albieri pela confiança depositada em mim para que eu seguisse meu próprio caminho por entre as veredas de Ranke.

À professora Maria de Lourdes Janotti por me aceitar generosamente em seu grupo de estudos e dar suporte valioso em horas mais do que urgentes. Fica minha admiração por sua dedicação ao trabalho, pela postura respeitosa junto aos alunos e por seu amor à História.

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação do Departamento de História pela solicitude e cordialidade.

Aos professores José Vasconcellos e Miguel Palmeira pela leitura atenciosa, pelas críticas e pelas sugestões que sem dúvida desencadearam uma reviravolta nos rumos da pesquisa.

Ao professor Júlio Bentivoglio pela leitura cuidadosa do trabalho final e pelas inúmeras ideias que deu na ocasião da defesa.

A todos os amigos que me acompanharam durante esse longo percurso de conversas, brincadeiras e aprendizado conjunto.

Ao meu pai, Pedro, pelo suporte à minha formação.

À minha grande “família peluda” Sabá, Junior, Frida, Franz, Ulisses e Kristoferson todo reconhecimento pela presença sempre cheia de bondade e carinho. Seus muitos sons e brincadeiras dentre livros e papéis tornaram o cotidiano mais sensível, sábio e belo.

À minha mãe, Cristina, pela constante preocupação, responsabilidade nas opiniões que me deu durante todo esse longo processo e fé em mim quando eu mesma não acreditava que o trabalho chegaria ao seu fim. E, mais do que isso, pelo encorajamento que sempre falou de possibilidades e que me ensinou a ver o trabalho como algo belo e dignificante. Não há nada mais a dizer a não ser que essas páginas definitivamente não existiriam sem seu indescritível apoio.

*Para Cristina  
e nossa excêntrica família  
de cães, gatos, pássaros e plantas .*

I and Pangur Ban my cat,  
'Tis a like task we are at:  
Hunting mice is his delight,  
Hunting words I sit all night.

Better far than praise of men  
'Tis to sit with book and pen;  
Pangur bears me no ill-will,  
He too plies his simple skill.

'Tis a merry task to see  
At our tasks how glad are we,  
When at home we sit and find  
Entertainment to our mind.

Oftentimes a mouse will stray  
In the hero Pangur's way;  
Oftentimes my keen thought set  
Takes a meaning in its net.

'Gainst the wall he sets his eye  
Full and fierce and sharp and sly;  
'Gainst the wall of knowledge I  
All my little wisdom try.

When a mouse darts from its den,  
O how glad is Pangur then!  
O what gladness do I prove  
When I solve the doubts I love!

So in peace our task we ply,  
Pangur Ban, my cat, and I;  
In our arts we find our bliss,  
I have mine and he has his.

Practice every day has made  
Pangur perfect in his trade;  
I get wisdom day and night  
Turning darkness into light.

## RESUMO

---

Leopold von Ranke (1795-1886), considerado um dos mais importantes historiadores do século XIX e de toda a história da historiografia, produziu prolificamente durante toda sua carreira profissional, tendo como um de seus principais objetos de estudos a formação das nações ocidentais modernas e sendo conhecido por sua abordagem metodológica da História. Mas seu trabalho também pode ser uma fonte considerável de novos temas e interpretação, especialmente quando seus trabalhos menos conhecidos são tomados em consideração. A presente pesquisa analisa um tema ainda pouco explorado no trabalho de Ranke, ou seja, a posição desse historiador em relação aos grupos orientais através da interpretação das três edições (1829, 1844 e 1879) do seu livro *A Revolução Sérvia (Die serbische Geschichte)*. Algumas características desses textos merecem destaque: 1) o período de cinquenta anos no qual Ranke trabalhou o texto torna possível o estudo do desenvolvimento de suas ideias; 2) trata-se do estudo de um tema contemporâneo, o que significa que Ranke a escreveu enquanto as ações que estudava ainda faziam parte do presente; 3) a obra tem caráter colaborativo, já que foi concebida pela união de Ranke e do *Círculo Esloveno de Viena*; 4) a forma com que Ranke descreveu os povos orientais (turco e sérvio) aponta para a relação entre essas noções e uma série de representações do Oriente, as quais estavam conectadas com ideias românticas bastante difundidas.

### **Palavras-chave:**

*Teoria da História; História da Historiografia; História Intelectual; Leopold von Ranke; Sérvia; Questão Oriental.*

## ABSTRACT

---

Leopold von Ranke (1795-1886), considered one of the most important historians of the 19<sup>th</sup> century and of the whole history of historiography, produced prolifically during his entire professional career, having as one of his main objects the study of the formation of the Western Modern Nations and being famous for his historical methodological approach. But his work can also be a considerable source of new themes and new interpretations, especially when his less known books such as *The Ottoman and the Spanish empires in the sixteenth and seventeenth centuries* or *The Serbian Revolution* are taken under consideration. This research analyses a theme somewhat yet to be explored in Ranke's work, that is to say, the position of this historian in respect of oriental groups through the interpretation of the three editions (1829, 1844 and 1879) of his book *The Serbian Revolution (Die serbische Geschichte)*. Some characteristics of this work deserve highlight: 1) the period of fifty years in which Ranke retook the text makes it possible to study the development of his ideas; 2) it is about the study of a contemporary theme, which means that Ranke wrote while the actions he studied still were part of the present; 3) the work has a collaborative nature, which was conceived by the union of Ranke and the *Viennese Slavonian Circle*; 4) the way Ranke described the eastern people (Turkish and Serbian) indicates the relation between these notions and a series of representations of the East, which were connected to widespread Romanticist ideas.

### **Keywords:**

*Theory of History, History of Historiography; Intellectual History; Leopold von Ranke; Serbia; Eastern Question.*

## ÍNDICE

---

INTRODUÇÃO.....	9
<i>A Revolução Sérvia: o ponto fora da curva nos trabalhos de Ranke</i>	
1. A REVOLUÇÃO SÉRVIA E UM ALARGAMENTO DE HORIZONTES.....	9
1.1. O eurocentrismo rankeano .....	10
1.2. A obra e sua repercursão .....	13
2. A QUESTÃO ORIENTAL E ORIENTALISMO.....	16
2.1. O Oriente como tema do momento .....	16
2.2. Ranke e as representações românticas do orientalismo .....	18
CAPÍTULO I.....	21
<i>Um tema persistente: A Revolução Sérvia na biografia intelectual de Ranke</i>	
1. OS “ANOS DE PEREGRINAÇÃO” DE LEOPOLD VON RANKE (1825-1830).....	21
1.1. Universidade e pesquisa na vida de um jovem professor .....	21
1.2. O “lobby dos arquivos”: entre o conhecimento e o poder .....	31
1.3. O <i>Círculo Esloveno de Viena</i> : laços esloveno-germânicos .....	36
2. UM HISTORIADOR CÉLEBRE ÀS VOLTAS COM A <i>REALPOLITIK</i> (1830-50) .....	49
2.2. No caminho do sucesso e o amadurecimento da ars politica .....	49
2.3. A <i>Historisch-Politisch Zeitschrift</i> e a tríade de textos políticos.....	53
3. A APOSENTADORIA É SÓ O COMEÇO (DÉCADAS DE 1870-1880) .....	57
3.1. Academias e as pequenas “embaixadas rankeanas”.....	57
3.2. História Universal, Obras Coligadas e a Sérvia.....	59
CAPÍTULO II.....	65
<i>Sérvia mutatis mutantis: histórico das edições e a questão da autoria</i>	
1. PREÂMBULO: RECAPITULANDO A HISTÓRIA SÉRVIA.....	65
2. UM LIVRO, CINQUENTA ANOS E TRÊS VERSÕES .....	76
2.1. Edição de 1829: um texto e muitas mãos.....	77



2.2. Edição de 1844: rumo ao texto definitivo .....	83
2.3. Edição de 1879: o grande desfecho .....	91
3. A QUESTÃO DA AUTORIA .....	96
CAPÍTULO III .....	102
Ranke a as ideias sobre o Oriente: a política e a poética do exótico	
1. METÁFORAS DO MÉTIER NOS ANOS VIENENSES: O PRELÚDIO PARA O ORIENTALISMO .....	102
1.1. Ranke à la Don Juan: metáfora do historiador amante .....	103
1.2. Ranke à la James Cook: A metáfora do historiador desbravador ....	105
2. FACES DA “TURCOMANIA” OITOCENTISTA .....	111
2.1. Expedições científicas e as novas formas do Oriente .....	111
2.2. O extravagante aroma do sândalo: a literatura e o Oriente encantado	120
2.3. O amargo gosto da derrota: o Oriente politicamente enfraquecido	122
2.4. Religião e Política: Ranke apresenta o Oriente .....	126
3. RANKE E O ORIENTALISMO BALCÂNICO: O CURIOSO CASO DOS VAMPIROS .....	137
4. PROXIMIDADE NAS DISTÂNCIAS: CULTURA, NAÇÃO E VIOLÊNCIA .....	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	171
BIBLIOGRAFIA .....	174
1. FONTES .....	174
1.1. Edições d’ <i>A Revolução Sérvia</i> .....	174
1.2. Obras de Ranke .....	174
1.3. Demais fontes .....	175
2. BIBLIOGRAFIA GERAL .....	176
3. IMAGENS .....	182

# INTRODUÇÃO

## A REVOLUÇÃO SÉRVIA

### O ponto fora da curva nos trabalhos de Ranke

---

BEGIN AT THE BEGINNING AND GO ON  
'TILL YOU COME TO THE END; THEN STOP.  
*Lewis Carroll, Alice's Adventure in Wonderland (1865).*

#### 1. A REVOLUÇÃO SÉRVIA E UM ALARGAMENTO DE HORIZONTES

Leopold von Ranke é um historiador celebrado por sua proposta de metodologia da História, contribuindo para sua elevação à disciplina científica, e por suas famosas pesquisas em história política. A profícua produção do historiador durante sessenta e dois anos forneceu verdadeiros clássicos à história da historiografia, como a tese arrojada de seu livro de estreia, *Geschichte der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1514* (1824), que sustenta o desenvolvimento simbiótico entre norte e sul europeus; a reputada imparcialidade em *Die römischen Päpste in den letzten vier Jahrhunderten* (1834-1836), no qual apresenta a importância do poder católico para o desenvolvimento do mundo moderno mesmo sendo de tradicional família protestante ou a celebrada história de sua terra natal em *Zeitalter der Reformation* (1839-1847).

Neste universo de obras sobre a Europa moderna, *Die serbische Revolution. Aus serbischen Papieren und Mitteilungen* poderia ser considerada em alguns aspectos como uma obra desviante do conjunto de textos. O histórico da obra totaliza quatro edições que vão de 1829 a 1879, cinquenta anos nos quais Ranke acompanhou de perto a questão ocidental e seus desdobramentos nos Bálcãs. Em seu ditado autobiográfico de 1885, Ranke indica que o livro estava fora de seu cronograma, sendo escrito no intervalo entre a publicação de sua segunda obra, *Fürsten und Volker von Süd Europa im 16. Und 17*

*Jahrhundert* (1828)<sup>1</sup>, e sua entrada nos arquivos venezianos para pesquisar material sobre a formação dos Estados modernos, tema principal de sua produção durante toda carreira. Neste momento, Ranke já havia ingressado como professor extraordinário da Universidade de Berlin, recebendo uma licença para pesquisar nos arquivos estrangeiros. A licença de quase cinco anos resultou no afastamento da docência e na incessante busca de fontes primárias

No período em que Ranke pesquisa fora do território da atual Alemanha, ele passa algum tempo em Viena, local onde *A Revolução Sérvia* é concebida através de um vínculo criado entre ele e alguns acadêmicos eslavos que residiam na corte austríaca. O livro foi publicado em 1829 e entrou, desde então, para um seleto grupo de títulos fundamentais para se compreender a questão dos Bálcãs. Sua importância não está só em ser um dos primeiros títulos no Ocidente a tratar do tema, mas também no êxito com que Ranke lidou com a massa documental e testemunhos orais, direcionando-a com habilidade no sentido político e cultural. Além disto, o momento de lançamento era bastante oportuno, uma que já na década de 1820 vários movimentos populares e acordos diplomáticos encaminhavam a Sérvia e outras regiões do leste Europeu para sua independência. Esse tipo de incertezas e de mudanças políticas colocavam a questão oriental e a configuração da Europa contemporânea na ordem do dia.

### **1.1. O eurocentrismo rankeano**

Ao examinar a lista de publicações de Ranke, vê-se que ele redigiu pelo menos uma obra para cada grande potência europeia, o que ele chamava de “*große Mächte*”: Espanha, França, Inglaterra, Prússia, Itália. *A Revolução Sérvia* é o único livro que trata especificamente de um país do leste europeu e que não era, e nem havia sido, uma potência no sentido que Ranke compreendia: como aquele poder que consegue manter-se contra todos os demais e conter ofensivas por conta própria. A Sérvia nunca havia disputado hegemonia com outros Estados, era uma região com constante perda de sua autonomia desde o século IX e, se seguirmos as informações de Ranke, tinha uma organização política arcaica em comparação aos demais vizinhos europeus do oeste, resultado do longo domínio do império otomano. Assim, a região da atual Sérvia se equilibrava entre breves períodos de paz, longos períodos de dominação e amplos movimentos populares.

---

<sup>1</sup> O livro foi publicado em 1827, tendo seu título alterado para *Die Osmanen und die Spanischen Monarchie im 16. und 17. Jahrhundert* quando acrescentado às obras coligidas.

No entanto, durante todo o século XIX, uma série de levantes na Grécia, Bósnia e na própria Sérvia colocavam para esses povos a possibilidade da autonomia. Se Ranke estudou o nascimento dos Estados com crescente empoderamento entre os séculos XVI e XVII, esta era a sua oportunidade de presenciar o nascimento de uma possível nova constelação de potências com relatos de primeira mão. Neste sentido, sobre a decisão de redigir *A Revolução Sérvia*, Ranke faz referência a uma motivação intelectual e política pessoal, além de entender a importância da convulsão política dos Bálcãs na configuração da Europa contemporânea, colocando assim o impulso de escrita mais assumidamente no presente. Tal centralidade da Sérvia não parece fazer referência necessariamente ao impacto do poder sérvio, já que este povo ainda estava bastante fragilizado pelo domínio otomano de longa data, e sim ao caráter exemplar da luta pela autonomia e liberdade. Além disso, no plano estratégico da geopolítica, devemos lembrar que a Sérvia era a última barreira entre o Império Otomano e Viena. No momento da redação da primeira edição de *A Revolução Sérvia*. O contexto de convulsão e fragmentação político-social de países que faziam parte até então da periferia do desenvolvimento europeu era familiar a Ranke pela própria situação alemã do começo do século, o que fazia o tema mais candente para o historiador. Da mesma forma, a Sérvia era um ponto privilegiado de observação do grande processo de formação das nações contemporâneas durante todo o século XIX.

O que Ranke entendia por “Europa” também é algo debatido e a opinião mais divulgada é que seu tratamento exclusivo das nações europeias ocidentais implicaria em uma concepção bastante restrita, o que também se conectava à ideia de quais povos tinham ou não uma história. Em seu conhecido artigo de 1874 sobre Leopold von Ranke, Sérgio Buarque de Holanda elenca uma série de questões sobre a historiografia rankeana. No que tange as inatualidades de sua historiografia, um destaque vai para a fronteira estabelecida por Ranke separando os povos dignos de sua atenção daqueles que não pareciam relevantes para o quadro geral do processo histórico:

Em princípio, nada há a dizer contra semelhante procedimento, nem parecem boas as razões dos que deploram a exiguidade do seu campo de visão, que o levam a interessar-se unicamente por umas tantas nacionalidades. [...] As razões dessa crítica só valeriam se quisessem dizer que o mundo histórico cessava, para Ranke, nos limites da Europa Ocidental com seus apêndices ultramarinos. O resto não deixa apenas de interessá-lo, mas, de fato, é para ele como se fosse inexistente. Sua ideia de nexos de sentido, que poderia justificar-se como princípio de economia necessário, passa a ser um mandato de exclusão sem apelo. Os povos que não tiveram o privilégio de originar-se das grandes invasões dos séculos IV a VII, que não se puseram logo sob a égide da Igreja de Roma, que

não tomaram parte nas cruzadas e direta ou indiretamente nos descobrimentos e conquistas ultramarinos, que não se viram envolvidos, dentro do mesmo espírito cristão, mas cristão ocidental, nas guerras de religião do século XVII e nem na Ilustração do século XVIII, esse povos não têm salvação diante da História. Pouco adiantaria o terem assimilado ou assimilarem no futuro os valores da cultura do ocidente. Um autor moderno [Theodor Schieder] afirmou, que no primeiro livro de Ranke, não é mencionada sequer a palavra “Ásia” como correlativo de “Europa”. Quando muito, há referências passageiras a algum extramundo ou *Auswelt* da Europa, onde vivem desvairados povos. A verdade é que em tudo quanto escreveu, e não só no primeiro livro, em que traça as linhas gerais de seu pensamento, inutilmente se procurará uma fresta por onde aquele *diluvium gentium* extra-europeu possa um dia ganhar ingresso em seu Panteão.<sup>2</sup>

No mesmo sentido, Fitzsimons aponta para a suposta lacuna da diversidade na obra de Ranke:

Ranke olhou para as ações em busca de evidência de comunidade. Tais iniciativas comuns e formativas foram as invasões bárbaras, as cruzadas e a colonização europeia do Novo Mundo, como se fossem “três grande respirações desta grande confederação.” Esta visão da Europa, um romantismo constricto, the excluía celtas, húngaros e eslavos era fundamentado no nacionalismo alemão e na piedade de grande alcance.<sup>3</sup>

A crítica de Holanda e Fitzsimons não parece se sustentar frente à *Revolução Sérvia*, o que constitui um bom estímulo para compreender melhor a relação de Ranke com outros povos. O fato é que críticas como estas acima nascem fundamentalmente da generalização da experiência de leitura de Ranke a partir das obras mais conhecidas. Quando tomadas em conjunto, essas características das obras mais comentadas acabam, como assinala o próprio Holanda, formando “linhas gerais de seu pensamento historiográfico” que são então extrapoladas através de generalizações. Dessa forma, elas colocam o Ranke no grupo dos eurocêntricos incorrigíveis, fruto de uma época em que a história se preocupava apenas com grandes acontecimentos de grandes nações lideradas por grandes pessoas. Em contraposição à opinião de Holanda e Fitzsimons, Branimir Anzulovic afirma:

<sup>2</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. O Atual e o Inatural em Ranke. In: Revista de História. São Paulo: Universidade de São Paulo, pp. O artigo também reaparece, cinco anos mais tarde, como introdução da coletânea dos textos de Ranke organizada por Holanda: HOLANDA, S.B.H. (org.). Lepold von Ranke. São Paulo, Ática, 1979, pp. 7-62. A referida citação consta nas páginas 30-31.

<sup>3</sup> “Ranke looked to actions for the evidence of community. Such common and formative endeavors were the barbarian invasions, the crusades, and European colonization of the world., as it were, “three great respirations of this great confederation”. This view of Europe, a constricted Romanticism, that excluded Celts, Hungarians and Slavs, was rooted in German nationalism and great-power piety.” FITZSIMONS, M. A. Ranke: History as Worship. In: **The Review of Politics**, Vol. 42, nº 4 (oct., 1980), p. 538.

As grandes figuras do romantismo alemão – Herder, Therese von Jakob (Talvj), os irmãos Grimm, Goethe e Ranke – eram entusiastas da cultura eslava do sul. O famoso filólogo Jacob Grimm (1785-1863) aconselhou Vuk Karadžić a coletar folclore e traduzir sua Pequena Gramática Sérvia assim como um amplo número de canções populares do sul eslavo. A tradução da balada “A Esposa de Hasan Aga” tornou sua poesia parte da literatura mundial.<sup>4</sup>

Se a busca por tais linhas gerais é tarefa instrutiva quando se procura traçar o conhecimento sobre um determinado autor, tal procedimento, por outro lado, corre sempre o risco de acorrentar as divergências e as obras heterodoxas no porão da fortuna crítica. Portanto, é importante também pensar um autor em sua totalidade de obras, procurando desviar da necessidade de encontrar uma linha única ou uma coerência interna inexorável em seu trabalho. É tarefa dos que se debruçam sobre o trabalho alheio tentar alargar o horizonte deste perfil geral ou pelo menos flexibilizar um pouco as certezas: se o manual tenta “amarrar” as características num conjunto harmônico e coerente, as pesquisas sobre um texto específico tentam afrouxar tais amarras e mostrar que um autor é sempre multifacetado, mais rico – e por vezes problemático – do que se poderia suspeitar.

## 1.2. A obra e sua repercursão

A *Revolução Sérvia* também guarda outra especificidade no que diz respeito à metodologia. Os estudos em história da historiografia reforçam a proposta da “nova história rankeana” como sendo intimamente ligada ao uso de fontes oficiais escritas:

Ali, Ranke e seus alunos se debruçaram cuidadosamente sobre as fontes originais do passado europeu na busca da crítica documental. Eles evitaram crônicas e histórias contemporâneas, que abundavam em erros e permeadas de dúvidas, e concentraram-se nas cartas e governos governamentais, arquivos burocráticos e especialmente nos despachos diplomáticos e relatórios. Com estes documentos, foi pensado, os historiadores poderiam escrever uma verdadeira história “científica.”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> “Great figures of German Romanticism – Herder, Therese von Jakob (Talvj), the brothers Grimm, Goethe, and Ranke – were enthusiastic about south Slavic folk culture. The famous philologist Jacob Grimm (1785-1863) advised Vuk Karadžić about collecting folklore and translated his Little Serbian Grammar as well as a large number of south Slavic folk songs. Goethe’s translation of the song “Hasan Aga’s Wife” made his poetry a part of world literature.” ANZULOVIC, Branimir. **Heavenly Serbia: From Myth to Genocide**. New York : London: New York University Press, 1999, p. 76.

<sup>5</sup> “There, Ranke and his students carefully poured over original sources from Europe's past in the pursuit of documentary criticism. They avoided chronicles and contemporary histories, which were riddled with error and marred by bias, and concentrated on government charters and decrees, bureaucratic files, and especially diplomatic dispatches and reports. With these documents, it was thought, historians could write true 'scientific' histories.” MUIR, Edward. "Leopold von Ranke, His Library, and the Shaping of Historical Evidence." **Syracuse University – Library Associates Courier**, Vol. 22, Nº1 (1987), p. 3

Entretanto, a obra sobre a Sérvia se fia na tradição oral (sejam depoimentos ou canções do folclore sérvio) recolhidas junto ao *Círculo Esloavo de Viena*, o qual Ranke frequentara durante sua estadia no império Habsburgo. O elemento oral conecta-se então a outro ponto de diferença na obra, ou seja, seu tratamento de um tema que adentra a chamada *história do presente*. A pesquisa, nesse sentido, era praticamente uma investigação em tempo real da formação do Estado sérvio, estando a par com a cobertura jornalística da época.

O tema sérvio trabalhado por Ranke é o único que leva o presente em consideração. O próprio Ranke disse uma vez: “Apresento aqui o presente, pois ele é frutífero para a História.” A impressão mais expressiva desse livro era uma apresentação atual que levava os próprios sérvios a uma compreensão de si mesmos.<sup>6</sup>

A própria expansão cronológica do texto de 1844 em relação ao de 1829 e os diversos artigos escritos por Ranke sobre a questão oriental apontam para esse elemento presentista do tema dentro da historiografia rankeana, algo que não é visto com tanta intensidade nas demais produções do historiador.

Levando esses pontos em consideração, o capítulo I se ocupa justamente do contexto de escrita do livro, apresentando a forma como a Sérvia foi introduzida na vida intelectual de Ranke através de sua viagem à Viena e o consequente contato com intelectuais eslavos que lá atuavam. Ao pensar que as três edições de *A Revolução Sérvia* são de 1829, 1844 e 1879, então se contam cinquenta anos da vida de Ranke em que o tema ressurgia de alguma forma. Logo, nesse capítulo, buscou-se compreender também o lugar que a obra ocupava na biografia do autor e como as mudanças no texto ou o simples impulso de uma nova edição se relacionava com circunstâncias de sua vida profissional. Para isso, foi preciso compreender como as relações universitárias, institucionais e políticas se davam na vida de um intelectual alemão do período.

Outro elemento de divergência do texto em relação às demais obra de Ranke é a dúvida acerca da verdadeira autoria do texto, o que é apontado no final do *Capítulo II*. Até onde foi possível verificar, nenhum outro texto de Ranke passa por uma “crise de autoria” e isso se dá justamente pela heterodoxia da circunstância de composição, na qual o elemento cooperativo é de fundamental importância. Nesse capítulo, vê-se justamente o

---

<sup>6</sup> „Das serbische Thema ist unter den Arbeiten, die Ranke aufgenommen hat, das einzige, das der Gegenwartsgechichte zuhört. Ranke selbst sagt einmal: „Ich komme hier der Gegenwart häher, als es für die Historie erspießlich ist.“ Die bedeutendste Wirkung dieses Buches war denn auch eine Aktuelle, nämlich daß es den Serben selbst zu ihrer Eigendeutung verhalf.“ HEYER, Friedrich. „Leopold von Rankes Orthodoxie-Verständniss in seiner Darstellung der „Serbischen Revolution“. In: Geist, Glaube, Geschichte. Festschrift für Ernst Benz. Netherlands: Brill Archiv, 1967, p. 421

conteúdo de cada edição, antecipado por um breve histórico dos conflitos nos Bálcãs durante o império otomano, encaminhando esses elementos para a discussão acerca dos autores do texto. O problema da autoria aponta também para a relação entre o político intelectual, como é caso de censuras, controles, represálias e necessidade de cálculos de contatos valiosos, o que é apontado principalmente no item 1.3 do *Capítulo I*.

No que diz respeito a esse contato entre Ranke e os intelectuais eslavos, é importante salientar que Ranke exerceu uma importante influência sobre os intelectuais eslavos que estudavam em Berlim, daí criando também um vínculo intelectual profícuo entre a historiografia alemã e sérvia:

A primeira geração de “berlinenses” sérvios foi mais fortemente influenciada por Leopold von Ranke e Adalbert Wojciech Cybulski assim como por Karl Ludwig Michelet. O famoso historiador Ranke tornou-se conhecido por seu trabalho de juventude *A Revolução Sérvia* e a maioria dos sérvios frequentaram suas aulas. Jovan Ristić, estudante de filosofia entre 1851 e 1852, regente como príncipe e rei assim como presidente do ministério por inúmeras vezes e representante da Sérvia no Congresso de Berlim em 1878, frequentou as aulas de Ranke sobre a Idade Média. “Ele não é eloquente, ele não olha nos olhos dos ouvintes” – assim ele escreveu posteriormente sobre este tempo. “Apesar de ele ocupar há bastante tempo o cargo de professor, ele não tem muitos ouvintes. Entre eles se encontram também nós sérvios (...)” que escutam um cientista que é reconhecido por seu brilhantismo no mundo histórico para se interarem da história sérvia, para sobra-rem-se frente a autoridade de seu nome, seus esforços audaciosos e vasto conhecimento.” O segundo aluno berlinense de seu tempo, o escritor Ljubomir Nenadović, recomendou ao o historiador e político Stojan Novaković a publicação deste trabalho de Ranke em sérvio enquanto seu amigo estudante Dimitrije Matić comentou que tudo que a jovem Prússia sabia sobre a Sérvia vinha de Ranke.”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> „Die erste Generation der serbischen ‚Berliner‘ wurde am stärksten von Leopold von Ranke und Adalbert Wojciech Cybulski beeinflusst sowie von Karl Ludwig Michelet. Der berühmte Historiker Ranke war durch sein Jungedwerk *Die serbische Revolution* bekannt, und die meisten Serben belegten seine Vorlesungen. Jovan Ristić, Philosophiestudent von 1851 bis 1852, fürstlicher und königlicher Regent sowie mehrmaliger serbischer Ministerpräsident, aber auch Vertreter Serbiens beim Berliner Kongress 1878, besuchte Rankes Vorlesungen über das Mittelalter. „Er ist nicht wortgewandt, er zieht seine Hörer nicht durch äußeren Glanz an“ – so schrieb er später über diese Zeit. „Obwohl der Gelehrtenruf der Professors längst erwissen ist, hat er nicht viele Hörer. Dass sich darunter auch wir Serben befinden(...), einen Wissenschaftler zu hören, der es in den Breiten der Geschichtswelt für notwendig befand, sich auch mit der serbischen Geschichte zu befassen, ihr die Autorität seines Names zu schenken und ihr seine beherzten Bemühungen, sein unermessliches Wissen zu widmen“. Der zweite Berliner Student aus jenen Zeiten, der Schriftsteller Ljubomir Nenadović, schlug dem späteren Historiker und Politiker Stojan Novaković vor, dieses Werk Rankes in Serbische zu übertragen wähen sein Schulfreund Dimitrije Matić die Bemerkung machte, dass alles, was die jungen Preußen über Serbien wüssten von Ranke stamme. TRGOVČEVIĆ, Ljubinka: „Nördliche oder südliche Universitäten? Serbische Studenten an deutschen Universitäten im 19. Jahrhundert.“. In: DUCHHARDT, Heinz (Hrsg.). **Jahrbuch für Europäische Geschichte**. Band 6. München: Oldenburgh Wissenschaftsverlag, 2005, p. 72.



Em relação à sobrevivência da reputação do livro em um presente mais próximo, é possível afirmar que “Não poucos historiadores sérvios entraram nesta empreitada intensiva que é este trabalho de juventude. Ainda no ano de 1865, portanto 136 anos após a primeira publicação, aparece a tradução sérvia de Vlasimir Stojancević publicada em Belgrado, ricamente ilustrada com fotos de Ranke e Vuk.”<sup>8</sup> Stevan K. Pavlović comenta que “a este respeito, eles [os sérvios] foram os primeiros revolucionários dos Bálcãs, levando o que o historiador alemão Ranke, o pai da história acadêmica moderna, logo cunhou como “Revolução Sérvia””<sup>9</sup> e apoia ainda mais duas passagens em Ranke. Assim, no mundo eslavo, *A Revolução Sérvia* significa praticamente um cânone historiográfico da história nacional.

## 2. A QUESTÃO ORIENTAL E ORIENTALISMO

### 2.1. O Oriente como tema do momento

A opinião consolidada sobre Ranke é de que suas “Histories were written on the threshold of a new age in history”<sup>10</sup> toma dimensão bastante ampla quando analisada através d’*A Revolução Sérvia*. A metodologia de Ranke era nova não só por eleger fontes e abordagens diferentes como também por ter que responder a novos problemas. A proximidade dos professores universitários com as altas cúpulas do poder pressionava na direção de uma produção que também orientasse a ação no presente e para a instrução dos dirigentes acerca das questões importantes do momento. Assim, *A Revolução Sérvia* é também, para Ranke e para o governo prussiano, a oportunidade de conhecer o poderoso inimigo oriental mais de perto. Se, num primeiro momento, a obra foi motivada pelo encontro com intelectuais eslavos em Viena, o interesse de Ranke pelo tema mostrava-se ainda forte nas edições corrigidas e ampliadas, o que indica que o perigo otomano era levado muito a sério pelas potências europeias ocidentais.

---

<sup>8</sup> “Nicht weniger geht dies aus der intensiven Beschäftigung serbischer Historiker mit diesem Frühwerk hervor. Ja, im Jahre 1865, also 136 Jahre nach dem ersten Erscheinen, wurde die serbische Übersetzung von Vlasimir Stojancević, großartig mit Bildern Rankes und Vuks illustriert, in Belgrad neu herausgegeben.“ HEYER, op. cit, p. 421.

<sup>9</sup> “to that extent they [the serbians] were the first revolutionaries in the Balkans, carrying out what the German historian Ranke, the father of modern historical scholarship, soon dubbed the “Serbian Revolution.” AVLOWITCH, Stevan . **Serbia: The History Behind the Name**. London: C. Hurst & Company, 2001, p. 29.

<sup>10</sup> FITZSIMONS, op. cit. p. 541

Em termos gerais, a *questão oriental* é um problema que nasce da configuração dos impérios contemporâneos europeus no século XVIII e se acirra durante o século XIX, no qual o neoimperialismo tem seu grande desenvolvimento. O contato entre Oriente e Ocidente diz respeito não só ao domínio territorial e às relações comerciais como também a uma série de questões culturais que redefiniam conceitos e relações entre povos e nações. Assim, diretamente relacionada ao declínio do poder do Império Otomano, a *questão oriental* se refere a uma série de problemas e não apenas a uma crise em particular, estando relacionada também, como no caso da Sérvia, ao surgimento de novas nacionalidades e consequentes processos de independência que eclodem pela Europa ocidental e oriental. Por não ser um problema específico e pela relação entre Ocidente e Oriente ser ancestral, a duração dessa tensão pode inclusive recuar ao século XIV, quando os otomanos começam a expansão de seus territórios em direção à Europa ocidental, ou até mesmo antes, dependendo do que cada autor leva em consideração em sua análise sobre o problema. Para o século XIX, os Bálcãs ocupam um lugar central tanto por sua proximidade geográfica com o oeste europeu como por ser uma região dominada pelos turcos que inicia progressivamente lutas de emancipação.

De qualquer forma, a relação entre Oriente e Ocidente é feita de um longo histórico de guerras, acordos diplomáticos e representações culturais. O sentimento da época em relação ao tema era de grande gravidade e receio, mas também de que era a hora oportuna para uma mudança. Em um texto de 1860, escrito por um contemporâneo anônimo de Ranke, vê-se:

A questão oriental nasce de novas configurações e traz consigo o horror sanguinolento, destruição e sofrimento. Busca em vão camuflar-se sob o eufemístico nome “questão síria”: ninguém se deixe enganar acerca de sua importância. A situação anormal da Europa, a crescente militarização, que se apresenta por todos os lugares, o perigo de ser arrastada para o despotismo, as paixões explosivas que estão em jogo. Inveja e desconfiança, a impotência das velhas ideias e a agitação generalização dos espíritos – tudo mostra que é necessária apenas uma faísca para desencadear a explosão, a qual levará o mundo à ruína. O último tiro das tropas europeias no oriente talvez seja esta faísca.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> „Die Orientalische Frage erhebt sich von Neuem in drohender Gestalt und bringt Blutvergießen Grausamkeit, Zerstörung, Leiden mit sich. Vergebens sucht man sie unter dem bescheidenen Namen „Cyrische Frage“ zu verhüllen: Niemand täuscht sich über ihre Tragweite. Die anormale Lage von ganz Europa, die riesigen Rüstungen, die man überall vornimmt, die Gefahr, von welcher sich der Despotismus bedroht sieht, die heftigen Leidenschaften, die ins Spiel getreten sind, Neid und Mißtrauen, die Ohnmacht der alten Ideen und die allgemeine Unruhe der Geister – Alles zeigt, daß es nur eines Funkens bedarf, um die Explosion herbeizuführen, welche die Welt mit Ruinen bedecken wird. Der erste Flintenschuß der

Para esse relatório alemão de 1854, o problema do império otomano seria como uma doença cuja raiz estaria no despotismo turco:

Esta doença tem sua base não na composição dos Estados mas sim no despotismo, sob o qual a Turquia se tornou grande, é hoje como há quatrocentos anos a única configuração de Estado possível para o Reino do Otomanos.<sup>12</sup>

## 2.2 Ranke e as representações românticas do orientalismo

Este documento acima apresentado traz em si um conceito intimamente ligado à *questão oriental*: o orientalismo. Edward Said, autor que celebrizou o conceito, explica:

O Orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre “Oriente” e (na maior parte do tempo) o “Ocidente”. Assim, um grande número de escritores, entre os quais poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, tem aceitado a distinção básica entre Leste e Oeste como ponto de partida para teorias elaboradas, epopeias, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, seus povos, costumes, “mentalidade”, destino e assim por diante. *Esse* Orientalismo pode acomodar Ésquilo, digamos, e Victor Hugo, Dante e Karl Marx.<sup>13</sup>

Muitas posições de Ranke se filiam ao que Said entende por *orientalismo* e *A Revolução Sérvia*, ao ligar o problema da ameaça turca a uma questão religiosa, parece então refundar as cruzadas medievais ao entender como essência da disputa geopolítica uma natureza mais profunda de confronto entre cristandade e infiéis.

A produção artística, literária e científica do período ajudou a construir uma imagem do inimigo que pode ser derrotada, selvagem ou sedutora, o que é explorado no *Capítulo III*. Nesse capítulo, busca-se primeiramente apresentar uma visão geral da questão e depois entender como algumas posições de Ranke n’*A Revolução Sérvia* se harmonizam com estruturas de representações que eram construídas através de diversos elementos e veículos culturais. Assim, nessa parte da pesquisa, a construção da ideia de um “Oriente derrotado” é apresentada através de charges do período, as quais são consideradas exemplos claros, diretos e didáticos do que esteve em questão durante todo o século XIX em relação à política europeia e otomana. O tópico da conquista e da expansão científica dos europeus rumo aos vários Orientes que esses fundaram mediante seus escritos é posta a partir das

---

Enropäischen Truppen im Orient kann vielleicht dieser Funke sein.“ Anônimo (von einem Russen). **Russland und die Orientalische Frage**. Aachen, J. M. Vaner, 1860, p. 1.

<sup>12</sup> „Diese Krankheit hat ihren Sitz nicht in der Verfassung des Staats, denn der Despotismus, unter welchem die Türkei groß geworden, ist heute wie vor vier hundert Jahren das einzig mögliche Staatsgrundgesetz für das Reich der Osmanen.“ Akademische Anstalt für Literatur und Kunst. **Deutsche Antwort auf die orientalische Frage**. Heidelberg: K. Groos, 1859, p. 1.

<sup>13</sup> SAID, Edward. **Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, p. 29.

expedições científicas, principalmente daquelas empreendidas por alemães. Os “encantos do Oriente” podem ser vistos numa série de escritos românticos, cujo conteúdo guarda a duplicidade de sentidos de uma idealização que por vezes reforçava preconceitos. Como os dois conceitos – “orientalismo” e “romantismo” – são bastante discutidos, são entendidos aqui da seguinte forma: o orientalismo consiste em uma construção intelectual que propõe e constrói ideias sobre o oriente de acordo com o ponto de vista e interesses do Ocidente, sendo um conceito cujo conteúdo é modificado durante os séculos mas cujo núcleo de representação do “outro” pressupõe a alteridade, referindo como Oriente “ a geografia e cultura de grandes partes da Ásia e norte da África mais algumas parte do que pensamos como Europa oriental.”<sup>14</sup> O romantismo é pensado como um amplo movimento cultural que envolveu diversas manifestações artísticas entre o final do século XVIII e começo do XIX, mas cujo impacto durou todo o século XIX e começo do XX, com igualmente vasta repercussão política e histórica:

Mas o Romantismo designa também uma emergência histórica, um evento sociocultural. Ele não é apenas uma configuração estilística ou, como querem alguns, uma das duas modalidades polares e antitéticas – Classicismo e Romantismo – de todo o fazer do espírito humano. Mas e também uma escola historicamente definida, que surgiu num dado momento, em condições concretas e com respostas características à situação que se lhe apresentou. (...) Seja como for, o Romantismo é um fato histórico e, mais do que isso, é o fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É, pois, uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente.<sup>15</sup>

De acordo com essas diretrizes, ideias de luxo, riqueza, crueldade e permissividade povoam o imaginário europeu ligado ao império otomano, num movimento amplo em que ideias estereotipadas do “outro”<sup>16</sup> eram mais ou menos sutis e elaboradas. O pensamento que orientava esse tipo de atitude intelectual em relação ao Oriente, a despeito da tradição filosófica humanista da universalidade, é o ímpeto bastante coordenado e difundido durante o século XIX de estabelecer as diferenças entre os povos e suas culturas, o que era baseado em uma visão romântica e historicista com sérias consequências políticas:

Tomando o final do século XVIII como ponto de partida aproximado, o Orientalismo pode ser discutido e analisado como instituição autorizada a

<sup>14</sup> “the geography and culture of large parts of Asia and North Africa, plus some of what we now think of as Eastern Europe.” The Romantic Period: “Romantic Orientalism: Overview”. In: The Norton Anthology of English Literature. ([http://www.wwnorton.com/college/english/nael/romantic/topic\\_4/welcome.htm](http://www.wwnorton.com/college/english/nael/romantic/topic_4/welcome.htm)), acessado em 12/01/2014.

<sup>15</sup> GUINSBURG, J. “Romantismo, Historicism e História” In: GUINSBURG, J. (org.) **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 14

<sup>16</sup> É importante nota que uma leitura europeia orientalista de outras culturas não precisa ser necessariamente sobre o oriente mas pode também aplicar-se ao “outro” americano ou africano, por exemplo.

lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.<sup>17</sup>

Quando tais itens são levados em consideração, compreende-se muito facilmente como as palavras *bárbaro*, *barbarismo*, *barbárie* rapidamente se proliferam no vocabulário dos autores europeus. E isso também em Ranke e em sua *A Revolução Sérvia*. O terceiro capítulo trata sobre como o historiador lidou com a necessidade de retratar dois povos “do leste” (sérvios e turcos) e as circunstâncias em que faz uso do instrumental do distanciamento para pintar as cores locais de seus objetos de estudo. Desta forma, o capítulo dá atenção para o elemento de construção de especificidades realizado por Ranke, ou seja, como algumas características são eleitas como as que melhor exprimem o “espírito” desses povos. Tanto no caso dos turcos como no dos sérvios, Ranke se apoia no material oferecido a ele pelo *Círculo Esloveno de Viena* e também em informações que já circulavam amplamente na literatura e no imaginário acerca desses povos. No que diz respeito aos sérvios, o capítulo aponta para o tema dos vampiros e sua construção como algo identitário dos Bálcãs, corroborando a ideia de uma terra do místico, da irracionalidade e das possibilidades infinitas.

E como o orientalismo pressupõe não só um “outro” como necessariamente um “eu” que a ele se contraponha, o terceiro capítulo aponta para como Ranke se via enquanto historiador na tarefa de mergulhar nesse exótico mundo do desconhecido do ponto de vista das metáforas utilizadas por ele na ocasião de escrita da primeira edição. Além disso, é apresentado, de forma geral, o projeto nacional dos próprios sérvios, que também passava pela literatura e por elementos do romantismo. Nesse ponto, é possível traçar proximidades com o projeto literário nacional alemão, mostrando assim que as semelhanças poderiam ser tão interessantes quanto às diferenças.

---

<sup>17</sup> Idem.

# CAPÍTULO I

## UM TEMA PERSISTENTE *A Revolução Sérvia na biografia intelectual de Ranke*

---

THERE IS A NAIVE SIDE, I SUPPOSE,  
IN ALL DIPLOMACY.  
*Henry James, Turn of the Screw (1898).*

### 1. OS “ANOS DE PEREGRINAÇÃO” DE LEOPOLD VON RANKE (1825-1830)

#### 1.1. Universidade e pesquisa na vida de um jovem professor

O livro *A Revolução Sérvia* (no título original *Die serbische Revolution: aus serbischen Papieren und Mitteilungen*), publicado pela primeira vez em alemão em 1829, é a terceira obra do historiador Leopold von Ranke<sup>1</sup>, a qual seguiu mais duas edições, uma em 1844 e outra em 1879.

Após o sucesso de seu primeiro livro, *História dos Povos Latinos e Germânicos* (*Geschichte der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1514*), de 1824, e a finalização de *Príncipes e Povos do Sul da Europa nos Séculos XVI e XVII* (*Fürsten und Völken von Süd-Europa im 16. und 17. Jahrhundert*), em 1827<sup>2</sup>, o historiador conseguiu uma licença especial para pesquisar nos arquivos venezianos, nos quais buscava ampliar o corpo documental de suas pesquisas sobre o nascimento das nações modernas nos séculos XIV e XV. O livro sobre a Sérvia surgiu em meio a essa licença de pesquisa e o caminho de sua produção foi cercado de elementos que revelam, através da própria dinâmica de

---

<sup>1</sup> Segundo a lista oficial de suas publicações, uma vez que só restou um fragmento de sua tese sobre Lutero, redigida em 1817 por conta do jubileu da Reforma. Contam-se assim as obras publicadas apenas enquanto Ranke pode ser considerado um historiador profissional.

<sup>2</sup> O título dessa obra, assim como no caso da Revolução Sérvia, é mudado quando incluído das obras coligidas [Sämtliche Werke] de Ranke, transformado assim em *Os Otomanos e a Monarquia Espanhola nos séculos XVI e XVII* [Die Osmanen und die spanische Monarchie im 16. und 17. Jahrhundert].

construção do livro, dados mais amplos sobre os vínculos acadêmicos e a percepção de universidade no século XIX, a situação de pesquisa em arquivos e bibliotecas na Europa e mais especificamente no Império Habsburgo, a formação de círculos intelectuais em meio a tais condições institucionais, a percepção desse “outro” sérvio, as ideias que cercam o fazer historiográfico no período, entre outros temas. Um primeiro objetivo é então discutir tais questões sempre à luz do impacto que tiveram em *A Revolução Sérvia*, ou seja, pensando em que medida tais elementos externos colaboraram para que o texto viesse a ser aquilo que é, centralizando a atenção no período da primeira edição, ou seja, entre as décadas de 1820 e 1830, momento no qual Ranke pode ser considerado já um historiador maduro<sup>3</sup>.

Nesse período entre 1820 e 1830, Ranke está em busca do contato com documentos inéditos que pudessem dar fôlego a suas pesquisas, lembrando sempre que nesse momento do início do século XIX, a informação circulava de forma ainda restrita e era preciso, na maioria dos casos, acessar documentos *in loco*; o pesquisador precisava se locomover até suas fontes e desenvolver uma série de estratégias e métodos para ter acesso a tais materiais.<sup>4</sup> É em meio a esse tipo de disponibilidade de informações que Ranke parte da Prússia. Entre Berlim e Veneza, para onde Ranke desejava ir ao encontro das suas sonhadas *relazione*, Ranke esteve por um ano nos arquivos de Viena, para onde muitos dos documentos italianos haviam sido mandados na época do domínio austríaco sobre a cidade italiana.<sup>5</sup> A possibilidade da viagem decorreu da estrutura universitária alemã do período e do momento da carreira de Ranke, uma vez que ele havia recentemente sido apontado para uma vaga como professor extraordinário (*außerordentlicher Professor*) na universidade de Berlim por conta do destaque de seu livro de estreia, *História dos Povos Latinos e Germânicos*.<sup>6</sup> O cargo significava, dentro da hierarquia dos professores universitários alemães, que Ranke não tinha uma cadeira própria e estava subordinado ao catedrático:

---

<sup>3</sup> MATA, Sérgio da. Leopold von Ranke: Apresentação. In: **A História Pensada: Teoria e Método na Historiografia Europeia do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 192.

<sup>4</sup> A circulação da informação no que se refere às fontes históricas ganha fôlego justamente nesse período, quando a publicação de compilações de documentos começam a ser editadas e publicadas. O caso dessas publicações e seu impacto na Revolução Sérvia é tratado no capítulo III.

<sup>5</sup> As *relazioni* são um conjunto de documentos relativos aos despachos dos embaixadores venezianos no período anterior à unificação italiana, ou seja, entre século IX ao século XVIII (1797), enquanto a República de Veneza era autônoma. Muitas dessas relações foram levadas a outros arquivos, como o de Viena, na ocasião da invasão napoleônica de 1797, quando este cede Veneza ao Império Austríaco.

<sup>6</sup> Fritz Ringer indica a grande influência da política no apontamento para cargos do ensino superior na Alemanha durante o século XIX: “De 1355 professores nomeados para as faculdades alemãs de teologia, direito e medicina entre 1817 e 1900, não menos de 322 foram designados contra ou sem as recomendações das faculdades. Como em cada uma desses casos foram desconsideradas até três propostas, pode-se concluir

As três principais categorias hierárquicas acadêmicas [alemãs] eram a de professor catedrático (ordentlicher Professor ou Ordinarius), professor associado (ausserordentlicher Professor ou Extraordinarius) e instrutor (Privatdozent). Os professores associados e os catedráticos, a exemplo da maioria dos professores de escolas secundárias, eram funcionários assalariados do governo. [...] Os catedráticos equiparavam-se a conselheiros de Estado de quarta ou mesmo de terceira classe; os reitores universitários tinham a posição comparável à de conselheiros de Estado de segunda classe; os professores associados e muitos professores secundários pertenciam ao mesmo grupo dos conselheiros de Estado de quinta classe.<sup>7</sup>

Vê-se, como aponta Ringer, que o cargo implicava o vínculo como funcionário público, mas os níveis de influência eram altamente hierarquizados. No caso de Ranke, ele ocupava no começo de sua carreira universitária o grau mais baixo do escalão.

É justamente esse período que, como relata o biógrafo austríaco Eugene Guglia<sup>8</sup>, ocorrem os “anos de peregrinação” [*Wanderjahre*]<sup>9</sup> de Ranke, marcados pela necessidade de lidar com a burocracia acadêmica que perseguiria toda a carreira acadêmica<sup>10</sup>:

No outono de 1827 apareceu para ele uma possibilidade de obter um cargo de professor na Universidade de Munique: a vaga em Berlim era tão modesta que ele deveria pensar bem no assunto se quisesse melhorar de situação. Mas mesmo assim ele não quis – como ele disse – viajar a Munique “com dinheiro prussiano”, onde ele, em qualquer caso, deveria conversar sobre e negociar o apontamento bávaro. Então ele decidiu pelo caminho através de Dresde, Praga e Viena.<sup>11</sup>

---

que as prerrogativas do governo, mesmo nessa área, não eram de modo nenhum mera formalidade. Os órgãos de autogestão acadêmica eram relativamente fracos, sobretudo no plano executivo, e as tradicionais invocações de liberdade ensino nada fizeram para mudar essa situação”. RINGER, Fritz. **O Declínio dos Mandarins Alemães. A Comunidade Acadêmica Alemã, 1890-1933**. São Paulo, EDUSP, 2000, p. 50.

<sup>7</sup> Idem, p. 48.

<sup>8</sup> Eugene Guglia foi não só um biógrafo de Ranke como também de Friedrich von Gentz, figura sobre a qual trataremos mais adiante. A obra sobre o estadista é: **Friedrich von Gentz: Eine biographische Studie**. Brünn: Wiener Verlag, 1901.

<sup>9</sup> O próprio Ranke refere-se ao período nos mesmo termos; em carta a Henrich Ritter, ele escreve: “ Du vermutest mit Recht, daß ich noch kein Ende meiner Peregrination absehe.” (RANKE, op. cit., p. 185).

<sup>10</sup> Ranke descreve no Ditado de 1885: “Wie sich versteht, verlor ich dabei meinen Hauptzweck nicht aus den Augen. Im October 1828 reise ich nach Venedig ab. Mein erster venetianischer Aufenthalt dauerte bis Februar 1829. Ich ging dann nach Florenz. Am 22, März fah ich den ersten grünen Strauch in der römischen Campagna. In Rom blieb ich, nicht jedoch ohne einen Auslug nach Neapel zu machen, bis April 1830. Nochmals führten mich dann meine Studien nach Florenz zurück, wo ich noch die letzten Zeitung über die Bewegung, die der Julirevolution voranging, zu lesen bekam. (...) Niemals habe ich mehr gelernt und gedacht, niemals mehr eigenheimst, als in der zweiten Hälfte des Jahres 1830 und inder ersten der Jahres 1831“. RANKE, Leopold von. **Zur Kritik neuerer Geschichtschreiber. Eine Beiträge zu desselben romanischen und germanischen Geschichten**. Leipizi; Berlin: G. Keimer, 1824, p. 64.

<sup>11</sup> „Aber gerade im Sommer 1827 eröffnete sich ihm die Aussicht, an der Universität München eine Professur zu erhalten: die Stelle in Berlin war so bescheiden dotiert, daß er wohl daran denken mußte, sich zu verbessern. Eben darum wollte er nicht – wie er sagt – „mit preußischem Gelde“ nach München reisen, wo er doch auf jeden Fall über die bairische Anstellung reden und verhandeln mußte. So entschloß er sich denn für den Weg über Dresden, Prag und Wien.“ GUGLIA, Eugene. **Leopold von Ranke. Leben und Werke**. Leipzig: F. W. Krunow, 1898, p. 93.



A descrição é exemplar da situação acadêmica prussiana do começo do século XIX. Apesar de algumas universidades alemãs datarem sua fundação na Idade Média, a universidade de Berlim (*Universität Humboldt zu Berlin*), aquela na qual Ranke fora aceito como professor, era muito recente, sido fundada por Wilhelm von Humboldt<sup>12</sup> em 1810 com base na concepção de Schleiermacher<sup>13</sup> e Johann Gottlieb Fichte<sup>14</sup> e endossado pelo governo da Prússia:

Para Schleiermacher e Humboldt, as escolas eram responsáveis por dissemiar o conhecimento geralmente aceito e diretamente aplicável. A tarefa das universidades era mostrar como descobrir conhecimentos ao “tornar aparentes os princípios na base de todo conhecimento de tal forma que a habilidade alguém de navegar pela esfera do conhecimento surgiria.”<sup>15</sup>



<sup>12</sup> Ranke relata ao irmão com entusiasmo seu encontro com Humboldt: “Ich denke, ich habe Dir geschrieben, daß Herr Hase, Mitglied der Akademie zu Paris, mich Herrn Alex. von Humboldt, der damals hier war, dringend zur Beförderung meiner Pariser Reise empfohlen hat. Dir eigentlich habe ich wohl noch nicht gemeldet, daß ich darauf diesen berühmten Mann sah, ihn geistreich, munter, mit der Gelehrsamkeit und besonders dem täglichen Wachsen der Erfahrungswissenschaft lebhaft beschäftigt, für meine Absichten eingenommen fand. Er versprach mir allen Beistand; eine nicht unwichtige Zusage, da er im Frühjahr zurückkommen und Vortrag bei dem Könige halten wird. Have ich Dir dies nicht auch schon geschrieben? Nun dann zweimal.“ (RANKE, Leopold. Brief an Heinrich Ranke im Februar 1827. In: **Zur Eigenes Lebensgeschichte. Sämtliche Werke 34.-35. Band.** Leipzig: Duncker und Humblot, 1890, p. 163)

<sup>13</sup> Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) foi pregador protestante e professor de Filosofia e Teologia na Universidade de Halle.

<sup>14</sup> Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) foi um educador e filósofo idealista alemão. Sua obra com maior impacto político para o crescimento da consciência alemã e para a Unificação foi *Reden an die deutsche Nation* (1807/1808).

<sup>15</sup> “For Schleiermacher e Humboldt, schools were responsible for disseminating generally accepted and directly applicable knowledge. The task of universities was to show how to discover knowledge by ‘making apparent the principles at the basis of all knowledge in such a way that the ability to work one’s way into any sphere of knowledge would emerge’. RÜEGG, Walter. **A History of University in Europe. Volume III: Universities in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries (1800-1945)**. New York: Cambridge University Press, 2004, p. 12.

*Universidade de Berlim entre 1890 e 1805*

O nome dos três pensadores junto aos fundamentos da universidade em Berlim torna fácil entender, a partir dessa noção geral apresentada por Walter Rüegg, o motivo da rápida aceitação de Ranke nos quadros da jovem universidade berlinense. Ao ler-se *Sobre a Crítica dos Novos Historiadores* [*Zur Kritik neuerer Geschichtschreiber*], parâmetros metodológicos que Ranke anexou à *História dos Povos Latinos e Germânicos* em 1824, veem-se os mesmos princípios expostos, colocando o historiador em consonância com a nova (e urgente) proposta de formação universitária do governo prussiano: “Acima de tudo se pergunta quem dentre tantos possui um conhecimento original, quem de nós pode se tornar realmente instruído.”<sup>16</sup> A intenção declarada de Ranke na introdução do anexo revela o ímpeto do que o autor chama de “nova história” [*neue Geschichte*]: revisão dos clássicos para que se produza, a partir deles, conhecimento confiável, novo e, acima de tudo, autônomo e livre em relação a qualquer autoridade.

Apesar da reforma liberal do ensino superior alemão não ter se estabelecido com facilidade, ela conseguiu ser triunfante afinal. O sucesso da universidade de Berlim, fruto da reforma burocrática prussiana, teria fornecido o molde para as demais universidades alemãs, o que implicava também no reconhecimento da Prússia como centro produtor de inovações baseadas no princípio da liberdade de pesquisa e ensino. Ainda na primeira parte do século XIX, a universidade Humboldt passaria a ser parâmetro mundial:

Enquanto Paris havia sido no começo do século XIX a Mecca dos acadêmicos e cientistas de todo o mundo, a partir de 1830 os governos franceses mandavam regularmente observadores para a Alemanha para obter informação atualizada sobre os avanços das universidades de lá. Muitos acadêmicos franceses, britânicos e, posteriormente, americanos foram educados nas universidades alemãs e por volta do final do século eles haviam institucionalizado o ideal da universidade moderna de pesquisa por toda a Europa, Estados Unidos e Japão.<sup>17</sup>

No entanto, o novo modelo universitário, tinha, além de uma proposta educacional atualizada, forte conotação política, pois ao romper com o modelo francês, começa a ser germinado a práxis de uma concepção germânica de educação. Iggers aponta a articulação

<sup>16</sup> “Vor Allem fragt sich, wem von so Vielen eine originale Kenntniß bengewohnt, von wem wir wahrhaft belehrt werden können.” RANKE, op. cit., p. v. Para maior detalhes sobre os princípios metodológicos que Ranke estabeleceu em sua primeira obra e sua relação com a História da Sérvia, ver o terceiro capítulo.

<sup>17</sup> “Whereas at the beginning of the nineteenth century Paris had been the Mecca of scholars and scientists from around the world, from 1830 on French governments regularly sent observers to Germany to obtain up-to-date information about the advances in the universities there. Many French, British and, later, American scholars were educated at German universities, and by the end of the century they had institutionalized the ideal of the modern research university throughout Europe, the USA and Japan.” RÜEGG, op. cit., p. 12.

entre a política e a educação na nova universidade: “Portanto havia desde o começo uma tensão entre o ethos científico da profissão que demandava um comprometimento livre de preconceitos e julgamento de valores e a função política da profissão, que naturalizava uma certa ordem social.”<sup>18</sup> A liberdade que estava implícita no ato desse novo homem pensante e ativo propiciou o advento do que Fritz Ringer chama de “intelectuais mandarins” e colocou o modelo universitário alemão (sob os auspícios prussianos) em franca oposição ao modelo francês napoleônico. Nesse cenário de nacionalidades em oposição e autoafirmação, é importante lembrar que até 1815, a Europa passa pelas guerras napoleônicas e que na época da quarta coalizão (1806-07), Napoleão forma a confederação do Reno ao anexar estados culturalmente alemães que não eram governados pela Prússia, acirrando rivalidades e, posteriormente, a tensão entre Prússia e França, resultando, em 1870, na guerra franco-prussiana.

Além disso, até o momento a França detinha, através da mistura de seu alcance político, sua força militar e da herança da influência iluminista, lugar de liderança cultural em terras europeias e não europeias. Uma das iniciativas da Prússia e dos demais estados que hoje formam a atual Alemanha na busca de autonomia foi a concepção alternativa de universidade. Tal modelo universitário estava ligado intrinsecamente ao funcionalismo público prussiano e às formas de ascensão social da classe média, que competia com a nobreza por espaços de poder junto ao rei. A “palavra mágica” que tornava possível o ingresso na burocracia era *Bildung* (formação) e que, com o passar do tempo, começou ser parâmetro de regra e substituir privilégios de nascimento.

Através da formação, como o próprio exemplo de Ranke mostra, o indivíduo podia construir para si uma carreira longa e destacada. Ao tomar-se a forma como Ranke se moveu nos escalões universitários e, mais amplamente, sua formação geral, percebe-se em muitos aspectos um caso clássico de mandarinato alemão como definido por Ringer, ou seja, uma “elite social e cultural que deve seu status muito mais às qualificações educacionais do que à riqueza ou aos direitos hereditários”<sup>19</sup>. Veja-se o caso do próprio Ranke: ele nasceu em 1795, na provinciana cidade de Wiehe (integrada aos territórios

---

<sup>18</sup> “Thus there existed from the beginning a tension between the scientific ethos of the profession, which demanded a commitment free of preconceptions and value judgments, and the political function of the profession, which took a certain social order for granted.” IGGERS, Georg. “Classical Historicism as a model for historical scholarship”. In: **Historiography in the Twentieth Century. From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1993, p. 23.

<sup>19</sup> RINGER, op. cit., p. 22.

prussianos em 1815)<sup>20</sup>, numa família de pastores luteranos<sup>21</sup> que primava pela educação, o que se refletiu no aprendizado de idiomas e na frequência do menino Ranke em duas escolas monasteriais prestigiadas: Donndorf e Schulpforta, nos quais teve acesso a Homero, Ovídio, Virgílio e Sófocles. Assim como seu pai, recebeu formação universitária em Leipzig, com interesse em teologia e filologia, de onde sai após a graduação para lecionar no *Friedrichsgymnasium* de Frankfurt an der Oder:

A posição social da família de Ranke corresponde bem ao que se chama “burguesia intelectual” – uma classe média *avant l’heure* cuja plataforma de ascensão e consolidação socioeconomia e cultural se tornou possível, ainda no século XVIII, pela educação e pela formação, e não pelo berço. A ética do esforço, do trabalho e da competência, sobretudo sob as circunstâncias adversas de não dispor de herança pecuniária, foi uma vivência própria da família de Gottlob Ranke, inculcada em seus filhos. Mesmo se os meios de subsistência bastassem, eram limitados e, sabia-se, somente frutificavam mediante dedicação.<sup>22</sup>

Enquanto trabalhava como professor de grego, o interesse crescente pela história leva-o a escrever a *História dos Povos Latinos e Germânicos*, o qual garante então a indicação para a universidade de Berlim e a subsequente carreira de sucesso como historiador que o levará, inclusive, a frequentar os círculos de poder da Prússia e da Baviera.<sup>23</sup>

Portanto, a história da universidade contemporânea alemã não fica de forma alguma à margem do que se pode pensar sobre a *Revolução Sérvia*, uma vez que circunstâncias de concepção e produção da primeira edição dependem diretamente das possibilidades materiais (verba, relação entre instituições, círculos intelectuais, acesso a materiais) apresentadas ao seu autor na década de 1820 como, por exemplo, seu cargo na universidade de Berlim e seu contato com os altos escalões do governo austríaco e prussiano.

Entretanto, como lembra Iggers, a relação entre o professor e o que a instituição esperava dele não foi sempre tranquila, por mais que a bandeira da Universidade de Berlim fosse de “liberdade de pesquisa”:

<sup>20</sup> Até hoje a cidade é diminuta: no senso de 2012 de todas as cidades da Turíngia, consta que Wiehe tenha apenas 2764 habitantes.

<sup>21</sup> No ditado biográfico de 1863, Ranke faz uma longa digressão genealógica de sua família desde o século XVII. (ZEL, p. 4)

<sup>22</sup> MARTINS, Estevão; CALDAS, Pedro. Leopold von Ranke (1795-1886). In: BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio. **A Constituição da História como Ciência. De Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 15.

<sup>23</sup> MATA, op. cit., p. 189-191.

É importante ter em mente que a nova profissão histórica servia para necessidades públicas definidas e objetivos políticos que tornavam importante comunicar os resultados de sua pesquisa a um público cuja consciência histórica ela buscava moldar e que se voltava aos historiadores em busca de sua própria identidade histórica.<sup>24</sup>

Se parece haver consenso na importância de Ranke para o sucesso dessa mesma universidade uma vez que seus seminários<sup>25</sup> forneceram o modelo tipo exportação no que diz respeito aos modos e exigências de pesquisa historiográficas durante boa parte do século XIX e fortes influências no XX, sua atuação nos primeiros anos de carreira não foram sob os holofotes. Com a nomeação para o cargo de professor em Berlim, em 1825, sua situação financeira não é expressivamente mudada; segundo Guglia, Ranke vivia “*wie ein Student*”, fazendo leitura pública sobre história da Europa, da literatura e da Igreja por uma hora para aproximadamente trinta pessoas<sup>26</sup>. Em uma carta ao irmão Heinrich<sup>27</sup>, Ranke expressa certa melancolia solitária com a vida em Berlim:

---

<sup>24</sup> “It is important to keep in mind that the new historical profession served definite public needs and political aims that made it important to communicate the results of its research to a public whose historical consciousness it sought to shape and who turned to historians in search of their own historical identity.” IGGERS, Georg. **Historiography in the Twentieth Century. From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge.** Connecticut: Wesleyan University Press, 1997, p. 23. Essa relação problemática ficará mais evidente no tópico abaixo, uma vez que as expectativas políticas do império Habsburgo em relação a Ranke serão decisiva para o andamento das pesquisas deste.

<sup>25</sup> Burke discorre sobre o papel do seminário na instituição universitária alemã: “Na Alemanha, o seminário foi mais uma modalidade associada à formação profissional dos estudantes de pós-graduação, sobretudo em filologia e história. Os seminários de filologia remontam à segunda metade do século XVIII, quando o exemplo de Göttingen foi adotado por Wittenberg, Erlagen, Kiel, Helmstadt e Halle. No século XIX, a prática se difundiu para outros campos. O seminário de história de Leopold von Ranke em Berlim foi o exemplo mais famoso, ladeado ou seguido por seminários de línguas orientais e estudos indo-germânicos e do Novo Testamento. Com o tempo, o que se iniciara como uma série de reuniões informais, muitas vezes na casa do professor, cresceu, migrou para a universidade, a recebeu verbas e se converteu em instituição. O termo “seminário” passou a ser outro nome para departamento ou instituto. (BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento II: Da Enciclopédia à Wikipédia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 214). Fitzsimons indica o funcionamento e objetivo dos seminários de Ranke: “When he resumed lecturing in Berlin, he continued the practice of using his home to receive the students of his seminar. The model for it as well for his elaboration of historical method was the advanced course in classical philology established at Leizig and some other universities. The members of Rankl’s seminar usually met weekly and had to chosen or approved by the director of the seminar, who presided at sessions where the philosophy of history and source problems were discussed until in later meetings each member submitted a research paper to the criticism of the members and director. The seminar became an institution in the growth of graduate education that is a feature of the nineteenth century university. (...) The seminar, sometimes called historical laboratory, which encouraged many historians to write for other historians rather than the general reader. The director of the seminar emphasized bibliographical thoroughness, criticism, precision and penetration.” (FITZSIMONS, M. A. Ranke, “History as Worship”. In: **The Review of Politics**, Vol 42, Nº 4 (Oct. 1980), p. 542.

<sup>26</sup> GUGLIA, op. cit., p.58. Ranke relata ao irmão Heirich: “Mit dem Collegium – ich lese nur eins über die Geschichte des westlichen Europa – geht es ziemlich gut. Mein Publikum ist zwar etwas wetterwendisch und flüchtig; es läßt sich selbst für einen, der liest, der also nicht lange zählen kann, fast in jeder Stunde en Ab oder Zuhörer bemerken; indeß werden ihrer doch in der Regel ungefähr 30 sein“ (RANKE, Leopold von. „Briefe an Heinrich Ranke. Juli 11. 1825“ In: **Zur Eigenes Lebensgeschichte. Sämtliche Werke 34.-35. Band.** Leipzig: Duncker und Humblot, 1890, p. 146.

Como está a situação com Halle? Espero que o tenham lá e o contratem em Berlim. Berlim não me agrada sem você. Fique por lá que irei ao seu encontro. Mas não agora e sim em abril, até lá fico com o coração na mão.<sup>28</sup>

Mesmo durante a viagem de pesquisa, a colocação de Ranke como professor universitário parecia incerta, como ele confessa ao irmão em carta de 1828:

Veja, como eu conto, poder ficar em Berlim. Em Munique não penso mais. Acho justo e altamente razoável que o rei tenha preferido um homem como Görres. Tal homem não deve viver no exterior e passar necessidade. Não consigo deixar de temer que si impacto se torne fantástico ou fanático. Então quem sabe para onde o destino mais uma vez cambiará? Infelizmente vivo em Berlim tão humildemente (e precisa-se aqui de muito dinheiro) que verdadeiramente temo retornar à velha pobreza. Recebi uma oferta de Dorpat de um salário de 1400 Reichstaler (sem os honorários). Não faço muito numa grande cidade muito além da biblioteca, devo dizer que se tivesse mais tempo livre de vez em quando, viajaria e leria para você manuscritos e livros importantes sobre a história europeia que eu mesmo coletei e que estão pelos cantos da casa que habito. Dizem-me que é confortável viver por um tempo no meio do meio do mundo nórdico e eu não poderia me queixar. Espero, no entanto, que ainda não seja o caso.<sup>29</sup>

O trabalho na Universidade de Berlim não parecia muito estimulante e vida não era tão confortável como a de um professor catedrático, mas, por outro lado, o cargo na Universidade de Berlim oferecia vantagens importantes para um historiador oitocentista.

---

<sup>27</sup> Philipp Friedrich Heinrich Ranke (1798 – 1876) foi, além do interlocutor mais importante de Leopold von Ranke, teólogo protestante. Estudou teologia e filologia na Universidade de Jena. Em 1818, foi juntamente com o irmão para Frankfurt an der Oder e lá atuou com professor em uma escola privada. No mesmo ano, ele foi também a Berlim. Em 1822, foi professor no Instituto de Educação de Nuremburgo, juntamente como teólogo Karl Georg von Raumer (citado várias vezes nas cartas trocadas entre Ranke e Heinrich). Em 1824, Ranke passou no Segundo Exame Teológico de Ansbach. Em 1826, foi clérigo em Rückersdorf (Nuremberg) e em 1834, foi decano e inspetor distrital das escolas em Thurnau. A partir daí, faz carreira clériga: em 1841, foi o segundo conselheiro em Bayreuth, em 1845, consegue o mesmo cargo em Ansbach e em 1859, primeiro conselheiro; em 1866, torna-se o quarto chefe-conselheiro em Munique e em 1870 terceiro chefe-conselheiro, aposentando-se finalmente em 1873.

<sup>28</sup> „Wie steht es mit Halle? Ich hoffe, daß man Dich dort haben und in Berlin behalten will. Berlin würde mir ohne Euch schlecht gefallen. Bleib ja zurück, daß ich Dich finde. Aber nicht eher, als etwa im April; bis dahin bleibe ich von Herzen weg.“ RANKE, Leopold von. **Zur Eigenes Lebensgeschichte. Sämtliche Werke 34.-35. Band.** Leipzig: Duncker und Humblot, 1890, p. 173.

<sup>29</sup> “Du siehst, wie sehr ich darauf zähle, in Berlin bleiben zu können. An München denke ich nicht mehr. Daß der König mir einen Mann, wie Görres, vorgezogen hat, finde ich sogar billig und höchst vernünftig. Ein solcher Mann soll, wie mir scheint, weder im Ausland leben noch Noth leiden. Ich kann nicht fürchten, daß seine Wirkung phantastisch oder fanatisch werden sollte. Indessen wer weiß, wohin mich das Schicksal noch einmal verschlagen wird? Leider stehe ich in Berlin so gering (und man braucht dort viel Geld), daß ich mich eigentlich ein wenig fürchte, in die alte Armseligkeit zurückzukehren. Da kommt mir eben ein Antrag von Dorpat mit 1400 Rthlr. sächs. Gehalt (außer den Honoraen), erblichen Abelstand 2c. Ich habe an einer großen Stadt auch weiter nichts, als die Bibliothek; ich muß mir sagen, daß wenn ich von Zeit zu Zeit Freiheit hätte, zu reisen und sie für die europäische Geschichte wichtigsten Manuscripte und Bücher zu lesen, ja vielleicht selbst zusammenzubringen, daß es mir dann im Gründe einerlei sein kann, in welchen Winkel der Erde ich hause. Man sagt mir, es sei dort übrigens angenehm, einige Zeit in der Mitte der nordschen Welt zu leben, könnte auch nicht schaden. Ich hoffe jedoch, so weit soll es nicht kommen.“ RANKE, op. cit., p. 189.

Deve-se lembrar de que nesse período os arquivos e bibliotecas ainda não estavam abertos à consulta pública, sendo seu acesso dependente de autorização real. Além de estar mais próximo fisicamente dos documentos necessários por conta da mudança para Berlim, o vínculo com a universidade garantia também maior grau de contato com documentos originais que alavancavam sua pesquisa sobre a política moderna europeia:

Para o avanço de seus trabalhos o mais importante era que ele pudesse utilizar os 48 volumes abrigados na biblioteca real berlinense. Até então ele havia trabalhado quase que exclusivamente a partir de livros impressos, agora se abriam para ele ricas fontes de novas notícias.<sup>30</sup>

A mesma sede de documentos movimentou Ranke em sua viagem. O objetivo de Ranke em Viena nunca havia sido escrever uma história sobre a Sérvia, ele se dirigiu à capital do império Habsburgo com intenção de acessar as *relazioni* e, por conseguinte, incrementar sua compreensão da política moderna europeia<sup>31</sup>. Ele diz ao irmão:

Eu vou agora para Viena. Atingi meu objetivo principal no arquivo veneziano. Aqui circula uma não desconhecida história da Europa. Espero que ela se abra para mim. Receberei recomendações oficiais e pessoais (de Kampz para Metternich). Como meu desejo se cumpre, ou vejo a possibilidade diante de mim, de produzir algo aproveitável durante o inverno.<sup>32</sup>

A mesma questão de dificuldade no acesso material descrito acima por Ranke para Berlim foi válida para os arquivos em Viena, dificuldade esta antecipada na carta acima. Para o acesso aos materiais necessários era fundamental estabelecer as relações sociais adequadas.

<sup>30</sup> „Für den Fortgang seiner Arbeiten war das bedeutendste, daß er in der Berliner königlichen Bibliothek 48 Bände handschriftlicher italienischer Relationen, vorzüglich über südeuropa Berhältnisse, benutzen konnte. Bis dahin hatte er fast nur nach gedruckten Büchern gearbeitet, nun eröffnete sich ihm eine reiche Quelle ganz neuer Nachrichten.“ GUGLIA, op. cit., p. 63.

<sup>31</sup> As *relazioni* foram desde cedo reconhecidas como documentação importante para a história moderna: “When a Venetian ambassador returned from his term abroad, he was required to read a final report of his activities to the Senate. These reports, or *relazioni*, came to have a standard format in which the ambassador discussed the geography, climate, economy, military capacity, and political institutions, as well as court gossip of the country he had visited. As early as the sixteenth century the informational value of these reports was recognized, and Venetians and foreigners alike began to collect and sometimes even to publish them. Venice's efficient diplomatic service was often given credit for the fact that the city somehow survived as an independent republic during the great age of absolutist monarchies, and so the writers of the *relazioni* came to have a European-wide reputation for exceptional sagacity and insight.” (MUIR, Edward. "Leopold von Ranke, His Library, and the Shaping of Historical Evidence." *The Courier*, 22.1 (1987), p.7)

<sup>32</sup> “Ich gehe nun nach Wien. Ich habe meine Hauptabsicht auf das venetianische Archiv gerichtet. Hier ruht eine nicht unbekannte Geschichte von Europa. Ich hoffe, daß man mir eröffnen soll. Ich werde amtliche und persönliche Empfehlungen (letztere von Kamptz an Metternich) bekommen. Wie mein Wunsch erfüllt, oder sehe ich sonst die Möglichkeit vor mir, etwas Gescheutes durch Winter über verbleiben. Auf dem Rückweg, sei es nun im Oktober oder wie ich hoffe im April, besuche ich Dich.“ RANKE, Leopold. Brief an Heinrich Ranke am 25 August 1827. In: op. cit., p. 169.

## 1.2. O “lobby dos arquivos”: entre o conhecimento e o poder

Ao lembrar, em seu *Ditado de 1885*, cinquenta e oito anos depois da escrita da *Revolução Sérvia*, de sua estadia em Viena, Ranke relata as circunstâncias que o levaram a escrever. Ele começa descrevendo sua viagem à Viena e sua experiência nos arquivos que se abriam como revelações de inúmeras possibilidades:

Quando eu inicialmente me voltei para Viena, percebi que uma boa parte dos arquivos de Veneza havia sido produzida na época da ocupação desta cidade por Viena e foram depositadas naquele. Na nossa época não conseguimos imaginar como a entrada nos arquivos era difícil. dia e idade que você tem a sua idéia mais de como era difícil. O príncipe Metternich me concedeu através do conselho a permissão para uso do arquivo, deixando-os explorar completamente. Encontrei lá umas ricas relações venezianas e o diário de Marino Sanudo no original; mas eu não estava restrito apenas ao arquivo.<sup>33</sup>

A compreensão crescente dentre vários historiadores oitocentistas de que história deveria ser feita a partir de fontes primárias os colocava em dependência direta de arquivos, bibliotecas, museus e demais locais que pudessem abrigar tal documentação. A próxima parada foi finalmente Viena, aonde o historiador chega em 24 de setembro de 1827. O objetivo era claro: ter acesso ao maior número possível de fontes primárias. Para tal, deveria ser considerada uma série de jogos e cálculos estratégicos, ficando explícita a necessidade do desenvolvimento de contatos e relações de amizade que não deixavam de ser diplomáticas no sentido de usar a cortesia e promessas de fidelidade como forma a conseguir determinados favores ou facilidades. Ainda no começo da viagem, Ranke deixa explícita a dependência dos contatos para o acesso aos arquivos: “O arquivo, garantiram-me Kopitar, Bilat, Gentz, Adam Müller e outros conhecidos, serão abertos a mim”<sup>34</sup>. Da

<sup>33</sup> “Wenn ich mich dabei zunächst nach Wien wandte, so geschah das, weil ein guter Theil des Archives von Venedig in Folge der Occupation dieser Stadt nach Wien übergeführt worden war und sich in dem dortigen Archiv in der That befand. In der heutigen Zeit hat man seine Idee mehr davon wie schwer es damals war und wurde, Zutritt in die Archiv zu finden. Fürst Metternich hat sich ein unsterbliches Berdiest erworben, daß er mir auf den Rath des gestollen Genß die Erlaubniß zur Benutzung. Des Archives gab, die ich dann nicht verfehlte gründlich auszubeuten. Ich fand daselbst einen reichen Schaß venetianischer Relationen und das große Tagebuch des Marino Sanudo um Originel; Doch war ich auf das Archives nich beschränft. „, Ranke, op. cit, p. . Já aqui a questão do império otomano mostra sua importância na empreitada de compreender as principais forças em movimento durante a era moderna, sendo a Turquia pedágio indispensável para quem desejasse escrever uma história política europeia, tema sobre o qual o historiador se debruçará durante toda sua carreira e cujos textos relativos encontram todos reunidos na terceira edição da *Revolução Sérvia*. Ranke se depara com ele já nas relações venezianas: “In der Bibliothek des Hofes fand sich eine ansehnliche Anzahl venetianischer Relationen, bezüglich auf die Türkei und auf Deutschland. Ich durchsuchte sie mit dem einmal angeregt Fleiße – denn ich stieß von Tag zu Tag auf Neues, Unerwartetes, Belehrendes – auf das emsigste”.

<sup>34</sup> ““Das Archiv, versichern mir Kopitar, Bilat, Gentz, Adam Müller und andere Einstimmung, wird mir geöffnet werden.” RANKE, Leopold, op. cit., p. 173. Da mesma forma, os problemas financeiros persistiam durante a viagem, aumentando a dependência de Ranke de uma espécie de mecenato real, como ele escreve



mesma forma, os problemas financeiros persistiam durante a viagem, aumentando a dependência de Ranke de uma espécie de mecenato e da manutenção de bons contatos. Phillip Müller refere-se à questão com título “lobby do arquivo” (*lobby of the archive*), a partir do qual discorre sobre o jogo político que envolvia os arquivos nos primeiros passos da história como disciplina acadêmica. O primeiro item desse jogo seria a reputação acadêmica:

Uma primeira fonte que proveu Ranke com poder simbólico foi sua reputação acadêmica que precedeu sua chegada em Viena em setembro de 1827. Ele escreveu para seu irmão Heinrich, “meu último livro é a razão da minha alegria. Todo mundo, por assim dizer, sabe sobre meus esforços e os reconhece. Eu desfruto de apoio de diversas formas.”<sup>35</sup>

O atestado da competência profissional deveria ser seguido da dissipação de desconfiança gerada por um estrangeiro adentrando os segredos de outro estado, o que implicava o ganho de confiança de peças-chave do poder:

Não era apenas a reputação profissional de Ranke, mas sua recomendação oficial que o ajudou a estabelecer contatos importantes com membros do governo austríaco. Assim, foi possível que ele dissipasse suspeitas e dúvidas sobre sua pessoa e seu interesse no conhecimento arcano do Império Austríaco.<sup>36</sup>

Dado esse fatores, a petição de Ranke foi trabalhosa de ser atendida, como ele mesmo desabafa:

Até agora há dificuldades e é indiferente se se tem um pagamento adiantado ou não, e o arquivo, ou seja, uma parte dos arquivos venezianos sobre o qual tratei na introdução da minha primeira parte, só se abrirá por intermédio e simpatia do príncipe Metternicht e do conselheiro Gentz . Embora seja apenas uma porção pequena, eu a entendo como parte fundamental para o

---

em 1828: “Der König hat mir auch ein Geld bewilligt. Nachdem das Ministerium mir geschrieben hatte, ich solle eine genügende Summe nennen, habe ich endlich auf widerholtes Schreiben gesagt, daß ich mit 500 Rthr. Außer dem, was ich sonst habe, sechs Monate auszukommen denke. Du wirst vielleicht der Meinung sein, daß ich mehr hätte sondern sollen. Allein es schien mir doch besser, bescheiden zu sein; und mit so viel denke ich wirklich auszureichen. Diese Summe hat mir denn der König bewilligt und so denke ich bald zu gehn.“ (Idem, p. 207)

<sup>35</sup> “A first resource which provided Ranke with symbolic power was his scholarly reputation preceding his arrival in Viena in September 1827. To his brother Heinrich he wrote, “My last book is the reason of my joy. Everybody, so to speak, knows about my efforts and acknowledges them. I enjoy support in manifold ways.” MÜLLER, Phillip. “Ranke in the Lobby of the Archive: Metaphors and Conditions of Historical Research”. In: Jobs, S. and Lüdtke, A. (eds.) **Unsettling History: Archiving and Narrating History**. Frankfurt: Campus Verlag, 2010, p. 115. A citação de Ranke utilizada por Müller localiza- RANKE, Leopold von. **Zur Eigenes Lebensgeschichte. Sämmtliche Werke 34.-35. Band**. Leipzig: Duncker und Humblot, 1890, p. 177.

<sup>36</sup> “It was not only Ranke’s professional reputation, but his official recommendation which helped him to establish important contacts to members of the Austrian government. Hence, he was able to finally dissipate suspicious and doubts about his person and his interest in the arcane knowledge of the Austrian Empire.” Ibidem.

preenchimento de lacunas sobre estes Estados; apenas o acesso a algumas partes é concedida a mim; no entanto, em qualquer caso, encontrei aqui coisas dignas de nota: para a história da humanidade de inestimável valor para que a Europa, se não quizer ficar na escuridão, absolutamente deverá saber.<sup>37</sup>

Ao considerarmos a importância das informações na política e contextualizarmos tal relevância no mundo do século XIX, no qual existiam muitas relações de privilégio, cerceamento de informações e disputas de direitos entre monarquias advindas da reconfiguração geopolítica europeia, entrevê-se as dificuldades de acesso e a conquista para um historiador do período ao ter abertas para si fontes para realização de seu trabalho. O primeiro item para a conquista da autorização de entrada nos arquivos, ou seja, a reputação acadêmica, toca diretamente na questão da formação [*Bildung*] e da meritocracia típica do regime de carreira dos mandarins alemães. No entanto, a necessidade de contatos políticos e comprometimentos ideológicos de acordo com tais contatos relativiza (e, portanto, complexifica) o papel exclusivo da formação, indicando um mosaico de atitudes que deveriam ser consideradas para uma carreira acadêmica próspera. Ranke, no entanto, já chegava com um caminho preparado pela fama, o que foi já um facilitador: “Todo mundo com quem falei conhece meus trabalhos e isso se deixa notar.”<sup>38</sup>

Mas a entrada nos arquivos dependia de outros fatores. O arquivo é uma instituição que ganha força no século XVIII, introduzindo pelo menos três inovações no que tange a guarda de informações: a construção de espaços destinados exclusivamente à guarda de material, a introdução da profissionalização do arquivista e, por fim, a possibilidade crescente de consulta dos documentos lá pela sociedade civil<sup>39</sup>. No caso dos arquivos em Viena, a obtenção de licença exigia paciência. Fundado em 1749, pela imperatriz Maria Teresa, como depositório central dos Habsburgo, desde 1762 o ingresso no *Geheime Hausarchiv*<sup>40</sup> dependia da permissão exclusiva do governo, isto é, o príncipe Metternich poderia, como era mais frequente, receber indicações e recomendações de seu conselheiro,

<sup>37</sup> „Soweit es auch Schwierigkeiten gemacht hat, ob man gleich einen förmlichen Abschlag vorausgesandt hat, so ist mir doch durch die inmittelbare Theilnahme des Fürsten Metternicht und der Hofrath Gentz der Archiv eröffnet worden, d. h. ein Theil eben jenes venetianischen Archivs, von dem ich in der Vorrede zu meinem Ersten Theil gehandelt habe. Es ist zwar nir ein kleiner Theil, un ich sehe besonders für die eingestgen Verhältnisse dieses Staates nichts als Lücken; auch ist mir nur der Zugang zu einigen Theilen verstattet; indessen auf jeden Fall finde hier höchst merkwüdige Sachen: für die Geschichte der Menschheit von unschätzbarem Werth, welche Europa, wenn es nicht über sich selbst im Dunkeln liegen will, schlechterdings wissen muß.“ RANKE, op. cit., p. 178.

<sup>38</sup> “Jedermann, den ich noch gesprochen, kennt meine Arbeiten und läßt sie gelten.” RANKE, Briefe an Heinrich Ranke am 4. October 1827. In: op. cit., p. 172.

<sup>39</sup> BURKE, op. cit., p. 44.

<sup>40</sup> O Geheime Hausarchiv reunia três instituições arquivísticas: o Hausarchiv, Hofarchiv e Staatsarchiv.

Friedrich von Gentz, de quais candidatos não ofereceriam perigo. No entanto, a concepção utilitária dos arquivos não era histórica no sentido de fomentar pesquisas independentes, mas entendidos como “uma parte integral da esfera arcana do estado; sua tarefa principal era participar na proteção e salvaguarda da “boa ordem” do estado e da sociedade civil”<sup>41</sup>, sendo a pesquisa uma atividade derivada e secundária, cujo objetivo era a legitimação de direitos ou narrações que favorecem o fortalecimento das monarquias ou das soberanias nacionais em construção no momento.<sup>42</sup>

A relação entre arquivo e razão de estado implicava um controle feroz do conteúdo documental<sup>43</sup>, o que influenciava diretamente, por parte dos pesquisadores que dependiam desses acervos, o ritmo de produção das pesquisas e, conseqüentemente, no aumento da pressão exercida pela universidade para a publicação de resultados e pelos colegas de trabalho, cuja competição interna era acirrada.<sup>44</sup>

Logo, saia na dianteira quem soubesse jogar melhor com as regras e os tempos dos diferentes arquivos, criando ou mobilizando mais eficientemente as redes de contato que favoreciam sua presença. Os compromissos assumidos por um pesquisador para com seus beneficiários no momento em que adentrava os arquivos realizavam-se na esfera em que o conhecimento forma intersecção com a política. No caso de Ranke, seu problema

---

<sup>41</sup> MÜLLER, op. cit., p. 113.

<sup>42</sup> De acordo com o tópico “tarefas e organização” do página do arquivo austríaco na internet, o duplo estatuto ainda é presente, apesar de a importância da pesquisa histórica agora ter ganhado mais força: “They (os arquivos austríacos) are a subordinate agency of the Federal Chancellery serving two purposes: On the one hand, they are central archives for the federal services of the Republic of Austria (supreme bodies and ministries), which have a legal responsibility to transfer their acts and documents to the State Archives. On the other hand, their historical departments are the keepers of the archival heritage of the Habsburg empire (1526–1918) and its central authorities, as well as of the Holy Roman Empire of the German Nation (until 1806)” (in: <http://www.oesta.gv.at> – acessado em 2.10.2013)

<sup>43</sup> Peter Burke afirma que a “censura foi vigorosa no Império Habsburgo” onde, por exemplo, houve a censura dos mais diversos tipos de materiais, incluindo a obra de Franz Joseph Gall, ainda no século XIX por supostamente “encorajarem o materialismo, o ateísmo e a imoralidade” (BURKE, op. cit., p.181).

<sup>44</sup> “Zwar ließ sich in diesem Fall wohl eine günstige Entscheidung hoffen; doch ein so bestimmter Antrag und noch eine Konkurrenz! Man wirft oft den Professoren vor, daß sie bei solchen Gelegenheiten nicht allzusauer verfahren. Diesmal aber that es die Univesität. Ich habe also gar bald an Ewers geschrieben: daß ich ihm für seine gute Meinung danke, aber weiter nicht berücksichtigt zu werden wünschen könne. Ich möge nicht concurriren u.s.w. Unserem Minister habe ich geschrieben, daß ich diesen Antrag, den ich beigelegt, völlig abgelehnt habe u.s.w. Darauf wird nun freilich nichts erfolgen und die Sache wird sonder Zweifel bleiben, wir sie ist; obwohl ich die Mien angenommen, als hoffe ich gar viel. Zufrieden bin ich, daß die Sache abgethan ist. Dergleichen Händel find höchst verdrießlich. Man denkt daran, man sinnt sich die Möglichkeit einer neuen Existenz aus; man denkt an Geld und Gut uns an sich selber. Welch eine Plage!” RANKE, op. cit. p. 190. Ewers, que Ranke cita em seu comentário, é Johann Philipp Gustav von Ewers (1779 – 1830), historiador alemão do direito e fundador da disciplina acadêmica “história legal russa”. Sua formação na província russa da Livonia resultou na monografia *O Mais Antigo Direito dos Russos* (Das älteste Recht der Russen), em 1826. Ele ocupou a cadeira de História, Estatística e Geografia na Universidade de Dorpat, atual Estônia (a qual Ranke também menciona em outro comentário). Foi oferecida a ele, em 1816, a cadeira de Economia Política na Universidade de Berlim, mas ele a recusou, tornando-se no mesmo ano reitor da Universidade de Dorpat, cargo que ocupou até sua morte.

aprofundava-se porque o tema com o que trabalhava era considerado por demais recente e ainda deitava raízes nas relações internacionais do século XIX:<sup>45</sup>

(...) a posição do historiador era vulnerável dado seu interesse particular pelos assuntos de estado nos tempos modernos. Num estágio ainda muito recente do estudo do historiador, tanto a política governamental de arquivo e a prática de pesquisa do historiador tornaram-se inevitavelmente entrelaçadas.<sup>46</sup>

Logo, apesar de Ranke tratar sutilmente do tema da relação entre política da história, as circunstâncias e o conteúdo de sua obra mostram a impossibilidade do historiador em passar ao largo de tal questão. Na realidade, Ranke nunca negou o papel político da história, alertando apenas para os problemas de uma historiografia que, ao estar por demais comprometido com uma função panfletária, negligencia o comprometimento com veracidade e profundidade analítica. Há então a tentativa por parte do historiador de equilibrar as suscetibilidades dos patronos e favorecedores enquanto segue os parâmetros metodológicos e teóricos que acredita levarem a uma forma melhor de escrita da história:

Receber os favores de seu patron, o conselheiro de corte Gentz, assim como a boa vontade de Sua Graça, o príncipe Metternich, Ranke assumiu uma atitude bastante leal em relação ao governo austríaco e analisou a qualidade política de seus achados enquanto tomava notas das *relazioni* em Veneza no ano de 1830. De forma geral, ele assegurou seu patrono acerca da natureza inofensiva de seus estudos históricos. Favor e boa vontade requiriram (a manifestação de) lealdade se o peticionário não desejasse perder sua fonte de apoio.<sup>47</sup>

A dependência mútua entre historiador e Estado foi fundamental para as demais pesquisas de Ranke mas um pouco menos problemática no caso da composição d'*A Revolução Sérvia*. Apesar de o historiador ter usado informações gerais sobre a dinâmica da política global advindas das pesquisas nos arquivos que utilizava em outras teses, *A Revolução Sérvia* tinha outra inspiração: seu recorte falava evidentemente do presente europeu e das lutas de independência balcânicas que aconteciam no mesmo momento em que o livro era escrito. Da mesma forma, sua origem era bastante diferente, nascendo de um encontro intelectual e de uma lógica que parecia escapar aos planos de carreira de Ranke. Isso leva a pensar na maior liberdade de produção da obra em relação aos assuntos

<sup>45</sup> A questão da história do presente é tratada nos capítulos III e IV.

<sup>46</sup> MÜLLER, op. cit., p. 118.

<sup>47</sup> "Receiving the favor of his patron, the Court Conselor Gentz, as well as the goodwill of His Grace Prince Metternich, Ranke took a very loyal attitude towards the Austrian government and assessed the political quality of his findings as he took notes from the *relazioni* in Venice in autumn 1830. (...) Overall, he assured his patron the harmless nature of his historical studies. Favor and goodwill required (the manifestation of) loyalty, if the petitioner did not seek to lose his source of support." Idem, p. 119.

da alta esfera política, possibilitando um texto com aberturas mais amplas e uma abordagem que não precisava necessariamente se preocupar com orgulhos nacionais de seus patronos.

Este outro condicionante para *A Revolução Sérvia* emanava do chamado *Círculo Esloveno de Viena*, meio que suscitou a escrita do livro. Tal condicionante detinha suas próprias dinâmicas e outro contexto social e intelectual no qual Ranke afastava-se temporariamente do núcleo do poder vienense e adentrava no mundo das relações entre eruditos, na República das Letras.

### **1.3. O *Círculo Esloveno de Viena*: laços esloveno-germânicos<sup>48</sup>**

Como parte complementar das condições que tornaram a escrita *d'A Revolução Sérvia* possível, há o círculo intelectual do qual Ranke cercou-se em sua estadia em Viena. Cosmopolita em sua natureza, esse grupo veio a ser formado, a despeito do que Peter Burke afirma, muito em função das guerras napoleônicas. Segundo Burke, “as guerras napoleônicas exerceram um impacto negativo nos estudos eruditos, interrompendo a comunicação internacional”<sup>49</sup>. O que se vê, no entanto, é que um dos resultados da diáspora causada pela guerra foi a união de intelectuais de diversas partes da Europa. O que pode ser percebido, no caso de Ranke e dos eruditos eslovenos com os quais se encontrou, é que o contato foi fomentado pelas guerras napoleônicas e pelas lutas nacionais de independência. Portanto, faria mais sentido falar em termos de um rearranjo do que em uma interrupção propriamente dita, já que os intelectuais emigrados tiveram que encontrar novos nichos em instituições europeias e nos Estados Unidos, o que propiciou encontros intelectuais que provavelmente não aconteceriam em outras circunstâncias.

Da mesma forma, a competição pela hegemonia entre as “nações maiores” e a situação marginal dos intelectuais de periferia colocada por Burke também não se mostra concreta no caso do *Círculo Esloveno de Viena*, uma vez que apesar da propensão beligerante e expansionista da Prússia, a colaboração entre Ranke e os intelectuais eslovenos (sem contar o suporte que Ranke recebera dos Habsburgo) mostra que a tendência para o trabalho

---

<sup>48</sup> É importante fazer uma distinção entre o círculo de Viena aqui tratado e aquele outro grupo de filósofos que recebeu o mesmo nome no século XX. Enquanto o círculo de Viena do qual Ranke participou diz respeito ao contexto do século XIX conforme descrito a seguir; o outro círculo de Viena (que não está relacionado de forma algum com a discussão que aqui se apresenta) refere-se ao grupo coordenado por Moritz Schlick entre os anos de 1922 e 1936. Segue-se aqui a sugestão de nomenclatura de Miodrag Jelejevic, acrescentando o termo “esloveno” para manter a clareza.

<sup>49</sup> BURKE, op. cit. p. 249.

conjunto ainda existia. Portanto, a comunidade imaginada dos estudiosos – essa “república das letras” ou *Gelehrtenrepublik* – descrita por Burke não terminaria por volta de 1750 nas mãos da especialização e do nacionalismo, mas sofreria mudanças que a tornariam mais complexa, sem que abrisse mão de gestos de solidariedade e de interesse cultural que ultrapassavam as fronteiras incertas da Europa oitocentista (BURKE, 2012, p. 248).<sup>50</sup>

As questões do poder e da circulação de pessoas implicam uma realidade objetiva de convivência e de formação de círculos intelectuais envolvida inclusive na discussão teórica de primeira grandeza para esses indivíduos eruditos que pensavam a formação de seus próprios estados e que tinham, na maioria dos casos, suas próprias vidas afetadas pelo movimento dos grandes poderes. Assim, de volta às questões institucionais, dada a dificuldade de entrada nos arquivos graças ao “lobby” já comentado, alguns outros espaços foram mobilizados por Ranke para o encaminhamento de sua pesquisa, sendo a alternativa viável o espaço da biblioteca, o qual ganhava notada importância no século XIX ao ampliarem consideravelmente seus acervos<sup>51</sup>:

Leopold Ranke foi compelido a ajustar constantemente sua própria estratégia de pesquisa às decisões administrativas do estado. A política de arquivo incentivava a pesquisa em outras instituições como livrarias e museus, assim como a reorganização de sua viagem de pesquisa.<sup>52</sup>

O espaço da biblioteca já era caro a Ranke desde sua mudança para Berlim, pois foi lá que encontrou os primeiros documentos sobre a história italiana e que, de certa forma, impulsionaram seu interesse crescente pelas *relazioni* e sua viagem em busca destas. Ainda em 1825, ele conta ao irmão:

Meus estudos tiveram um progresso muito feliz, principalmente no que diz respeito ao início. Eu encontrei 4 volumes de manuscritos italianos sobre a história de 1530 a 1550 na Biblioteca, nos quais existem coisas muito requintadas e autênticas.<sup>53</sup>

<sup>50</sup> Idem, p. 258. O interesse cosmopolita de Ranke parece ter sido uma herança passada aos discípulos, já que como mostra Burke, seu aluno Ludwig Riess, foi o primeiro professor de história em Tóquio, no período em que o regime Meiji procurava modernizar o Japão.

<sup>51</sup> Burke aponta para o fortalecimento das bibliotecas dentro do espaço alemão (com especial destaque para a biblioteca da universidade de Göttingen e seus 20 mil exemplares), indicando também que em tal fortalecimento a cultura livreira monástica poderia ter encontrado sua continuidade: “As grandes bibliotecas públicas se tornaram ainda maiores, muitas vezes incorporando bibliotecas particulares menores (...). Além disso, quando os mosteiros alemães foram dissolvidos em 1802-03, seus livros e manuscritos foram, muitos casos, enviados a bibliotecas laicas, como a bávara Staatsbibliothek em Munique. O que a biblioteca chama de “aquisições” são amiúde transferências” (Idem, p. 44).

<sup>52</sup> “Leopold Ranke was compelled to constantly adjust his own research strategy to the decisions of the state administration. Archive policy prompted research in other institutions such as libraries and museums as well as the reorganization of his research trip.” MÜLLER, op. cit., p. 120.

<sup>53</sup> “Meine Studien nehmen einen ziemlich glücklichen Fortgang, wofern das Weitere dem Anfang entspricht. Ich habe in der Bibliothek 4 Bände von niemand benutzer italienischer Manuscripte über die Geschichte von

A biblioteca de Viena é mostrada por Ranke como de fácil acesso e convivência, principalmente em contraposição às dificuldades que a entrada no arquivo lhe impunha:

Durante toda a manhã às nove eu vou para a biblioteca . Esta consta de uma extraordinariamente rica coleção, inclusive de manuscritos, como eu disse, muito rica. O legado maligno de um velho doge veneziano, M. Foscarini, vendeu suas coleções e escritos, sem poupar até mesmo sua correspondência. Você pode imaginar que eu estou muito feliz. Aqui e em quatro, cinco outras divisões da coleção local de manuscritos, encontram-se um monte de escritos e relazioni, os quais estudo com prazer tamanho. Mas você não deve pensar que estou contente com isso. Não, estou ainda mais favorecida.<sup>54</sup>

E é justamente nesse espaço, dessa vez a *Biblioteca Nacional de Viena* que Ranke encontra, além de documentos úteis à pesquisa<sup>55</sup>, o personagem decisivo para *A Revolução Sérvia*, Vuk Stephanović Karadžić. O encontro acontece por intermédio de outra figura emblemática da intelectualidade eslava: Jernej (Bartolomäus) Kopitar, o filólogo esloveno que apoiou a reforma do idioma sérvio e foi ele mesmo um reformador de sua língua materna<sup>56</sup>.

A trajetória de Kopitar é um exemplo do cosmopolitismo e da abertura austríaca aos estrangeiros eruditos, desde que tais candidatos soubessem o jogo dos favores: “Os sérvios na monarquia eram cidadãos muito queridos, mas apenas poucos como Kopitar também cidadãos esclarecidos da Europa.”<sup>57</sup>. Comum aos intelectuais do período, Kopitar serviu à burocracia, especificamente para o Barão Sigmund Zois, que era um patrono dos jovens literatos e eruditos eslovenos. Passou a desenvolver seus trabalhos em Viena desde 1808, onde estudou Direito com especial interesse também em filologia eslava, chegando a ser censor de literatura eslava, grega, romena e albanesa. Contando novamente com a ajuda

---

1530 bis 1550 gefunden, in desen sich sehr vorzügliche und authentische Sachen finden.“ RANKE, op. cit., p. 147.

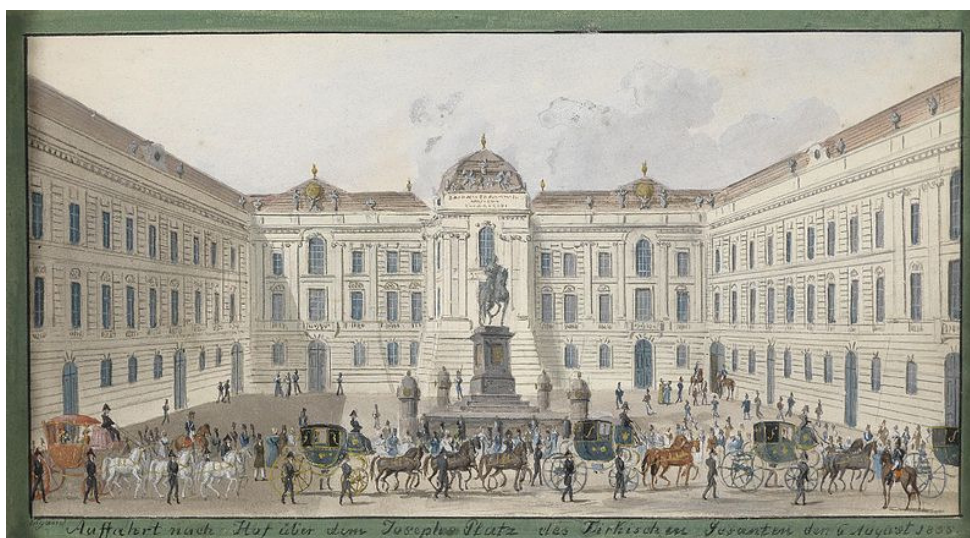
<sup>54</sup> „Alle Morgen um neun gehe ich nach der Bibliothek. Dies ist eine außerordentlich reiche Sammlung, auch an Manuscripten, wie ich sie siehe, sehr reich. Irgend ein böser Erbe eines alten venetianischen Dogen, M. Foscarini, hat dessen Sammlungen und Schriften, ohne selbst seines Briefwechsels zu schonen, hierher verkauft. Du kannst denken, daß ich mit dierser Unthat ganz zufrieden bin. Eben hier und in vier, fünf andern Abtheilungen der hiesigen Handschriftensammlung find eine Menge Relationen und authentische Schriften, die ich mit dem größten Vergnügen studiere.“ RANKE, op. cit., p.178.

<sup>55</sup> “Auf der Bibliothek finde ich außerordentlich wichtige Sachen.” RANKE, op. cit., p. 172.

<sup>56</sup> A primeira obra de Kopitar, „Grammatik der Slavischen Sprache in Krain, Kärnten und Steyermark“, foi publicada em 1808 e obteve grande sucesso entre os filólogos.

<sup>57</sup> „Die Serben in der Monarchie waren zwar treue Bürger, aber nur wenige wie Kopitar auch geistige Bürger eines aufklärten Europas.“ JELESIKEVIĆ, Miodrag. **Leopold von Ranke: “Die Serbische Revolution” – Voraussetzungen und Entstehung im Wiener Kreis um Bartholomäus Kopitar und Vuk Stefanović Karadžić.** Berlin: dissertation.de – Verlag im Internet GmbH, 2007, p. 26.

de um nobre, o conde Ossolińskis<sup>58</sup>, Kopitar assume, em 1810, a posição de escrivão na Biblioteca Real de Viena (*Wiener Hofbibliothek*), ascendendo, em 1819, ao cargo de chefe da sessão de manuscritos. No ano da escrita *d'A Revolução Sérvia* (1827), é nomeado segundo-curador da biblioteca e no ano da segunda edição da obra de Ranke sobre a Sérvia (1844), chega à diretoria geral e conselheiro da corte.



Balthasar Wigand (1771-1846). Vista da biblioteca imperial em Josephsplatz, Viena (1835).

A aproximação entre intelectuais alemães e eslavos do perfil de Kopitar aponta para uma relação dupla de atrito e troca: se, por um lado, havia o embate crescente e afinado pela definição das soberanias nacionais que dependiam da demarcação de traços definidores e exclusivos de cada povo, a aproximação por via das afinidades culturais (notadamente da cultura popular) de cada nação unia os intelectuais que compreendiam em grande medida a história como um processo universal que arrastava consigo todos os povos.<sup>59</sup> Além do mais, as esferas da política e das relações pessoais mostram com

<sup>58</sup> Ossolińskis foi um nobre polonês envolvido em atividades políticas e literárias com papel importante no mecenato da pesquisa intelectual. Em 1793, tornou-se prefeito da biblioteca real de Viena e, em 1817, doou todos seus arquivos e coleções de livros, manuscritos e objetos para o povo polonês (num momento em que a Polônia ainda não existia como nação), originando o Instituto Ossolineum, hoje um dos mais importantes institutos culturais da Polônia. O instituto abriu suas portas em 1827 (ano da publicação da primeira edição da *História da Sérvia*) na cidade de Lviv, na Galícia (região entre a Ucrânia e a Polônia), então sob ocupação austríaca e desde então se transformou num centro de cultura e ciência que contava com uma livraria, uma editora e o Museu Lubomirski.

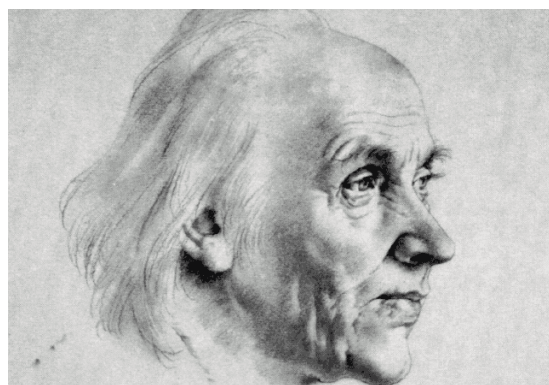
<sup>59</sup> A busca por estabelecer a identidade própria de cada povo entrava nos campos político, geográfico e cultural foi algo bastante amplo, na Alemanha passou pela busca em fixar os contos populares na forma escrita, nos países bálticos assistia-se, entre 1820 e 1830, a Guerra do Alfabeto Esloveno, na qual se debatia vivamente sobre qual o alfabeto deveria ser empregado nos novos idiomas que nasciam das reformas linguísticas. Por outro lado, apesar da busca por esses traços peculiares – que poderia levar ao afastamento entre povos – a troca intelectual vívida sugere que havia certa solidariedade entre pensadores que advinham



frequência ambiguidades, onde inimigos internacionais ferrenhos podem conviver, na escala do cotidiano, em harmonia.

Foi a afinidade política e intelectual que aproximou Kopitar e Vuk Stephanovic Karadžić (1787-1864), uma vez que Sérvia e Eslovênia passavam por problemas políticos e sociais muito similares, tendo inclusive como inimigo comum a interferência russa:

[Kopitar] prestou um grande serviço à literatura sérvia através da assistência social e científica que prestou ao reformador da linguagem literária servo-croata moderna, Vuk Stefanović Karadžić. Sua antipatia pela Rússia veio de sua concepção político-cultural austroeslava. Especialmente para os eslavos católicos, ele via em Viena um centro do austroslavismo, criticando a russofilia tcheca (J. Dobrovský, J. Kolar) e queria particularmente que os eslavos do sul tivessem vínculos ainda mais estreitos com Viena. Seu sonho de um Departamento de Estudos Eslavos na Universidade de Viena foi realizado apenas por seu pupilo e sucessor F. Miklosich.<sup>60</sup>



*Retrato de Kopitar impresso em sua Gramática*

A questão do desenvolvimento dos nacionalismos versus aquela do pertencimento a uma cultura universal coloca em conexão os principais nomes das ciências e das artes no que constituía, naquele momento, a periferia do poder europeu como eram os Balcãs. Tais nomes mantiveram estreita relação com o romantismo e o que esses homens de letras compartilhavam era a sensação de urgência da formação nacional, entendida por eles como possível principalmente através da cultura. De uma forma ou outra, suas terras natais buscavam independência de forças externas opressoras e buscaram portanto uma forma de

---

de contextos históricos de dominação (como os países bálticos) ou fragmentação (Alemanha), além de uma comunidade europeia das letras unida por interesses afins e pela formação humanista comum.

<sup>60</sup> „Große Verdienste um das serbische Schrifttum erwarb er sich durch die gesellschaftlichen und wissenschaftlichen Hilfestellungen, die er dem Reformator der modernen serbokroatischen Schriftsprache, Vuk Stefanović Karadžić, leistete. Seine Abneigung gegen Rußland entstammte seiner austroslavischen kulturpolitischen Konzeption. Vor allem für die katholischen Slawen sah er Wien als Zentrum des Austroslavismus, kritisierte die russophilen Tschechen (J. Dobrovský, J. Kolár) und wollte besonders die Südslaven noch enger an Wien binden. Seine Träume von einem Lehrstuhl für Slavistik an der Wiener Universität verwirklichte erst sein Schüler und Nachfolger F. Miklosich.“ VINTR, Josef, „Kopitar, Bartholomäus“, in: **Neue Deutsche Biographie**, Bd. 12 (1979), p. 566. Onlinefassung: <http://www.deutsche-biographie.de/pnd11856529X.html>, acessado em 10/10/2013.

colocarem-se como minimamente autodeterminantes no contexto opressivo das grandes potências. A influência desses intelectuais não deve ser subestimada, uma vez que inúmeros deles tinham seus cargos atrelados à função de conselheiros. Para tal mudança, estava colocada a questão filosófica fundamental: “*quem sou eu?*” numa perspectiva nacional. Sob influência do iluminismo, a religião era cada vez mais vista como uma instituição histórica, o que suscitava, como no caso de Kopitar, animosidades com o poder eclesiástico. A realidade do momento estava impregnada de posições bélicas, buscando-se aliados e travando-se combates:

Karadzic aceitou-o como o mais velho e mais educado e, ao contrário dos outros sérvios, começou a fazer suas recomendações. Ele entrou em contato com as idéias do renascimento nacional esloveno, personificado em Kopitar. A partir dele, Karadzic é introduzido no palco da cultura europeia e familiarizado com as novas aspirações nacionais gerais. Kopitar, a quem J. Grimm chama de um “*monstrum scientiarum*”, se transformou no sol na galáxia eslava representando uma grande esfera de influência, a mente de Kopitar estava cientificamente onipresente. Ele mesmo eslavista, ele manteve relações internacionais com outros cientistas e pares. Ele era uma figura controversa. Kopitar não gostava da influência da Rússia sobre os sérvios, que era tradicionalmente representada em toda a comunidade sérvia e firmemente enraizada em particular na fé ortodoxa.<sup>61</sup>

A cultura popular foi o campo preferido de ação tanto para os intelectuais de língua alemã como para os eslavos. O meio preferido eram os estudos linguísticos, esforço que rendeu muitos dos primeiros dicionários vernaculares contemporâneos:

Tendo em vista a Europa iluminada, não é de se estranhar que Kopitar exigiu imediatamente de Karadžić uma coleção de canções folclóricas sérvias e levou-o para coletar palavras para um dicionário sérvio. Com muita dificuldade Kopitar conseguiu persuadir Karadžić, deixando claro o significado que isso teria sobre a Sérvia. E assim, graças a Kopitar, Vuk Karadzic começou a primeira coleção de canções folclóricas, *Mala prstonarodnja slaveno - Serbska pesnarica* (Pequena Coleção de Canções Populares Esloveno-Sérvias), impressa no início de 1814.

Esses intelectuais cheios de afinidades agregaram-se na cidade de Viena, pois esse era um local de efervescência cultural e destino de refugiados, condição dada pela centralidade política que o império austríaco desfrutou na primeira metade do século XIX e sua resistência ao poder turco, com o qual disputava fronteiras. É lá que Ranke conhece

---

<sup>61</sup> “Karadžić hat ihn als den Älteren und Gebildeteren akzeptiert und Gegensatz zu den anderen Serbien begonnen, seinen Empfehlungen und Forderungen Folge zu leisten. Er kam in Kontakt mit dem Gedankengut der slowenischen nationalen Wiedergeburt, personifiziert in Kopitar. Von ihm wird Karadžić auf der Bühne der europäischen Kultur eingeführt und mit den allgemeinen neuen nationalen Bestrebungen bekannt gemacht. Kopitar, dem J. Grimm den Stempel eines „*monstrum scientiarum*“ aufdrückt, wird der Leisten, die Sonne in der slavischen Galaxie mit einem großen Einflussgebiet darstellen, Kopitars Geist war wissenschaftlich allgegenwärtig. Selbst Slawist, unterhielt er internationale Beziehungen mit anderen Wissenschaftler und Gleichgesinnten. Er war eine kontroverse Persönlichkeit. Kopitar missfiel der Einfluß Russlands auf die Serben, der traditionell in allen serbischen Gesellschaften der Monarchie vertreten und besonders im orthodoxen Glauben fest verankert war.“ JELESJIJEVIĆ, op. cit., p. 26.

finalmente o filólogo, historiador e crítico sérvio Karadžić, exilado de sua terra natal por conta de sua oposição ao poder otomano em seu país. A empatia entre Ranke e Karadžić era derivada em grande parte de uma formação comum que incluía o interesse pela gramática histórica, pela política e pela erudição em geral<sup>62</sup>. Na mesma inspiração dos irmãos Grimm na Alemanha, Karadžić foi responsável pela compilação de músicas, crenças e histórias populares de sua terra. Seus interesses estavam, como podemos perceber, em consonância com aqueles de alguns dos intelectuais alemães mais importantes no renascimento cultural alemão contemporâneo, como os próprios irmãos Grimm, Johann von Goethe, Adelbert Von Chamisso, E.T.A Hoffman e Ludwig Tieck. Karadžić exerceu influência fundamental na formação nacional sérvia em um momento no qual seu povo começava a ensaiar sua entrada no conjunto das nações europeias:

Vuk Karadzic é a personalidade mais importante de seu tempo para a emancipação cultural dos sérvios, um instituidor de tendências, alguém cujo empenho, trabalho abnegado e criação de “Prapovis” (...) possibilitou pela primeira vez a emancipação e a modernização cultural da Sérvia. Seu “Prapovis” é uma norma cultural, uma pedra angular da infraestrutura cultural, sem a qual o desenvolvimento cultural da sérvia não teria sido possível.<sup>63</sup>

A biografia individual de Karadžić o insere no perfil mais amplo de intelectuais oitocentistas, especialmente paralelo aos intelectuais alemães, cujo campo de batalha para questões políticas também estava para ser resolvido através das letras: “Ele terá que fazer a experiência também na literatura agora pode com tinta e papel, pois nada pode alcançar com conseqüências diretas para as suas próprias vidas sem luta constante”.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> Miodrag Jelesijević ressalta também outra característica de Karadzic que se relacionava com a personalidade do próprio Ranke: a compulsão pela escrita, sendo o sérvio um “Schreib-Fanatiker, ein Graphoman”. (Idem, p. 8)

<sup>63</sup> “Vuk S. Karadžić ist für die kulturelle Emanzipation der Serben die wichtigste Persönlichkeit seiner Zeit, ein Trendsetter, jemand, dessen Einsatz, aufopfernde Arbeit und Schaffung des ‚Prapovis‘ (...) die Emanzipation und kulturelle Modernisierung Serbiens erst ermöglicht hat. Sein ‚Prapovis‘ ist eine Kulturnorm, ein Grundstein der kulturellen Infrakstruktur, ohne den die kulturelle Entwicklung Serbiens nicht möglich gewesen wäre.“ Idem, p. 16.

<sup>64</sup> “Er wird auch in der Literatur die Erfahrung machen müssen, das ser ohne ständigen Kampf, wenn auch jetzt mit Tinte und Papier, ohne direkte Folgen für das eigene Leben, nichts erreichen kann.“ Idem, p. 18.



*Retrato de Vuk por Pavel  
Đurković, 1816.*

No entanto, a formação acadêmica de Karadžić enfrentou mais problemas do que muitos de seus companheiros alemães, uma vez que o desenvolvimento das universidades sérvias foi prejudicado pelo domínio turco que manteve o arcaísmo das instituições educacionais. A *Universidade de Belgrado*, por exemplo, foi fundada apenas em 1808, durante o período revolucionário, contando com três cursos superiores (Filosofia, Direito e Engenharia); na atual Alemanha, por outro lado, apesar da fundação da Universidade Humboldt de Berlim ser tão recente quanto a de Belgrado (1810), o estabelecimento de universidades consta desde o final do século XIV e avança pelos séculos XV e XVI – em 1386 funda-se a Universidade de Heidelberg, em 1409 a Universidade de Leipzig, em 1457 a de Freiburg, em 1472 a de Munique, em 1477 a de Tübingen, em 1502 a de Halle-Wittenberg e em 1558 a de Jena, para citar apenas algumas. Se for verdade que o ingresso em tais instituições estava longe do que compreendemos hoje por “universal”, sua existência física já garante um nível maior de acesso do que aqueles países que não as tinham e cujos membros desejosos de formação deveriam dispor dos recursos para estudar fora de sua terra natal.



*Universidade de Belgrado por volta de 1890.*

A comparação entre um intelectual sérvio e um alemão e suas condições de formação não deixa de ser indicativa de um paralelo também fortemente presente nos escritos de Ranke, uma vez que o contexto político e social sérvio e alemão são ali aproximados por Ranke de forma a desenvolver um parentesco inusitado entre povos bastante diferentes, pensando suas culturas populares como irmanadas, o que ecoaria também no compartilhamento de certa ideologia de guerra, resistência e na romântica celebração de atos heroicos do passado<sup>65</sup>. Na realidade, fica cada vez mais claro ao pesquisar-se sobre a história paralela dos dois grupos – sérvios e povos de língua alemã – que sua proximidade não está apenas numa comparação relativamente superficial quanto às suas situações políticas periféricas em relação ao núcleo do poder num parentesco relacionado à circulação de conhecimento. Retomando mais uma vez o exemplo da Universidade de Belgrado, entre 1841 e 1863 as aulas eram lá ministradas por professores formados por universidades austríacas, alemãs e francesas<sup>66</sup>; pode-se imaginar a influência desses na formação dos alunos sérvios do ensino superior em Belgrado: aprendia-se a pensar a própria condição através do olhar estrangeiro e a partir da comparação inevitável e da tentação de compreender, bem ao gosto do século XIX, a história em termos universais. Inseparável das relações de conhecimento, os campos políticos sérvios também eram, assim como a formação dos professores, orientados por relações internacionais; as opiniões políticas também se dividiam em basicamente três partidos: o russo, o austríaco e outro

---

<sup>65</sup> O tema é tratado no capítulo IV.

<sup>66</sup> Conforme o site da Universidade de Belgrado - [http://www.bg.ac.rs/eng/uni/en\\_istorijat.php](http://www.bg.ac.rs/eng/uni/en_istorijat.php), acessado em 1/07/2013.

independente, além dos que apoiavam o domínio turco<sup>67</sup>. Há também uma relação palpável de trocas intelectuais entre os países de fala alemã e os Bálcãs, o que é atestado pela presença de intelectuais eslavos em Viena e pela própria *A Revolução Sérvia*.

Logo, apesar dessas divergências latentes de condições, algumas semelhanças de trajetória entre Karadžić e Ranke parecem ser o campo comum sobre o qual foi construída a amizade e a parceria intelectual entre os dois. Ambos pertenciam à mesma geração (Karadžić era apenas dois anos mais novo do que Ranke), vinham de cidades pequenas<sup>68</sup> e assim como Ranke, Karadžić recebeu suas primeiras instruções em ambientes religiosos: suas primeiras leituras foram em livros da Igreja, sua estadia no colégio monasterial Tronoša durou dez anos e sua formação ginasial incluiu o aprendizado de latim, alemão e história<sup>69</sup>. E, apesar de Karadžić ter nascido em berço consideravelmente mais humilde do que a classe média protestante tão inclinada ao “mandarinato acadêmico”, ele ainda conseguiu ascender a um cargo burocrático junto ao governo de Belgrado, local que o ensinou sobre a dinâmica do poder e política internacional. Quando chega a Viena, em 1813, sua adaptação é surpreendente:

É incrível a rapidez com que Vuk Karadžić, um homem educado na forma de pensamento arcaica, pensou a cultura ocidental de Viena. A nostalgia e melancolia, especialmente em tempos difíceis, vão acompanhá-lo, mas a sua compreensão da necessidade de modernização cultural está sempre em mente.<sup>70</sup>

Outra similaridade entre Ranke e Karadžić é que cada um, dentro de seu próprio contexto social, seguiu os caminhos que levavam à espécie de *self made intellectual*, ou seja, um indivíduo que necessita da astúcia, do esforço individual e da percepção afiada das regras de funcionamento de um sistema que é mais forte do que ele para afirmar-se e prosperar em seus estudos e em sua carreira. Nesse sentido, os mandarins acadêmicos (aqui empregando o conceito em uma acepção mais ampla do que no contexto exclusivamente alemão) transformavam sua produção e sua personalidade em uma espécie de marca que deveriam gerir, criando características distintivas que se sustentassem em competição com outros intelectuais. Ao mesmo tempo, o espaço de colaboração passava ou pela submissão

---

<sup>67</sup> JELESIJEVIC, op. cit., p. 20.

<sup>68</sup> Vuk Karadzic nasceu na pequena vila de Tršić, cidade a 150 km de Belgrado. O censo de 2011 indica que a vila conta apenas com 1135 moradores.

<sup>69</sup> Ibidem.

<sup>70</sup> "Es ist erstaunlich, wie schnell Vuk Karadžić, ein im archaischen Stammsdenken aufgewachsener Mann, die westliche Kultur Wiens aufgesagte. Die Nostalgie und Wehmut, die besonders in schweren Stunden immer wieder aufflammt, wird ihn begleiten, jedoch wird ihm die Einsicht der Notwendigkeit einer kulturellen Modernisierung ständig vor Augen sein." Idem, p. 18.

mestre-aluno, pelo cálculo diplomático de influência ou pelo estabelecimento de afinidades eletivas. No caso de Karadžić, sua dificuldade era maior (assim como a realização do elemento de *self made intellectual*) por sua condição de um estrangeiro advindo de um contexto social rural em busca de formação:

Em sua busca por educação e conhecimento, Vuk Karadzic foi em 1805 para Império Habsburgo, seguindo Sremiski Karlovci, na residência do metropolitano sérvio Stefan Stratimirović. O admirado ex-pastor encontrou patronos na residência barroca e na nobreza internacional de altos funcionários. Aqui Vuk Karadzic tomou conhecimento, pela primeira vez, sua origem social. Ele experimentou o chamado “choque cultural”. Ele se envergonhou de sua origem camponesa. No entanto, ele se preparou para a admissão da escola, aprendeu alemão, latim, e começou a ler os livros existentes sobre a história da cultura dos sérvios.<sup>71</sup>

De qualquer forma, o contato entre Ranke e Karadžić resultou em uma amizade consistente de colaboração mútua e na doação das coletâneas que o segundo fizera sobre o folclore sérvio e de seus livros sobre a história dos sérvios a Ranke; desse material nasceu grande parte das informações encontradas n’A *Revolução Sérvia*. Em seu ditado autobiográfico de 1885, Ranke faz menção a Vuk Karadžić e às condições que trouxeram o interesse pela revolução sérvia. Ranke relata que a obra nasce do contato com intelectuais eslavos e das informações – orais e escritas – providas por Karadžić:

Ao mesmo tempo, sua estadia em Viena, que durou de outubro 1827 a outubro de 1828, teve vários resultados. Em Wuk Stepanowitch [sic ], o mais erudito de todos os sérvios que viveram naquela época , eu encontrei um amigo, que compartilhou comigo sua coleção para uma história sérvia. Ela me cativou nas profundezas da mente e do coração pela informação viva que continha sobre o significado histórico e político mais geral. No verão de 1828, eu compilei a partir dela a História da Revolução na Sérvia, com a ajuda inestimável de Kopitar, que atuou como intermediário entre o alemão e o eslavo.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> “In seinem Streben nach Bildung und Wissen begab sich Vuk Karadžić 1805 in das Habsburgreich, nach Sremiski Karlovci, in die Residenz des serbischen Metropolitens Stefan Stratimirović. Voller Bewunderung betrachtet der einstige Hirtenjunge die barocke Residenz und das Gewimmel der internationalen Adels, der hohen Beamten und der reichen Bürgenturms. Hier wurde sich Vuk Karadžić zum ersten Mal seiner sozialen Herkunft bewusst. Er erlebt den sogenannten „Kulturschock“. Er schämte sich seiner bäuerlichen Herkunft. Dennoch bereitete er sich für die Aufnahme auf das Gymnasium vor, lernte deutsch, lateinisch und begann, die vorhandenen Bücher zur Geschichte und Kultur der Serben zu lesen.“ Idem, p. 18.

<sup>72</sup> „Zugleich aber was der Auenthalt in Wien, der sich vom October 1827 bis October 1828 erstredte, in jeder anderen Weise ergiebig. An Wuk Stepanowitch [sic], dem gelehrtesten aller Serben, die damals leben, fand ich einen Freund, der mir deine Sammlung zu der serbischen Geschichte mittheile. Sie ergriff mich durch die lebendige Information über eine Kreigniß von allgemeinsten historischer und politischer Bedeutung in der Tiefe der Geistes und Herzens. Im Sommer 1828 habe ich daraus die Geschichte der Revolution in Serbien zusammengestellt, bei der mir die Beihilfe unvergeßlich ist, die mir der damalige Mittelsman

Assim, o esforço conjunto de Kopitar e Karadžić (o qual havia resultado na primeira publicação de Karadžić) foi passado para as mãos de Ranke, que publica o material em forma de historiografia, adicionando seu próprio estilo<sup>73</sup>. Disso não pode ser negado o caráter também panfletário em prol das independências do Balcãs em um esforço coletivo, o que implica Ranke politicamente. Esse tipo de posicionamento vai de encontro a uma posição relativamente consolidada (mas ainda assim equivocada) de que Ranke seria apolítico e que buscava apagar qualquer marca das cores políticas de sua preferência dos seus textos.<sup>74</sup>

Em sua dissertação, Miodraj Jelesijević oferece uma compreensão mais aprofundada dos meandros da comunidade intelectual que cercou a realização *d'A Revolução na Sérvia*, partindo majoritariamente da documentação epistolar trocada entre seus membros, nomeadamente a de Karadžić e Ranke. Jelesijević reúne tais intelectuais que se organizaram ao redor de Ranke no final da década de 1820 (ou ainda melhor, Ranke é que teria sido incorporado ao convívio desses intelectuais) no que chama de *Círculo de Viena [Wiener Kreis]*<sup>75</sup>, formado por eslavos em geral e pelos ilírios (*Illyrien*)<sup>76</sup>, assim como por intelectuais de língua alemã que, juntos, constituíram uma cultura de caráter austro-eslavo com origem na erudição mas que irradiou sua influência sobre a língua comum e a concepção política de autodeterminação de seus povos<sup>77</sup>.

---

deutscher und slavischer Gelehrsamheit, Kopitar, geleistet hat.“ RANKE, Leopold von. **Zur Eigenes Lebensgeschichte. Sämtliche Werke 34.-35. Band.** Leipzig: Duncker und Humblot, 1890, p. 63.

<sup>73</sup> Apesar de muito do conteúdo da coletânea de Karadžić ser do que chamaríamos hoje de folclórico, Ranke escreve uma história sérvia ao seu modo e com os temas que movimentam sua historiografia: um forte interesse político, a busca dos pontos de interação entre as forças em embate, o traçado das características distintivas de cada povo dentro do mosaico das nações europeias.

<sup>74</sup> DIETHER, Otto. **Leopold von Ranke als Politiker. Historisch-psnchologische Studie über das Verhältnis der reinen Historikers zur praktischen Politik.** Leipzig: Dunker und Humblot, 1911, p. 54.

<sup>75</sup> É importante aqui fazer uma distinção entre o círculo de Viena aqui tratado e aquele outro grupo de filósofos que recebeu o mesmo nome no século XX. Enquanto o círculo de Viena do qual Ranke participou diz respeito ao contexto do século XIX conforme descrito a seguir; o outro círculo de Viena (que não está relacionado de forma algum com a discussão que aqui se apresenta) refere-se ao grupo coordenado por Moritz Schlick entre os anos de 1922 e 1936.

<sup>76</sup> Ao denominarem os sérvios de “ilírios”, os austríacos faziam referência ao povo que habitava a região a oeste dos Balcãs e sul da Itália no começo da era cristã. Sua especificidade é notadamente linguística, constituindo um ramo separado do indo-europeu.

<sup>77</sup> Kämpfer cita alguns outros membros do círculo de Viena: “Im Prager Nationalmuseum wurde Ranke mit dem dortigen Bibliothekar, Vaclav Hanka(\*1791), und mit Josef Dobrovsky(\*1753), dem Begründer der Slavistik, bekannt. Vermutlich war es eine Empfehlung aus diesem Kreise, die Ranke in Wien mit dem Kustos der Wiener Hofbibliothek, Bartholomäus Kopitar (\*1780), in Verbindung brachte.5 Auch den berühmten Osmanisten Joseph Hammer (+1774) und andere interessante Persönlichkeiten Wiens lernte Ranke kennen, unter ihnen Vuk Stefanovic Karadzic (\*1787), der seit 1813 in Wien lebte. Die Wiener Archive öffneten sich Ranke dank der Vermittlung eines führenden konservativen Publizisten, Friedrichs von Gentz , der für ihn eine Audienz bei Metternich und damit die entsprechende Erlaubnis erwirkte.“ (KÄMPFER, Frank. Vuk Karadzic und Leopold Ranke: Zur Rezeption der 'SERBISCHEN REVOLUTION’



Foi em Budapeste que elementos do *Círculo Esloavo de Viena* começaram a se reunir em torno de alguns denominadores comuns como literatura, reforma linguística, cultura popular e história. Neste momento, Budapeste havia se tornado destino comum para sérvios e húngaros e é lá que Vuk Karadžić conhece linguistas como Sava Mrkalj e outras figuras centrais na reforma dos idiomas nacionais. Mrkalj, um dos primeiros participantes do círculo, nasceu na fronteira militar do império austríaco, atual Croácia; com inspiração no trabalho filológico do alemão Johann Christoph Adleung, começou o trabalho de reforma linguística do sérvio, sendo em grande parte o mestre de Karadžić. Em 1810, publicou sua primeira obra, na qual propunha a simplificação do sérvio para vinte e duas letras e apoiou Kopitar e Karadžić na chamada *controvérsia linguística sérvia*<sup>78</sup>. A *controvérsia* trouxe uma série de ganhos no que diz respeito ao dinamismo do idioma, mas também alguns problemas políticos, uma vez que a elite letrada sérvia pertencia à Igreja Ortodoxa e esta defendia a manutenção do idioma tradicional. Tanto Kopitar quanto Karadžić argumentaram em favor da mudança, afirmando que uma visão purista do eslavônico eclesiástico<sup>79</sup> era ilusão, uma vez que muitas palavras deste provinham do russo e não de uma raiz sérvia.<sup>80</sup>

Da colaboração entre intelectuais de proveniências tão diversas, mas com muitas afinidades eletivas, surge então *A Revolução Sérvia*. Dentro do histórico de obras publicadas por Ranke, a produção tão rápida do livro só é paralela à história de sua própria terra, a *História da Prússia* (1847-1848). Nos padrões rankeanos, um livro poderia demorar até nove anos para vir inteiramente a público, como é caso da *História da Inglaterra* (1859-1869) e da *História da França* (1852-1861); no mínimo dois anos eram necessários, como no caso do conhecido *História dos Papas* (1834-1836). Isso pode indicar não só quão verdadeiramente Ranke foi “tocado nas profundezas de seu coração e espírito”, como também o significado que via no desenvolvimento progressivo da

---

in Deutschland. In: [www.frank-kaempfer.de/Neuer\\_PDF\\_Ordner/Ranke\\_Serbische\\_Revolution1991.pdf](http://www.frank-kaempfer.de/Neuer_PDF_Ordner/Ranke_Serbische_Revolution1991.pdf). Acessado em 06/07/2013.)

<sup>78</sup> Se Mrkalj foi a influência de Karadžić, Dositej Obradović inspirou Mrkalj ao ser o primeiro a substituir o antigo idioma eslavônico pela forma de falar do povo, dinamizando assim o idioma. Daí por diante, a base para as reformas linguísticas foi a simplicidade e o uso comum.

<sup>79</sup> O eslavônico eclesiástico ou eslavônico eclesiástico é uma variante mais antiga do eslavônico usado em liturgias da Igreja Ortodoxa, cuja primeira publicação foi *Missale Romanum Glagolitice*, da Igreja Eslovônica Croata (1483), seguido por cinco livros litúrgicos em cirílico, impressos na Cracóvia (1491).

<sup>80</sup> BUTLER, Thomas J. “Jernej Kopitar's Role in the Serbian Language Controversy”. In: **The Slavic and East European Journal**, Vol. 13, No. 4 (Winter, 1969), p. 479. Com ameaça de ser expulso da Igreja Ortodoxa, Mrkalj então propôs dividir o idioma em duas instâncias (uma religiosa e a outra popular). Ele foi internado em um hospital psiquiátrico em 1827 (ano da primeira edição da *Revolução Sérvia*) e faleceu em 1844.

liberdade no seio de uma nação historicamente formada pelo domínio de uma cultura alheia.<sup>81</sup> O material recebido também pareceu incitar a escrita e Ranke tenta integrar ao máximo o que recebera do *Círculo Esloveno de Viena*; além disso, não só o material escrito era instigante mas também o testemunho vivo de Karadžić, contemporâneo ativo nas lutas pela independência da Sérvia trazia elementos fundamentais para a compreensão dos demais europeus sobre as guerras de independência que se desenrolavam nos Bálcãs oitocentistas. Ao considerarmos, como faz Fritz Ringer, que na Alemanha até a década de 1890, a intelectualidade mandaram “levava o selo público e oficial”, tomando para si a validade e a representação dos valores da elite aristocrática<sup>82</sup>, então é possível perceber a importância do estudo sobre a Sérvia e os otomanos do ponto de vista das estratégias militares e diplomáticas que seriam colocadas em prática no terreno da política internacional alemã e austríaca. Assim, uma obra aparentemente despretensiosa começa a ganhar contornos que a inserem num contexto de práxis e dos jogos do poder e de sua relação com a informação, ganhando assim realce transnacional.

## **2. UM HISTORIADOR CÉLEBRE ÀS VOLTAS COM A *REALPOLITIK* (1830-50)**

### **2.2. No caminho do sucesso e o amadurecimento da ars política**

A segunda edição de *A Revolução Sérvia* foi publicada em 1844, momento no qual Leopold von Ranke gozava de boa reputação entre parte dos historiadores e políticos devido ao sucesso das obras anteriores e de sua *História dos Papas (Die römischen Päpste in den letzten vier Jahrhunderten)* (1834-1836), volumes que foram publicados após sua promoção na Universidade de Berlim.

O tom de Ranke muda drasticamente nas cartas desse período, sendo essas marcadas por uma maior acomodação e conforto, frutos tanto do seu casamento como da segurança econômica, contrastando fortemente com a situação daquele jovem professor de 1828.

---

<sup>81</sup> Conforme o argumento da História da Sérvia, apesar do povo sérvio ter passado por longos períodos de domínio, haveria nele quase que uma disposição natural para a autonomia política. Ranke explora também os limites dessa autonomia no sentido de que não significa isolamento total já que a política é em sua natureza formada da interação.

<sup>82</sup> RINGER, op. cit., p. 51.

Mantém-se, entretanto, a mesma vivacidade quanto aos assuntos profissionais. Em 5 de Junho de 1844, Ranke escrevia a Georg Waitz<sup>83</sup>:

Em agosto eu acho que aparecer com dois novos filhos: 1) uma renovação do livro sobre a Sérvia, 2) um de carne e osso, como ainda não mostrei ao mundo. Eles não são também o caso? Na minha vida tardia de casado estou, graças a Deus, infinitamente feliz e só desejo que assim continue.<sup>84</sup>

Além disso, a docência também havia sido bem sucedida e as aulas de Ranke já eram destino dos estudantes que desejavam uma formação com “o que há de melhor”. É inclusive nessa época, mais precisamente em 1839, que o então jovem aluno Jacob Burckhardt vai a Berlim para formação acadêmica, pleiteando as aulas de Ranke<sup>85</sup>:

Estou sendo formalmente embalsamado pelas cartas de apresentação. Entre elas há algumas realmente úteis, por exemplo, recomendação especial da família para Hofprediger Sack. Preferiria muito mais uma mensagem para Ranke – embora se comente que ele é razoavelmente acessível (...).<sup>86</sup>

E depois, em duas cartas de 1840:

Eu deveria assistir às aulas de história moderna de Ranke sem hesitação, mas suas classes coincidem três vezes por semana com as de Kugler, de modo que só posso assistir a elas de tempos em tempos, como ouvinte. Infelizmente, Ranke nunca ensina história antiga; ainda assim irei a todas as suas aulas, pois mesmo se alguém não aprendesse nada com ele, poderia pelo menos aprender a arte de apresentar os conteúdos (...).<sup>87</sup>

No próximo inverno assistirei às aulas de Ranke sobre Idade Média, e isso é tudo que sei no momento; passei a assistir às suas aulas de história neste semestre. Embora nada de concreto tenha advindo daí, certamente há muito a ganhar-se com isso. Somente agora começo a suspeitar do que significa método histórico (...).<sup>88</sup>

---

<sup>83</sup> Georg Waitz (1813 – 1886) desenvolveu atividades como historiador medievalista e político, tendo relações bem próximas com Ranke. Após a graduação em Berlim (1836), Waitz foi a Hannover para assistir Pertz na empreitada gigantesca da Monumenta Germaniae Historica. Posteriormente, foi professor em Kiel (assume em 1842) e Göttingen (aceita o convite em 1847, mas só faz seu debut em 1849 por conta da Revolução de 1848). Ele voltou a se envolver com a Monumenta, da qual se tornou editor-chefe como substituto de Pertz, resultando viagens à Inglaterra, França e Itália para coleta de material. Como curiosidade, as esposas de Waitz foram uma filha do poeta Schelling e a outra do General von Hartmann.

<sup>84</sup> “Im August denke ich mit zwei neuen Kinder aufzutreten: 1) einer Erneuerung des Buch über Serbien, 2) aber einem aus Fleisch und Blut, wie ich der Welt noch nicht zeigen. Sind sie nicht auch in diesen Falle? In meinem späten Ehestande bin ich doch, Gott sei Dank, unendlich zufrieden und wünsche nur, daß das so sort gehen möge.“ RANKE, op. cit, p. 327.

<sup>85</sup> O historiador suíço Carl Jacob Christoph Burckhardt (1818 – 1897) ocupou-se majoritariamente dos campos da arte e da cultura, notadamente pelo trabalho A Civilização do Renascimento na Itália (1860). Seu período de discência na Universidade de Berlim ocorreu entre 1839 e 1843.

<sup>86</sup> BURKHARDT, Jacob. **Cartas**. Seleção e Edição de Alexander Dru; Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Top Books, 2003, p. 121.

<sup>87</sup> Idem, p. 126.

<sup>88</sup> Idem, p. 136.

Pelo testemunho do próprio Burckhardt, Ranke continuava a caminhar sobre gelo fino no que diz respeito aos contatos políticos e à diplomacia acadêmica, alterando entre sua própria opinião e a opinião que dele era esperada por membros da cúpula do poder prussiano. A antipatia de Burckhardt pelo “homem Ranke” começa a ser delineada na carta de 15 de agosto de 1840 à Louise Burckhardt, na qual relata dois episódios que indicariam a falta de opinião própria de Ranke. No primeiro episódio, Ranke estava com escritora romântica Bettina Brentano (posteriormente von Arnin)<sup>89</sup>, em um salão e ambos discutiam sobre a situação da Polônia, sendo que Ranke dava seu apoio aos poloneses. No entanto, dentro de alguns dias, encontravam-se todos na presença de um embaixador russo, para o qual Ranke colocou-se contra os poloneses, para desgosto de Bettina. Numa segunda ocasião, Ranke faz um discurso entusiasmado em favor de Varnhagen<sup>90</sup> para a eleição deste na Academia de Ciência, mas, na contagem de votos, verificou-se que Varnhagen não recebera um voto sequer (ou seja, nem o próprio Ranke havia votado nele)<sup>91</sup>. No entanto, a admiração de Burckhardt pelo “erudito Ranke” permanecia intacta:

E ainda assim não se pode dizer que as convicções de Ranke, por mais débeis que sejam, influenciem suas preleções sobre história, apesar de terem se tornado proverbiais em toda Berlim. Ninguém jamais ouviu frivolidades de seus lábios; muitas vezes ele faz brincadeiras, e mais, boas brincadeiras, mas, quando fala das grandes coisas, a seriedade com que trata a história torna-se clara, quase que assustadoramente evidente em sua expressão. Lembro-me muito bem do modo como ele começou suas aulas de história da Alemanha: “Cavalheiros, as nações são os pensamentos de Deus!”<sup>92</sup>

A competição entre professores também prosseguia, como ainda relata Burckhardt: “Nunca cheguei a ir às aulas de Raumer<sup>93</sup> – dizem, de qualquer forma, que são capazes de

---

<sup>89</sup> Bettina Brentano (1785–1859) foi figura ativa no romantismo alemão (escrevendo também sob o pseudônimo de Bean Beor), desempenhando atividades como escritora, editora, cantora, artista plástica, patrona das artes e ativista social. Foi casada com o poeta Achim von Arnin, o qual faleceu em 1831, estimulando assim a mudança de Bettina para Berlim, onde passa a lutar pelos direitos da mulher. Manteve relações com Goethe e Beethoven, entre outros. Segundo citado nas cartas de Ranke, a relação dele com Bettina datava já do final da década de 1820.

<sup>90</sup> Trata-se aqui de Karl August Varnhagen von Ense (1785-1858). Varnhagen estudou medicina em Berlim, mas dedicou-se principalmente à filosofia e à literatura, disciplinas que ele estudou nas Universidades de Halle e de Tübingen. Trabalhou no serviço público prussiano em Berlim (1812), mas logo retomou a sua carreira militar, dessa vez, como capitão no exército russo. Trabalhou também no serviço diplomático prussiano e esteve presente no Congresso de Viena sob as ordens de Hardenberg, a quem ele também acompanhou em Paris no ano de 1815.

<sup>91</sup> Idem, p. 136-9

<sup>92</sup> Idem, p. 139.

<sup>93</sup> Friedrich Ludwig Georg von Raumer (1781 – 1873) foi professor da Universidade de Breslau (1811-1816) e, entre 1819 e 1847, tornou-se professor de história na Universidade de Berlim. Assim como Ranke, Raumer também teve um período de viagem, ainda que mais longo (1816-1855), encarregando-se igualmente de uma pesquisa em Veneza (1815), seguindo por incursões na própria Alemanha, Suíça, Itália, Inglaterra e Estados

matar alguém de tédio – porque ele e Ranke, desafiando-se um ao outro, decidiram dar aulas no mesmo horário”<sup>94</sup>

É de interesse, assim, reparar no fator estruturante das relações entre Ranke e seu meio, o qual seja aquilo que Diether chama de “desenvolvimento da arte política”, ou seja, a política como tema do momento não era apenas uma questão acadêmica ou teórica, mas também um item presente e estrutural na sobrevivência profissional: era ao mesmo tempo um problema intelectual e prático que se fazia presente em diversos níveis da vida tanto individual quanto coletiva.<sup>95</sup>

Deve-se lembrar de que é justamente na década de 1840 que Ranke recebe sua nomeação como historiógrafo real, em 1841, pelo rei prussiano Friedrich Wilhelm IV<sup>96</sup>. Ranke relata, no entanto, que o contato como rei havia sido estabelecido nos anos de viagem, ou seja, no mesmo período em que tivera contato com o *Círculo Esloveno de Viena* e escrevera *A Revolução Sérvia* e no mesmo espaço de sociabilidade alternativo ao arquivo, a biblioteca:

Eu tinha travado contato, se assim posso dizer, com Frederick William IV em Veneza; primeiramente eu o vi na Markusbibliothek - foi em 1828 -, e depois mais de uma vez no Hotel Danieli. Ele me cumprimentou como seu velho conhecido com a expressão de apreciação pelo *Fürsten und Völker*, o que para mim foi tão lisonjeiro que não consigo reproduzir. Ele é desde então meu gracioso patrão e patrono.<sup>97</sup>

---

Unidos. Ele também empreendeu uma carreira política, sendo eleito membro do Parlamento de Frankfurt em 1848, apoiando a Prússia, e agindo como embaixador alemão em Paris e, posteriormente, integrou o Parlamento em Berlim. Seu trabalho é notadamente dedicado à história alemã, com destaque para *Geschichte der Hohenstaufen und ihrer Zeit (1823–25)* e *Geschichte Europas seit dem Ende des 15ten Jahrhunderts (1832–50)*.

<sup>94</sup> Idem, p. 136. As relações entre Ranke e Friedrich Raumer datam da década de 1820, como pode-se atestar pela carta que Ranke envia ao irmão de Friedrich, Karl: “Ihre paar Zeilen Mitgabe, mein lieber Freund, waren zwar nur ein paar, aber sehr lieb waren sie mir. Auch ich habe mir Ihren Rath fogleich zu Nutz gemacht und auf das künftige Semester historische Übungen angekündigt. Gar sehr wünsche ich, mit meinen Zuhörern in lebendigem Bezug zu stehen: obwohl ich freilich nicht ganz der Mann bin, die edle Stellung eines wahrhaften Lehrers einzunehmen. Ihr Herr Bruder ist gegen mich sehr gütig und uns gefällig. Daß ich indeß in dem Sinne sein College werden wollte, wie Heinrich es der Ihrige ist, ist bei der völligen Isolierung hiesiger Lehrer nicht zu hoffen. Auf jeden Fall werde ich ihm seine Freundlichkeit und Güte zu vergelten suchen.“ (RANKE, Leopold. Brief an Karl Raumer am 12. Juli 1825, In: op. cit., p. 148). Em outra carta, Ranke pede para que o irmão entre em contato com Raumer, alegando: „Etwa auch Ritter's (d. i. Heinrich R.'s, der mein Freund ist; nicht der Geograph, ob ich gleich auch mit dem gut stehe.)“ (RANKE, Leopold. Brief an Heinrich Ranke am 25 August 1827, In: op. cit., p. 169)

<sup>95</sup> A vida pessoal de Ranke também sofre uma mudança importante: em 1843 ele se casa com Clarissa Graves-Perceval, com quem teve três filhos.

<sup>96</sup> Friedrich Wilhelm IV von Hohenzollern (1795-1861) subiu ao trono da Prússia em 1840.

<sup>97</sup> “Ich hatte mit Friedrich Wilhelm IV. in Venedig, wenn ich so sagen darf, Bekanntschaft gemacht; zuerst habe ich ihn auf der Markusbibliothek – es war im Jahre 1828 – gesehen, dann mehr als einmal in den Hotel Danieli. Er empfing mich als seinen alten Bekannten mit dem Ausdruck der Anerkennung, die für mich so schmeichelhaft war, daß ich sie nicht wiederholen mag, in Bezug auf meine Fürsten und Völker. Er ist seitdem mein gnädiger Herr und Gönner gelieben.“ RANKE, op. cit., p. 71.

Aqui deve ser considerado o intervalo entre os acontecimentos relatados e o momento em que Ranke relembra seu encontro com o rei: Ranke retoma os acontecimentos em Veneza como preparativo de suas relações futuras com a Coroa, enxergando lá a raiz e a justificativa de sua submissão, que é colocada em termos de afinidade e não de estratégia de carreira, garantindo assim ao historiador um local privilegiado de escolha (e não de obrigação) quanto às suas relações com o poder. De qualquer forma, na década de 1840, a nomeação implicava uma relação cada vez mais próxima com a cúpula do poder e o desempenho mais intenso da função de conselheiro, o que pode ser visto no caráter cada vez mais político (e conservador) de suas publicações fora do âmbito acadêmico.<sup>98</sup>

### 2.3. A *Historisch-Politisch Zeitschrift* e a tríade de textos políticos

Um local privilegiado para observar o desenvolvimento do pensamento histórico e político rankeano nesse período é a *Revista Histórico-Política (Historisch-Politische Zeitschrift)*, ainda que o empreendimento editorial em si tenha se esgotado brevemente. Junto à revista Ranke desenvolve atividades de editor, entre 1832 e 1836, e na qual constam artigos que expõe muitos de seus pressupostos teóricos – tanto sobre a visão historiográfica como política.

O primeiro volume da revista (1832) debruça-se com afincamento sobre as histórias francesa e alemã, trazendo também transcrições de documentos e uma reflexão de Carl von Savigny sobre a importância da universidade na Alemanha. Nela veem-se também formulações mais claras de Ranke em referência à *Realpolitik*, a tentativa de compreender a realidade política em um sentido realista, entendida aqui segundo a definição de Wayman e Diehl:

Falando de forma ampla, o realismo em ciência social é a análise das relações humanas enfatizando o poder e a estratégia. No estudo das relações entre estados soberanos (...), as teorias realistas tentam descrever como os estados se comportam e prescrever como eles devem se comportar. Esta mistura de hipótese científica e conselho sempre foi a força do realismo e ainda assim uma fonte de confusão. Para distinguir entre o ser e o dever ser, iremos chamar o lado descritivo ou explicativo

---

<sup>98</sup> São referidos aqui aos escritos que estavam fora do corpo de pesquisa tradicional de Ranke sobre a formação dos estados modernos. Tais escritos foram objetos de conferências, palestras e publicações em revista, tendo como foco a política externa do momento, ainda que muitas vezes lançassem mão da prerrogativa histórica como alicerce de seus argumentos.

da teoria realista de *modelo realpolitik* enquanto chamamos o lado prescritivo de *política do poder normativo* ou *realismo normativo*.<sup>99</sup>

A distinção feita pelos autores é bastante útil para o caso de Ranke, uma vez que em seus textos a primeira instância (*modelo da realpolitik*) é notadamente mais declarada do que o lado prescritivo (*realismo normativo*). O cuidado de Ranke em manter a parte dos conselhos administrativos em luz baixa advém em muito dos próprios quadros do historicismo, o qual tende a enfatizar a especificidade histórica da cada momento em sua individualidade e opondo-se, assim, a uma história *magistra vitae* (ou, no caso *magistra politici*) nos moldes do que a historiografia moderna propunha, como no caso clássico de Maquiavel, por exemplo. No entanto, é lícito questionar até que ponto os dois lados dessa equação são separáveis, uma vez que o estabelecimento de tal modelo já visava certo plano de ação guiado por certo comportamento padrão (e portanto generalizado) dos diferentes Estados frente ao poder. De qualquer forma, a Prússia do século XIX, empregadora de Ranke na Universidade de Berlim, se enquadra na descrição clássica da *Realpolitik*, num contexto histórico de ascensão das potências e das disputas imperiais que delinearão os contornos da Europa contemporânea:

O realismo enfatiza a natureza anárquica do sistema internacional, no qual não há legislatura, judiciário ou força policial efetivas. Em tal sistema, de acordo como o modelo de *realpolitik*, as Nações-Estado perseguem seus próprios interesses e concebem estes interesses nacionais primariamente em termos de poder. As Nações-Estado temem a conquista por outras nações e assim constroem capacidades nacionais (incluindo armamentos) e formam coalizões (incluindo alianças militares) para proteger a si mesmas. (...) Os realistas acreditam que a defesa da independência nacionais depende da implementação bem sucedida de políticas nacionais (diplomacia, força militar e formação de alianças) para formar uma “balança de poder” contra os Estados revisionistas.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> “Broadly speaking, realism in social science is the analysis of human relations emphasizing power and strategy. In study of relations among sovereign states (...), realists theories attempt to describe how states do behave and to prescribe how they ought to behave. This mixture of scientific hypotheses and policy advice has always been strength of realism and yet also a source of potential confusion. To distinguish between the is and the ought, we will call the descriptive or explanatory side of realistic theory the *realpolitik* model, while we call the prescriptive side normative power politics or normative realism.” WAYMAN, Frank W.; DIEHL, Paul F. *Realism Reconsidered. The Realpolitik Framework and Its Basic Propositions*. In: **Reconstruction Realpolitik**. Michigan, Michigan University Press, 1994, p. 3.

<sup>100</sup> „Realism emphasizes the anarchic nature of the international system, in which there is no effective legislature, judiciary, or police force. In such a system, according to the *realpolitik* model, nation-states pursue their own national interests and conceive these national interests primarily in terms of power. Nation-states are fearful of conquest by other nations and therefore build up national capabilities (including armaments) and form coalitions (including military alliances) to protect themselves. (...) Realists believe that the defeat of the national independence hinges on the successful implementation of national policies (diplomacy, military strength, and alliance formation) to form a “balance of power” against revisionists States.” Idem, p. 4.

Da mesma forma, a apresentação da primeira edição da revista dá o tom de sua preocupação, definindo sua natureza de pensar uma teoria política voltada para a *realidade*:

Então, seria a nossa intenção de incluir de acordo com o mais importante, o que é um contemporâneo pensante pode querer aprender sobre seu tempo não a partir de qualquer conceito, mas compreender em sua realidade e em completa convivência. Este é o espírito da investigação que segue, o espírito de puro amor imparcial a verdade, esta é a nossa intenção.<sup>101</sup>

Em seguida, mantendo o espírito de reforma dos estudos históricos já contido no anexo da *História dos Povos Latinos e Germânicos*, expõe-se por completo o que Ranke compreendia por uma “nova teoria política”<sup>102</sup>. A noção de “balança de poder” é também o núcleo central do artigo *Os Grandes Poderes*, o qual Ranke publica na revista em 1833, e é sintetizada curiosamente em paralelo com o desenvolvimento de uma literatura nacional<sup>103</sup>

Considerando a preocupação com esse equilíbrio, que deve levar em conta os diversos elementos da constelação de poderes, o império otomano surge como uma preocupação igualmente importante. Nesse momento, ainda que Ranke se debruçasse sobre o tópico da formação da Europa moderna (como visto na *História dos Papas*), a questão oriental ainda é, portanto, objeto importante de sua reflexão. E percebe-se, igualmente, que a reestruturação do texto da segunda edição da *História da Sérvia* seguirá os critérios levantados por esse tipo de debate em torno da *Realpolitik* acima mencionados<sup>104</sup>.

Em 1836, Ranke profere também sua aula magna na universidade de Berlim<sup>105</sup>, intitulada *Sobre a Relação e Distinção entre Política e História (De historiae et politicae cognatione atque discrimine)*, um dos textos mais importantes para compreender o que Ranke chama de “relação indireta” entre os campos político e histórico, além de fornecer chaves para o pensamento propriamente político de Ranke. Isso reforça a importância do tema da política para o momento profissional vivido pelo historiador, além da importância do assunto para os estudos históricos oitocentistas e para um homem politicamente

<sup>101</sup> “ So wäre unsere Absicht, nach um nach das Wichtigste zu umfassen, was ein denkender Zeitgenosse zu erfahren wünschen kann, um seine Zeit nicht nach irgend einem Begriff, sondern in ihrer Realität zu verstehen und völlig mitzuleben. Dies in dem Geiste eingehender Erforschung zu versuchen, in dem Geiste reiner unparteiischer Wahrheitsliebe, das ist unser Vorsatz.“ RANKE, Leopold von. Einleitung. In: **Historisch-Politische Zeitschrift. 1. Band.** Hamburg: Friedrich Perthes, 1832, p. 8.

<sup>102</sup> RANKE, Leopold von. Einleitung. In: **Historisch-Politische Zeitschrift. 1. Band.** Hamburg: Friedrich Perthes, 1832, p. 3.

<sup>103</sup> RANKE, Leopold von. Die großen Mächte. In: . In: **Historisch-Politische Zeitschrift. 2. Band.** Berlin: Dunkler und Humblot, 1833-1836, p. 50-51.

<sup>104</sup> Ver o capítulo II, item 1.2.

<sup>105</sup> Segundo Roger Wines, a promoção na universidade acontece em 1824 por conta dos serviços prestados como editor da *Historisch-Politisch Zeitschrift*.



formado e informado. Assim, a tríade em que se encontram expostos explicitamente os pressupostos políticos de Ranke, *Sobre a Relação e Distinção entre Política e História*, *Diálogo Político* e *Os Grandes Poderes*, datam todos desse período da década de 1830. Pode-se mesmo aventar que foi a explicitação da orientação política de Ranke que o levou a ocupar sua posição em Berlim, pois esta criou um ambiente de confiança por parte das autoridades<sup>106</sup>:

Como o primeiro ministro de assuntos exteriores, Acillon, apontou ao ministro da educação, Altenstein, a promoção de Ranke era desejável “mais pelo interesse geral do estado do que da universidade” e inicialmente seu pagamento saía do tesouro real ao invés do orçamento da universidade. À Faculdade de Filosofia nunca foi requerida uma votação do apontamento e ela foi informada apenas posteriormente sobre ele. A grande série de trabalhos de Ranke, começando com a História dos Papas, a qual ganhou para ele reputação internacional, foram publicadas após ele ter ganhado status profissional. Apesar de seu trabalho de editor no jornal ter cessado em 1836, Ranke permaneceu um apoiador conservador do governo prussiano nas controvérsias relacionadas à liberdade acadêmica.<sup>107</sup>

Assim como já percebido na revista, as considerações históricas de todas as edições *d'A Revolução Sérvia* tem um interesse nitidamente na política do presente. A presença pública de Ranke se torna, de forma geral, mais politicamente orientada durante a década de 1840, o que pode ser percebido no caráter de seus escritos. A coroação desse processo de aproximação com o poder prussiano acontece em 1848, com a publicação de suas celebradas *História da Reforma (Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation)* (1839–1847) e *História da Prússia (Neun Bücher preussischer Geschichte)* (1847–1848)<sup>108</sup>, duas obras que, não por coincidência, tratam da história de sua própria terra

<sup>106</sup> “(...) equally sincere, and equally naïvely, he believed in the good intentions of the autocratic Prussian Government; and indeed he had personally experienced nothing but benefits at its hands; he believed in its wish and its ability to promote the interests of the whole nation. We see, then, Ranke in the grip of a great contemporary intellectual movement. We observe, moreover, that his career under the protection of the Prussian Government could not but confirm him in the conservative temper that went naturally with this new vie of human society and of history.” (GEYL, Pieter. *Ranke in the light of the catastrophe*. In: *Debates with historians.*, p. 6)

<sup>107</sup> “As the foreign minister, Acillon, remarked to the minister of education, Altenstein, Ranke’s promotion was desirable “more in the general interest of the state than in that of the university”, and initially he was paid out of the general treasury rather than from the university budget. The philosophical faculty was never asked to vote on the appointment, and was informed only afterward that it had taken place. Ranke’s great series of works, beginning with the History of the Popes, which earned him an international reputation, were published after he had gained professional rank. Though his editorship of the journal ceased in 1836, Ranke remained a conservative supporter of the Prussian government in university controversies relating to academic freedom.” WIENES, Roger. Introduction to *On the Relation of and Distinction Between History and Politics*. In: RANKE, Leopold von. **The Secret of World History. Select Writings on the Art and Science of History**. Edited and translated by Roger Wines. New York: Fordham University Press, 1981, p. 105.

<sup>108</sup> Assim como a Revolução Sérvia, a História da Prússia sofrerá uma revisão e consequente alargamento do seu conteúdo entre os anos de 1878 e 1879, indo então de nove tomos para doze.

natal<sup>109</sup>. O impulso não passa ao largo d'A *Revolução Sérvia*, que é completamente reestruturada para sua segunda edição, ganhando um formato mais notadamente “rankeano”, ou seja, passa a ser mais parecida com os demais escritos de Ranke no que diz respeito aos temas e à abordagem formal: recheada de informações estratégicas e grandes cenários de diplomacia.

### **3. A APOSENTADORIA É SÓ O COMEÇO (DÉCADAS DE 1870-1880)**

#### **3.1. Academias e as pequenas “embaixadas rankeanas”**

A biografia de Ranke, principalmente nas últimas duas décadas de sua vida, parece formar coro com a famosa declaração de Sherlock Holmes em *O Signo dos Quatro*: “*I cannot live without brain-work. What else is there to live for?*”. Em 1871, Ranke se aposenta da docência formal na Universidade de Berlim, mas continua com os seminários de estudos e com as pesquisas sobre a história alemã. Nesse momento, sua influência como historiador já havia formado certa escola histórica de pensamento que se estabeleceu inclusive em outros países, notadamente nos Estados Unidos<sup>110</sup> e, como bem coloca Geyl, “as academias vieram a jurar perante Ranke.”<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup> A ligação entre política a posição na revista é bastante nítida: “(...) He was made editor of that little sheet the *Historisch-Politische Zeitschrift* in order to defend Prussian Government policy against the Liberals and their theories of Constitution and Parliament.” (GEYL, op. cit., p. 5)

<sup>110</sup> A amplitude da influência de Ranke sobre a disciplina histórica dos Estados Unidos não pode ser subestimada. Como relata Edward Muir sobre a constituição da coleção rankeana da Syracuse University, “Based on the model of the Berlin seminar, students of Ranke established America’s first Ph.D. program in history at The Johns Hopkins University. Another veteran of Ranke’s seminar, Charles W. Bennett, became the first professor of history at the new university founded in 1870 at Syracuse. In its early years the fledgling university tried to do everything at once: raise money, recruit well trained faculty, start teaching students, provide classrooms, equip laboratories, and acquire a library collection. The last was a very pressing need. During the 1880s when benefactors offered to help building up the library, Bennett returned to Berlin and began negotiations with his old mentor to purchase at Rank’s death the extraordinary personal library the historian had assemble in developing his method and writing his books. (MUIR, Edward. Leopold von Ranke, his Library, and the Shaping of the Shaping of Historical Evidence. In: *The Courier*, 22.1 (1987), p. 4)

<sup>111</sup> “(...)the academies came to swear by Ranke.”GEYL, op. cit. p. 11. O autor também reintera, acerca da influência rankeana, que o “Historicism was by no means confined to Germany, and the influence of Ranke helped to spread it over the world.” (idem, p. 13)



*Detalhe da pintura perdida de Julius Friedrich Anton Schrader de 1868. Cópia por Adolf.*

A relação de Ranke com as altas esferas do poder também continuava intocada, como é demonstrado pelas cartas ao Kaiser Wilhelm<sup>112</sup> e ao chanceler Bismarck<sup>113</sup> em agradecimento ao recebimento de um diploma honorário. Não pode ser esquecido que em 1865 Ranke tem acrescentado ao seu nome o “von”, ou seja, o rei Wilhelm I concede ao historiador o título de nobreza, uma estampa de que ele, pelos menos na ritualística dos títulos, “fazia parte do clube”.

A política de boa vizinhança com os Hohenzollen, assim como o reconhecimento do progresso que Ranke havia trazido para a disciplina histórica, levavam o historiador a ser consultor na formação de algumas academias científicas na Alemanha, já iniciadas desde 1854, quando o historiador proferiu as conferências para o rei Maximilian Joseph da Baviera<sup>114</sup>. Assim, em 1871, Ranke submete uma petição a Bismarck para o estabelecimento da Academia de História e Língua Alemãs (*Akademie für Deutsche*

<sup>112</sup> Wilhelm I (Wilhelm Friedrich Ludwig) (1797 – 1888), dos Hohenzollern, foi rei da Prússia entre 1861 e 1888 e o primeiro imperador alemão (1871 – 1888). Foi durante seu governo, juntamente com o primeiro ministro Otto von Bismarck, que acontece a unificação alemã e o estabelecimento do império.

<sup>113</sup> Otto Eduard Leopold von Bismarck-Schönhausen (1815 – 1898), conhecido como o chanceler de ferro, levou à frente o projeto político do Segundo Império Alemão (II. Deutscher Reich), que duraria de 1871 a 1918. Entre 1832 e 1833, estudou direito na Universidade de Göttingen, matriculando-se na Universidade de Berlin, onde permaneceu entre 1833 e 1835. Começou sua carreira como advogado em Aachen e Potsdam. Ingressa na política em 1847 com uma cadeira na Dieta (Landtag) prussiana, participando como representante de Prússia na Dieta de Frankfurt em 1850, destacando-se pelo conservadorismo e posição antiaustríaca. Foi embaixador em São Petersburgo e Paris, retornando a Berlin em 1862, sendo nomeado por Wilhelm I primeiro ministro. O sucesso na guerra contra a Dinamarca, em 1864 (garantindo a posse do Schleswig-Holstein) assegurou o poder de Bismarck. Em 1865, Bismarck recebe o título von Bismarck-Schönhausen. A vitória contra a Áustria, em 1866, cedeu a liderança do mundo germânico à Prússia e a guerra franco-prussiana (1870) consolidou o poderio prussiano na balança dos poderes europeus. Em 1871, recebe o título de príncipe e em 1890 de duque von Lauenburg.

*Geschichte und Sprache*) inspirada, segundo o próprio Ranke, na Academia Científica de Munique (*Akademie der Wissenschaften in München*), criada em 1858 sob os auspícios do rei Maximilian com consultoria do próprio Ranke.<sup>115</sup> O objetivo dessa academia histórica prussiana vinha ao encontro de ideias centrais na concepção histórica de Ranke, aquilo que diz respeito a uma concepção estética da história, uma preocupação com a forma de se escrever histórias, “fundar uma academia para o desenvolvimento da escrita alemã que deveria ser ao mesmo tempo fortalecer os próximos escritores.”<sup>116</sup> Assim, Ranke funda uma espécie de ordem própria guiadas por sua visão do que deveria ser a pesquisa histórica:

Ranke foi capaz de “monopolizar” o projeto da *Monumenta Germaniae Historica* em Berlim assim como a comissão histórica designada para a academia bávara (o rei bávaro foi aluno de Ranke). Ranke direcionou o trabalho profissional disponível para seus alunos e apenas para eles. Os alunos, portanto, podiam sobreviver trabalhando no material de pesquisa que podiam também utilizar em seus próprios propósitos, o que os colocava em posição muito melhor do que qualquer outro competidor.<sup>117</sup>

Da mesma forma, uma série de cálculos institucionais garantiu o controle de algumas áreas para os alunos de Ranke e sua inserção em várias universidades alemãs, o que garantiria a continuação de sua “linhagem historiográfica”:

### 3.2. História Universal, Obras Coligidas e a Sérvia

A disposição para o trabalho na década de 1880 permanecia a mesma como pode ser visto pela correspondência de Ranke para seu editor acerca da publicação da *História Mundial*. O ritmo de trabalho para a publicação da *História Mundial* era acelerado. Em 11 de março de 1882, Ranke escreve ao seu editor:

<sup>115</sup> RANKE, ZEG, p. 696.

<sup>116</sup> ““eine Akademie für die Entwicklung der deutschen Schriftsprache zu gründen, die zugleich eine Bereinigung der namhaftesten Schriftsteller bilden sollte.” Op. cit, p. 696

<sup>117</sup> “Ranke was able to “monopolize” the Monumenta Germaniae Historica project in Berlin as well as the historical commission set up by the Bavarian academy (the Bavarian king was Ranke’s student). Ranke recurred the professional work available within these projects for his students, and for his student only. The students thus could make a living working on research material which they could also use for their own purposes, which put them into a much better position than any other competitors.” WOCKOECK, Ursula. **German Orientalism: The Study of Middle East and Islam from 1800 to 1945**. New York: Routledge, 2009, p. 291, nota 10.

Minha intenção é fazer com que a terceira parte da história do mundo também apareça em duas divisões, mas de uma maneira um pouco diferente; a primeira, um pouco maior do que as anteriores, deve conter o texto histórico que vai tratar do período de Augusto a Constantino, incluindo as origens do cristianismo; o segundo constará dos *Analectos*. Além disso, queremos levar à cabo outras consultas. O meu pedido então é levar a impressão à cabo de modo que não precise ser apressada no mês de novembro com as provas, como no ano de 81. É realmente uma superprodução, o que pode ter consequências nefastas. Porque assim poderá ser previamente para assegurado que a impressão é capaz de suportar a pressão e continuar ininterruptamente no mesmo padrão.<sup>118</sup>

Sobre o mesmo assunto, compartilha com o irmão Ernst em setembro de 1882<sup>119</sup>:

No dia dez de setembro, não sei forma melhor de celebrar (tão perto que penso você esteja ligado a mim em meu trabalho) do que com o fato de que a terceira parte da História do Mundo está perto de sua conclusão. Os *Analectos* já se encontram amplamente vendidos. Isso levaria a nada, se eu quisesse enviar-lhe as três primeiras partes novamente, especialmente desde que eu não sei exatamente onde você realmente se encontra. A última correção nada mais é do que o seu nome adicionado à nota dizendo que você é meu irmão. Pela primeira vez, até onde eu me lembro, eu fui levado a dizer isso; Digo-vos mais uma vez muito obrigado por sua leitura cuidadosa da primeira seção do *Analectos*. Isso me dá a mesma satisfação e relação a você e o *Josephus*. Se não fosse por sua revisão, me sentiria então preocupado com a publicação. Também quanto ao principal trabalho não tenho certeza do sucesso, pois tenho que lidar igualmente com a monarquia e a religião, assim como para simples antipatias literárias. Também no principal shopping ainda tenho a certeza do meu sucesso nicht porque eu tenho que agir nele de monarquia e religião, ao mesmo tempo, que eu tenho que olhar para a frente para mais um , como *Antupathien* meramente literário. Não há outra wae agora uma vez; Eu quero hesitar o quanto queira e então eu não poderia escrever nada diferente.<sup>120</sup>

<sup>118</sup> “Meine Absicht ist, den dritten Theil der Weltgeschichte ebenfalls in zwei Abtheilung erscheinen zu lassen, jedoch in etwas abweichender Art; der erste, etwas umfangreicher als die früheren, soll den historischen Text, der die Epoche von Augustus bis Constantin, also auch die Anfänge des Christenthums behandeln wird, enthalten; der zweite die vielbeschroenen *Analekten*, welche Sie abgesondert herauszugeben Bedenken trugen. Darüber wollen wir dann weiter Rücksprache nehmen. Meine Bitte wird dann dahin gehen, den Druck so einzurichten, daß ich nicht im Monat November mit den *Correcturen* so überhäuft zu werden brauche, wie in dem Jahre 81. Darin liegt wirklich eine Überreizung, welche schädliche Folgen haben kann. Dafür also wird im voraus zu sorgen sein, daß die Buchdruckerei im Stande sei, den Druck zu übernehmen und ununterbrochen gleichmäßig fortzusetzen.“ RANKE, op. cit, p. 551.

<sup>119</sup> Ernst Constantin Ranke (1814 – 1888) foi teólogo protestante e trabalhou, em 1850, como professor de história da igreja e de exegese na Universidade de Marburg, da qual foi reitor entre 1865 e 1866.

<sup>120</sup> “Den zehnten September weiß ich nicht besser zu feiern (so enge glaube ich Dich mir auch in meiner gestigen Arbeit verbunden) als damit, daß der dritte Theil der Weltgeschichte seiner Vollendung nahe ist. Auch die *Analekten* find bereits größtentheils abgesetzt. Es würde zu nichts führen, wenn ich Dir die drei ersten Bogen nochmals zuschicken wollte, zumal ich nicht genau weiß, wo Du Dich eigentlich befindest. Bei der letzten *Correctur* ist nichts weiter hinzugekommen als bei Deinem Namen die Notiz, daß E. R. Mein Bruder ist. Zum ersten mal, soviel ich mich besinne, war ich veranlaßt, dies auszusprechen; ich sage Dir nochmals herzlichen Danke für die sorgfältige Durchsicht des ersten Abschnittes der *Analekten*. Es gereicht mir zur Genugthuung, daß Du auch in Bezug auf *Josephus* mir beistimmst. Wäre es nur möglich gewesen, Dich auch bei den folgenden Abschnitten herbeizuziehen, ich würde dann bei der Publikation weniger Bedenken empfinden. Deren find immer noch ganz manche. Auch bei dem Hauptwerk selbst bin ich meines Erfolges nicht ganz sicher Denn ich habe darin von Monarchie und Religion zugleich zu handeln, wobei ich noch ganz andern, als bloß literarischen *Antupathien* entgegensehen muß. Anders wae es nun einmal nicht; ich möchte zögern, so lange ich wollte so würde ich doch nicht anders schreiben können.“ RANKE, cit. op., p. 553.

Entre 1867 e 1890, Ranke inicia a compilação de suas obras (*Sämmlische Werke*), pensado então sua produção como um todo:

Nos primeiros anos de sua aposentadoria, Ranke se dedicou a arrendondar sua contribuição à história alemã e compartilhá-la ao editar seus trabalhos completos (54 volumes, 1873-1890). Aos 80 anos de idade e quase cego, ele dependia da pesquisa e dos seus assistentes. A indústria do velho homem consumia suas energias.<sup>121</sup>



*Fotografia de Ranke aos 82 anos (1877).*

A empreitada indica que Ranke percebia a extensão de seu reconhecimento, começando a construir para si uma espécie de legado que deixaria para a posteridade e, para tal, uma revisão minuciosa de todas as pesquisas era necessária<sup>122</sup>.

Como historiador, Ranke sabia como poucos o valor de deixar gravado o entendimento próprio sobre sua trajetória, o que resultou na produção e compilação de alguns textos biográficos. Nesses textos, vê-se a tentativa por parte de Ranke de pensar sua própria

<sup>121</sup> “For the first years of his retirement Ranke devoted himself to rounding out his contribution to German history and to share in editing his complete works (54 volumes, 1873-1890). At 80 years of age and almost blind, he depended upon research and secretarial assistants. The old man’s industry taxed their energies.” FITZSIMONS, op. cit., p. 551. Há inclusive uma espécie de celebração heroica do ancião Ranke dentro da história da historiografia: “He was feeble, sunken, and almost blind, scarcely able to read or write”, so Acton told his audience at Cambridge afterwards. “He uttered his farewell with kindly emotion, and I feared that the next I should hear of him would be his death”. Instead, there came another lot of volumes, of a World History, which was broken off somewhere in the late Middle Ages when the old man died, in 1886, in his ninety-first year” GEYL, op. cit., p.2)

<sup>122</sup> Ranke escreve em carta de 21 de março de 1879 a Carl Geibel: “Ich freue mich, daß ein kundiger Mann an der Revision des Druckes Theilnehmen Will, der dann hoffentlich vollkommen correct ausfällt. Längere Berzögerungen aber wären doch unangenehm“ (RANKE, op. cit, p. 545).

história de vida em meio à história universal – cujo exemplo lapidar é o começo de seu ensaio autobiográfico de 1885, que costura sua trajetória pessoal aos grandes acontecimentos da transição do século XVIII e XIX<sup>123</sup>:

Nasci no ano em que a Paz de Basileia foi acordada, a primeira tentativa de um acordo entre a Revolução que reformulou a França e o Estado Prussiano, usando os princípios conservadores do mundo europeu; mais uma tentativa de compreensão, como uma paz que existia nos dois elementos opostos.<sup>124</sup>

A síntese deste “pensar-se historicamente” se dá pela inclusão, nos quinquagésimo terceiro e quarto volumes do *Sämmtliche Werke*, de *Sobre a Própria História de Vida* (*Zur eigenen Lebensgeschichte*), no qual consta uma seleção de correspondências, entradas de diários e ensaios biográficos e cuja publicação fora realizada postumamente (1890) sob a direção de Alfred Dove, aluno e discípulo de Ranke<sup>125</sup>.

Outro fator que justifica o interesse pela edição das obras coligidas é o último projeto de Ranke, o qual ele não viveria para ver finalizado: a composição da já citada *História Universal*<sup>126</sup>. A revisão de tudo que havia escrito ajudava a repensar e fundamentar o vasto

<sup>123</sup> O nome do ensaio, Ditado de Novembro de 1885 (Dictat von November 1885) é resultado da comemoração do nonagésimo aniversário de Ranke. O fato de ser um ditado justifica-se pela condição física de Ranke, uma vez que o historiador, nesse momento, estava praticamente cego e necessitava do auxílio de seus alunos para ler e redigir, ditando assim os conteúdos que desejava. A longa e ativa vida de Ranke fez dele não só um intérpreta da história como também uma memória viva dos acontecimentos que marcaram a Europa oitocentista: “Nada das transformações que ocorreram no longo século XIX europeu, em particular na Prússia, da qual se tornou súdito compulsório em 1815, escapou-lhe. Entre 1795 e 1886 testemunhou as mudanças trazidas pelo ciclone napoleônico, viveu a ordem do Congresso de Viena e viu instalar-se o Império Alemão. Sua relevância social, política, histórica e cultural faz dele um protagonista incontornável do século XIX.” (MARTINS, Estevão; CALDAS, Pedro. Leopold von Ranke (1795-1886). In: BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio. **A Constituição da História como Ciência. De Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013, p.14).

<sup>124</sup> “Ich bin in dem Jahre geboren, in welchem der Friede von Basel geschlossen worden ist, der erste Versuch einer Abkunft zwischen dem durch die Revolution umgestalteten Frankreich und dem preußischen Staate, der die conservativen Principien der europäischen Welt in sich trug; mehr ein Versuch der Verständigung, als ein Friede, bei dem beiden entgegengesetzten Elemente in Jahrzehnt einander gegenüber bestanden.“ Ranke, *Zur Eigene Geschichte*, p. 56

<sup>125</sup> Alfred Wilhelm Dove (1844 – 1916) foi historiador e editor. Em 1861, começa a estudar medicina e ciências naturais na Universidade de Heidelberg; no ano seguinte vai para a Universidade de Berlim, onde começa os estudos de história. Em 1870, vai para Leipzig e torna-se redator da revista *Die Grenzboten*, trabalhando depois para a revista *Im neuen Reich*. É em Leipzig que consegue em 1873, sua habilitação, tornando-se, no ano seguinte, professor de História na Universidade de Breslau, sendo promovido para professor ordinário em 1879, mas muda-se para Universidade de Bonn em 1884. É redator do *Allgemeinen Zeitung* em 1891 e em 1894 entra para a Academia de Ciências da Baviera. Em 1897, segue para a universidade de Freiburg, onde leciona até 1905. De 1901 a 1906 e de 1907 até 1912 foi presidente da Comissão Histórica de Baden.

<sup>126</sup> Ranke escreve ao editor Geibel, em 1880: “Wenn Sie mich etwa in vierzehn Tagen wieder besuchen, so denke ich, Ihnen als dann ein neues Manuscript einhändigen zu könne Zunächst sollen zwei Bände von mäßigem Umfange, etwa zu dreißig Bogen erscheinen, welche die ältere Geschichte, eingeschlossen die griechische, enthalten werden; überdies aber einen ansehnlichen Anhang gelehrter Erörterungen. Die beiden Bände sollen zusammen erscheinen un nur eine einzige Liefering ausmachen. Ich würde dann wünschen, den Druck möglichst bald in Angriff nehmen zu sehen. Villeicht könnte das Buch noch gegen Ende des Jahres erscheinen. (RANKE, op. cit, p. 546).

campo de pesquisa que Ranke construía em aproximadamente cinquenta anos, fornecendo assim diversas singularidades (ou diversas histórias nacionais) a partir das quais poderia ser pensado um quadro mais amplo de interações nacionais mundiais. Nas palavras de Dove para a introdução do volume:

Especialmente a empreitada da História Universal era o que Ranke havia sido impedido de fazer, a soma de suas memórias de trabalho da sua própria vida, na qual são refletidos tanto o curso geral dos acontecimentos do século XIX como uma parte do movimento histórico universal.<sup>127</sup>

Dentro do projeto das obras coligadas, que conta com cinquenta e quatro volumes, os quadragésimo terceiro e quadragésimo quarto volumes, datados de 1879, são dedicados à questão oriental, contendo o texto da segunda edição *da História da Sérvia* e outros textos produzidos para artigos e conferências cuja temática tocava o império otomano, toso reunidos sob o título *Sérvia e a Turquia no Século Dezenove (Serbien und die Türkei im neunzehnten Jahrhundert)*. Ranke relata, em 15 de abril de 1879, a Alfred von Reumont<sup>128</sup>:

O que você pode esperar da próxima vez, é uma nova edição do meu livro sobre a Sérvia com adições retiradas do campo das condições políticas do século XIX. Foi para meu próprio espanto (particularmente os relatos do cônsul geral prussiano Meroni em Belgrado) quando vi que os arquivos tratavam de uma história contemporânea e ainda praticamente desconhecida dos anos cinquenta e sessenta deste século; acho que é o tipo de tesouro para se agarrar, mas espero que o mundo a acreditar que o mundo o veja tão favoravelmente como o primeiro.<sup>129</sup>

Logo, percebe-se que Ranke via ainda a história balcânica com destaque. O historiador obteve sucesso em relatar grande parte da história contemporânea sérvia e via a última edição como o completar de um ciclo no qual aquela primeira edição de 1829 tinha destaque pelo arrojamento, mas a história de seus amigos eslavos estava longe de terminar.

<sup>127</sup> „Gerade das weitführende Unternehmen der Weltgeschichte war es, was Ranke daran verhindert hat, der Summe seiner darstellenden Arbeiten Denkwürdigkeiten des eigenen Lebens hinzuzufügen, in denen sich zugleich der allgemeine Gang der Begebenheiten des 19 Jahrhunderts als ein mitempfundenes Stück der universalhistorischen Bewegung wiederspiegeln sollte.“ DOVE, Alfred. Vorrede. In: Zur eigene Lebensgeschichte, p. v.

<sup>128</sup> Alfred von Reumont (1808 – 1887) foi acadêmico e diplomata. Recebeu educação nas universidades de Bonn e Heidelberg. Sob ordens do serviço diplomático prussiano, serviu nas embaixadas de Florença, Constantinopla e Roma, participando também da Repartição de Assuntos Estrangeiros em Berlim. Foi amigo e conselheiro de Frederick Wilhelm IV. Em 1879, fundou a Associação Histórica de Aaschener (Aaschener Geschichtsverein), cujo acesso pode ser feito através de <http://www.aaschener-geschichtsverein.de/>.

<sup>129</sup> “Was Sie nächstens zu erwarten haben, ist eine neue Ausgabe meines Buches über Serbien mit Zusätzen, die sehr ins Gebiet der Politik des 19. Jahrhunderts streifen. Es gereichte mir selbst zum Erstaunen, als ich die Akten (besonders die Berichte des preußischen Generalkonsuls Meroni in Belgrad) ansah, daß darin eine zeitgenössische und doch eigentlich unbekannte Geschichte aus den fünfziger und sechsziger Jahren des Jahrhunderts lag; ich glaube Art von Schatz zu heben, bin aber freilich weit davon entfernt zu glauben, daß die Welt die neue Produktion so günstig ansehen wird, als die frühere.“ RANKE, op. cit, p. 545



Se naquele momento de publicação da terceira edição as coisas pareciam encaminhar-se para um desfecho mais favorável aos eslavos com o Congresso de Berlim (1878), inaugurando assim uma nova fase nas relações diplomáticas do leste europeu, não muito após a morte do historiador, a região voltaria a mergulhar em sérios conflitos com a guerra dos Bálcãs (1912-1913) e seria cenário da eclosão da *Primeira Guerra Mundial*, em 1914, com o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, do império austro-húngaro, em Sarajevo. E talvez não surpreendesse Ranke o fato de que o alargamento da Sérvia fosse item importante dessa equação, uma vez que as ideias que fomentaram aquilo que ficou conhecido como “*Grande Sérvia*”, ou seja, o nacionalismo sérvio que levou ao expansionismo e conseqüente atrito com as nações vizinhas, haviam sido gestadas justamente na época de Ranke e eclodiram violentamente na primeira metade do século XX.

## CAPÍTULO II

### SÉRVIA MUTATIS MUTANDI Histórico das edições e a questão da autoria

---

IF YOU MUST WRITE PROSE/POEMS  
THE WORDS YOU USE SHOULD BE YOUR OWN  
DON'T PLAGIARISE OR TAKE "ON LOAN"  
'CAUSE THERE'S ALWAYS SOMEONE, SOMEWHERE  
WITH A BIG NOSE, WHO KNOWS  
AND WHO TRIPS YOU UP AND LAUGHS  
WHEN YOU FALL  
*The Smiths, Cemetery Gates (1986).*

#### 1. PREÂMBULO: RECAPITULANDO A HISTÓRIA SÉRVIA

A história da Sérvia e dos demais países do chamado “leste europeu” é distante da maioria dos brasileiros por muitos motivos, assim como parece ser tudo que ocupa a porção oriental do planeta. Consideradas culturas bastante diferentes da nossa, cujos idiomas oferecem forte barreira, não é hábito da formação histórica brasileira a compreensão – seja histórica ou geográfica – dessa porção do globo. Suas nações não constituem o que poderíamos chamar de “primeiro escalão” dos poderes mundiais, apesar de um olhar mais atento revelar a importância central desses povos durante todos os períodos da história. Além disso, o Brasil país não recebeu um número representativo de imigrantes dessa região a ponto de história deles se misturasse indissociavelmente à dos brasileiros, o que aumenta o distanciamento.

Ademais, as informações históricas de tais países aparecem frequentemente apenas no que tange sua relação com nações-potências e quando são palco de acontecimentos cujo impacto é global (como no caso de Primeira Guerra Mundial ou da Guerra Fria), relacionando os países dos Bálcãs apenas à formação do mundo contemporâneo mais recente. Mas o que acontecia nessa região (e principalmente na Sérvia, que interessa no

momento mais de perto) antes de 1914<sup>1</sup>? Levando em consideração o tema aqui exposto e pressupondo a lacuna no conhecimento histórico geral dos Bálcãs, é preciso então, para a compreensão dos temas trazidos por Ranke, traçar de forma muitíssimo breve os movimentos básicos da história sérvia e dos outros poderes citados no texto n’*A Revolução Sérvia*.

O marco inicial para o assunto tratado na obra de Ranke não é a Sérvia propriamente dita, mas sim a formação do império otomano (também chamado de Império Turco ou Império Turco-Otomano) a partir do ano de 1299<sup>2</sup>. Em meio à história medieval, o primeiro entrave e principal rival na expansão turca foi o antigo Império Bizantino (este compreendia inclusive a região balcânica), que já se apresentava em declínio no século XIII<sup>3</sup>. Aproveitando-se da fragmentação bizantina, Osman I, líder de um dos estados independentes que formavam a Anatólia turca e cujo nome deu origem à designação *otomano*, conquista territórios e promove a unificação turca.

---

<sup>1</sup> Devemos lembrar que um dos momentos mais comentados na historiografia do século XX por ser considerado o marco de início da Primeira Guerra Mundial foi justamente o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand em uma das capitais mais importantes do leste, Sarajevo, atual Bósnia e Herzegovina.

<sup>2</sup> “Otomano” é derivado no nome do primeiro líder turco a empreender a expansão, Osman I (c. 1280 –1324).

<sup>3</sup> “With the capture of Constantinople the Ottoman Empire gained a hub. Ideologically, the monarchy now considered itself a great conquering Islamic dynasty that by reducing Byzantium inherited also de legacy of Rome. Militarily, the city’s formidable defenses at the center of an enormous territory granted the state a sense of security and a launching point for further conquests. Economically, the new capital’s control of extensive hinterlands in the Balkans and western Anatolia, as well as seaborne access to the goods of the known world, would turn it into a principal financial and commercial gathering place and bring great wealth to its inhabitants and the imperial treasury. Socially, the city’s depopulated state in 1453 provided an opportunity for the Ottomans to re-form it in their image, and, at first by force, and then by preference, Armenian, Greek, Jewish, foreign, and Muslim Turkish settlers soon had constructed a polylingual, polyethnic, and polyreligious metropolis that existed and thrived in striking contrast to non-Ottoman cities in the Mediterranean and European worlds.” GOFFMAN, Daniel. *The Ottoman Empire and Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 54.



*Extensão do Império Bizantino nos séculos XI e XII*

Unindo culturas religiosas diversas como a cristã ortodoxa obediente a Bizâncio<sup>4</sup> e a islâmica trazida pelos turcos<sup>5</sup>, o império otomano atingiu uma unidade surpreendente e bem-sucedida, a qual Branimir Anzulovic chega a chamar de “*pax otomana*” em comparação ao modelo administrativo da Roma clássica.

A Guerra Santa teve a intenção não de destruir mas de submeter o mundo infiel, o *dârülharb*. Os otomanos estabeleceram seu império ao unir a Anatólia islâmica com os Balcãs cristãos sob seu domínio e, apesar de a contínua guerra santa ser o princípio fundamental do estado, o império emergiu, ao mesmo tempo, como protetor da Igreja Ortodoxa e de milhões de cristãos ortodoxos. O islã garantiu suas vidas e a propriedade de cristãos e judeus, com a condição de obediência e pagamento de impostos. Permitiu-os o exercício livre de suas próprias religiões e que vivessem de acordo com suas próprias leis religiosas. Vivendo numa sociedade de fronteira e misturando-se livremente com cristãos, os otomanos aplicaram estes princípios do islã com grande liberalidade e tolerância. Durante os primeiros anos do império, os otomanos buscaram

<sup>4</sup> A Igreja Ortodoxa é, na realidade, um conjunto de igrejas nacionais autocéfalas, ou seja, cada uma tem um chefe religioso próprio. A instituição é resultado da separação entre cristandade ocidental (que são fiéis da igreja católica romana) e os cristãos orientais (cuja Igreja tinha sede em Constantinopla, no Império Bizantino). Essa separação acontece em 1054, com a chamada Cisma do Oriente e a partir de então os cristãos ortodoxos não aceitam a autoridade papal e questionam vários dogmas da Igreja Romana. Diferentemente do papado, os líderes ortodoxos são considerados sucessores dos apóstolos de Jesus.

<sup>5</sup> O Islamismo é uma religião mais antiga do que a instituição do Império Otomano, uma vez que o calendário islâmico começa com a migração Hijira em 622. A conversão dos turcos se deu quando estes ainda ocupavam as planícies da Ásia Central e estes levaram sua fé quando migraram para Anatólia. Uma das características políticas importantes do islamismo é que ele possibilitou a coesão de tribos em volta de um objeto comum.

uma política que tentava assegurar a submissão voluntária e a confiança dos cristãos antes de apelar para a guerra.<sup>6</sup>

Durante os séculos XVI e XVII, o império anexou diversos territórios e transformou-se progressivamente numa dos maiores e mais culturalmente diversificados poderes mundiais, expandindo-se da Anatólia até a costa norte da África e ocupando os Bálcãs até as portas de Viena. Entre as capitais sob domínio otomano, arrolavam-se Budapeste, Istambul, Belgrado, Ankara, Bagdá, Damasco, Cairo, Medina, Trípoli e Tunísia, para citar apenas algumas cidades. Tais locais dão uma noção de que houve a agregação por parte do império daquilo tudo que o Ocidente chamaria de “Oriente Próximo”, formando assim um bloco com grande influência sobre as transações no Mediterrâneo<sup>7</sup>.

A década de 1350 marca a entrada dos otomanos nos Bálcãs (e conseqüentemente na Europa), que será efetivada em 1380 com a vitória turca na Batalha de Kosovo e o fim da autonomia sérvia:

(...) quando considerando as razões para o sucesso do império otomano, podemos apontar com certeza para um evento ocorrido em 1354 – a ocupação otomana de uma cidade (Tzympe), no lado europeu dos Dardanelos, um dos três rios que dividem a Europa e a Ásia (os outros sendo os Bósforos e o Mar de Mármara). A posse da cidade garantiu uma ponte segura para os Bálcãs, uma ponta de lançamento territorial que instantaneamente propeliu os otomanos para além de suas fronteiras rivais na Anatólia. Com esta posse, os otomanos ofereceram aos potenciais apoiadores vastas formas de enriquecimento – as terras balcânicas – que simplesmente não estavam disponíveis aos seguidores de outros monarcas ou chefes do outro lado dos rios asiáticos. (...) os Bálcãs ofereceram uma válvula de escape para as pressões populacionais crescentes na Ásia Menos ocidental e apenas os otomanos ofereceram acesso a ela.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> “Holy War was intended not to destroy but to subdue the infidel world, the dârülharb. The Ottomans established their empire by uniting Muslim Anatolia and the Christian Balkans under their rule and, although continuous Holy War was the fundamental principle of the state, the empire emerged, at the same time, as protectors of the Orthodox Church and millions of Orthodox Christians. Islam guaranteed the lives and property of Christians and Jews, on the conditions of obedience and payment of a poll tax. It allowed them free exercise of their own religions and to live according to their own religious laws. Living in a frontier society and mixing freely with Christians, the Ottomans applied these principles of Islam with the greatest liberality and tolerance. During the early years of the empire the Ottomans pursued a policy of attempting to secure the voluntary submission and confidence of the Christians, before resorting to warfare.” INALCIK Halil. *The Ottoman Empire: The Classical Age (1300-1600)*. Phoenix: Phoenix Press, 2001, p. 11.

<sup>7</sup> Ver o mapa da expansão do império no anexo I.

<sup>8</sup> “(...) when considering the reasons for Ottoman success we can point with certainty to an event that occurred in 1354 – the Ottoman occupation of a town (Tzympe), on the European side of the Dardanelles, one of the three waterways that divide Europe and Asia (the others being the Bosphorus and the Sea of Marmara). Possession of the town gave a secure bridgehead in the Balkans, a territorial launching pad that instantly propelled the Ottomans ahead of their frontier rivals in Anatolia. With this possession, the Ottomans offered potential supporters vast new fields of enrichment – the Balkan lands – that simply were unavailable to the followers of other dynasts of chieftains on the other, Asiatic, side of the narrow waters.

O auge do Império Otomano conta a partir do seu domínio sobre os povos balcânicos e a Hungria, durante a era de Solimão, o Magnífico (1520-1566). Tal região no sudeste europeu chamada de “Balcãs” é uma convenção que considera ao mesmo tempo uma unidade geográfica e cultural, incluindo vários subgrupos étnicos reunidos em torno de etnicidades como eslavos, latinos, gregos, romanos, albaneses e turcos, entre outros. No campo religioso são, de forma majoritária, três grandes grupos religiosos: cristãos ortodoxos, católicos e islâmicos. A conjunção de tantos povos e religiões diferentes é justificada pela sua posição entre a cultura e administração latina (romana) e grega durante a antiguidade, sendo assim um ponto de encontro de inúmeras populações que ficavam entre o Ocidente e Oriente. Os eslavos, ao quais geralmente são associados como etnia majoritária dos Balcãs, chegam à região no século VI d.C. e assimilam as populações endógenas<sup>9</sup>. Durante a Idade Média, a formação e fortalecimento dos impérios búlgaro e sérvio levam a uma série de guerras entre estes e o império bizantino. No que diz respeito especificamente à Sérvia, o governo de Stefan Nemanja<sup>10</sup>, a partir de 1166, é considerado aquele que deu estabilidade ao governo sérvio, com a posterior separação entre o poder político e religioso em 1217, estabelecendo-se assim o reino sérvio. No reinado de Dušan<sup>11</sup>, há a expansão do estado com a apropriação de territórios bizantinos e o monarca é coroado “imperador dos sérvios e gregos”. Uma consequência da proximidade com Bizâncio foi que “o Império Bizantino proveu o modelo para a instituições e cultura da

---

(...) The Balkans offered a relief valve for the population pressures building on western Asia Minor, and the Ottomans alone offered access to it.” QUATAERT, Donald. *The Ottoman Empire, 1700–1922*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 19.

<sup>9</sup> Por eslavo entende-se tanto uma identidade linguística como étnica de povos indo-europeus que ocupam a Europa central e oriental, sendo que mais da metade da Europa é ocupada por falantes de línguas eslavas. Sua ocupação dos Balcãs começa no século VI. A relação entre os povos eslavos é complexa, uma vez que existem entre eles ao mesmo tempo afinidades, diferenças culturais e até mesmo hostilidades. Os eslavos balcânicos são classificados como eslavos meridionais, enquanto os eslavos orientais são russos, ucranianos e bielorrussos e os eslavos ocidentais são tchecos, eslovacos, morávios e poloneses.

<sup>10</sup> Stefan Nemanja (c. 1113-1199) foi o primeiro de uma casa monárquica de grande importância para a primeira formação sérvia. Em seu reinado, não só a Sérvia atinge o status de Grande Principado como é com ele que a igreja nacional é fundada (o próprio Nemanja se torna monge no final da vida e é inclusive canonizado), o que possibilitou “the emergence of other independent social entities, and thus contributed to political, economic, and intellectual liberties” (cf, ANZULOVIC, Branimir. *Heavenly Serbia. From myth to Genocide*. New York: New York University Press, 1999, p.20). Seus filhos também se tornariam figuras centrais na política e cultura sérvia: Stefan Nemanjić foi o primeiro rei sérvio propriamente dito e São Sava foi o primeiro arcebispo da igreja sérvia e um dos santos mais cultuados dentro da ortodoxia sérvia.

<sup>11</sup> Stefan Dušan (c. 1308 – 1355) foi responsável pela conquista de grande parte do leste europeu e leva a Sérvia ao seu auge político, cultural, territorial e econômico. Em seu governo foi escrita a primeira constituição sérvia (o Códice Dušan) e a Igreja sérvia atinge o estatuto de patriarcado, ou seja,

Sérvia medieval.”<sup>12</sup> No entanto, o crescente poder otomano vinha de encontro aos sérvios e o choque entre os dois poderes, marcado pela Batalha do Kosovo<sup>13</sup>, dá início ao declínio do estado sérvio, marcado pela fragmentação característica do *despotado* – o poder dividido entre seis famílias que governavam seções distintas do antigo império sérvio. Apesar de várias tentativas sérvias de reverter a situação em relação aos otomanos, unindo forças inclusive com os húngaros, o poder otomano conquista os territórios centrais sérvios em 1459, com a vitória na batalha de Chernomen. Em 1521, cai Belgrado, apesar da cidade de Vojnodina (que foi anexada ao Império Habsburgo), resistir até o século XVI. Desta forma, a parte sul e central da Sérvia ficam sob os otomanos por mais de quatrocentos anos, se forem computadas as datas entre as primeiras conquistas e a declaração formal de independência. No que tangia os territórios dominados pelos otomanos, os cristãos sérvios foram relegados a uma posição social mais baixa, mas mediante o pagamento de taxas pesadas, as instituições sociais e culturas locais permaneceram relativamente intocadas, havendo inclusive um governo intermediário sérvio, o *patriarcado*, que deveria recolher os impostos e repassá-los aos otomanos.

A submerção de séculos da sérvia no império otomano foi sem dúvidas uma tragédia nacional. Os sérvios perderam suas elites culturais e políticas e suas instituições nacionais – com exceção da Igreja Ortodoxa Sérvia. Eles foram reduzidos a uma sociedade de camponeses e pequenos comerciantes em um império dominado por uma civilização estrangeira.<sup>14</sup>

A Sérvia contemporânea, prensada geograficamente entre três grandes impérios (otomano, austríaco e russo), conseguiu recuperar sua autonomia dos otomanos por um breve período, motivada principalmente pelos ataques do Império Habsburgo ao Otomano e pelo conjunto de rearranjos diplomáticos desencadeados pelas guerras napoleônicas. Contrapartes essenciais na política europeia do século XIX, a oposição entre os Impérios otomano e austríaco foi fundamental para a constituição final da Sérvia independente.

O Império Habsburgo foi uma monarquia que agregou vários territórios do Sacro-Império Romano e teve origem na atual Suíça, vindo a governar a Áustria, região que

---

<sup>12</sup> ““the Byzantine Empire provided the model for medieval Serbia’s institutions and culture.” ANZULOVIC, Branimir. *Heavenly Serbia. From myth to Genocide*. New York: New York University Press, 1999, p. 17.

<sup>13</sup> A batalha de Kosovo entra de forma poderosa para o imaginário sérvio, cujos elementos são mistificados e integrados tanto à liturgia (incorporação dos líderes ao hall de santos da Igreja sérvia) como às poesias e canções. Para ver sua apropriação poética e seu impacto no nacionalismo sérvio e montenegrino, ver o cap. 3, item 4.

<sup>14</sup> “The centuries-old submergence of Serbia in the Ottoman empire was undoubtedly a national tragedy. The Serbs lost their political and cultural elites and their national institutions – with the exception of the Serbian Orthodox Church. They were reduced to a society of peasants and small merchants in an empire dominated by a foreign civilization.” ANZULOVIC, op. cit., p. 33.

consagrou a monarquia<sup>15</sup>. Por uma série de arranjos diplomáticos de casamento durante toda a Idade Moderna, a casa dos Habsburgo teve acesso ao trono de grande parte dos reinos europeus, só sendo, entretanto, oficialmente declarada império (*Kaisertum Österreich*) em 1804. Para o Império Austríaco, reconquistar partes da Sérvia era uma medida emergencial em ordem de deter o avanço otomano rumo à Europa ocidental. Nesse contexto, o sul sérvio permaneceu sob domínio dos otomanos e a cidade de Vojvodina, mais próxima de Viena, desfrutou da proteção da coroa austríaca, gerando uma grande migração sérvia rumo ao norte. Na primeira metade do século XVIII, os austríacos conseguem avanços rumo ao sul, ajudando a fundar a instância autônoma do Império Otomano, chamada *Reino da Sérvia* (1718-1739).<sup>16</sup>

Desde os primeiros confrontos com os otomanos, houve contínua resistência por parte dos sérvios; nas primeiras décadas do século XIX tal impulso ganha força e origina a chamada revolução sérvia, que durou onze anos e buscava a independência e a reconstituição de um poder autônomo. A revolução é dividida em dois levantes, sendo o primeiro liderado por Karađorđe Petrović, que reconquistou territórios sérvios por quase uma década até que os otomanos encontrassem novos caminhos para reestabelecer seu domínio. O segundo levante foi liderado por Miloš Obrenović e, em conjunto com a pressão internacional exercida pelas outras potências (principalmente pela Prússia e pelo Império Habsburgo) resultou no compromisso diplomático entre sérvios e otomanos, estabelecendo-se uma autonomia sérvia parcial sob forma de suserania em 1835. Mais atritos se seguiram e, mediante conjunturas internacionais, há o enfraquecimento do Império Otomano e sua consequente retirada da Sérvia. Aproveitando o momento favorável, os sérvios declaram guerra aos otomanos em 1878 e se unem com a Bósnia. No mesmo ano, o Congresso de Berlim reconhece a independência formal dos sérvios sob o título de principado mas não permite a união com os bósnios, que são colocados sob administração austríaca.

Uma consequência importante da independência sérvia após o longo domínio turco foi o fortalecimento da ideia de *Grande Sérvia*, que inicialmente consistia na unificação nacional total com base na reunião de todas as comunidades sérvias espalhadas pelos Bálcãs, o que incluiria Montenegro, Albânia, Bósnia e Herzegovina – havendo inclusive

---

<sup>15</sup> O Império Habsburgo leva esse nome em função de ter sido regido pela família Habsburgo, mas também é chamado alternativamente de Império Austríaco. Em 1867, o Império Habsburgo (ou Austríaco) anexa a Hungria, daí sendo também conhecido como Império Austro-Húngaro.

<sup>16</sup> Ver o mapa do império austríaco no anexo II.



outra intenção que não era de ordem étnica e sim econômica, ou seja, fazer com os territórios sérvios atingissem o Mar Adriático.

A perda foi particularmente traumática para os sérvios. Não apenas a Sérvia perdeu seu status de poder regional como desapareceu completamente como uma identidade política. Os sérvios tornaram-se súditos de segunda classe do sultão. Esta condição durou do século XV até o XIX, durante o qual os sérvios cultivaram assiduamente mitos de seu grande passado e grande futuro. Como outros países que emergiram como estados-nação soberanos no século XIX após um longo período de domínio estrangeiro ou fragmentação política, a Sérvia mostrava um forte traço expansionista.<sup>17</sup>

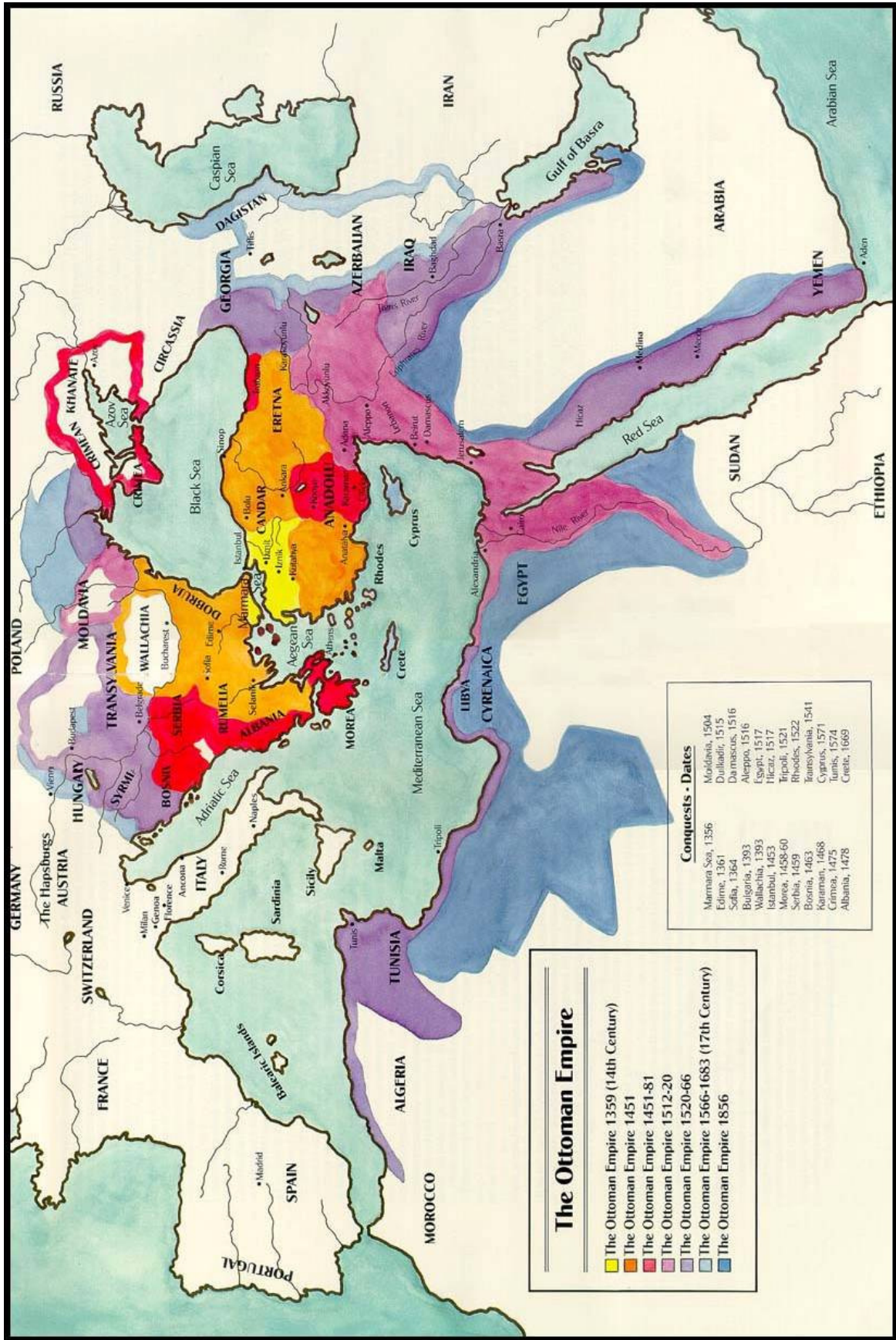
O plano claramente traria problemas entre a Sérvia e as demais nações da região ameaçadas por tal expansionismo, sendo estas forçadas a oporem-se a ideia de uma “federação balcânica” sob liderança sérvia. Isso fomentou uma nova série de confrontos e rearranjos territoriais que sobreviveram por todo o século XX.

---

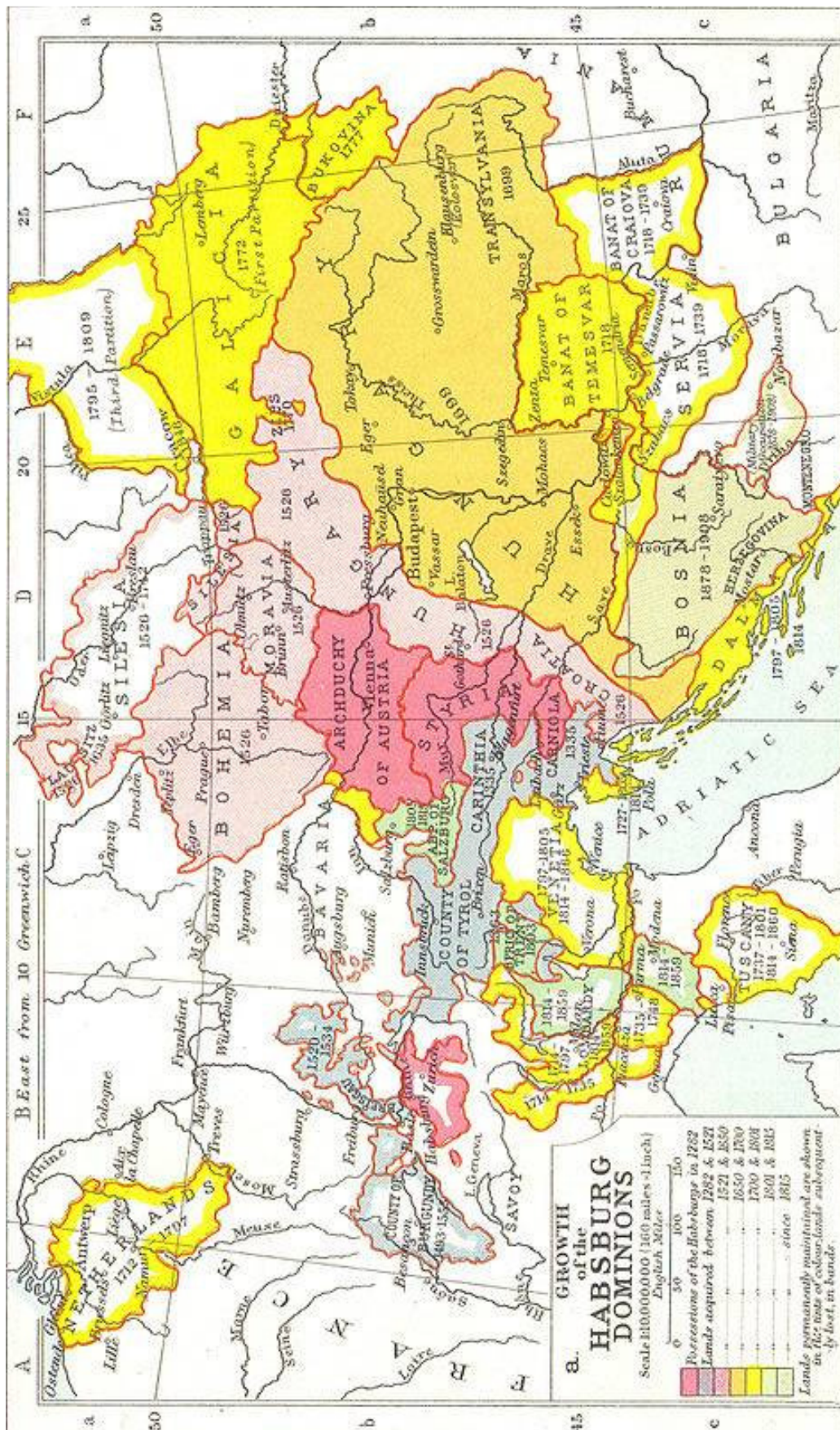
<sup>17</sup> “The loss of was particularly traumatic for the Serbs. Not only did Serbia lose the status of a regional power, it completely disappeared as a political identity. The Serbs became second-class subjects of the sultan. This condition lasted from the fifteenth century to the nineteenth century, during which time the Serbs assiduously cultivated myths of their great past and a great future. Like other countries that reemerged as sovereign nation-states in the nineteenth century after a long period of foreign domination or political fragmentation, Serbia displayed a strong expansionist trend.” ANZULOVIC, op. cit., p. 2.



Mapa da Europa no século XIX.



Mapa da expansão do Império Otomano.



Mapa de expansão do Império Austríaco.

## 2. UM LIVRO, CINQUENTA ANOS E TRÊS VERSÕES

Em um período de cinquenta anos (1829-1879), o texto d'*A Revolução Sérvia* ganhou nada menos do que três versões, cada uma produzida em um momento relevante da história de independência dos sérvios e marcando também um momento da carreira de seu autor. Se o empreendimento pode ter começado como uma espécie de afinidade entre Leopold von Ranke e seus amigos intelectuais eslavos, a importância arraigada do tema dentro da reflexão historiográfica rankeana fica atestada pela meticulosa reestruturação de 1844 e pela compilação de textos sobre o leste europeu que é somada à edição de 1879, colocando assim o livro em um lugar de grande interesse dentro da bibliografia de Ranke.

É possível perceber durante período de cinquenta anos que os textos ficam mais “rankeanos”, isso quer dizer, são cada vez mais marcados pelo estilo de narrativa política que pode ser visto nos demais textos de Ranke, principalmente seu apreço pelo estudo meticuloso das configurações e implicações diplomáticas e estratégicas na história nacional compreendida globalmente (envolvendo cultura e economia, entre outros), o que torna o livro sobre a Sérvia progressivamente mais internacional, mais abrangente no que diz respeito às forças em questão. Além disso, as edições podem ser vistas como um indício da biografia intelectual de Ranke, pois visto que acompanharam o historiador por meio século, nelas é possível encontrar certo desenvolvimento do estilo e das suas visões de história.

A partir desse ponto, estão em destaque os principais tópicos, alterações e o contexto histórico do nascimento de cada uma das três edições. Esses primeiros passos mais descritivos são importantes não só por apresentarem a obra ao leitor brasileiro, ainda desprovido de uma tradução do texto para o português, como também por oferecerem o fundamento para questões mais conceituais que seguirão, o que envolve apresentar aqui um breve resumo da interpretação de Ranke acerca da independência Sérvia em cada edição. Por fim, é preciso tocar na discussão acerca da verdadeira autoria da obra, ou seja, se *A Revolução Sérvia* é realmente uma obra rankeana, se é de autoria de Vuk Karadžić ou se foi uma obra nascida da colaboração entre ambos.

## 2.1. Edição de 1829: um texto e muitas mãos

A primeira edição d'A *Revolução Sérvia* foi escrita no período fundamental de definição dos novos rumos dos Bálcãs na geopolítica contemporânea, compreendendo os anos finais da década de 1820 e o começo da de 1830, anos esses de reestruturação sérvia e intensas negociações no campo da diplomacia internacional, movimento este que perpassará todo o século XIX. Tal momento compreende a luta por autonomia administrativa e os progressivos ganhos de liberdade dos sérvios que, em 1817, são parcialmente concretizados com o *Segundo Levante Sérvio* e a consequente instituição da hereditariedade de Miloš Obrenović I como regente do principado da Sérvia<sup>1</sup>. Na exata data da publicação da primeira edição (1829), é estabelecido o Tratado de Adrianópolis, cujo conteúdo regarantia então, entre outras coisas, a já prometida autonomia sérvia.<sup>2</sup> Sob a perspectiva da estratégia editorial, nada poderia ser mais interessante. No ano de um compromisso diplomático de dimensão internacional, Ranke consegue lançar um livro que busca esclarecer o tema a partir de uma metodologia apreciadora das fontes primárias, metodologia esta já proposta, cinco anos antes, no apêndice de seu primeiro livro, *Zur Kritik der neuerer Geschichtschreiber*.

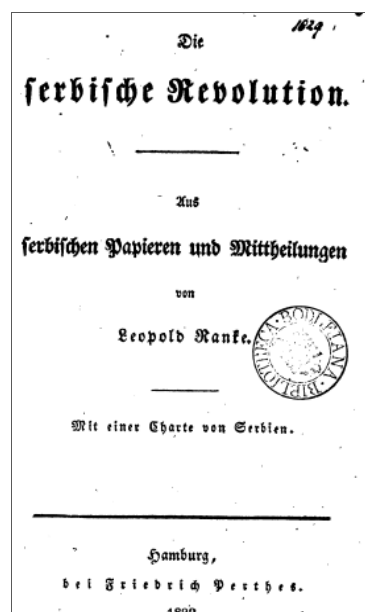
O livro não embaraçaria seu autor, já que a predição dos desdobramentos da questão presentes na primeira edição mostra, no mínimo, um analista atento que conseguira captar o movimento político europeu como um todo. Da mesma forma, ser o escritor de um dos pouquíssimos livros escritos em uma língua ocidental sobre um assunto tão candente reafirmava o lugar de Ranke como historiador prodígio com tino para os grandes movimentos históricos. Por outro lado, o livro tenta ser um “balanço a partir de dentro”, ou seja, um esforço de apresentação da cultura e da história sérvia assim como de sua cultura antagônica (os otomanos) partindo de um conjunto de documentos sérvios. No entanto, este “a partir de dentro” tem suas restrições – ainda que hoje a obra seja um ponto de passagem obrigatório para os estudiosos que pretendem tratar da história da Sérvia contemporânea – uma vez que o livro, como veremos, fala claramente a partir da perspectiva de um estrangeiro, tanto em seus maravilhamentos como simplificações.

---

<sup>1</sup> Miloš Obrenović (1780 - 1860) foi uma figura central para a conquista da autonomia sérvia. Presente no primeiro levante sérvio, foi príncipe da Sérvia entre 1815 e 1839.

<sup>2</sup> O principal tópico do tratado era por fim ao conflito entre o Império Russo e o Otomano mas, pela pressão internacional, também tocou em pontos acerca do lesto europeu como a já mencionada questão sérvia, a promessa de autonomia da Grécia e garantia à Rússia a ocupação da Moldávia e da Valáquia.

Esta primeira edição, intitulada “*Die serbische Revolution: aus serbischen Papieren und Mitteilungen*”, é composta por doze capítulos mais considerações finais distribuídos em 253 páginas publicadas por Friedrich Perthes<sup>3</sup> e como já foi indicado, nasce diretamente do encontro com o *Círculo Esloveno de Viena*, sendo, portanto um registro da primeira organização concebida por Ranke para o material recebido e recolhido deste ambiente.



Folha de rosto da edição de 1829.

A composição da obra, se comparada com a edição seguinte, ainda é rudimentar no que diz respeito à preferência de Ranke por narrativas cronológicas de cunho mais estratégico, mas já guarda a personalidade que o autor desejou dar ao tema, ou seja, o trabalho constante com oposições entre culturas e poderes. Como é geralmente marcante em Ranke, o prefácio (“*Vorrede*”) faz considerações de ordem metodológica e estabelece os marcos teóricos presentes na obra. De um ponto de vista esquemático, a introdução oferece um panorama geral da situação política da Sérvia e dos Bálcãs, citando também as

<sup>3</sup> Vale aqui uma observação sobre o editor e uma referência de propaganda contida no volume: a editora Perthes foi fundada por Johann Georg Justus Perthes em 1785, em Gotha, cidade do estado natal de Ranke, a Turíngia. A editora é famosa principalmente pelas publicações cartográficas, mas também incluiu materiais estatísticos, históricos e genealógicos sobre vários países. Em 1822, a editora foi refundada e apesar de continuar em Gotha, passou a levar o nome de Friedrich Perthes in Hamburg, o que pode ser percebido na folha de rosto da História da Revolução da Sérvia, por exemplo. O filho de George Justus Perthes, Friedrich Christoph Perthes, teve uma vida política bastante ativa, marcada pela resistência aos franceses em plena ascensão napoleônica. Sua memória foi registrada em sua biografia de três volumes escrita por seu filho, Clemens Theodor Pethers, intitulada *Friedrich Perthes Leben nach dessen schriftlichen und mündlichen Mitteilungen* [A vida de Friedrich Perthes segundo notas escritas e orais], que conta também com uma tradução para o inglês.

condições de domínio otomano na Bósnia, Montenegro, Grécia, Hungria e Dalmácia. Esse pequeno texto fornece as informações primordiais para que o leitor se localize quanto ao contexto do conflito posteriormente descrito. Para tal, Ranke regressa ao Império Romano, postulando uma ligação inalienável entre o presente e o passado clássico, da qual nasce a possibilidade de uma história conjunta dos povos [*gesammte Geschichte*]:

Seja de qual ponto se possa buscar para compreender o desenvolvimento dos séculos modernos, quase todas as vezes deve-se voltar ao Império Romano, no qual o mundo submeteu-se ao e arrebatou-se com o novo, formando um centro para a história geral.<sup>4</sup>

Ranke, no entanto, inicia sua narrativa da história contemporânea (revolucionária) sérvia propriamente dita com os acontecimentos do século XIV, usando o marco de 1356 por ser a data de invasão turca no ano seguinte ao falecimento do Czar Stephan Dušan, o Grande<sup>5</sup>. Assim, já na introdução, Ranke indica a perspectiva de continuidade que orienta o trabalho até a sua própria contemporaneidade, uma vez que há um paralelo histórico entre 1389, ano no qual a aristocracia sérvia é aniquilada na sangrenta Batalha de Kosovo, sendo dominada pelo poder otomano, e a tensão crescente na região desde o começo do século XIX, quando Napoleão anexa territórios na tentativa de fundar o primeiro império francês (1806), tornando as relações internacionais entre o Ocidente, o império otomano e a Rússia ainda mais complexas<sup>6</sup>.

Outro tópico importante já colocado na introdução do livro que será desenvolvido ao longo de toda a obra é a tese da unidade dos povos eslavos. Sobre ela, Ranke encontra dificuldades já que a fragmentação social, política e cultural dos povos balcânicos parece indicar o oposto, um mosaico pouco coeso de diversas expressões de fé e modos de vida<sup>7</sup>:

O primeiro capítulo é aquele que apresenta ao leitor o “espírito do povo sérvio” e serve de introdução ao tema: com o título “*Situação das Coisas Antes do Levante: Modos de Pensar e Poesia*” (“*Lage der Dinge vor den Bewegungen. Rationale Sinnesweise und Poesie*”), mostra uma sociedade sérvia estilizada no modelo das sociedades medievais conforme a idealização romântica da vida pré-capitalista. Longas descrições sobre os encantos da intocada vida campestre realçam quase que uma orientação natural para o

---

<sup>4</sup> Ranke, Leopold. **Serbische Revolution. Aus Papieren ind Mittheilungen**. Hamburg: Friedrich Perthes, 1829, p. 6. “Von welchem Punkt aus man auch immer suchen mag, die Entwicklung der neuern Jahrhunderte zu begreifen, beinahe alle Mal wird man auf das römische Reich zurückführt, welches, in dem es die Welt unterwarf und von der neuern überwältigt ward, eine Mitte für die gesammte Geschichte bildet.”

<sup>5</sup> Stephan Dušan foi o monarca que arquitetou a expansão sérvia, tornando-se imperador dos sérvios e gregos em 1346.

<sup>6</sup> Sobre o impacto da batalha do Kosovo nos sérvios, ver Ranke, op. cit. p. 4.

<sup>7</sup> Para a passagem sobre a convivência cultural diversa dentro do império otomano, ver Ranke, op. cit. p. 9.



modo de vida simples expresso nas canções e festas populares, oferecendo o retrato de uma Sérvia ancestral resistente às complicações e vícios do mundo moderno, realçado principalmente pelo vínculo enfático que Ranke coloca entre os sérvios e a natureza.<sup>8</sup>

O segundo capítulo, “*Levantes Internos*” (“*Innere Umwälzung*”), trata, como o próprio título explicita, das agitações sociais endógenas. Nesse capítulo, começa a ser delineada a situação da Sérvia em 1804 através de um breve relatório de suas transformações ao longo do século XVIII. Seu objetivo é atualizar o leitor para assim tornar possível a compreensão da história do presente sérvio. A continuação da narração é encontrada no terceiro capítulo, “*Insurreição contra o Dahi*” (“*Empörung wieder die Dahi*”), no qual a pressão sobre os sérvios aumenta na medida em os *dahis*<sup>9</sup> começam a demonstrar interesse político e oposição ao sultão. É em 1804 (ano no qual Ranke havia fechado o capítulo anterior) que os *dahis* tentam um golpe contra o sultão, ao mesmo tempo em que assassinam parte da nobreza sérvia numa tentativa de eliminação de oposição. É desse episódio que data o nascimento da revolução sérvia e o primeiro levante sérvio.

As consequências da revolução são acompanhadas no próximo capítulo, “*Desenvolvimento da Insurreição*” (“*Entwicklung der Insurrection*”), no qual há uma narração mais voltada para o aspecto bélico do enfrentamento entre as forças otomanas e sérvias. O desenvolvimento do primeiro levante chega ao ano de 1807 no quinto capítulo, *Conquistas da Insurreição: Ganho de Terras* (*Vollendung der Insurrection: Einnahme des Landes*), e nesse período os sérvios experimentam a vitória importante da batalha de Mišar (1806) e a tomada de Belgrado no ano seguinte, resultando em conquistas políticas fundamentais como a organização de um governo provisório dividido entre uma assembleia do povo, um conselho e o líder militar George Petrovich Karađorđe<sup>10</sup>, que teve impacto inclusive na educação sob a forma de fundação da Escola Superior de Belgrado e da Universidade de Belgrado.

Constituída uma nação independente – ainda que precariamente –, o sexto capítulo, *Situação Interna* (*Innere Zustand*), explora os problemas do governo da Sérvia. A natureza da narração é modificada, partindo para a centralidade dos líderes militares, oferecendo uma biografia de George Petrovich (“*No exterior aparecia ele como a cabeça da nação.*

<sup>8</sup> Para uma passagem sobre a natureza, ver Ranke, op. cit, p. 25.

<sup>9</sup> Os *dahis* (ou *dahias*) eram a elite dos janissários (uma infantaria constituída pelo sultão otomano e formada por prisioneiros de guerra das conquistas nos Bálcãs) que governava a Sérvia

<sup>10</sup> Karađorđe é a alcunha de George Petrovich e significa George Negro.

*Ele é repleto de valor o que é perceptível pela contemplação de sua pessoa.*”<sup>11</sup>) que inclui não só a carreira como também um perfil psicológico<sup>12</sup>.

O conflito continua no sétimo capítulo, “*Campanha de 1809*” (“*Feldzug von 1809*”), momento no qual irrompe a guerra russo-otomana (os sérvios claramente apoiaram a Rússia). Nesse contexto, há a invasão de Belgrado e a migração forçada dos sérvios pelo Danúbio, o que impulsiona a entrada de poderes do oeste europeu, notadamente o de Napoleão. Seguindo a resistência sérvia contra a tentativa de restauração do império otomano, o oitavo capítulo “*Poder Monárquico: Maior Extensão das Fronteiras*” (“*Monarchische Gewalt: Weitester Umfang der Grenzen*”), mantém a atenção na guerra russo-otomana e no papel dos líderes. A situação, no entanto, é de desvantagem para os sérvios no nono capítulo, “*Desventuras*” (“*Unglücksfälle*”), quando a invasão otomana é efetivada e os sérvios são deixados sem assistência por Napoleão e pela Rússia. O décimo capítulo é “*Novo Domínio dos Turcos*” (“*Neue Herrschaft der Türken*”) relata a nova dominação e sua consequência, ou seja, a ascensão de Milosch Obrenovich, líder militar que esteve ao lado de George Petrovich e que assume a função de comandante do levante (e posteriormente de primeiro príncipe sérvio) quando Petrovitch se refugia no império austríaco, em 1813. É justamente a ascensão de Milosch como líder o tema do décimo primeiro capítulo, “*Rebelião de Milosch*” (“*Empörung des Milosch*”) que, seguindo a estrutura do capítulo sobre Petrovich, apresenta igualmente uma biografia. Tal etapa marca o início do Segundo Levante Sérvio (1815-1817). O último capítulo, “*Desenvolvimento das Relações Sérvias Até o Presente*” (“*Entwicklung der serbischen Verhältnisse bis zur Gegenwart*”), trata do andamento da questão no final da década de 1810 e na década de 1820. O momento de publicação encontra uma Sérvia com certo grau de autonomia e em clima de positividade.

Então pode-se determinar os meios de propriedade científica adquirida pela Europa cada vez mais compartilhada com esses povos.

<sup>11</sup> Ranke, op. cit., p. 115. “In dem Auslande erschien er als das Haupt der Nation. Er ist wohl werth, daß vor einen Augenblick bei seiner Person verweilen.“

<sup>12</sup> Ver passagem que exemplifica o perfil psicológico em Ranke, op. cit. p. 117. Os chamados “grandes personagens históricos” está diretamente ligada a ação do indivíduo na história e sua importância como catalisador de um movimento histórico depende de cada figura e da cada momento, impondo assim uma análise sensível das pressões e motivações: “Portanto, para Ranke, o relato biográfico não possui um sentido unívoco, mas múltiplo. E essa multiplicidade se mede a partir da capacidade criadora de um e de outro indivíduo. (...) O sentido do documento depende, portanto, da percepção do historiador quanto ao valor do sujeito histórico retratado no documento.” (MARTINS, Estevão; CALDAS, Pedro. Leopold von Ranke (1795-1886). In: BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio. **A Constituição da História como Ciência. De Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 28)

Primeiramente deveríamos, nós diríamos, considerar verdadeiramente os turcos na participação na vida intelectual que constitui a verdadeira felicidade. O campo é livre, você só precisa de semear.<sup>13</sup>

Enquanto a narrativa acaba nesse capítulo, seguem-se ainda três “*Notas Suplementares*” (“*Anmerkungen*”) escritas muito provavelmente após a impressão do corpo central do texto e que reconhecem o caráter experimental e ensaístico de aspectos da pesquisa. A primeira é “*Sobre a Introdução*” (“*Zur Einleitung*”) e diz respeito a uma série de observações sobre as fontes e a bibliografia que complementam a introdução. A segunda é “*Sobre o Começo do Primeiro Capítulo*” (“*Zum Anfange des ersten Kapitels*”), ou seja, o capítulo que trata da cultura popular sérvia; há o reconhecimento, por parte de Ranke, da dificuldade de tratar de tal tema por sua mutabilidade e pela fragilidade em que se encontrava o povo sérvio naquele momento em função das sucessivas guerras: “Também aqui nós fazemos uma tentativa. Conhecer a situação de um povo reprimido, ou perceber a transição em si mesma, é bastante difícil. Lá os sofrimentos, como todos os sofrimentos verdadeiros, duraram muito.”<sup>14</sup>

A terceira nota, “*Notas Geográficas*” (“*Geographische Anmerkung*”), revela a importância estrutural da geografia para Ranke na definição história, política e cultural de um povo<sup>15</sup>. O texto segue com uma retrospectiva da fundação da Sérvia desde os romanos e sua relação com o espaço geográfico e também informações sobre os topônimos. Dado o deslocamento dessas informações em relação aos demais elementos, é possível pensar que tais informações também foram obtidas posteriormente e colocadas em forma de adendo ou simplesmente não se encaixavam no esqueleto da narrativa mas eram interessantes demais para serem descartadas. Da mesma forma, tanto a forma como elementos do primeiro capítulo não se encaixam completamente no restante do texto (principalmente os elementos que descrevem a cultura e que depois parecem se perder em meio à narrativa político-militar) e a presença das notas suplementares podem indicar que Ranke tentou incluir todas as informações que conseguiu reunir (ou que lhe foram dadas) num curto

---

<sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 225. “Dann kann man die Mittel finden, den wissenschaftlichen Besitz, welchen Europa erworben, nach und nach auch diesem Volke mitzuteilen. Erst hierdurch würde es, wir gesagt, den Türken wahrhaft überlegen werden, uns zur Theilnahme an dem geistigen Leben geladen die das wahre Glück ausmacht. Der Acker ist frei, man brauch nur zu säen.”

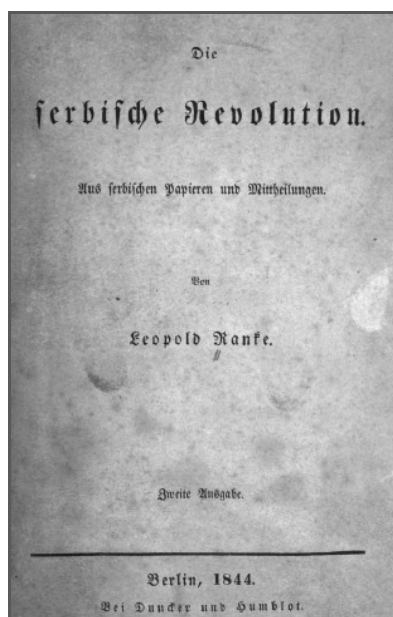
<sup>14</sup> Idem, p. 235. “Auch hier machen wir nur einen Versuch. Den Zustand eines unterdrückten Volks zu erkennen, oder den Wechsel desselben wahrzunehmen, ist um so schwerer, da sei Leiden, wie alles rechte Leiden, lang dauert, stumm ist, und sich nicht eignet, die Aufmerksamkeit auf sich zu zeihen.”

<sup>15</sup> Para um dos pontos de descrição geográfica, ver Ranke, op. cit., p. 241.

espaço de tempo. Essa hipótese é reforçada pelas alterações da edição seguinte, na qual o conteúdo é mais coerentemente organizado e ampliado.

## 2.2. Edição de 1844: rumo ao texto definitivo

A segunda edição mantém o título da primeira, “*Die serbische Revolution: aus serbischen Papieren und Mitteilungen*”, mas seu texto apresenta grandes mudanças que constituirão a forma definitiva da obra – incluindo um novo fôlego que dobra a número de capítulos: os doze da primeira edição transformam-se em vinte e quatro na segunda – e dela constitui-se o modelo para a tradução inglesa, “*History of the Serbian Revolution*”, datada de 1848<sup>16</sup>. A editora também é alterada, passando para a Duncker e Humblot, casa editorial responsável pela publicação da maioria dos livros de Ranke.<sup>17</sup>



Folha de rosto da edição de 1844.

Os anos de 1840 são marcados na Sérvia pela luta para manutenção da autonomia e pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e instituições culturais na capital Belgrado, como a primeira agência dos correios (1840) e o Museu Nacional Sérvio (1844).

<sup>16</sup> Ranke, Leopold. *History of Serbia, and the Servian Revolution, from original Mss. And Documents*. Translated by Mrs. Alexander Kerr. London: John Murray, 1848.

<sup>17</sup> Com base em Berlim, famosa pelo seu selo de águia e pela publicação de grandes trabalhos de filosofia, a editora foi fundada por Heinrich Frölich em 1798. Seu início tem relações próximas com o romantismo, uma vez que o primeiro trabalho foi a revista *Athenäum*, dos irmãos Schlegel com colaboração de Schleiermacher e Novalis. A casa publicou outros nomes fundamentais para a discussão filosófica do romantismo, como Goethe, E.T.A Hoffmann, Fouqué e também o grande (talvez o maior) nome da filosofia do período: Hegel. Em 1809, o negócio é assumido por Carl Duncker und Peter Humblot, ganhando o nome que perdura até os dias atuais.



*Rua Knez Mihailova, Belgrado, Servia, século XIX.*

Ao comparar o primeiro capítulo da edição de 1829 com o da edição de 1844, intitulado, “*Memória da Ascensão dos Sérvios*” (“*Erinnerung an das Emporkommen der Serben*”), vê-se que esta nova formulação está mais de acordo com o viés escolhido para o desenvolvimento geral do texto. Isso significa que a descrição cultural, fortemente presente no texto de 1829, é deixada em segundo plano para que a luz recaia sobre a geografia, as relações internacionais, e as instituições, principalmente a organização eclesiástica dos sérvios. Do ponto de vista cronológico, o capítulo inicia-se no final do século IX, momento importante pela estabilização na região e conseqüente “idade de ouro” eslava:

As migrações foram bem-sucedidas: enormes territórios foram adquiridos; cada uma das numerosas tribos, cujos nomes os antigos desesperadamente clamavam, avançaram alguns passos no conhecimento histórico e geográfico: investidas estrangeiras, como as dos Awars, foram consecutivamente resistidas; veio o tempo em que os eslavos também deveriam sobressair-se e buscar formações políticas.<sup>18</sup>

Como é possível perceber pelo trecho acima selecionado, é o período em que a política começa a se tornar estruturada, o que se relaciona, para Ranke, com a possibilidade de surgimento de instituições sérvias: “Ao mesmo tempo é agora que ouvimos sobre as primeiras tentativas dos clãs sérvios de instituições do tipo estatais.”<sup>19</sup>

O capítulo seguinte, “*Declínio da Liberdade Sérvia*” (“*Untergang serbischen Freiheit*”), tem começo no século XIV, momento de expansão dos turcos sobre a Europa.

<sup>18</sup> RANKE, Leopold. **Die serbische Revolution. Aus Papieren und Mittheilungen.** Berlin: Humblot und Ducker, 1844, p 1. „Die Wanderungen waren vollbracht: unermeßliche Landstriche in Besitz genommen; jene zahlriichen Völkerschaften, deren Namen die Alten zu nennen verzweifeln, ziemlich in den Kreis historischer und geographischer Kunde gezogen: fremde Gewaltherrschaften, wie die der Awaren, waren wieder gebrochen; es kam die Zeit wo nun auch die Slawen selbst sich eigentümlich hervorheben und in politischen Bildungen versuchen sollten.“

<sup>19</sup> Ibidem. ““In derselben Zeit nun ist es daß wir auch von den ersten Versuchen staatähnlicher Einrichtungen bei dem Stamme der Serben hören.”

O balanço de Ranke inclui a Sérvia no contexto mais amplo de uma luta geral contra o crescimento do poder turco, incluindo não só regiões balcânicas como também a Itália, Áustria e Polônia, por exemplo. A intenção dos sérvios de negociar com os turcos falha e, ao final do capítulo, a Sérvia está completamente dominada. O terceiro capítulo, “*Características do Estabelecimento Otomano na Sérvia*” (“*Grundzüge der osmanischen Einrichtungen in Serbien*”) avança a cronologia até o século XVIII e ocupa-se de descrever a forma de governo otomana que fundamentaria a cisão brusca entre dominantes e dominados - dando destaque fundamental para a diferença entre religiões (cristã e muçulmana) –, relatando os impostos, direitos dos súditos do sultão e a natureza dos *dahi*, grupo fundamental nas transformações sérvia no século XIX.

No quarto capítulo, “*Situação, Formas de Pensamento e Poesia da Nação Sérvia*” (“*Zustände, Sinnesweise und Poesie der serbischen Nation*”), corresponde em conteúdo ao primeiro capítulo da primeira edição, mas com alterações na redação. Há a descrição ampla de diversas características do povo sérvio, como a configuração das vilas, santos de devoção e igrejas, relações de parentesco e de casamento, festas e rituais, folclore, poesia e canções, etc. O deslocamento desse capítulo do início do texto para a quarta posição pode indicar a mudança de enfoque narrativo da centralidade cultural para a histórica, o que significa, em Ranke, começar por uma narrativa cronológica que mostre o nascimento das instituições nos povos dos Bálcãs. Dessa forma, a impressão que é dada é de uma relação simbiótica entre produção cultural e desenvolvimento institucional, ao mesmo tempo em que essa produção ajuda a formatar tais instituições ao imprimir-lhe “o espírito e mente” do povo sérvio; se as instituições só foram possíveis pela união que superou diferenças regionais, tal unidade é dada pela cultura da poesia nacional: “A poesia supera a diferença da religião: ela conecta todo o clã, ela vive no conjunto dos povos.”<sup>20</sup> Nesse sentido, a poesia teria a função de refletir um desejo inconsciente de nacionalidade expressa na ordem de um destino manifesto de todos os povos.

Após um capítulo que fica entre a descrição institucional e a cronologia e outro plenamente voltado para a questão cultural, o quinto capítulo, “*Origem dos Novos Movimentos na Turquia*” (“*Ursprung der neueren Bewegung in der Türkei*”) retoma o passo dos acontecimentos históricos em sua faceta política numa perspectiva cronológica a partir do lado turco. A pressão política sofrida pelo Império Otomano por parte da Europa

---

<sup>20</sup> Idem, p. 67. ““Den Unterschied der Religion überwindet die Poesie: sie verknüpft den ganzen Stamm, sie lebt in dem gesammten Volke.”

(notadamente Áustria, Prússia e França), através de uma série de reformas políticas e militares, resulta na passagem da administração da Sérvia para a mão dos janissários<sup>21</sup>, fomentando desejos de mudanças entre os súditos. Tal desejo é explorado no sexto capítulo, “*Origem das Agitações na Sérvia*” (“*Ursprung der Unruhen in Serbien*”), no qual são relatados os acontecimentos até 1804, quando irrompe o Massacre dos Knezes<sup>22</sup>. O Primeiro Levante Sérvio é relatado no sétimo capítulo, “*Insurreição Contra os Dahi em 1804*” (“*Empörung wider die Dahi 1804*”), no oitavo, “*Desenvolvimento da Oposição contra o Rei em 1805*” (“*Entwicklung des Gegensatzes gegen den Großherrn 1805*”) e no nono, “*Guerra de Libertação dos Sérvios em 1806 e 1807*” (“*Befreiungskrieg der Serben 1806, 1807*”).



*O sultão Murad IV (ao centro) com seus janissários.*

O décimo capítulo, “*Composição de um Governo Sérvio com Kara Georg*” (“*Einrichtung einer serbischen Regierung Kara Georg*”), faz um balanço das conquistas do primeiro levante com especial atenção para a tendência ao despotismo militar dentro do governo sérvio instituído. Nesse espaço tem-se também o primeiro ensaio biográfico do

<sup>21</sup> Os janissários (do turco “soldados novos”) eram uma elite da infantaria otomana criada em 1383, cuja função era a guarda do sultão. Os membros, conhecidos por sua alta disciplina e ordem, eram escolhidos ainda quando crianças dentre a população cristã da Anatólia e Bálcãs. As crianças que eram consideradas mais aptas recebiam educação superior e formavam a classe senhorial dos viziers uma classe científica que incluía médicos e arquitetos. Foi abolida em 1826, por conta do episódio conhecido como Incidente Infeliz, no qual as tropas se revoltaram contra o sultão Mahmud II e foram suprimidos violentamente. A partir de então, o Império Otomano adotou um corpo militar moderno.

<sup>22</sup> O Massacre dos Knezes aconteceu em 1804, quando inúmeros nobres sérvios (“knezes” significa duques em sérvio) foram assassinados na praça pública de Sarajevo pelos dahis. O evento é considerado o estopim do Primeiro Levante Sérvio.

livro, com tom consideravelmente heroico, uma vez que Georg, mais do que um indivíduo, encarna o ideal de liberdade e, com isso, ocupa o palco dos grandes poderes<sup>23</sup>:

Segue-se um novo balanço geral no décimo primeiro capítulo, “*Relação da Sérvia com as Condições Gerais da Europa e Turquia*” (“*Beziehung Serbiens zu den allgemeinen Verhältnissen Europas und der Türkei*”). Aqui se encaixa a influência indireta das Guerras Napoleônicas, mais especificamente da quarta coalizão, sobre o império otomano. Nesse espaço, Ranke aplica mais uma vez o princípio dos grandes poderes, para o qual a política é vista como um teatro no qual existem atores principais e coadjuvantes (ou ainda na imagem de uma constelação com astros maiores e menores e na qual alguns se apagam para dar espaço ao brilho de outros).

Mais dois anos são analisados no décimo primeiro capítulo, “*Campanhas de 1809 e 1810. Maior Extensão das Fronteiras*” (“*Feldzüge von 1809 und 1810. Weitester Umfang der Grenzen*”). Novamente a história da Sérvia se mistura ao contexto geral das guerras napoleônicas, uma vez que o texto não só descreve a ação dos sérvios em sua luta contra o sultão como também o impacto da quinta coalizão na Áustria (aliada dos sérvios) e na Inglaterra contra a França. As conquistas dos rebeldes sérvios são apreciadas no décimo terceiro capítulo, “*Dissensões Internas: Poder Monárquico*” (“*Innere Entzweiungen: monarchische Gewalt*”), coroadas com a independência de Bucareste, a qual é analisada no décimo quarto capítulo, “*Liberdade de Bucareste em 1812*” (“*Friede von Bucharest 1812*”), no qual Ranke apresenta mais uma vez as ideias indicadas em “*Os Grandes Poderes*”, ou seja, o equilíbrio dos poderes europeus<sup>24</sup>.

A disputa se agrava e leva à guerra, tratada no décimo quinto capítulo, “*Guerra na Sérvia no ano de 1813*” (“*Krieg in Serbien im Jahr 1813*”), o que resulta na nova conquista turca sobre os sérvios, tratado no capítulo seguinte, “*Novo Domínio dos Turcos*” (“*Neue Herrschaft der Türken*”), o qual Ranke inicia com uma ponderação sobre a natureza do mal que se instala em determinados momentos da história<sup>25</sup>. Esse capítulo indica a posição de Ranke em relação à violência, pois as ações violentas, quando injustas, trariam em seu cerne tanto a atração do infortúnio (*Unglück*) como também a divisão na coesão social: “(...) mas violentos como eram, por isso mesmo despertou a resistência entre

<sup>23</sup> Para uma passagem do retrato biográfico de Kara Georg, ver Ranke, op. cit., p. 179.

<sup>24</sup> Para a passagem sobre os poderes individuais e uma comunidade europeia, ver Ranke, op. cit. p. 221.

<sup>25</sup> Ranke, op. cit., p. 250.



si mesmos”<sup>26</sup> A revolução que se segue nasce desse movimento duplo de violência, os sérvios massacraram os turcos e estes, por sua vez e através de conjunturas internacionais, retomam seu domínio sobre a Sérvia<sup>27</sup>:

Deixados em situação extrema, os sérvios pegam em armas, dando origem ao capítulo de número dezessete, “*A Insurreição de Milosch de 1815*” (“*Empörung des Milosch 1815*”). A narrativa se inicia com uma pequena biografia de Milosch, a quem Ranke descreve da seguinte forma categórica: “Milosch podia ser contado entre os líderes naturais que têm sua força para si mesmos”<sup>28</sup>. Mais uma vez a temática da retaliação, oriunda dos atos de violência, aparece: “Qual bárbara abertura de uma empreitada a que preparou o estado legal. Mas imediatamente seguiu-se a retaliação e a vingança.”<sup>29</sup>

Apesar da desvantagem em relação aos turcos, os sérvios obtêm vitórias que os colocam em posição de negociação com o Sultão, mas ainda assim Ranke chama atenção para o problema da falta de coesão entre as forças eslavas.

A questão diplomática entre otomanos e sérvios aparece no próximo capítulo, “*Período de Negociações Preliminares*” (“*Zeiten vorläufigen Vertrages*”), correspondendo ao *Congresso de Viena* (1819). Lá, os emissários sérvios foram pressionados por ambos os lados da disputa entre as grandes potências, uma vez haviam recorrido aos russos no seu combate contra o sultão e isso não era visto com bons olhos pelos demais governos<sup>30</sup>.

Houve conquistas parciais no âmbito administrativo, o que significava que os sérvios recolheriam seus próprios impostos e participariam na organização judiciária (os turcos não poderiam mais julgar sérvios). Tais medidas seriam garantidas pelo estabelecimento de uma corte em Belgrado no modelo senatorial<sup>31</sup>. No entanto, a diferença entre os acordos celebrados no Congresso e a prática política do império otomano, que se recusava a dar garantias acerca desse novo modelo, fez com que a tensão

<sup>26</sup> Ibidem. “(...) aber gewalthätig wie sie war, eben dadurch den Widerstand gegen denselben erweckte.” É interessante como Ranke costura uma reflexão com fundo na filosofia moral e na filosofia política, entrelaçando a esses dados o elemento da tradição oral sérvia, ou seja, elementos da cultura e do imaginário: “So wurde es wahr was die alten Kmeten von Anfang gedroht haben, daß man einmal werde büßen müssen.” (Idem, p. 252)

<sup>27</sup> Sobre o movimento de retomada da Sérvia pelos turcos, ver Ranke, op. cit., p. 260.

<sup>28</sup> Idem, p. 264. “Milosch konnte zu den ursprünglichen Oberhäuptern gezählt werden, die ihre Gewalt von sich selbst hatten.” Ao considerar a palavra “Gewalt” utilizada por Ranke, aprecia-se uma ambiguidade construída a partir do capítulo anterior, uma vez que seu significado em alemão pode ser tanto “violência” como “senhoria” ou “poder de legislar”.

<sup>29</sup> Idem, p. 266. “Welch barbarische Eröffnung einer Unternehmung die auf Herstellung eines gesetzlichen Zustandes berechnet war. Aber sogleich folgte Vergeltung und Rache.”

<sup>30</sup> Para passagem sobre os emissários sérvios no Congresso de Viena, ver Ranke, op. cit., p. 278.

<sup>31</sup> Idem, p. 283

continuasse e, segundo Ranke, fez com que germinasse a semente do nacionalismo sérvio, que se resumia na figura do líder Milosch<sup>32</sup>. O poder crescente de Milosch durante o ano 1816 levou a sua ascensão como governante reconhecido pelos sérvios. Seu governo é tratado no décimo nono capítulo, “*Estabelecimento e Governo de Milosch*” (“*Einrichtungen und Herrschaft des Milosch*”), o qual, como já era assinalado nas condutas do capítulo anterior, foi marcado por certo autoritarismo (“Milosch não considerava importante em sua administração recrutar um conselho administrativo”<sup>33</sup>) que o aproximava da administração otomana e levou a desestabilização de seu governo.

A revolta camponesa contra a opressão de Milosch se alastrou sob a forma de um desejo generalizado de mudança, tanto contra Milosch como contra o Império Otomano. No entanto, o governo consegue subjugar os camponeses e tomar para si todas as instâncias de poder (inclusive a religiosa), o que teria garantido maior coesão ao redor da autoridade do líder<sup>34</sup>.

Tal caráter instável do governo de Milosch é dado pela influência que o movimento grego de independência<sup>35</sup> teve sobre a Sérvia, o que é desenvolvido no vigésimo capítulo, “*Estabelecimento das Relações Sérvias*” (“*Feststellung der serbischen Verhältnisse*”). Ranke credita o fortalecimento do antagonismo entre gregos e otomanos ao fator religioso, uma vez que o crescimento do cristianismo impulsionaria a queda das instituições islâmicas decrépitas; como os sérvios também eram em sua maioria cristãos e lutavam contra o mesmo inimigo, a contenda ganhava outra dimensão: “Assim tornou-se o princípio da emancipação das nações cristãs, que os sérvios apoiaram, uma plataforma ampla e universal”<sup>36</sup>. As convulsões no império otomano resultam em guerras entre russos e turcos e os acordos entre as potências levam à proclamação de Grécia como reino independente; todo esse movimento leva também a um tipo de evacuação de presenças estrangeiras indesejáveis na Sérvia, como turcos e sacerdotes gregos (o que gera um rompimento entre a igreja grega e sérvia). Entre os anos de 1829 e 1830 foram

<sup>32</sup> Para passagem biográfica de Milosch, ver Ranke, op. cit., p. 285.

<sup>33</sup> Idem, p. 302. “(“Milosch hielt nicht für nöthig bei seiner Verwaltung sich Rath zu erholen.”

<sup>34</sup> Para passagem sobre a crescente autoridade de Milosch, ver Ranke, op. cit., p. 312.

<sup>35</sup> A Grécia foi igualmente dominada pelos otomanos durante os séculos XVI e XVII, havendo guerras para a tentativa de autonomia em 1537, 1571 e 1716. Assim como no caso da Sérvia, vários intelectuais gregos exilados em Viena tomaram contato com ideias românticas, o que suscitou um novo movimento de independência no século XIX, no qual a Grécia contou com o apoio marítimo da Rússia, França e Reino Unido. Após uma série de derrotas, o Império Otomano se viu forçado a abrir mão do território grego, o que é reconhecido formalmente no Protocolo de Londres (1830).

<sup>36</sup> Idem, p. 315. “(“Dadurch bekam das Prinzip der Emancipation der christlichen Völkerschaften, das die Serben verfochten, eine breitere, allgemeinere Grundlage.”

estabelecidas novas fronteiras sérvias que, segundo conjecturas de Ranke, teriam aumentado em um terço a extensão total do país.

Teoricamente, o enfraquecimento do império otomano e as conquistas dos anos de 1830 removeram os inimigos exteriores dos sérvios. No entanto, agora apareciam questões de administração interna, como é mostrado no próximo capítulo, “*Administração Interna de Milosch e a Oposição contra Ele*” (“*Innere Regierung Miloschs und Opposition gegen ihn*”). A partir desse ponto, são acrescentados dados fundamentalmente novos em relação à primeira edição em função da data dos acontecimentos ultrapassarem 1829, atualizando assim o acompanhamento que Ranke faz da questão sérvia e tornando a reflexão bastante contemporânea em relação ao momento de publicação da segunda edição (há uma diferença de apenas quatorze anos entre os eventos relatados e o segundo texto).

O vigésimo segundo capítulo, “*Constituição de 1838: A Catástrofe de Milosch*” (“*Grundgesetz von 1838. Katastrophe des Milosch*”) estende-se ainda mais no presente, analisando as negociações de Milosch para o reconhecimento da autonomia sérvia a partir de 1835 e as dificuldades encaradas por este no enfrentamento do antigo sistema de governo turco, já tão consolidado em seu país, e no estabelecimento de uma constituição escrita que prevenisse o despotismo. Milosch consegue, através de árduas negociações, garantir administração parcial (as decisões ainda passavam pelo Porte otomano<sup>37</sup>), mas a catástrofe referida no título refere-se ao fato de que não é permitido a ele ser regente da sua nação – sendo decretado seu exílio na Áustria – devido à uma série de erros nas posturas administrativas que levaram à insatisfação popular.

Assim sendo, Milosch deixou como príncipe seu filho Milan que, no entanto, exibia problemas de saúde e com sua morte prematura deixa as questões administrativas nas mãos de dois membros do alto escalão do governo. Com a morte do príncipe, há o problema de sucessão e decide-se pela manutenção da hereditariedade com a subida no trono de Michael, a quem é dedicado o vigésimo terceiro capítulo. Reforçando mais uma vez a força da opinião pública em sua interpretação, Ranke apresenta a intromissão dos otomanos (que impuseram dois conselheiros para reinar junto com o jovem príncipe) no governo sérvio como o estopim de mais agitações. Apesar das complicações, o governo procede em renovar o sistema sérvio em seus mais diversos aspectos, inclusive o cultural<sup>38</sup>:

---

<sup>37</sup> Porte ou Sublime Porte é uma das formas de referir-se ao governo central otomano.

<sup>38</sup> Sobre a reforma cultural, ver Ranke, op. cit, p. 376.

No entanto, a crise econômica causava agitação camponesa e as disputas dentro da família real desequilibravam o governo, o que levou finalmente à oposição de seu conselheiro Wutschitsch, que havia nesse momento reunido um exército. O príncipe ignora os avisos de que uma negociação seria o mais acertado e resolve entrar em combate com seu oponente, o que seria sua derrota. Assim, é estabelecido um governo provisório e nesse contexto há uma substituição da dinastia Obrenović, retornando-se então à família na figura de Alexander Kara Georgewitch<sup>39</sup>, sobre quem o último capítulo trata. Com a instabilidade interna, o governo otomano ganha mais força em sua interferência<sup>40</sup>. Por conta dessa nova configuração, há a intromissão das grandes potências e fica decidido pela eleição de um novo príncipe e mais uma vez a opinião pública e tensão se reúnem<sup>41</sup>. A eleição de Alexander Kara Georgewitch acontece em 1842, dois anos antes da publicação da edição ampliada da *História da Sérvia*, o que revela o quão próximo de sua própria atualidade Ranke trouxe os acontecimentos. Apesar da posição delicada de Georgewitch, Ranke apresenta um balanço positivo no que tange o ganho de bases da nacionalidade sérvia. Em seguida, uma série de medidas são sugeridas para o fortalecimento das conquistas já conseguidas mediante uma análise das possibilidades abertas pela chamada “constituição turca” promulgada em 1838, documento que Ranke apresenta integralmente no apêndice, e muitas delas foram de fato levadas a cabo pelo monarca sérvio nos anos que seguem a publicação de *A Revolução Sérvia*.

### 2.3. Edição de 1879: o grande desfecho

No final da década de 1870, a “questão oriental” continuava um tópico em alta no circuito político mundial. Encontram-se notícias do assunto, por exemplo, na notícia intitulada “*A questão oriental*” (“*The Eastern Question*”) do *The New York Times* de primeiro 31 dezembro de 1876 que reporta o andamento da convenção de Constantinopla,

<sup>39</sup> O governo sérvio oscilou, durante o século XIX, entre duas dinastias, Obrenović e Karađorđević. A família Obrenović teve seis príncipes no poder: Miloš Obrenović I (1780–1860), que abdicou em favor do filho e depois retorna para um reinado de 1858 a 1860, Milan Obrenović II (1819–1839), que reinou por apenas 26 dias e Mihailo (Ranke grafa como Michael) Obrenović III (1823–1868), deposto e substituído por Aleksandar Karađorđević. Depois retornam, ainda em regime de principado, Mihailo Obrenović III (1823–1868), que é assassinado, Milan Obrenović IV (1854–1901), que proclama o reino da Sérvia e Alexander I (1876–1903), que é assassinado e encerra sua dinastia. Os Karađorđević tiveram três monarcas: Karađorđe Petrović (1768–1817), líder do primeiro levante sérvio e que foi exilado na Áustria, Aleksandar Karađorđević (1806–1885), que abdicou favorecendo o retorno dos Obrenović e Peter I (1844–1921), proclamado rei dos sérvios e croatas e eslovenos.

<sup>40</sup> Sobre o novo impulso do governo otomano, ver Ranke, op. cit, p. 390.

<sup>41</sup> Sobre a eleição, ver Ranke, idem, p. 398.

na qual a incerteza ainda se fazia presente: “Nesse momento nada é sabido acerca do que resultará a reunião dos diplomatas. Sobre qualquer resultado de valor permanente, ninguém aqui está animado”<sup>42</sup>. No que diz respeito à situação política sérvia, de 1817 a 1878, a Sérvia finalmente é considerada principado.

Em 1865, Ranke publica na *Historisch-Politike Zeitschrift* o breve texto “*Zur orientalischen Frage. Gutachten im Juli 1854 Sr. Majestät König Friedrich Wilhelm IV vorgetragen*“, no qual aparece a ideia da política oriental como uma “permanente mudança”, ou seja, apesar de aparentemente paradoxal, Ranke expõe a compreensão de que a disputa por poder na região é ao mesmo tempo um evento de ressurgimento regular (a cada cem anos) mas que se apresenta de diferentes formas: “A questão oriental, que em cada decênio costuma abalar nossa centenária Europa, descansa no momento.”<sup>43</sup>

A reflexão que segue tenta compreender o conflito oriental em sua acepção totalizante no que se refere às relações internacionais, o que continua e amplia a direção que Ranke já tomava na edição de 1844. Além disso, aqui ainda se apresenta também a forte objeção à hegemonia de um poder (leia-se nação) sobre as demais, algo que já havia sido posto conceitualmente em 1833 no conhecido “*Die großen Mächte*”.

A edição de 1879 pode ser considerada a edição final não só pela sua data de publicação ser a última mas também pela completude de seu conteúdo. O título é mudado pela primeira vez, constando agora como *Serbien und die Tükei im neunzehnten Jahrhundert* e desaparecendo, portanto, a palavra “revolução”. Publicada igualmente pela Duncker und Humblot, apresenta nove partes<sup>44</sup>: 1) introdução à nova edição; 2) reapresentação da introdução à edição de 1829; 3) reedição do texto de 1844 sem alterações; 4) o artigo *A Bósnia e sua relação com a reforma do sultão Mahmud II. 1820-30 (Bosnien in seinem Verhältnis zu den Reformen des Sultans Mahmud II. 1820 – 32)*; 5) o texto *Entrelaçamento das relações orientais e ocidentais (Verflechtung der orientalischen und occidentalischen Angelegenheiten (1838-1841))*; 6) o texto *O principado sérvio sob a influência dos poderes*

<sup>42</sup> The Eastern Question. In: The New York Times, 31/12/1876. “At this time nothing is known of what will come from the meeting of the diplomatists. As to any result of permanent value, nobody here is at all sanguine”. Outra notícia de 16/01/1877, intitulada “Turkey and the Great Powers”, atesta a dificuldade de negociação com o império otomano e faz referência especificamente à concessão de territórios sérvios (“In addition to the concession of Zwoznik to Servia is left in suspense”).

<sup>43</sup> Ranke, Leopold. “Zur orientalische Frage. Gutachten im Juli 1854 Sr. Majestät König Friedrich Wilhelm IV vorgetragen”. In: **Historische Zeitschrift**, Bd. 13, H. 2 (1865), pp. 406. “Die orientalische Frage, die in jedem Decennium unseres Jahrhunderts Europa einmal zu erschüttern pflegt, ruht zur Zeit.”

<sup>44</sup> A edição tem duas versões diferentes, ambos de 1879. A primeira é um volume avulso e a segunda faz parte das obras coligidas.

européus desde 1842 (*Das Fürstentum Serbien unter der Einwirkung der europäischen Mächte seit 1842*); 7) cinco textos menores reunidos no título *Analetos (Analekten)*.



Folhas de rosto das edições de 1879: à esquerda a edição avulsa e à direita como volume 43º e 44º dos trabalhos coligados.

Uma vez que o conteúdo geral da edição de 1844 já foi tratado no tópico acima, resta agora um histórico dos demais textos, começando pela introdução à nova edição. É de fato bastante interessante perceber aqui um olhar retrospectivo de Ranke, ainda que para quem examine as obras, elas parecem estar tão próximas temporalmente uma das outras, provavelmente uma ilusão provocada pela continuidade cronológica que o texto demonstra. Mas entre a primeira empreitada e a última publicação cinquenta anos são contabilizados, daí o tom nostálgico com o qual Ranke inicia a introdução: “Eu tive a felicidade de registrar em um momento a história dos movimentos e das guerras de libertação da Sérvia, onde apenas estava disponível uma lembrança viva.”<sup>45</sup> A questão mais marcante trazida pelo historiador na introdução é, no entanto, o que diz respeito à atualidade dos acontecimentos trazidos pelo texto:

Qual é realmente o poder exercido pelo domínio da nossa Europa? É do acordo dos grandes poderes que um domínio único seja banido em prol de uma composição múltipla? A guerra começa quando esse acordo não é mais efetivo. E este é ameaçado incessantemente por novos incidentes. Nesse perigo reside o interesse da chamada questão oriental: pois é precisamente no balanço das condições orientais, ao que todas as outras se relacionam, que reside a possibilidade de um conflito geral. Algumas

<sup>45</sup> Idem, p. iv. “Ich hatte das Glück, die Geschichte der Umwälzung und der Befreiungskriege von Serbien in einer Zeit niederzuschreiben, wo noch eine lebendige Erinnerung in an die Ereignisse vorhanden war”

vezes o mesmo tem sido evitado mas um mal-entendido entre os poderes está prestes a irromper e eles entrarem assim em batalha. Em si mesmo isso constitui um objeto de alta importância, uma vez que aumenta as tendências acentuadas de autonomia no oriente.<sup>46</sup>

No que diz respeito ao artigo sobre a Bósnia, este foi originalmente publicado no segundo volume da *Revista Histórico-Política* (1834) com o título “*As últimas agitações na Bósnia: 1820-1832*” (“*Die letzten Unruhen in Bosnien: 1820-1832*”). O artigo é em parte uma avaliação crítica a partir de relatos de viagem pelo leste europeu e a justificativa para o tema aparece na introdução do texto original de 72 páginas, insistindo mais uma vez na questão da contemporaneidade do tema:

Há um século e meio a questão oriental tornou-se de maior importância para a política europeia e momento após momento seu significado universal aflora cada vez mais. Nos últimos anos ela recebeu um novo interesse. As reformas, que nos reinos otomanos por muito se ensaiam e já foram tentadas algumas vezes, são finalmente aceitas e trazidas a sua realização. Através delas desenvolveu-se uma fermentação dos elementos vitais mesmos que, sem contar a repercussão, devem expressar finalmente grandes relações políticas e que merecem um exame atento.<sup>47</sup>

Já para a edição de 1879, a introdução do artigo é reestruturada e ganha a perspectiva de retrospectiva histórica que inspira a coletânea: “De interesse político ele (o texto) não é mais, mas sim de um histórico. Apenas o objeto que igualmente se manifestou, as ações que dele emergiram e não merecem ser legados ao esquecimento.”<sup>48</sup>

O texto seguinte, “*Entrelaçamento das relações orientais e ocidentais (1838-1841)*” (“*Verflechtung der orientalischen und occidentalischen Angelegenheiten (1838-*

---

<sup>46</sup> Idem, p. Vii “Welches ist doch eigentlich die Gewalt, die in unserem Europa die Herrschaft ausübt? Es ist das Einverständniß der großen Mächte, welches die Herrschaft einer einzigen ausschließt und sich aus allen zusammensetzt? Der Krieg beginnt, wenn dies Einverständniß nicht mehr erzielen ist. Aber unaufhörlich wird es durch neue Vorfälle gefährdet. In dieser Gefahr liegt eigentlich das Interesse der sogenannten orientalischen Frage: denn eben in dem Schwanken der orientalischen Verhältnisse, die doch zu allen anderen in unmittelbarer Beziehung stehen, liegt die Möglichkeit eines allgemeinen Conflictes. Zuweilen ist derselbe vermieden worden, ein ander Man aber ist darüber ein Mißverständniß zwischen den Mächten wirklich ausgebrochen, und sie find mit einander in Kampf gerathen. Schon an und für sich bildet dies einen Gegenstand von hoher Wichtigkeit, doch steigt diese noch durch die in dem Orient emporkommenden selbständigen Tendenzen.“

<sup>47</sup> RANKE, Leopold von (org.). *Historisch-Politische Zeitschrift*. 2. Band. Duncker und Humblot: Berlin, 1834-36, p. 233. “Schon seit einem halben Jahrhundert ist die orientalische Frage für die europäische Politik von der größten Wichtigkeit gewesen, und von Moment zu Moment immer wieder einmal in ihrer universalen Bedeutung hervorgetreten. In den letzten Jahren hat sie noch ein neues Interesse bekommen. Die Reformen, die man im osmanischen Reiche längst beabsichtigt, schon ein paar Mal versucht hatte, find endlich durchgesetzt, zur Ausführung gebracht worden. Hierdurch ist in den inneren Lebens-elementen deßelben eine Gährung entstanden, die auch abgesehen von der Rückwirkung, die sie auf die großen politifchen Verhältnisse zuletzt äußern muß, schon an und für sich eine aufmerksame Betrachtung verdient.“

<sup>48</sup> Idem, p. 287. “Ein politisches Interesse hat er nicht mehr, wohl aber ein historisches. Gerade Gegesatz, der sich in demselben manifestierte, die Handlungen, welche aus ihm hervorgingen, verdienen, nicht der Vergessenheit vollkommen überlassen zu werden.“

1841)”), não é um uma produção original para o volume a partir de uma perspectiva política, filosófica e geográfica mais abrangente do que os demais textos, além do tom positivo que o momento proporcionava para aqueles que acreditavam no fortalecimento europeu frente ao poder turco, como atesta o parágrafo final do texto:

É o dia em que a Europa alcançou a superação da Turquia como nunca antes fora possível. E nem ou poder ou outro, mas toda Europa. Na realidade, os poderes europeus fizeram do Sultão novamente um senhor em suas terras e estabeleceram estados sólidos no Oriente.<sup>49</sup>

Na quarta parte, sob o título “O principado sérvio e a influência dos poderes europeus desde 1842” (“*Das Fürstenthum Serbien unter der Einwirkung der europäischen Mächte seit 1842*”), tem-se em seis capítulos uma história política bastante contemporânea que acompanha os desdobramentos políticos desde o principado de Karađorđević (1842-1858) até a conferência de Constantinopla, em 1876-77. Esta parte representa para a edição de 1879 o que o texto de 1844 representou para a primeira edição, ou seja, a atualização da questão até o mais possível no presente. A apresentação da situação sérvia nos anos de 1870 indica o interesse ainda candente em Ranke pelo tema, sendo a última edição não só uma coletânea como também um acréscimo aos estudos sobre o leste europeu que leva em consideração a mudança do cenário internacional no último terço do século XIX: “Eu volto agora novamente à história sérvia. No entanto, a continuação traz um caráter modificado, uma vez que os poderes europeus emergem com mais força em seu curso e a organização das coisas.”<sup>50</sup>

A quinta parte aparece na forma de “*Analekten*”, na qual estão reunidos vários textos redigidos sobre a questão oriental juntamente com documentos onde constam trechos da primeira edição (“*Zur älteren Geschichte*” e *Zur Geographie von Serbien*”), um texto sobre a população cristã na Turquia (“*Ueber die allmahliche Abnahme der christlichen Bevölkerung in der Türkei*”) e o já citado “*Ein dem König Friedrich Wilhelm IV. im Sommer 1854 vorgetragen Gutachten*”. Quanto aos documentos, há um sobre as relações internacionais entre a Áustria e o Império Otomano, na realidade uma carta em francês do diplomata austríaco Barão de Neumann para Londres datada de 1842 (“*Zur*

<sup>49</sup> Ranke, Lepold von. *Serbien und die Türkei im Neunzehnten Jahrhundert*. Leipzig: Duncker und Humblot, 1879, p. 370. “Es liegt am Tage daß Europa dadurch zu einem Uebergewichte in der Türkei gelangt ist, wie es noch niemals vorhanden war. Und zwar nicht eine oder die andere Macht, sondern ganz Europa. Eigentlich die europäischen Mächte haben damals den Sultan wieder zum Herren in seinem Lande gemacht und feste Zustände im Oriente begründet.”

<sup>50</sup> Idem, p. 373. “Ich komme nun auf die serbische Geschichte zurück. Doch wird die Fortsetzung insofern einen veränderten Charakter tragen, als der europäischen Mächte auf den Lauf und Gestaltung der Dinge von Tag zu Tag stärker hervortritt.”



*orientalischen Politik des Fürsten Metternich*”) e outra carta colocada no índice como “*Serbisches Memorandum vom 7. Mai 1860*” e que é um relatório em francês para o Porte da deputação sérvia enviada à Constantinopla em 1860.

Assim, Ranke encerra meio século de estudos sobre a história sérvia com uma rica retrospectiva de sua própria produção e dos diversos textos, caminhos e temas que foram abordados durante todo esse tempo. Embora os problemas na região não estivessem resolvidos – e estavam, na realidade, bem longe disso –, Ranke deixou para seus contemporâneos a análise diversificada e, o mais importante de tudo, atualizada acerca dessa questão central na constituição da Europa moderna.

### 3. A QUESTÃO DA AUTORIA

Ao considerar todas as mudanças ao longo desse meio século de trabalhos sobre a Sérvia e principalmente a característica colaborativa da primeira edição, uma questão frequente na bibliografia crítica sobre a *História da Sérvia* e de maior seriedade para estudo da obra é a dúvida quanto à autoria do texto, ou seja, se Ranke seria mesmo o autor legítimo da obra.<sup>51</sup> *Jelesijević* coloca a questão da seguinte maneira:

É Ranke o autor do total, dando o exilado sérvio revolucionário Vuk Karadžić apenas parte dos materiais e informações, ou é – então a antítese – Karadžić o verdadeiro autor, que meramente emprestou do professor prussiano o nome e a publicação saiu disfarçada na neutra Hamburgo?<sup>52</sup>

Frank Kämpfer explica que o principal ponto contra a autoria de Ranke baseia-se no fato de que o mesmo não detinha conhecimento suficiente do idioma sérvio para acessar por si mesmo a documentação e literatura que emprega e dependia, ao mesmo tempo, dos materiais providos pelo colega eslavo: “A pergunta sobre a origem da autoria é controversa, por um lado pelo fato de que Ranke sabia apenas um pouco de sérvio (afinal de contas ele pesquisou sobre a história otomana sem para isso aprender turco ou árabe), por outro lado por razões de disponibilidade das fontes.”<sup>53</sup>

<sup>51</sup> Até onde foi possível verificar, a Revolução Sérvia é o único livro de Ranke sobre a qual tal dúvida foi colocada.

<sup>52</sup> Jelesijević p. 5. “Ist Ranke der Verfasser des Ganzen, dem der serbische Exilrevolutionär Vuk Karadzic nur einige materiale und mündliche Auskünfte gegeben hat, oder ist – so die Antithese – Karadzic der eigentliche Verfasser, dem der preußische Professor lediglich den Namen geliehen und die Publikation im neutralen Hamburg vermittelt hat?”

<sup>53</sup> KÄMPFER, Frank. Vuk Karadzic und Leopold Ranke: Zur Rezeption der 'SERBISCHEN REVOLUTION' in Deutschland. In: [www.frank-kaempfer.de/Neuer\\_PDF\\_Ordner/Ranke\\_Serbische](http://www.frank-kaempfer.de/Neuer_PDF_Ordner/Ranke_Serbische)

Ainda que parte da filosofia da linguagem do século XX tenha trabalhado no sentido de relativizar a importância do autor<sup>54</sup> e não seja a intenção no trabalho discutir em profundidade problemas da teoria literária, tais questões ainda são levantadas por aqueles que estudam a história intelectual, uma vez que tais disputas autorais podem revelar conflitos, contatos e negociações intelectuais constituintes de um texto, ou seja, os envolvidos em tal disputa fazem sem dúvida parte da história do texto analisado. Portanto, não se trataria de achar o verdadeiro autor e identificar falsários para assim “separar o joio do trigo”, mas compreender todas essas informações como parte da vida e da história de uma obra, como itens enriquecedores de sua existência.

Jelesijević busca evidências da disputa de autoria nos contemporâneos de Ranke, principalmente nas correspondências, muitos deles movidos pela ideia romântica da supremacia do indivíduo<sup>55</sup>. O autor indica que existiriam duas interpretações sobre a situação: a primeira consta em uma carta a Wilhelm Grimm, a qual afirma que Vuk atuaria como fonte de Ranke para a primeira edição:

A “Revolução Sérvia” de Ranke baseia-se em suas informações (de Vuk) e há alguns anos atrás veio à tona seu relatório anônimo sobre Montenegro... Por isso ele se encontrou quase todos os dias com Vuk, escreveu em detalhes o relato de Vuk e depois leu para ele o que foi escrito, imprimiu parte por parte e assim veio a ser o livro “A Revolução Sérvia”. Este foi escrito por Ranke, no entanto o conteúdo, assim como o espírito do relato, veio, como pode ser notado, de Vuk.<sup>56</sup>

---

Revolution1991.pdf. Acessado em 06/07/2013. “Die Frage nach Entstehung um Verfasserschaft ist umstritten, einerseits schon wegen der Tatsache, daß Ranke nur wenig serbisch konnte (immerhin hat er ja über osmanische Geschichte geforscht ohne deswegen türkisch oder arabische zu lernen), andererseits aus Gründen der Zugänglichkeit der Quellen.“

1.1.1. <sup>54</sup> “Postmodern literature and theory, of course, question the concept of author. Jorge Luis Borges writes several stories that dismantle the cult of personality surrounding authorship (“Borges and I,” “Everything and Nothing”), and his repeated assertion “There is no whole self” (in “The Nothingness of Personality”) can be seen as attempting to undo some of the unfortunate results of that cult of personality. Roland Barthes’s essay “The Death of the Author” describes our desire to create an author’s personality as a way of completely interpreting a text, and the necessity of resisting that desire. Michel Foucault’s essay “What is an Author?” -- which has been summarized beautifully by Roger Chartier -- points out that, before the Enlightenment, truth and value depended upon a scientific author’s name while the author of a literary text was irrelevant, whereas now the scientist’s name is irrelevant.” (MANDELL, Laura. The Original Author. In: <http://www.units.miamioh.edu/technologyandhumanities/eng495/paper2.htm>, acessado em 12.03.2013.)

<sup>55</sup> Kämpfer recorre à fortuna crítica para apresentar as várias opiniões acerca do debate autoral na Revolução Sérvia: o grupo que vê a idioma como uma barreira para Ranke e credita a escrita ao conhecimento de Karadžić inclui autores como Nikola Radojčić. No grupo de posição intermediária estão T. Seleskovic e Hermann Oncken, para quem o trabalho seria de natureza colaborativa. No outro extremo está Fritz Valjavec, que vê mais de Ranke do que de Karadžić no trabalho (KÄMPFER, idem, cf. ONCKEN, HERMANN: Leopold v. Ranke und die deutsch-serbischen Kulturbeziehungen, in: Mitteilungen der Akademie zur wissenschaftlichen Erforschung des Deutschtums. München 1928, 950-954.)

<sup>56</sup> Jelesijević, p. 147. A carta de Grimm a Gustav Hugo data de 17.1.1844. “Rankes ‘Serbische Revolution’ beruht auf seinen Informationen und vor einigen Jahren ist sein anonym Bericht über die Montenegrin

Outro testemunho, no entanto, afirma que o livro não passa de uma tradução de Ranke da obra de Vuk. A opinião vem de um amigo de Vuk, Jeremia Gagić: “Leopold Ranke traduziu para o alemão o que ele (Vuk) havia escrito em sérvio; mas sua tradução é picante.”<sup>57</sup>

A posição mais generalizada é de que *A Revolução Sérvia* foi resultado da contribuição direta de pelo menos três intelectuais: Ranke seria o redator, Vuk teria provido o material e a ideia viria de Kopitar. A natureza colaborativa e cosmopolita do *Círculo Esloveno de Viena* aponta para o processo de autoria imprecisa, cuja colaboração trabalharia em via dupla, como bem sintetiza Peter Burke: “(...) nessas fronteiras às vezes definidas como “zonas de contato”, o conhecimento costuma correr nas duas direções, levando ocasionalmente a novas descobertas”.<sup>58</sup> Dessa forma, nos noventa e quatro dias de convivência entre Leopold Ranke, Bartolomäus Kopitar e Vuk Karadžić, ideias foram trocadas, misturadas e reapropriadas.<sup>59</sup>

O interesse original de Ranke teria sido aprimorado pelo contato com nativos eslavos que podiam relatar em primeira pessoa os acontecimentos no leste europeu e ainda fornecer uma série de referências e materiais que adensariam o impulso reflexivo de Ranke acerca do tema. Tal proximidade possibilitou que os intelectuais eslavos o alertassem para a importância da história da Europa oriental no balanço histórico geral do desenvolvimento dos povos, apontando então para uma lacuna nas pesquisas de Ranke até o momento:

Ranke voltar-se para o oriente é especialmente incrível, uma vez que ele já havia desenvolvido sua concepção de história sobre a dualidade germânico-romana em seu primeiro trabalho, “História dos Povos Latinos e Germânicos de 1494 a 1535 (Leipzig, Berlim, 1824), do qual ele banuiu tanto os eslavos como turcos e outros povos periféricos da Europa próxima.”<sup>60</sup>

---

herausgekommen... Deswegen hat er sich fast jeden Tag mit Vuk getroffen, bin ins Detail Vuks Erzählung aufgeschrieben und ihm dann das geschriebene vorgelesen, um es dann Teil für Teil zu drucken und so ist das Buch ‚Serbische Revolution‘ entstanden. Dieses hat Ranke geschrieben, den Inhalt aber, es kann bemerkt werden, wie auch der Geist der Erzählung von Vuk.

<sup>57</sup> Idem, p. 148. “Leopold Ranke hat das auf Deutsch übersetzt, was Ihr auf Serbische geschrieben habt; aber seine Übersetzung ist stechend – pikant.” Só foi localizada uma referência para o nome de Jeremia Gagić, qual seja uma citação na coletânea poliglota de documentos Monumenta Sérica Spectata Historiam Serbiae Bosnae Ragusii (Viena, 1858). Ao que tudo indica, Gagić também fazia parte do círculo de Viena.

<sup>58</sup> Burke, Peter. Uma História Social do Conhecimento II. Da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro, Zahar, 2002, p. 256.

<sup>59</sup> Jelesijevic, p. 147.

<sup>60</sup> Kämpfer, op. cit. “Gerade bei Ranke war die Hinwendung zum Orient erstaunlich, hatte er doch in seinem ersten Werk, „Geschichten der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1535“ (Leipzig, Berlin 1824) seine Geschichtskonzeption an der germanisch-romanischen Dualität entwickelt und dabei sowohl die Slaven als auch Türken und andere Randvölker aus der Geschichte des engeren Europas ausgeschlossen.“

Burke refere-se a isso como “gnose de fronteira”, no qual muitas vezes “o conhecimento nativo é incorporado ao sistema ocidental” através de “estudiosos participando do mesmo jogo, pelo menos na maioria, *de acordo com as regras ocidentais*”.<sup>61</sup> Ranke reconhece a contribuição crucial de Vuk não só no prefácio da primeira edição e em sua correspondência como também na última edição de 1879, na qual ele indica que o impulso germinal veio do intelectual eslavo:

Também realmente útil para essa parte dos meus estudos foi a ajuda de Wuk (sic). A coletânea de materiais que me serviram de modelo também são atribuídas a ele. Outras informações importantes não existem. O ensaio seguinte, que cresceu desse material, refere-se a situações que desde então foram totalmente modificadas.<sup>62</sup>

Além disso, Jelesijevic aponta correspondências entre Ranke e Vuk que atestam o entendimento entre ambos de que *A Revolução Sérvia* era uma obra conjunta e que o trabalho colaborativo poderia ter inclusive continuação:

Já se passou um ano e meio desde que nós nos separamos! O senhor contribuiu para a recuperação de sua terra pátria, eu pesquisei sobre a história antiga italiana. Lembro-me frequentemente do senhor, desejando ao senhor e aos sérvios toda salvação: o senhor também não se esquecerá de mim. O editor escreveu-me sobre nosso livro, ainda há várias cópias disponíveis, no entanto, porque os assuntos sérvios tiveram um desenvolvimento tão infeliz, ele desejaria uma continuação da nossa história tão logo suas acomodações atuais estejam prontas. Agradar-me-ia muito compreender essa matéria. Não parece no momento ser possível, que nós possamos conversar em algum lugar, então seria realmente ótimo, se o senhor pudesse compor e compartilhar um artigo sobre os eventos a partir 1827, se possível em alemão, pois queremos logo compreendê-lo. Deseje o senhor assumir sua parte, então seria ainda melhor. Eu tenho estado sempre super saudável e bem e juntei uma mala inteiro de escritos. Desejo ao senhor de todo o coração todo bem-estar.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> Burke, idem, p. 258.

<sup>62</sup> Ranke, 1879, p. 287. “Beschäftigt with Serbia, one must study his attention is to me the help Wuk's been exceptionally beneficial. He is due to the collection of materials that were available to me. Other important information was not available. The following essay, which has grown out of this material is available, refers to states that is has since been changed completely.”

<sup>63</sup> Jelesijevic, idem, p. 148. Carta escrita em Roma em 24.4.1830. “Es ist 1 ½ Jahr, dass wir uns getrennt haben! Sie haben an der Wiederherstellung Ihres Vaterlandes mitgearbeitet, ich habe in Italien alte Geschichte aufgesucht. Immerfort habe ich mich an Die erinnert, Ihnen und den Serben alles Heil gewünscht: Sie werden mich auch nicht vergessen haben. Von unsere Buche sind wie mir der Bücherhandler schreibt, noch immer reichlich Exemplare vorhanden, indessen da die serbische Sachen einen so unglücklicher Fortgang genommen haben, wünchte er eine Fortsetzung unserer Geschichte sobald Sie mit Ihren gegenwärtigen Einrichtungen einigermmaßen zu Stande bekommen sind. Es wäre mir auch sehr lieb diese Sache genau zu erfaheren. Da es nun kaum möglich scheint, dass wir uns irgendwo besprechen können, so wäre es recht schön, wenn sie einen Aufsatz, wo möglich deutsch, wir wollen es schon verstehen – über die Ereignisse von 1827 an, verfassen und mittheilen wollten. Sollte einer von den Ihrigen Theil daran nehmen wollen, so wäre es desto besser. Ich bin die ganze Zeit über gesund und wohlauf gewesen und habe einen

O clima amistoso no tratamento de Ranke<sup>64</sup> e o uso dos pronomes referentes à obra no plural (“unsere Gechichte”, “unsere Bücher”) indicam o entendimento de que a empreitada era uma parceria, tanto que Ranke sentiu a necessidade de comunicar o colega acerca da proposta de uma continuação. A essa altura, Karadžić estava envolvido com os assuntos políticos sérvios, não havendo assim resposta. Ranke procede então em contatar Kopitar para obter notícias do colega: “O senhor poderia me escrever sobre a situação do nosso Vuk Karadžić? Como e onde ele se encontra, eu desejaria muito saber. Eu me preocupo muito com ele. Cumprimente-o mil vezes.”<sup>65</sup> Apesar de Vuk não responder as cartas de Ranke nesse período, Jelesijevic mostra comentários seus em cartas a outros amigos em que a autoria é entendida de forma ambígua sendo a escrita conjunta como “ele escreveu comigo em 1828” (“er mit mir zusammen 1828 geschrieben hat”) e “escreveu comigo a revolução sérvia” (“mit mir zusammen die serbische Revolution geschrieben hat”) mas o resultado final seria apenas de Ranke, a obra seria “seu livro” (“sein Buch”):

Leopold Ranke, o professor de História na Universidade de Berlim, escreveu-me que ele deseja publicar comigo pela segunda vez seu livro sobre a Sérvia “A Revolução Sérvia”, o qual ele escreveu comigo em 1828.<sup>66</sup>

Acompanhando as mudanças ocorridas nas três edições, como foi acima apresentado, fica claro que apesar de a primeira edição ter sido composta por várias mãos, o tema era de profundo interesse para Ranke e que a partir da segunda edição, o historiador vai se apropriando mais e mais do texto, tanto no formato como em seu conteúdo. É nessa edição também que a questão da autoria fica decidida por completo, quando Karadžić decide abster-se da participação no livro por questões políticas:

Ele (Ranke) empreendeu mudanças em prol da elegância na segunda edição. Também na segunda edição Karadžić abriu mão energeticamente de ser mencionado como Autor. Assim como ele temera as possíveis consequências durante o governo de Obrenović, ele temia que a

---

ganzen Koffer voll Schreibereien zusammen geschacht. Ihnen wünsche ich von ganzem Herzen alles Wohlergehen.”

<sup>64</sup> Karadžić e Ranke foram amigos durante mais de três décadas, até o falecimento de Karadžić em 1864. Esse dado pode elucidar uma das possíveis fontes de Ranke para a extensão do conteúdo da edição de 1844, uma vez que sua correspondência com Karadžić adentra inclusive esse período.

<sup>65</sup> Idem, p. 149. Carta escrita em 10.1.1829. ““Wollen Sie mir schreiben, so sei ein Hauptgegenstand unsere Vuk Karadžić. Wie und wo er sich befindet, möchte ich genau wissen. Ich bin ihm sehr zugethan. Grüßen Sie ihn Tausendmal.”

<sup>66</sup> Ibidem. Carta de Vuk Karadžić a Stefan Tenka, 10.12.1839. “Leopold Ranke, der Professor für Geschichte an der Berliner Universität schreibt mir dass er zum zweiten Mal mit mir die Arbeit fortsetzen möchte und zum zweiten Mal sein Buch über Serbien „Die serbische Revolution“, welche er mit zusammen 1828 geschrieben hat.“. Em uma carta posterior, ele ainda escreve: “(...) este é nosso amigo escreveu comigo a revolução sérvia.”<sup>66</sup>

qualificação positiva sobre Obrenović causassem a ele os mesmos problemas com os seguidores de Kara George.<sup>67</sup>

Ao salientar o fato da colaboração na feitura do texto, cai-se na mesma questão inicial acerca da celebração do autor como garantidor de uma “pureza das ideias” e de como tal afirmação pode ser controversa e em certa medida empobrecedora: “Enquanto a noção de propriedade intelectual parece senso comum para nós, ela é realmente uma conquista e tanto: como se pode transformar as ideias de alguém em uma propriedade exclusiva pessoal?”<sup>68</sup>. No caso *d’A Revolução Sérvia*, como medir o quanto fonte e escritor colaboram respectivamente para o resultado final de um texto? E como desautorizar Ranke como autor em meio ao contexto de recusa de Karadžić em assumir a obra como sua? A solução, se ao menos provisória, é entender o livro como uma obra colaborativa na qual Ranke ocupou a posição de responsável oficial, uma vez que a continuidade do projeto por mais duas edições foi uma empreitada desenvolvida por ele, mas que contaria ainda com o apoio de seu colaborador sérvio como um intermediário cultural. Os motivos para a estratégia de Karadžić de abster seu nome na autoria serão explorados no próximo capítulo, no qual o contexto político de construção das nações contemporâneas será confrontado com os temas envolvidos no empreendimento intelectual de escrita *d’A Revolução Sérvia*.

---

<sup>67</sup> JELESIJEVIC, idem, p, 150. “Er (Ranke) hat später auf elegante Art und Weise in der zweiten Auflage Veränderungen vorgenommen. Auch bei der Ausgabe der zweiten Auflage hat Karadžić energisch darauf bestanden, nicht als Autors namentlich erwähnt zu werden. Genau so wie er zu Zeiten der Herrschaft Obrenović Angst vor möglichen Konsequenzen hatte, so befürchtete er, dass die positive Wertung über Obrenović ihm dieselben Probleme mit den Anhängern Kara Georgs bereiten würde.”

<sup>68</sup> “While the notion of intellectual property seems commonsensical to us now, it is really quite an achievement: how can one make ideas into a person's exclusive property?” MANDELL, op. cit.

## CAPÍTULO III

### RANKE E AS IDEIAS SOBRE O ORIENTE

#### A política e a poética do exótico

---

LA POÉSIE VEUT QUELQUE CHOSE D'ÉNORME,  
DE BARBARE ET DE SAUVAGE.  
*Diderot, De la poésie dramatique (1758)*

Se, como foi visto até agora, há uma relação de cooperação e curiosidade entre Ranke e os eslavos que ele conheceu em Viena, o assunto das relações entre Oriente e Ocidente toma um arranjo mais denso conforme o que é apresentado n'*A Revolução Sérvia*. Pela própria natureza do tema da obra, o Ranke teve que se confrontar com a questão oriental, sobre a qual os olhares estavam avidamente voltados durante todo o século XIX em função do rearranjo geopolítico pelo qual passava a Europa. Quando confrontado com o desafio de apresentar eslavos e turcos aos leitores, Ranke teve que caminhar por uma densa floresta de representações ambíguas sobre o Oriente, sobre o que representava o Império Otomano e sobre quem seriam afinal os sérvios – e em um momento em que os próprios sérvios ainda se definiam como povo e tentavam constituir uma nação. Ao definir o Oriente, Ranke inegavelmente falava também sobre o que é ser um ocidental que olha e busca entender o outro de acordo com seus próprios horizontes. Tais horizontes podem ser, como comumente são, delineados tanto por um entendimento do próprio autor como também por uma série de representações culturais que o cercam. É sobre essas várias visões de Oriente que o texto a seguir tratará.

#### 1. METÁFORAS DO MÉTIER NOS ANOS VIENENSES: O PRELÚDIO PARA O ORIENTALISMO

A visão sobre o Oriente que Ranke apresenta n'*A Revolução Sérvia* começa com a percepção do que representava sua própria atividade de historiador. A maneira com que

Ranke compreendeu seu ofício impactou seu objeto de estudos no que diz respeito ao nível de estranhamento que ele estabeleceu com essas outras culturas, principalmente com a parte islâmica de seu objeto de estudo.

Um dos efeitos da celebração da História como disciplina em formação durante o século XIX foi a sensação generalizada de descoberta e desbravamento do passado e de outras civilizações, que, juntamente com o neocolonialismo, expandiu a consciência europeia temporal e geograficamente, levando-a ao encontro de um “outro” que poderia estar tanto no passado como em lugares considerados exóticos<sup>1</sup>. Desta forma, assim como o período das grandes navegações durante os séculos XV e XVI produziu um impulso de descobertas, o século XIX também é marcado pela empolgação com o desconhecido que parecia cada vez apreensível mais através da ciência. Esse tipo de atitude era tanto prática quanto mental, o que pode ser percebido inclusive na forma como os intelectuais começam a pensar suas respectivas atividades, ou seja, em termos de desbravamento e aventura.

Para a nascente ciência histórica, a percepção que os novos historiadores tinham de si mesmos mediante o contexto de formação da disciplina é reveladora de certo impulso que os animava na empreitada de redescobrir civilizações através do enfrentamento com quantidades massivas de documento. No caso de Ranke e d’*A Revolução Sérvia*, é significativo apreender como a percepção que o autor tinha de seu próprio ofício levava-o a certo tipo de abordagem frente ao seu objeto, que era majoritariamente oriental. É possível analisar também como tais dados foram trabalhados discursivamente por Ranke nas cartas do período de sua viagem à Viena, nas quais metáforas expressavam seu entendimento do que significava para ele ser um historiador.

### **1.1. Ranke à la Don Juan: metáfora do historiador amante**

Nos primeiros anos de docência, o cargo de professor em Berlim, a fama advinda da publicação do primeiro livro e os contatos adequados forneciam um encorajamento para

---

<sup>1</sup> Há uma considerável influência do pensamento de Hegel no desenvolvimento dessa noção durante o século XIX: “Hegel’s Philosophy of History (1837), based on a series of lectures that influenced nineteenth-century European perception of the non-European world, suggests a model in which spatial difference is combined with temporal distance; (...) in his scheme of historical progress, a spatial divide (East-West) turns into a model of temporal development: the East is the beginning and childhood of History; the West is its mature age And its end. Africa is missing from this model, since for Hegel Africa has no history. Similarly, in the context of European colonialism, indigenous people in earlier stages of human life (childhood) or history (primitivism), far behind European modernity and progress.” (BOLETSI, Maria. “It’s All Greek to Me: The Barbarian in History”. In: **Barbarism and its Discontents**. California: Stanford University Press, 2013, p. 100).



que Ranke buscasse novas fontes. Por outro lado, as dificuldades transpareciam nas cartas de Ranke com traços heroicos de superação. A dificuldade de acesso aos arquivos e a diplomacia envolvida nisso é bastante reveladora da personalidade de Ranke e de seu entendimento acerca do que é história, indicando, entre outros elementos, uma concepção épica do *métier* de historiador, cuja noção de esforço não só brota de sua admiração pelo heroísmo clássico como também do ímpeto romântico.

Como é sabido pelas suas autobiografias, Ranke foi leitor dos clássicos da literatura e da historiografia grega e a já tão explorada presença em sua mesa do busto de Tucídides e Herótodo à maneira de um Janus já é lendária entre os historiadores. Seguindo tais rastros e a natureza das descrições de Ranke no seu embate contra as forças opositoras no acesso aos arquivos, é interessante perceber a conexão entre a historiografia clássica e aquela que se propunha como nova através de uma autopercepção épica. Como indica Luiz Otávio Magalhães: “um tema, em particular, emblemático da composição épica (é) o tema da perseguição heroica por glória e fama”<sup>2</sup> e esse aspecto épico é visto na concepção historiográfica de Ranke de forma geral, ou seja, não só na descrição de seu ofício como também na própria forma como interpreta e relata sua pesquisa. Vemos a presença do heroico n’A *Revolução Sérvia* em sucessivas passagens nas quais se apresentam as lutas dos sérvios oprimidos e em desvantagem contra o gigante otomano, na qual a escala e o embate “Davi e Golias” fornecem uma imagem literária bela e tocante. A concepção dramática também permeava as cartas do historiador e a relação desta com seu ofício:

Como a semana de trabalho de Ranke era de vinte horas, é cabível que o jovem professor entendesse, como seu mote proclamava, que o trabalho era um prazer. Em Frankfurt, então, ele tinha algo como uma orgia quando se envolvia em uma história em particular. (...) As cartas do jovem historiador quando invocam a história do mundo às vezes deslizam para a rapsódia.<sup>3</sup>

A metáfora dramática também tinha uma versão galanteadora e imaginativa, na qual as fontes eram personificadas de forma a serem conquistadas pelo bravo historiador:

Em suas cartas a Heinrich Ritter, ele se imaginava como um amante que havia feito sexton com uma beldade italiana; em sua carta à Bettina von

---

<sup>2</sup> MAGALHÃES, Luiz Otávio de. “Tucídides: a inquirição da verdade e a latência do heroico” In: JOLY, Fábio Duarte (org.) **História e Retórica: ensaios sobre historiografia antiga**. São Paulo: Alameda, 2007, p. 17.

<sup>3</sup> “As Ranke’s teaching week was twenty hours, it is well that the young teacher found, as his motto proclaimed, labor a pleasure. At Frankfurt, then, he had something of an orgy when he settled because of a particular history. (...) The young historian’s letters when invoking world history sometimes rush to rhapsody.” FITZSIMONS, M. A. “Ranke: History as Worship”. In: **The Review of Politics**, Vol. 42, nº 4 (Oct., 1980), p. 537.

Arnim, ele se retratava como um príncipe dotado de poderes mágico de redimir princesas amaldiçoadas.<sup>4</sup>

Partindo de um ponto de vista galanteador, o tópico da conquista seria ainda mais explorado por Ranke, mas numa direção que o aproximava de um movimento de relação com “outro” tinha implicações muito mais profundas.

## 1.2. Ranke à la James Cook: A metáfora do historiador desbravador

Outra metáfora utilizada por Ranke interessa aqui mais de perto: a do historiador explorador. A concepção que aproxima o trabalho do historiador a do cientista natural é fundamental para compreender parte do interesse do historiador pelo tema da Sérvia. Nesse momento da história da historiografia na qual as ciências naturais gozam cada vez mais de prestígio, há um movimento em que a disciplina “volta-se para o lado das ciências da natureza para dar a história uma dimensão científica”<sup>5</sup>. Vale lembrar que os estudos sobre a natureza, através de um longo processo durante a modernidade, alcançara renome pelo rápido avanço que tivera mediante seu processo de institucionalização, no qual ganhou o título de *ciências naturais*. Segundo Sidney Ross, mesmo a palavra “cientista” teria sido utilizada pela primeira vez no século XIX, sendo cunhada em 1834, por William Whewell<sup>6</sup>. A ciência deste período ainda está intimamente ligada à história, usando inclusive a denominação de *história natural*, e sua institucionalização tinha como consequência a preocupação com a divulgação e o ensino. Outra forma de ciência era aquela praticada no período é a do *gentleman scientist*, que poderia ser traduzido para a linguagem atual como um *cientista independente*. Esses indivíduos atuavam através da formação de sociedades científicas para publicação e discussão de pesquisas independentes das instituições governamentais.

Ambas as formas de fazer científico, institucional ou independente, ligavam a imagem da ciência à atividade de viagem, cujas experiências renderam inúmeras publicações de relato e a noção de que o mundo se abria progressivamente à razão dos

<sup>4</sup> “In his letter to Heinrich Ritter he fashioned himself the lover who had productive sex with an Italian beauty; in his letter to Bettina von Arnim he portrayed himself as a prince bestowed with magical powers to redeem cursed princesses.” Idem, p. 207)

<sup>4</sup> MÜLLER, Phillipp. “Ranke in the Lobby of the Archive: Metaphors and Conditions of Historical Research”. In: Jobs, S.; Lüdtke, A. (eds.) **Unsettling History: Archiving and Narrating History**. Frankfurt: Campus Verlag, 2010, p. 115. A citação de Ranke utilizada por Müller localiza- RANKE, Leopold von. **Zur Eigenes Lebensgeschichte. Sämtliche Werke 34.-35. Band**. Leipzig: Duncker und Humblot, 1890, p. 13.

<sup>5</sup> DOSSE, François. **A História**. São Paulo: Unesp, 2003, p. 163.

<sup>6</sup> ROSS, Sydney. “Scientist: The story of a word”. **Annals of Science**, Vol. 18, Nº2 (1962), p. 72.

viajantes que exploravam as mais diversas localidades do planeta e conduziam suas investigações a partir de uma metodologia científica que garantiria confiabilidade. Se nos séculos XVI ao XVIII, as viagens tiveram uma caráter de descobrimento, daí em diante elas ganharam caráter também de pesquisa, reunindo inúmeras áreas como biologia, geologia, antropologia, medicina (*wissenschaftliche Expeditionen*) e também arte (*Kunstreisen*), sendo essencialmente empreendimentos que reuniam estudiosos de várias nacionalidades sob a mesma bandeira de navegação. Para além das notícias que chegavam ao território alemão das célebres viagens inglesas, os falantes de língua alemã empreenderam inúmeras expedições durante todo o século XIX que abarcaram as localidades mais diversas, por exemplo: Maximilian zu Wied-Neuwied dirigiu duas expedições ao Brasil (1815–1817) e aos Estados Unidos (1832–1834), o austríaco Thaddäus Haenke participou de três viagens para a América do Sul (1789–1794, 1793–1810 e 1804), sendo o primeiro europeu a escalar o vulcão Chimborazo, no Equador; Jakob Philipp Fallmerayer fez três expedições à Grécia e ao Oriente (1831–1834, 1840–1842 e 1847–1848); o prussiano Ludwig Leichhardt realizou três expedições com destino à Austrália (1844, 1845, 1848); Johann Heinrich Barth também viajou duas vezes com destino às regiões norte, oeste e saariana da África (1845–1847 e 1849–1855); Eduard Ludwig Vogel fez uma viagem à África (1853–1856); Bernhard von Wüllerstorff-Urbair, Ferdinand von Hochstetter e Georg von Frauenfeld fizeram uma viagem conjunta que incluiu diversos países (1857–1859), Gerhard Rohlfs viajou para o Timbuktu (1860–1865), para Siwa (1873–1874) e para o Egito (1878); Paul Güssfeldt viajou para o reino do Loango (1873), o Egito com Georg August Schweinfurth (1876) e tentou escalar o Aconcagua (1883); Carl Koldewey empreendeu a primeira e a segunda expedição ao Ártico (1868 e 1869–1870); Karl Graf von Waldburg-Zeil e Theodor von Heuglin fizeram uma viagem de escalada ao arquipélago Spitzbergen, na Noruega (1870); Julius von Payer participou da expedição polar austro-húngara ao arquipélago da *Terra de Francisco José* (1872–1874); Karl von den Steinen realizou uma expedição ao Polo Norte (1882–1883) e duas ao Xingu, no Brasil (1884 e 1887–1888); Victor Hensen participou da expedição Plankton no Atlântico (1889); Theodor Lerner visitou Spitzbergen (1896). Uma das expedições mais famosas continua sendo a de Alexander von Humboldt, que fez uma expedição à América do Sul (1799–1804) e uma à Rússia (1829).

A circulação dos acontecimentos e os resultados e experiências dessas viagens de pesquisa eram divulgados através de publicações em que eram relatados não só os itens

exóticos encontrados, como também entradas de diário. Assim, o mercado literário foi inundado por longas obras com o título que continham “*Travel*”, “*Reisen*”, “*Reisentagebuch*”, etc, sendo possível até encontrar o anúncio de vários desses títulos nas últimas páginas dos livros de Ranke, espaço geralmente reservado para propaganda de novas ofertas da editora. Para citar apenas algumas produções dos nomes referidos acima: Ludwig Leichhardt, publicou cinco livros sobre suas viagens à Austrália<sup>7</sup>, Heinrich Barth publicou três acerca da África e um sobre a Turquia<sup>8</sup>, Eduard Vogel escreveu dois títulos também sobre a África<sup>9</sup>, Ferdinand von Horschsteter publicou cinco trabalhos (sendo dois artigos) sobre a geografia da Nova Zelândia, Peru e outros<sup>10</sup>, Gerhard Rohlfs publicou 14 obras<sup>11</sup>, Karl von Steinen publicou quatro obras sobre o Brasil que incluíam estudos de língua e de arte<sup>12</sup>, Victor Hense escreve duas sobre a *Expedição Plankton*<sup>13</sup>, e o próprio

---

<sup>7</sup> São os títulos: Die erste Durchquerung Australiens 1844–1846., Neu bearbeitet nach seinen Tagebüchern, mit einer Einführung und einem Nachweis versehen.; Ins Innere Australiens, Die erste Durchquerung von Brisbane zur Nordküste.; Tagebuch einer Landreise in Australien von Moreton-Bay nach Port Essington während der Jahre 1844 und 1845. Beiträge zur Geologie von Australien; Schicksal im australischen Busch. Vorstoß in das Herz eines Kontinents.

<sup>8</sup> Reisen und Entdeckungen in Nord- und Centralafrika.; Das Becken des Mittelmeeres in natürlicher und kulturhistorischer Beziehung; Reise von Trapezunt durch die nördliche Hälfte Kleinasien nach Scutari im Herbst 1858; Reise durch das Innere der europäischen Türkei von Rutschuk über Philippopol, Rilo (Monastir), Bitolia u. den Thessalischen Olymp nach Saloniki im Herbst 1862; Sammlung und Bearbeitung centralafrikanischer Vokabularien.

<sup>9</sup> Reise in Centralafrika: Ed. Vogel's Reise in Centralafrika: eine Darstellung seiner Forschung und Erlebnisse nach den hinterlassenen Papieren des Reisenden; Schilderungen der Reisen und Entdeckungen des Dr. Eduard Vogel in Central-Afrika, in der großen Wüste, in den Ländern des Sudan (am Tsad-See, in Mußgo, Tubort, Mandara, Sinder, Bautschi u.s.w.) Nebst einem Lebensabriß des Reisenden.

<sup>10</sup> Neu-Seeland; Geologisch-topographischer Atlas von Neu-Seeland; Reise der österreichischen Fregatte Novara um die Erde; Ueber das Erdbeben in Peru am 13. August 1868 und die dadurch veranlassten Fluthwellen im Pacificischen Ozean, namentlich an der Küste von Chili und von Neuseeland, 1868, veröffentlicht in den Sitzungsberichten der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften in Wien; Reise durch Rumelien; Geologische Bilder der Vorwelt und der Jetztwelt – zum Anschauungs-Unterricht und zur Belehrung in Schule und Familie; Asien: seine Zukunftsbahnen und Kohlenschätze.

<sup>11</sup> Reise durch Marokko, Übersteigung des großen Atlas. Exploration der Oasen von Tafilelt, Tuat und Tidikelt und Reise durch die große Wüste über Rhadames nach Tripolis.; Im Auftrage Sr. Majestät des Königs von Preußen mit dem Englischen Expeditionskorps in Abessinien; Land und Volk in Afrika; Von Tripolis nach Alexandria. ; Mein erster Aufenthalt in Marokko und Reise vom Atlas durch die Oasen Draa und Tafilelt.; Quer durch Afrika. Reise vom Mittelmeer nach dem Tschad-See und zum Golf von Guinea.; Drei Monate in der libyschen Wüste.; Beiträge zur Entdeckung und Erforschung Afrikas. Berichte aus den Jahren 1870–1875; Kufra. Reise von Tripolis nach der Oase Kufra, ausgeführt im Auftrage der afrikanischen Gesellschaft in Deutschland.; Neue Beiträge zur Entdeckung und Erforschung Afrikas.; Expedition zur Erforschung der Libyschen Wüste unter den Auspizien Sr. H. d. Chedive von Ägypten im Winter 1874/1875 ausgeführt; Meine Mission nach Abessinien. Auf Befehl Sr. Maj. des deutschen Kaisers, im Winter 1880/1881 unternommen; Angra Pequena; Quid novi ex Africa.

<sup>12</sup> Durch Central-Brasilien: Expedition zur Erforschung des Schingú im J. 1884; Die Bakaïrî-Sprache: Wörterverzeichnis, Sätze, Sagen, Grammatik; mit Beiträgen zu einer Lautlehre der karäibischen Grundsprache; Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderungen und Ergebnisse der zweiten Schingú-Expedition 1887–1888; Die Marquesaner und ihre Kunst: Studien über die Entwicklung primitiver Südseeornamentik nach eigenen Reiseergebnissen und dem Material der Museen. 3 Bände.

<sup>13</sup> Die Plankton-Expedition und Haeckels Darwinismus. Ueber einige Aufgaben und Ziele der beschreibenden Naturwissenschaften; Ergebnisse der Plankton-Expedition der Humboldt-Stiftung.

caso célebre de Alexander von Humboldt, que publicou não só inúmeras obras sobre ciência natural das regiões visitadas como também longos diários.<sup>14</sup>

Dentro desse amplo panorama de viagens e subsequentes relatos, a ciência vai sendo entendida como um trabalho que é por natureza de campo. Com a história também sendo inserida progressivamente nas ciências, se acirra então uma divisão – e competição – entre o trabalho de campo e o de gabinete, uma vez que as ciências naturais no século XIX estavam amplamente ligadas à ideia de exploração:

“O trabalho de campo veio a se firmar cada vez mais como prática estabelecida na segunda metade do XVIII, gerando conflitos entre “campo” (*terrain*) e o gabinete (*cabinet*), e rivalidades entre estudiosos nômades e sedentários, entre profissionais da periferia e profissionais do centro. O pesquisador do campo frequentemente manifestava desprezo pelo estudioso de “poltrona”, considerando-se mais próximos da realidade, fosse natural ou cultural. Por outro lado, no domínio da história natural, Cuvier – apesar do trabalho de campo geológico que realizou – afirmava a superioridade do estudioso de gabinete, capaz de ver o todo, em relação ao *naturaliste-voyageur*, que enxergava apenas uma parte da realidade.” (BURKE, 2012, p. 45)

Forma-se uma tensão entre o dinamismo excitante da viagem de descoberta e do trabalho supostamente maçante do intelectual de gabinete. O historiador sentado confortavelmente em sua poltrona tornava-se uma figura apagada frente às fotos e litografias de seus colegas naturalistas, cujas poses, roupas e atitudes retratavam uma vida de aventura em prol do conhecimento. Essa imagem era construída literariamente e também através das imagens que retratavam os naturalistas e que traziam certo discurso em comum de virilidade, conquista, aventura, exotismo e também violência, como pode ser visto nos exemplos de alguns exploradores alemães abaixo:

---

<sup>14</sup> Kosmos – Entwurf einer physischen Weltbeschreibung; Vues des Cordillères et Monuments des Peuples Indigènes de l’Amérique; Ansichten der Natur; Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent: fait en 1799, 1800, 1801, 1803 et 1804 (com Aimé Bonpland); Examen critique de l’histoire de la géographie du Nouveau continent; Zentralasien (com Wilhelm Mahlmann).



*Fig. 1: Dr. Clauss, Dr. K. von Stein e W. Von den Steinen na primeira expedição o Xingú, Brasil.*



*Fig. 2: Theodor von Heuglin, que fez uma famosa expedição ao Egito e outra ao Polo.*



*Fig. 3: Alexander von Humboldt, na pintura de Friedrich Georg Weitsch (1806), retratado em sua expedição à América do Sul.*



*Fig. 4: Príncipe Maximilian caça na floresta brasileira.*

É possível imaginar o efeito que o conjunto de textos e imagens produzidos no contexto das expedições científicas causou nos demais cientistas e no público em geral europeu. Se uma imagem isolada poderia ser mero estilo pessoal do artista ou do explorador, a repetição na forma de capturar o tema construiu uma atmosfera de confiança e dinamismo persistente, na qual a fronteira entre ciência e conquista é bastante tênue. Em comparação, o trabalho do historiador poderia perder sua atração por sua natureza mais reflexiva e mais próxima dos livros e do gabinete. No entanto, Ranke rejeita essa visão tediosa de seu ofício e estava decidido a mostrar que a empreitada historiográfica poderia ser tão cheia de aventuras e surpresas quanto os grandes descolamentos geográficos dos cientistas naturais. Ao negar o marasmo da atividade historiográfica, ele se aproxima do modelo dos cientistas de campo de seu tempo:

Então ele se retratou em uma carta a Henrich Ritter de outubro de 1827 como “um Colombo da história veneziana” (Let. Ritter, 28 Oct 1827, Ranke 1890, 173ff, 176); em outra carta a Karl Varnhagen van Ense ele proclamou, mais modestamente, seu desejo de se tornar “se não um Colombo, pelo menos um tipo de Cook se alguma bela ilha desconhecida da história universal.”<sup>15</sup>

Kämpfer aponta para a mesma metáfora: “Não há dúvidas que o gatilho para Ranke não foi o filohelenismo mas sim a descoberta de 46 fólios das relações venezianas em arquivos de Berlim, sobre a qual Ranke viu a si mesmo como um “Colombo” historiográfico.”<sup>16</sup>

Assim, Ranke colocava para si nova concepção atraente do ofício de historiador, que não só fazia essa viagem do ponto de vista temporal, ao acessar civilizações do passado, como também entrava nos mais diferentes arquivos e acessava documentos nunca antes revelados, trazendo-os à luz da ciência e à vista pública:

Apesar de Leopold Ranke nunca ter se aventurado em mar aberto, ele era tentado a imaginar as expedições de exploração do Capitão Cook e Cristovão Colombo pois ele imaginava a si mesmo atravessando as bordas que dividiam o consenso estabelecido e o desconhecido do passado. Escavando em bibliotecas e arquivos do Império Austríaco, Ranke pensou explorar uma *terra incognita*. Sendo o primeiro historiador, ele se orgulhou em tocar e usar manuscritos que “nunca haviam sido usados por alguém” antes e postanto ele os reivindicou.

Essa visão de si mesmo adianta a atitude mental com que Ranke encararia a empreitada d’ *A Revolução Sérvia* e até mesmo justifica em parte ele ter aceitado o convite de escrever sobre sérvios e turcos, pois, mesmo que houvesse um forte interesse político no assunto, ardia também o desejo de acessar novos povos e culturas. Ao mesmo tempo, tais metáforas inseririam o estudioso de gabinete em um ambiente de atividades viris e de dominação. Tal sentimento de superioridade será transferido também para o tratamento de outros povos.

<sup>15</sup> “So he fashioned himself in a letter to Heinrich Ritter in October 1827 as “a Columbus of Venetian history” (Let. Ritter, 28 Oct 1827, Ranke 1890, 173ff, 176); in another letter to Karl Varnhagen van Ense he voiced, more modestly, his wish to become, “if not a Columbus, at least a kind of Cook of some beautiful, unknown island of world history.” Müller, op. cit, p. 13. Interessante a comparação com Cook dado a afinidade entre ele e Ranke na questão da oposição aos franceses, uma vez que Cook combateu Napoleão em nome da marinha britânica.

<sup>16</sup> „Doch besteht kein Zweifel daran, daß nicht Philhellenismus der Auslöser für Ranke war, sondern der Fund von 47 Folianten venezianischer Relationen in Berliner Archiven, als deren historiographischer "Columbus" sich Ranke betrachtete.” KÄMPFER, Frank. Vuk Karadzic und Leopold Ranke: Zur Rezeption der 'SERBISCHEN REVOLUTION' in Deutschland. In: [www.frank-kaempfer.de/Neuer\\_PDF\\_Order/Ranke\\_Serbische\\_Revolution1991.pdf](http://www.frank-kaempfer.de/Neuer_PDF_Order/Ranke_Serbische_Revolution1991.pdf). Acessado em 06/07/2013.

Seja amante, príncipe ou explorador, todas estas metáforas compartilham uma característica: a noção de atividade viril e poder sugere que ele age enquanto outros são passivos.<sup>17</sup>

A metáfora de descobridor utilizada por Ranke alinhava-se com uma atmosfera mais ampla que envolvia as ciências e o interesse renovado dessa pelos espaços não europeus. Através desse impulso para o desconhecido, o Oriente ganhou crescente espaço tanto no ambiente científico como também no literário, que se alimentava do mesmo ímpeto para a novidade. O resultado desse olhar para os outros povos foi o entendimento de que o aprimoramento das ciências do homem e da natureza dependia necessariamente desse alargar de horizontes mas que, por outro lado, partia repetidamente do ponto de vista europeu (e por vezes eurocêntrico).

Ranke estava incluído nesse conjunto de escritores que falavam sobre o Oriente e *A Revolução Sérvia* exigia, pela própria natureza de seu tema, que outros povos fossem apresentados e interpretados, o que gerou uma série de questões não apenas sobre os orientais, mas também sobre a própria Europa, uma vez que Ranke adota frequentemente uma análise comparativa implícita e explícita, o que pode se tornar um problema dependendo da forma como é realizada.<sup>18</sup>

## 2. FACES DA “TURCOMANIA” OITOCENTISTA

### 2.1. Expedições científicas e as novas formas do Oriente

Apesar de o Oriente ser tema antigo e as falas dos europeus sobre ele também, o processo de formação de identidades nacionais durante o século XIX requisitou a eleição de uma contraidentidade que fornecesse contraste para a afirmação deste “eu” frente ao “outro”, ou seja, a medida da civilização só se dá frente a quão bárbaro é o outro. Por outro lado, esse movimento de alteridade gerou uma grande onda de encantamento artístico de longa duração fomentado pelo imaginário e pelo estereótipo desse Oriente ao mesmo tempo próximo e distante:

---

<sup>17</sup> “Whether lover, prince, or explorer, all of these metaphors share one characteristic: the notion of virile activity and power suggests he is acting whilst others are passive.” Müller, op. cit., p. 122.

<sup>18</sup> „Seen another way, comparison assumes a level playing field and the field is never level, if only in terms of the interest implicit in the perspective. It is, in other words, never a question of compare and contrast, but rather a matter of judging and choosing.” (SPIVAK, Gayatri Chakravorty. “Rethinking Comparativism” In: *New Literary History*, Volume 40, Number 3, Summer 2009, p. 609.)



A poesia Rabáiyát, como interpretada por Edward Fitzgerald, o galantismo estrangeiro de Lord Byron e o sonhador de Leigh Hunt: estes são apenas alguns entre a legião de evocações literárias fixadas na mente europeia do século XIX, de um Leste de localização geográfica incerta. África do Norte e Oriente Médio eram bem menos distantes do que as terras do Extremo Oriente. A passagem para eles poderia ser feita rapidamente, mas seu charme exótico podia ser apenas invocado por contos de encantament. Sempre haveria algo maravilhoso sobre este lugar de imaginação, cheio de possibilidade de engano, fascinante para a Europa por sua cultura de múltiplas esposas, mulheres submissas, licença sexual e caravanas nômades.<sup>19</sup>

As expedições científicas trouxeram para os europeus não só relatos e novos objetos científicos, como também uma série de imagens que forneceram combustível para uma ideia do que eram o Oriente e a África. Dentre essas expedições, a mais impactante para as relações culturais entre Oriente e Ocidente foi a *Campanha do Egito*<sup>20</sup>, realizada por Napoleão Bonaparte entre 1798 e 1801 e que era tanto de natureza política (impedir o acesso da Inglaterra à Índia) como também científica.



*Fig. 5: Ilustração de Napoleão, feita na Inglaterra, na qual o líder francês é retratado em dimensões colossais a caminhar pelo globo entre a Polônia, Hungria e Turquia até o mar da costa da Inglaterra, onde um de seus pés pisa nos pequeninos navios britânicos. “O mapa está invertido, a Polônia no Ocidente (esquerda) e a Inglaterra no Oriente (direita) e Napoleão passa a perna por cima de país com a inscrição “Prússia”, “Alemanha”, “Itália”, “Dinamarca”, “Holanda”, “Hanover”, “Suíça”, “França”, “Espanha” e “Portugal”. Entre o título “Uma passada monstruosa” e a imagem, lê-se “Ele colocará seu pé lá.” – 25 de julho de 1803, British Museum.*

<sup>19</sup> “The Rabáiyát’s poetry, as interpreted by Edward Fitzgerald, the foreign gallantry of Lord Byron, and the dreamer of Leigh Hunt: these are just a few among the legion of literary evocations, fixed in the nineteenth century European mind, of an East of uncertain geographical location. North Africa and the Middle East were far less distant than the lands of the Far East. The crossing to them could be achieved readily, but their exotic charm could only be invoked by tales of enchantment. There would always be something wondrous about this place of imagination, filled with possibilities of lubricity, fascinating to Europe for its culture of multiple wives, subservient women, sexual license, and nomadic caravanserei.” MARTIN, Richard; KODA, Harold. **Orientalism. Visions of the East in Western Dress.** New York: The Metropolitan Museum of Art, 1995, p. 50.

<sup>20</sup> Ao entrar no Egito e na Síria, Napoleão invadia território otomano, uma vez que a região estava sob domínio do Sultão. Após o contato com os franceses, o Egito se rebela contra o domínio otomano.

As mudanças provocadas pelas ações de Napoleão sobre o globo são bastante conhecidas e o impacto da expedição ao Oriente também. Se de um ponto de vista militar a empreitada foi um fracasso, no quesito científico ela foi muito bem sucedida (incluindo entre seus feitos a descoberta da *Pedra de Roseta*<sup>21</sup>) e abriu as portas – em grande parte à força – para o impulso dos estudos da cultura material oriental que geraria, por exemplo, o campo de estudos da egiptologia<sup>22</sup>. Levando junto consigo uma *Comissão das Ciências e das Artes* com 167 cientistas, Bonaparte fez com que inúmeros objetos egípcios e sírios fossem levados para a Europa e com isso não só os estudos do Oriente sofreram um crescimento exponencial como também o Ocidente foi contaminado pelo “mistério do Oriente”, que se espalhou entre estudiosos e escritores. A empreitada francesa foi divulgada para outros países através da ação transnacional que o *Institut d'Égypte* adotou a partir de 1836 e do qual participou inclusive o alemão Georg August Schweinfurth<sup>23</sup>. Uma iniciativa importante deriva da incursão napoleônica no Egito e a consequente criação do *Institut* foram os volumes do *Description de l'Égypte*<sup>24</sup>, publicadas entre 1809 e 1829, cujo conteúdo tratava justamente da expedição napoleônica e que descreviam o país tanto em sua faceta antiga quanto moderna. O *Description*, principalmente sua primeira edição, é

---

<sup>21</sup> A Pedra de Roseta é um fragmento de pedra inscrita do Egito Antigo, cujo texto foi crucial para a decifração dos hieróglifos egípcios. Foi encontrada em agosto de 1799 por soldados napoleônicos, particularmente por um oficial chamado Bouchard. Quando a França assina sua capitulação diante do Reino Unido, em 1801, a pedra passa a fazer parte do acervo Museu Britânico.

<sup>22</sup> Como forma de organizar os estudos que eram feitos pela Commission des Sciences et des Arts na expedição, foi fundado o Institut d'Égypte, em 24 de agosto de 1798, tendo o próprio Bonaparte como vice-presidente. Em 22 de novembro de 1799, o Instituto publica os trabalhos acadêmicos no volume *Description de l'Égypte*. Em 1836, subsume-se na The Egyptian Society, um grupo de trabalho coletivo que incluía franceses, alemães e ingleses. Em 1859, é transferido para Alexandria e ganha o nome de Institut Égyptien, funcionando sob auspícios do vice-rei, retornando ao Cairo em 1880. Em 2011, na ocasião da revolução egípcia, o Instituto foi incendiado, mas protestantes e soldados conseguiram salvar entre 30 e 40.000 trabalhos (antes contando com 200.000 textos, muitos da era bonapartista).

<sup>23</sup> Georg August Schweinfurth (1836–1925) foi botânico, viajante, etnólogo e paleontologista especialista em África Central Oriental. Em 1863, ele viajou para a região Mar Vermelho, retornando à Europa em 1866. Em 1868, dado seu sucesso, recebeu o patrocínio bolsa do Humboldt-Stiftung de Berlim para uma viagem ao Egito e Chade e Congo, viagem na qual descobriu o rio Uele (Congo). Entre 1873-1874, participou com Friedrich Gerhard Rohlfs da expedição ao deserto da Líbia. Em 1875, fundou uma sociedade geográfica no Cairo e no ano seguinte seguiu com Paul Güssfeldt para o deserto arábico. Algumas de suas obras são: *Beitrag zur Flora Aethiopiens* (1867), *Reliquiae Kotschyanae* (1868), *Linguistische Ergebnisse einer Reise nach Centralafrika* (1873), *Im Herzen von Afrika* (1874), *Artes Africanae illustrations and descriptions of productions of the industrial arts of Central African tribes* (1875). O caso de Schweinfurth interessa aqui porque revela a ligação entre as expedições científicas e o movimento político internacional e também porque indica o nível de divulgação dessas descrições de viagens, principalmente para os alemães. Seus escritos foram publicados em forma de livros, em periódicos e em panfletos como *Petermanns Geographische Mitteilungen* e o *Zeitschrift für Erdkunde*.

<sup>24</sup> O título completo é *Description de l'Égypte, ou Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française*.

primoroso pela qualidade dos textos e gravuras, mas faltava em acessibilidade pelo baixo número de cópias, pelo tamanho grande e imagens que encareciam os volumes.



*Fig. 6: Frontispício do Description de l'Égypte; edição comissionada por Napoleão e publicada pelo governo francês (1809-1822)*



*Fig. 7: Prancha "G" intitulada "Murad Bey" (, desenhada por Dutertre, In: Etat moderne, planches. Tomo 12. Paris: Imprimerie Royale, 1817.*

Muitos outros livros sobre o Egito e o "Oriente Próximo" antecederam o *Description* e o superaram em acessibilidade, havendo também *Pyramidographia* (1646), de John Graves, os dez volumes de *L'Antiquite expliquée et representée en figures* (1719–1724), de Bernard de Montfaucon's, *Description de l'Égypte* (1735), de Benoît de Maillet, *Voyage d'Égypte et de Nubie* (1755), de Frederic Louis Norden. Os dois títulos mais influentes são alemães: os dois volumes de *Reisebeschreibung von Arabien und anderen umliegenden Ländern* (1774 e 1778), de Carsten Niebuhr e os doze volumes de *Denkmaeler aus Aegypten und Aethiopien* (1849–1859), de Karl Richard Lepsius. O interesse de Napoleão pelo Oriente haveria nascido da exposição a esse orientalismo textual previamente desenvolvido:

A expedição de Napoleão, nascida ela mesma, em parte, de uma imaginação textual baseada nos "encontros" de Napoleão com o Oriente que começaram nos seus dias de leituras de adolescência, reconfiguraram a relação entre conhecimento e poder de uma forma particular. Napoleão se preparou com antecedência para o encontro, confiando, entre outros, no trabalho o Conde de Volney (1859), um viajante francês que publicou seu *Voyage en Égypte et en Syrie* em 1787. Napoleão leu o relato de

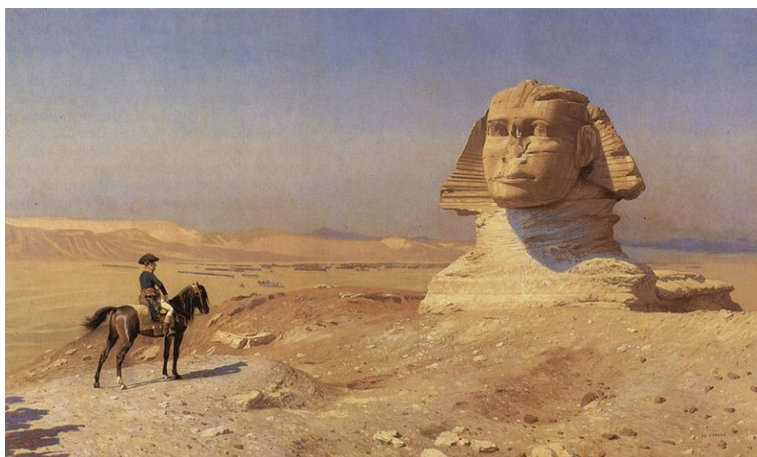
Volney como um manual de formas de lidar com o Oriente (ou orientais). Mais ainda, a conquista e aquisição de conhecimento sistemático não-científico emergiram lado a lado: “O *Instituto*, com seu time de químicos, historiadores, biólogos, arqueólogos, cirurgiões e antiquários, eram a divisão educada de um exército.” Como Said explica, “Após Napoleão... a própria linguagem do orientalismo mudou radicalmente. Seu realismo descritivo foi um avanço e tornou-se não meramente um estilo de representação mas uma linguagem, de fato, da criação.”<sup>25</sup>

O diferencial da empreitada francesa estaria então no conjunto da iniciativa, que fornecia uma ligação inalienável entre a política contemporânea e o Oriente, relação essa construída através da ação militar, textos acadêmicos e arte. Logo, a produção de imagens com a temática de Napoleão no Egito também ajudou a propagar com ainda mais ênfase, principalmente por sua característica propagandística, um ideário imagético sobre as terras distantes ao leste:



*Fig. 12: Jean-Léon Gérôme. Bonaparte e seus Generais no Egito (1863).*

<sup>25</sup> “Napoleon’s expedition, itself born, in part, out of a textual imagination rooted in Napoleon’s “encounters” with the Orient that began with his days of adolescent reading, refigured the relationship between knowledge and power in particular ways. Napoleon prepared in advance for the encounter, relying, among others, on the work of the Comte de Volney (1859), a French traveler who published his *Voyage en Egypte et en Syrie* in 1787. Napoleon read Volney’s account as a handbook of sorts for dealing with the Orient (or the Orientals). Moreover, conquest and acquisition of systematic, now-scientific knowledge emerged hand in hand: “The *Institut*, with its team of chemists, historians, biologists, archeologists, surgeons, and antiquarians, was the learned division of an army”. As Said explains, “After Napoleon... the very language of Orientalism changed radically. It descriptive realism was upgraded and became not merely a style of representation but a language, indeed a means, of creation.”” EL-HAJ, Nadia Abu. “Edward Said and the Political Present” In: NETTON, Ian Richard. **Orientalism Revisited. Art, Land and Voyage**. New York: Routledge, 2013, p. 64.



*Fig. 13:* Jean-Léon Gérôme. *Bonaparte Diante da Esfinge* (1867-1868).

A antiguidade das diversas civilizações orientais e sua sofisticação quando pensadas comparativamente à Europa produziam fascinação e interesse. Por outro lado, a fragilidade política do império otomano, o qual dominava muitas dessas regiões, era motivo de desprezo e do despertar da ganância das potências europeias. Acompanhando essa ambivalência nas impressões sobre o Oriente, a postura científica e intelectual ocidental em geral parece também constantemente oscilar entre dois polos que passam pela apropriação: o da apropriação violenta da guerra e da tomada militar (acompanhada por todo um ritual de desmoralização do adversário enfraquecido) e o da curiosidade cultural que leva a uma apropriação por imitação e atribuição de características sublimes e utópicas aos orientais. Apesar do sucesso da expedição napoleônica, esse tipo de mecanismo de apropriação (principalmente a militar e material) já sofria críticas no período, como pode ser vista na charge inglesa abaixo, que explora o tema sob a perspectiva da contrarrevolução:



**Fig. 14:** Quinze personagens, cada qual identificado com sua respectiva nacionalidade, descrevem as “Opiniões Nacionais Sobre Bonaparte”. No que diz respeito ao Oriente, a figura do Egito (1ª) diz: “Suas extorsões são abomináveis, eu desejo que fosse feito dele uma múmia!”; a figura chinesa (4ª) questiona: “Não é esse tal Boonapar [sic] um ladrão famoso?”; a Turquia (8ª) “Eu tremo toda vez que seu nome é mencionado.”; a figura identificada genericamente como Ásia (14ª): “Eu imploro que ele seja mantido longe.” – 20 de Abril de 1808 – British Museum.

Assim, a temática oriental, em decorrência dessa relação complexa entre fragilidade política contemporânea, grandiosidade histórica e exotismo, sofre um movimento duplo onde há encantamento e chiste:

No século XIX, esta “turcomania” enfraqueceu e foi substituída por uma outra expressão da presença otomana na cultura popular europeia. Os temas comuns de crueldade, intriga, ciúme e selvageria continuaram de acordo com a pronta recepção preparada pelos discursos odiosos do poderoso político britânico Gladstone contra os “horrores búlgaros”. Juntamente com esta imagem impositiva emergia aquela do tuco amoroso ou bufão. O turco tolo já havia se tornado figura comum, como vemos no *Le Bourgeois Gentilhomme*, de Molière (1670), onde um personagem principal tagarelava bobagens, as quais a plateia deveria entender como turco otomano. Agora, no século XIX, turcos luxuriosos com órgãos sexuais enorme tornaram-se uma característica importante da literatura pornográfica vitoriana. Além disto, muitos europeus, de Lord Byron ao novelista Pierre Loti a Lawrence da Arábia, vieram a considerar o Império Otomano como terra dos sonhos onde fantasias sexuais ou de outros tipo podiam ser realizadas. Estes três indivíduos e centenas de outros procuraram escapar do tédio e monotonia da vida moderna

industrial e imaginaram o Leste – tenham ou não viajado para os reinos dos otomanos.<sup>26</sup>

Mais uma vez, o caso dos retratos dos cientistas alemães é revelador nesse sentido. Se acima foram vistas representações de domínio, resistência e superação, outro conjunto de imagens aponta para a apropriação da cultura turca numa relação de simbiose, curiosidade e fascinação.



Dr. Eduard Vogel.

*Fig. 15: Eduard Vogel com o turbante árabe (1863).*



*Fig. 16: Gerhard Rohlfs em roupas árabes. (1865).*



*Fig. 17: Max von Oppenheim em roupas árabes (1896).*

No que diz respeito à intelectualidade alemã ligada à produção acadêmica, deve ser considerado igualmente que a atenção da maioria dos estudos voltou-se com maior empenho para o Extremo Oriente graças a um interesse duplo: sua busca pelas origens e crescente entusiasmos pelas mitologias, ambas impulsionadas pelas marchas de expansão dos impérios e pelas expedições científicas que revelavam (e inventavam) progressivamente o mistério oriental.

<sup>26</sup> “In the nineteenth century this “Turkomania” faded, to be replaced by yet other expressions of the Ottoman presence in European popular culture. The common motifs of cruelty, intrigue, jealousy and savagery continued, hence the ready reception accorded to the powerful British politician Gladstone’s rantings against the “Bulgarian horrors.” Alongside this old ruthless image emerged that of the amorous or the buffoon Turk. The silly Turk already had become a stock figure, as we see in Molière’s *The Bourgeois Gentleman* (1670), where a major character babbled gibberish which the audience was meant to understand as Ottoman Turkish. Now, in the nineteenth century, lustful Turks with enormous sex organs became an important feature of Victorian pornography literature. Further, many Europeans, from Lord Byron to the novelist Pierre Loti to Lawrence of Arabia, came to consider the Ottoman Empire as the land of dreams where sexual or other fantasies could be realized. These three individuals and other thousands of others sought escape from the tedium and monotony of modern industrial life and imagined East – whether or not they traveled to the Ottoman realms.” QUATAERT, Donald. “The primitive, the savage, the noble”. In: **The Ottoman Empire (1700-1922)**. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 10.

Em torno de 1800 desenvolvia-se uma nova maneira de pesquisa dos mitos e, estreitamente associada a ela, modificou-se a imagem da Antiguidade que era influenciada pelo classicismo de Winckelmann. O resultado geral desta revolução foi que a distância e ao mesmo tempo no fundo do passado, o continente do leste se sobressaiu, o Oriente – como se diz na época, referindo-se principalmente à antiga Índia, à China e ao Egito. O Oriente joga sua sombra sobre o Ocidente. Isso começou apenas poucos anos depois que Napoleão teve de interromper sua expedição ao Egito. A autopercepção europeia fora levada à ruína.<sup>27</sup>

Em um movimento amplo de estudos sobre o tema, a relação entre a definição de Europa e de “não Europa” crescia à medida que o mundo se tornava mais acessível ao escrutínio da razão de uma intelectualidade ávida por um mundo que era muito mais antigo do que a cultura ocidental. Nomes como os de Creuzer<sup>28</sup>, Görres, Ast<sup>29</sup> e Schlegel<sup>30</sup> dão impulso ao novo empreendimento de valorização do oriental:

Creuzer foi do oeste para o leste. Görres buscou o leste, para de lá, do lado oposto, chegar ao oeste. Para ambos, porém – como também para Friedrich Schlegel – foi definitivo ter reconhecido aquilo que Friedrich Ast formula em 1808 da seguinte forma: “*Enquanto não tivermos reconhecido o Oriente, nosso conhecimento do Ocidente será sem base e sem utilidade.*”<sup>31</sup>

A relação entre os estudos orientalistas e a história ficava cada vez mais evidente, principalmente pelo crescimento dos estudos culturais que ganhavam força dentro da historiografia alemã oitocentista. Entretanto, o império otomano era relativamente excluído do interesse direto desses pesquisadores que voltavam sua atenção principalmente para a civilização clássica greco-romana, entendida como o berço das civilizações modernas.

<sup>27</sup> SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã.** São Paulo: Estação Liberdade, 2010, p. 146.

<sup>28</sup> Georg Friedrich Creuzer (1771-1858) foi filólogo, arqueólogo, orientalista e mitólogo alemão. Foi professor da Universidade de Marburg, Heidelberg e Leiden. Dentre suas obras sobre o oriente, destacam-se títulos sobre a cultura greco-romana: *Symbolik und Mythologie der alten Völker, besonders der Griechen* (1812); *Oratio de civitate Athenarum omnis humanitatis parente* (1826); *Ein alt-athenisches Gefäß mit Malerei und Inschrift* (1832); *Zur Geschichte alt-römischer Cultur am Ober-Rhein und Neckar* (1833); *Zur Geschichte der griechischen und römischen Literatur. Abhandlungen* (1854).

<sup>29</sup> Georg Anton Friedrich Ast (1778-1841) foi um filólogo clássico e filósofo alemão, conhecido principalmente pelos estudos de Platão, sobre quem escreveu *Platon's Leben und Schriften. Ein Versuch, im Leben wie in den Schriften des Platon das Wahre und Aechte vom Erdichteten und Untergeschobenen zu scheiden, und die Zeitfolge ächten Gespräche zu bestimmen* (1816) e *Lexicon Platonicum sive vocum Platoniarum index* (1835–1839).

<sup>30</sup> Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel (1772-1829) foi um filósofo da cultura, escritor, crítico literário, historiador filólogo e pioneiro da indogermanística, além de indólogo. Sobre o oriente, escreveu: *Vom ästhetischen Werte der griechischen Komödie* (1794); *Über das Studium der griechischen Poesie* (1797); *Über die Sprache und Weisheit der Indie* (1808);

<sup>31</sup> Idem, p. 147



## 2.2. O extravagante aroma do sândalo: a literatura e o Oriente encantado

Literatos e acadêmicos faziam, no entanto, incursões intelectuais sem o deslocamento geográfico correspondente, ou seja, em inúmeras ocasiões descreviam e romantizavam regiões para as quais nunca havia viajado e cuja pena obedecia muito mais à imaginação ou projeções de suas próprias culturas do que à realidade objetiva e diversificada: “Orientalismo não é uma construção a partir da experiência do oriente. É a fabulação de ideias ocidentais pré-concebidas sobrepostas e impostas ao Oriente.”<sup>32</sup>

Na literatura e na pintura, o Oriente foi retratado, em sua maioria, segundo uma visão onírica, paradisíaca. Em seu movimento de fuga do mundo que buscava distancia através do tempo ou do espaço, o grupo dos jovens românticos sentiu grande atração pelos temas orientais por estes oferecerem distância e um lugar real para alocar utopias, de forma que o orientalismo romântico orientou suas composições no sentido do exotismo e da fantasia.

E os aventureiros como Richard Burton, o famoso tradutor de *Arabian Knights*; Charles Doughty, autor de *Travels in Arabia Deserta* e E. W. Lane, que escreveu *Modern Egypt* em 1834 adicionaram camadas extra de exotismo à representação do islã no Ocidente. Eles descreveram uma casa dos tesouros do mágico e oculto, astrologia e alquimia, maconha e ópio, encantadores de serpentes, malabaristas, dançarinas públicas, superstições, recantos homossexuais, mulheres prontas para satisfazer todo desejo sexual, crenças sobrenaturais e incidentes bizarros que deflavam a imaginação. Uma linha de pintores notáveis, de Jean-Auguste Dominique Ingres, Henri Regnault a Eugene Delacroix desenvolveram um gênero de pintura orientalista que retratava na tela muçumanos bárbaros e mulheres muçulmanas sensuais, convidativas e submissas. Administradores coloniais como Lord Cromer do Egito e T.E. Lawrence, conhecido como “Lawrence da Arábia” que na realidade era um espião para os britânicos, transformaram estas imagens e representações em política.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> ““Orientalism is not a construction from experience of the Orient. It is the fabulation of pre-existing Western ideas overwriting and imposed upon the Orient.” SARDAR, Ziauddin. **Orientalism**. Buckingham: Open University Press, 1999, p. 9.

<sup>33</sup> “And adventurers like Richard Burton, the famous translator of *Arabian Knights*; Charles Doughty, author of *Travels in Arabia Deserta*, and E. W. Lane, who wrote *Modern Egypt* in 1834, added extra layers of exotica to the representation of Islam in the West. They described a treasure-house of magic and occult, astrology and alchemy, hemp and opium, snake-charmers, jugglers, public dancers, superstitions, homosexual dens, women ready to satisfy every sexual urge, supernatural beliefs and bizarre incidents that defied imagination. While a string of noted painters, from Jean-Auguste Dominique Ingres, Henri Regnault to Eugene Delacroix, developed a genre of Orientalist painting that placed barbaric Muslim men and sensuous, inviting and submissive Muslim women on the canvas. Colonial administrators like Lord Cromer of Egypt and T. E. Lawrence, aka ‘Lawrence of Arabia’ who in reality was a spy for the British, turned these images and representations into police.” SARDAR, Ziauddin; DAVIES, Merryl Wyn. **The Nonsense Guide to Islam**. United Kingdom: New Internationalist Publications, 2007, versão online em [www.newint.org](http://www.newint.org).

Na Inglaterra, o impulso literário teria sido dado pela primeira tradução de *As Mil e Uma Noites*, durante o século XVIII, estimulando assim o gênero dos *contos orientais*. Durante o século XIX, o desenvolvimento do romance oriental está ligado ao romance gótico, ambos explorando o exótico, o extravagante, o “outro”.<sup>34</sup>

Goticismo e orientalismo fazem o trabalho da ficção de forma mais geral – provendo personagens imaginários, situações e histórias como alternativas para – ou mesmo um escape da – realidade cotidiana dos leitores. Mas eles operam como mais do que outros tipos de ficção. O horror agradável e o exotismo agradável são experiências aparentadas com a irrealidade e a estranheza na base das duas.<sup>35</sup>

Autores como William Blake, Wordsworth (livro 5 de *Prelude*), Coleridge (*Kubla Khan*), notadamente Byron (*Turkish Tales* e *Don Juan*), Percy Shelley (*Alastor*), Montesquieu (*Lettres Persanes*), Goethe (*West-östlicher Divan*) e até mesmo em Mary Shelley (*Frankenstein*) inseriram personagens, temas ou paisagens orientais em seus escritos, além de inúmeros outros. Na ópera, Mozart também apresenta a peça *Entführung aus dem Serail* (1782) com a temática. Em Byron, por exemplo, pode-se perceber ao mesmo tempo um tipo de orientalismo lisonjeiro e o reforço de alguns estereótipos como o orgulho (*unconquerable pride*) e talento para a dissimulação (*well skill'd to hide*) que os muçulmanos teriam:

Old Giaffir sate in his Divan:  
 Deep thought was in his aged eye;  
 And though the face of Mussulman  
 Not oft betrays to standers by  
 The mind within, well skill'd to hide  
 All but unconquerable pride,  
 His pensive cheek and pondering brow  
 Did more than he wont avow.<sup>36</sup>

Também Heinrich Heine colaborou para alguns estereótipos acerca dos turcos em seu *O Rabi de Bacherach*, afastando a imagem do idílio e colocando-a de acordo com a crítica política do momento:

O turco é desatinado e despiciente, colocando com prazer os seus bastões e instrumentos de tortura à disposição dos cristãos, contra os judeus acusados. Pois ambas as seitas lhes são igualmente odiosas, considera

<sup>34</sup> Para mais sobre a relação do romance gótico e o orientalismo em Ranke, ver o próximo tópico, “O curioso caso dos vampiros”.

<sup>35</sup> “Gothicism and Orientalism do the work of fiction more generally — providing imaginary characters, situations, and stories as alternative to, even as escape from, the reader's everyday reality. But they operate more sensationally than other types of fiction. Pleasurable terror and pleasurable exoticism are kindred experiences, with unreality and strangeness at the root of both.” SARDAR; DAVIES, op. cit.

<sup>36</sup> BYRON, George Gordon. “The Bride of Abydos”. In: **Turkish Tales**. (<http://www.poemhunter.com/poem/bride-of-abydos-the/>), acessado em 12/1/2014.

ambas como cães chegando mesmo a conferir-lhes esse honroso nome; certamente fica contente quando o *Giaur* cristão lhe dá a oportunidade de, com alguma aparência de legalidade, maltratar o *Giaur* judeu. Esperai até o paxá fique por cima e não precise mais temer a influência armada do europeu – então ele prestará ouvidos ao cão circuncidado e este irá acusar nossos irmãos cristãos, Deus sabe do quê! Hoje bigorna, amanhã malho!<sup>37</sup>

É interessante para o caso de Ranke perceber a construção literária do Oriente, uma vez que esta não lhe passava despercebida, como, aliás, nenhuma literatura. Ranke procurou trazer o elemento literário em relação direta com suas pesquisas, nas quais estilo e conteúdo deveriam se integrar como um único elemento: “Como Tucídides, que era o assunto de sua dissertação, ele procurou escrever uma história que combinava um reconstrução confiável do passado com elegância literária. A história precisava ser escrita *por* especialistas, mas não apenas ou até primariamente *para* eles, mas para um público educado mais geral.”<sup>38</sup> Para retratar a questão oriental, Ranke fez uso de tópicos produzidos pela literatura orientalista para caracterizar os sérvios. Mas, para os turcos, todo um outro conjunto de representações muito mais agressivas foi sustentado pelo historiador, colocando-o em consonância com a pena afiada de Heine.

### 2.3. O amargo gosto da derrota: o Oriente politicamente enfraquecido

No que tange a caracterização negativa do Oriente, muito dela estava baseada na crítica política oriunda da decadência do império otomano. Apesar de ainda uma ameaça, os turcos perdiam progressivamente o posto de “inimigos do Ocidente” para a Rússia, o que pode ser visto claramente em alguns mapas satíricos do período. As imagens de sátira política produzidas durante o século XIX explicitam eloquentemente a visão que o Ocidente tinha em relação aos turcos, como nos mapas abaixo, que datam principalmente da década de 1870 (quando acontece a Guerra Franco-Prussiana e as forças em combate se explicitam com mais força), onde são vistas imagens icônicas do Império Otomano, usando suas roupas típicas e sendo representado tanto em sua antropomorfia feminina quanto

<sup>37</sup> HEINE, Heinrich. **O Rabi de Bacherach e Três Textos Sobre o Ódio Racial**. São Paulo: Hedra, 2009, p. 104.

<sup>38</sup> ““Like Thucydides, who was the subject of his dissertation, he sought to write a history that combined a trustworthy reconstruction of the past with a literary elegance. History needed to be written by specialists, but not only or even primarily for them, but for a broad educated public.” IGGERS, Georg. “Classical Historicism as a model for historical scholarship”. In: **Historiography in the Twentieth Century. From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1993, p. 25.

masculina, e também da Alemanha, já unificada sob a Prússia e identificada com a figura militar de Bismarck<sup>39</sup>.



*Fig. 18: Nesse mapa de 1849, no qual o sultão aparece, de costas, com roupas típicas turcas. As dimensões dos demais é diminuta quando comparadas à escala da Rússia, retratada como um gigante eslavo com uma faca ensanguentada em punho. A Prússia, na figura de Wilhelm II, fabrica enormes quantidades de dinheiro. Os Balcãs são retratados como vários pastores e feridos de guerra ainda brigando.*

<sup>39</sup> Esses mapas alcançavam grande circulação e eram traduzidos para vários idiomas, sendo inclusive copiados por diversos artistas.



Fig. 19: Nesse mapa de 1870, a Alemanha aparece mais uma vez identificada com a figura militar prussiana, mas a Turquia aparece em suas representações – na parte europeia aparece sobrecarregada pelo peso da Alemanha e na parte oriental como uma bela odalisca que repousa tranquilamente com seu narguilé.

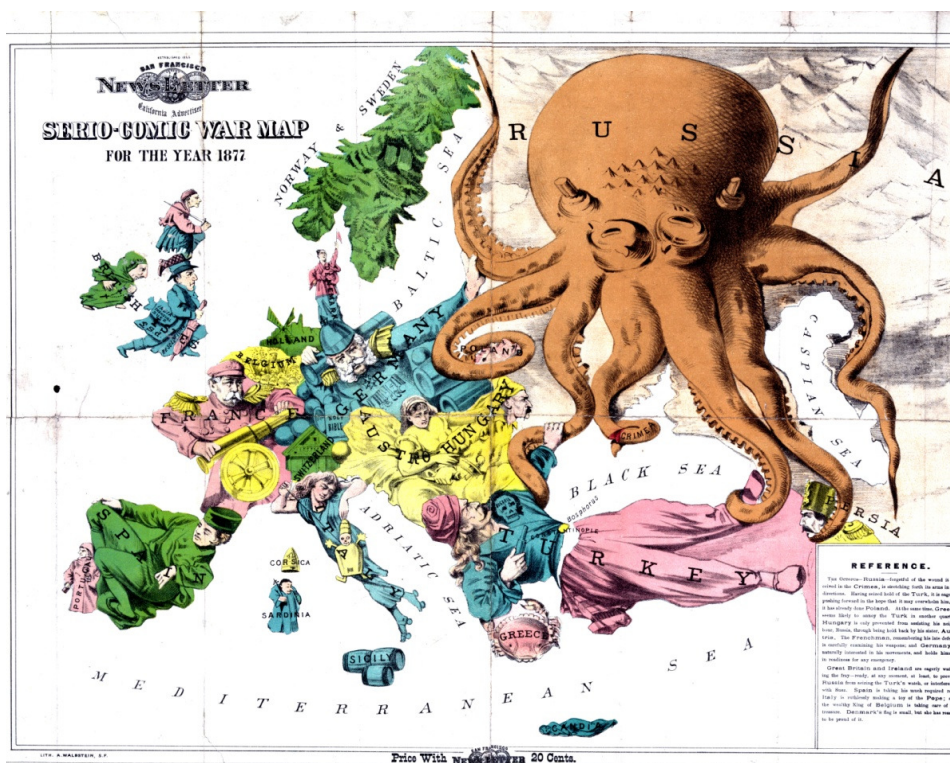


Fig. 20: Um “Octopus Map”, de Frederick Rose, faz parte do “Serio-comic war map for the year 1877”. Nele, a Rússia é um polvo gigantesco que busca enroscar seus tentáculos ao redor da Alemanha, identificando como Bismarck, a Austro-Hungria e a Turquia, representada por um homem vestido à forma típica turca e que usa como bolsa a Grécia.

Outras imagens que trabalhavam com uma imagem negativa dos turcos são encontradas nas charges políticas, principalmente de origem inglesa, cuja circulação era ampla em toda Europa por meio dos jornais e cujos tópicos frequentes eram a situação frágil do império otomano e a divisão de seus territórios entre as grandes potências europeias. Muitas apelavam para a zoomorfização dos impérios através do trocadilho entre a palavra “*turkey*” (“peru” em inglês) e o nome em inglês para a Turquia, que também é *Turkey*<sup>40</sup>. Essas charges foram produzidas por todo o século XIX e início do XX e acirradamente entre as décadas de 1820 a 1870, período em que Ranke também publicava *A Revolução Sérvia*<sup>41</sup>:



*Fig. 21: “Lê-se na legenda: “Cortando um peru; ou epicuros continentais!!”. A Turquia, em forma de peru, tem a cabeça do sultão e é cortada por três monarcas. Alexander, à direita, pega o pedaço em que se lê “Constantinopla” e diz “Pegarei um pedaço da cabeça, é um pedaço, é uma parte da qual minha bisavó também gostava muito”. Francisco II, no centro, toma as partes de “Bender” and “Moldavia”, dizendo “Pela águia austríaca – aqui está uma boa escolha”. O terceiro, Frederick William III da Prússia, diz “Eu não sou muito exigente – um pedaço da traseira é o suficiente para mim”, tomando “Akierman” e as “Províncias Orientais” e atrás dele está Bonaparte dizendo “Deem-me uma fatia. Eu gosto muito de peru (Turkey)”.*” – 12 de Abril de 1802.

<sup>40</sup> SEGER, Donna. **Early Takes on the Turkey**. In: <http://streetsofsalem.com/2011/11/22/early-takes-on-the-turkey>. Acessado em 03/01/2014. No artigo são apresentadas diversas imagens sobre o peru dentro do gênero de arte ligada aos estudos de biologia e sua relação com as charges políticas acerca da Turquia. A autora finaliza de forma bastante espirituosa, referindo-se ao contraste entre os desenhos de Benjamin Franklin que retratavam a ave e seu uso político para ridicularização do Império Otomano: “Franklin’s “courageous” bird is noble no more; maybe this is what happens when you take something out of its native environment!”

<sup>41</sup> Todas as charges estão disponíveis no sítio do The British Museum (<http://www.britishmuseum.org>) e as descrições que as acompanham são as oferecidas pela catalogação do museu.



**Fig. 22:** Uma fronteira bem marcada atravessa um planalto da Moldávia e Valáquia. A linha divide as forças do sultão (esquerda) do czar (direita). A pata do cavalo de cada líder invade o território alheio e enquanto a pata do cavalo de Alexandre pisa em uma lua crescente (islamismo), a pata do cavalo do sultão pisa em uma cruz quebrada (cristianismo). Alexandre diz “Se ousar pisar para além dessa linha, explodirei Seraglio em suas orelhas”. O sultão responde “Se ousar cruzá-la, farei seus ursos dançarem ao som de nossa música e aniquilarei cada cão cristão de vocês”. Atrás do sultão estão soldados segurando cabeças degoladas em referência às atrocidades turcas contra os gregos. – 15 de Maio de 1822.

As charges e caricaturas foram produzidas principalmente em três momentos: nos primeiros anos de 1800, no final da década de 1820 e em 1870. Como pode ser visto, as últimas datas são também as da primeira e última edição d’A *Revolução Sérvia*, o que não é mera coincidência, uma vez que foi durante esse período que as convulsões políticas que atingiram o império otomano tiveram momentos decisivos. Portanto, em uma perspectiva política, falar de Oriente no século XIX era em grande parte falar do Império Otomano, que dominavam grande parte das terras ao leste e ao sul da Europa. Este era parte do Oriente próximo aos europeus.

## 2.4. Religião e Política: Ranke apresenta o Oriente

Ranke não escapou desse “percurso intelectual oriental” típico de seu tempo e ofereceu uma análise em sintonia com as críticas apresentadas nas charges inglesas. Apesar de tratar dos otomanos durante todo o texto d’A *Revolução Sérvia*, alguns pontos específicos são importantes por fornecerem ou uma comparação com o Ocidente que revela o entendimento do autor acerca dos turcos como contraparte do empreendimento europeu. A edição de 1844 é a que trabalha com mais clareza esse ponto:

Na segunda edição completamente expandida da "Revolução Sérvia" de 1844, texto que permaneceu essencialmente também na terceira edição de

1879, Ranke apresenta os eventos que tratam da desenvolvimento sérvio realmente arredondadas e tratados como um “período”.<sup>42</sup>

Para a administração turca, a primeira parte do capítulo *Grundzüge der osmanischen Einrichtungen in Serbien*, é fundamental, pois estabelece claramente uma base de comparação na religião (cristã *versus* islâmica), identificando assim os otomanos com o maometismo, apesar da variedade presente dentro do império. Para além da questão islâmica, nesse ponto Ranke oferece um atestado de seu entendimento de que religião e política são duas faces de uma mesma moeda: “A tarefa de uma história das religiões seria, não apenas provar ideias, costumes e instituições hierárquicas como também a influência política que elas exerceram sobre diversas nações.” Ranke procede então para uma especificação ainda maior da oposição necessária entre islamismo e cristianismo: “Por tantos séculos têm o Islã e o Cristianismo brigado entre si e se desenvolvendo por oposição mútua. Qual é, politicamente, a diferença mais marcante entre os estados que sofriram sob sua influência?”<sup>43</sup> Esse tipo de tensão entre as religiões é apresentado inclusive em algumas charges pela citação explícita do Alcorão ou pela menção à lua crescente, símbolo do islamismo. Em algumas delas, há o claro entendimento de que se tratada de uma guerra santa, uma vez que submeter o império otomano significava também garantir o triunfo do cristianismo sobre um poder ilegítimo, o que é reforçado pelo prazer na humilhação pública dos otomanos na maioria das charges. Ranke oferece uma caracterização negativa do islamismo guiado pelo cálculo político.<sup>44</sup> Até Ranke atacar os turcos e sua religião, não é surpreendente uma vez que ele fala a partir da perspectiva europeia e da resistência sérvia ao invasor. Mas eis que os ataques não ficam apenas nopositor, mas, ao contrário, incluem também uma parcela dos cristãos, mais especificamente a Igreja Ortodoxa. Segundo Ranke, haveria então uma separação entre a

<sup>42</sup> „In der gründlich erweiterten zweiten Auflage der “Serbischen Revolution” von 1844, bei deren Text es im wesentlichen auch bei der dritten Auflage von 1879 verblieb, hat Ranke diejenigen Ereignisse, die die serbischen Entwicklungen erst eigentlich als eine „Periode“ abrundeten, nachgetragen.“ HEYER, Friedrich. „Leopold von Rankes Orthodoxie-Verständnis in seiner Darstellung der „Serbischen Revolution““. In: **Geist, Glaube, Geschichte**. Festschrift für Ernst Benz. Netherlands: Brill Archiv, 1967, p. 412.

<sup>43</sup> **Die Serbische Revolution. Aus serbischen Papieren und Mittheilungen**. Berlin: Duncker und Humblot, 1944, p. 34.

<sup>44</sup> „Der Islam verstärkt die Ansprüche der herrschenden Kriegerleute durch die Einbildung, ausschließlich die wahre Religion zu besitzen: er könnte wie die Dinge sich einmal gestaltet, die Existenz einer unterworfenen ungläubigen Nation gar nicht entbehren; auch ist er damit bei allem sonstigen Eifer im Allgemeinen zufrieden: „denn wen Gott dem Irrthum, Übergibt sagt der Koran, für den wirst du kein Mittel der Erleuchtung ausfindig machen.“ Wenn wirklich, wie man behauptet, einst ein Sultan den Gedanken gehegt hat, seine christlichen Unterthanen auszurotten so, ist er durch die Vorstellung zurückgehalten worden, daß die Dienste derselben ihm unentbehrlich seyen. In diesem Gegensatz des Glaubens und Unglaubens geht dann alles Staatswesen auf: die beiden Grundbestandtheile desselben werden einander ewig widerstreiten an: die Bildung einer Nation ist nicht zu denken.“ Idem, p. 35



crisandade ocidental e a crisandade oriental (ortodoxa). A ocidental, ao contrário da ortodoxia nacional sérvia, tenderia a impulsionar os povos sob sua autoridade à formação nacional, cujo caminho justamente os elevaria de um poder religioso a um poder político.<sup>45</sup>

A Igreja Ortodoxa, por outro lado, seria propensa à corrupção, ao elitismo e ao predomínio dos interesses sectários, para a qual “economicamente terra e povo aparecem como igualmente como um grande capital.”<sup>46</sup>

O caso da cúpula da ortodoxia cristã aparece como ainda pior do que os otomanos, uma vez que sua aliança com os invasores era feita através da exploração de seu próprio povo<sup>47</sup>. Aqui Ranke se depara com uma alteridade entre sua cultura e a dos sérvios e parece querer uniformizar a questão a partir de seu ponto de vista, o que é corroborado por Heyer: “In Rankes „Serbische Revolution“, 1829 bei Friedrich Perthes, dem ökumenisch orientierten Schwiegersohn des Dichters Matthias Claudius verlegt, war die serbische orthodoxe Kirche von einem deutschen Protestanten angeleuchtet.”<sup>48</sup> O autor parece ignorar o processo de formação das duas crisandades no sentido de elas terem necessidades políticas específicas e diferenciadas entre si:

Havia um contraste significativo entre a desunião dos Bálcãs ortodoxos e a situação do mundo católico mais a oeste, onde a união da Croácia com a Hungria e o multinacional Império Habsburgo formavam uma barreira contra a penetração otomana. A unidade da igreja era um fator importante nesta solidariedade política. Mas a solidariedade dos cristãos ocidentais era no máximo limitada ao seu tipo específico de cristianismo.<sup>49</sup>

A interpretação religiosa de Ranke seria um dos pontos mais problemáticos do texto. Segundo Friedrich Heyers, os ataques de Ranke aos líderes da Igreja Ortodoxa são fruto da

<sup>45</sup> „Freilich gehörte zu der vereinigenden Kraft der Hierarchie auch der Gegensatz gegen ihre Übermacht, zu der Einwirkung von außen die freie Bewegung von innen her, zu dem Gehorsam der Widerspruch. Nachdem die Nationalität einmal fest begründet war, konnte sie durch keine Meinungsverschiedenheit wieder zerstört werden, die auf der Grundlage derselben erst möglich wurde. Ganz anders im Orient!“ Idem, p. 35.

<sup>46</sup> „erscheinen Land und Leute staatswirthschaftlich gleichsam als ein großes Capital.“ Idem, p. 43

<sup>47</sup> „Da nun die Bischöfe auch überdieß einen nicht unbedeutenden Aufwand machen müssen, um ihren Rang in der Reihe der Herrn aufrecht zu erhalten, so ward ihre Verwaltung schon für die griechische Raja drückend, wie viel mehr aber für die serbische, der sie als Fremde erschienen.“ Idem, p. 42.

<sup>48</sup> HEYER, Friedrich. **Die Orientalische Frage im kirchlichen Lebenskreis. Das Einwirken der Kirchen Auslands auf die Emanzipation der Orthodoxen Nationen Südeuropas 1804-1912**. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1991, p. 107.

<sup>49</sup> „There was a significant contrast between the disunity in the Orthodox Balkans and the situation in the Catholic world farther west, where the union of Croatia with Hungary and the multinational Habsburg Empire formed a barrier against Ottoman penetration. Church unity was an important factor in this political solidarity. But the solidarity of the Western Christians was at best limited to their own particular brand of Christianity.” Anzulovic, p. 21.

precipitação de Ranke em enquadrá-los em uma situação sobre a qual Ranke não conhece o suficiente.<sup>50</sup>

Na relação entre as duas religiões, os islâmicos, cujo poder se concretizava no império otomano, teria um talento para a corrupção através do suborno (como no caso da Igreja Ortodoxa) de uma instituição fragilizada e de liderança egoísta. Se for isento o julgamento moral, apresentando a questão numa perspectiva meramente estratégica, na realidade o fortalecimento da Igreja Ortodoxa era uma manobra inteligente dos turcos para garantir maior controle social, o que indica o porquê, a durabilidade e a extensão da dominação otomana no Oriente:

Uma vez que uma igreja nacional autocéfala pode ser controlada mais facilmente do que uma igreja universal cuja liderança reside fora das bordas do império, os governantes otomano deram maiores privilégios aos ortodoxos do que à Igreja Católica.<sup>51</sup>

Ainda assim, Friedrich Heyer defende que Ranke teria enxergado positivamente a ortodoxia enquanto função social.<sup>52</sup> O tom nostálgico do texto d'*A Revolução Sérvia* torna difícil medir em qual proporção as descrições são de Ranke ou Karadžić (que era cristão ortodoxo), mas muito provavelmente são lembranças relatadas pelo intelectual sérvio que

---

<sup>50</sup> “Welches Motiv war für die Übernahme politischer und militärischer Führungsfunktionen durch serbische Mönche und Priester während der Revolution maßgebend? Ranke stellt diese Frage nicht. Er fragt nicht genug in die der Orthodoxie einwohnenden Kräfte zurück. Faktisch wäre festzustellen: Noch fehlte der Einfluß der deutschen Romantik, der aus der Verklärung des Volkes eine neue Religion machte, Dir Priester und Mönche beteiligten sich am Freiheitskampf wie an einem weltlichen Unternehmen und bewahrten dabei ein das geistliche Leben fortsetzendes orthodoxes Frömmigkeitsgepräge.“ HEYER, Friedrich. „Leopold von Rankes Orthodoxie-Verständniss in seiner Darstellung der „Serbischen Revolution““. In: **Geist, Glaube, Geschichte**. Festschrift für Ernst Benz. Netherlands: Brill Archiv, 1967, p. 416.

<sup>51</sup> “Since an autocephalous national church can be controlled more easily than a universal church whose leadership resides outside the borders of the empire, Ottoman rulers gave greater privileges to the Orthodox than to the Catholic Church.” ANZULOVIC, Branimir. **Heavenly Serbia. From Myth to Genocide**. New York: London: New York University Press, 1999, p. 28.

<sup>52</sup> „Aber unberührt von der phanariotischen Herrschaft sieht Ranke als Ausgangsbasis für die Revolution die orthodox bestimmten Strukturen des Volkslebens. Auch dort, wo die Priesterschaft nicht präsent ist, inspiriert die Orthodoxie die serbische Gemeinschaft. Ranke erkannte das am Brauch der Pobratinie. „Die Verbrüderung ist im serbischen Stamme Eigen. Kirchliche Einsegnung ist zwar hierbei nich zwar hierbei gebräulich; aber in der Tat verbindet man sich im Namen des St, Johannes zu wechselseitiger Treue für das ganze Leben. Man meint am sichersten den zu wählen, den man etwa geträumt hat. Die Verbundenen nennen sich Brüder in Gott, Pobratinie.“ Auch in dem „sich selbst geügenden, in sich abgeschlossenen Familienhaushalt“ sah Ranke eine Grundlage des fortdauernden nationalen Lebens. Wenn hier das Weihnachtsfest gefeiert wird, so „verbindet die göttliche Erscheinung die Mitglieder des Hauses zu einmütiger Verehrung und anbetender Eintracht“. Dann lenkt Ranke den Blick auf fie unwesetzliche Bedeutung der Klöster: „Wirksam ist die geistliche Verbindung, in der mehrere Gemeiden mit dem Kloster stehen, das ihnen zunächst liegt. Es hat sic eingeführt, daß man die Beichte ausschließlich bei den Mönchen ablegt. An gewissen Tagen versammelt man sich hiezu an den verstecken Schlupfwinkeln des Waldgebirges, wo die Klöster einsam liegen. Auf Beichte un Kommunion des Morgens – oft ist man schon den Abend zuvor gekommen und hat die Nacht beim Feuer zugebracht – folgt nachmittags Beratung der ältesten, Spiel und Tanz der Jugend, Markt Verkehr (...).“ HEYER, Friedrich. „Leopold von Rankes Orthodoxie-Verständniss in seiner Darstellung der „Serbischen Revolution““. In: **Geist, Glaube, Geschichte**. Festschrift für Ernst Benz. Netherlands: Brill Archiv, 1967, p. 405.

foram trabalhadas textualmente pelo historiador alemão. Pelo fato de Karadžić ter sido cristão ortodoxo, é preciso considerar até que ponto a inserção de tais comentários não agiriam como atenuantes contra uma excomunhão, uma vez que apesar da coautoria rejeitada, a colaboração do sérvio é citada nominalmente por Ranke na introdução da obra. Mas ainda considerando tais passagens como algo realmente sustentado por Ranke, restam duas coisas que saltam aos olhos: 1) que há uma romantização da vida religiosa sérvia, na qual a ortodoxia serve de pano de fundo e poderia ser substituída por qualquer outra crença sem prejuízo; 2) Ranke pode aqui estar sinalizando uma separação entre a instituição religiosa como um braço político (cuja cúpula era corrompida), e a religião natural que emana do povo e que seria mais autêntica, significativa e duradoura na vida do corpo social e assim, a instituição seria um catalisador de uma força que brota da própria cultura popular. Um elemento que reforça essa hipótese é a natureza do culto aos santos na Sérvia, onde geralmente homens que realizaram grandes feitos em batalha são santificados e têm suas histórias imortalizadas em canções populares passadas através da tradição oral e solidificadas na religiosidade popular.<sup>53</sup> Anzulovic adverte que há de fato uma divisão de instâncias religiosas para os sérvios, uma vez que sua igreja era “extremamente conectada com seu estado e nação” e que “há muito negligenciaram o evangelho e se devotou a assuntos políticos aparentemente em um grau maior do que outras igrejas cristãs.”<sup>54</sup> No entanto, a relação entre popular e cultura eclesiástica torna-se bastante complexa uma vez que as canções eram gestadas a partir da alta cultura letrada do patriarcado:

---

<sup>53</sup> . Muitos desses “heróis de guerra” contam com atos de extrema violência em suas biografias, as quais são igualmente glorificadas não apenas por uma romantização do fora-da-lei mas pela difusão da crença de que a violência sofrida abonava a violência devolvida: “In the literature of Europe-wide high Romanticism, the old theme of the outlaw-bandit was invested with romantic conjunction of honor and misanthropy by authors from Schiller to Alexander Dumas, from Scott to Mérimée, and from Pushkin to Verga, usually set among marginal communities living in peripheral areas, and involving a storyline carried by passion, desire, pride, revenge and (thrillingly for the middle-class armchair reader) sovereign heedlessness of the rule of law and conventions. The more Easterly portions of Europe partly share this general pattern but they also stand out against it. Here, the outlaw theme is not merely an exotic fictional tope reverberating against Byronic Romanticism, but also draws on figures, fact, or material from the escapism for middle-class readers but as a glorification of heroic resistance and a means of anchoring a nascent high-literary tradition. Themes and shared values of authentic, homegrown traditions found literary dissemination by means of the infrastructure of book clubs, theaters, and commercially distrusted print literature. The theme enjoyed a vogue across Europe because of its different literary backgrounds and functions, which intersected, overlapped, and reinforced each other: a prestigious and fashionable tradition national as well as international intertext as well as gritty folk-rooted authenticity.” (CORNIS-POPE, Marcel; Neubauer, John (ed.) **History of the Literary Cultures of East-Central Europe. Junctures and Disjunctures in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries. Volume IV: Types and Stereotypes**. Netherlands: John Benjamins, 2004, p. 410).

<sup>54</sup> ““extremely closely connected with their state and nation”; “long ago neglected the gospel and devoted itself to political issues seemingly to a higher degree than any other Christian church.” ANZULOVIC, op. cit., p. 6.

Cantores populares tiveram um papel muito importante na sociedade sérvia iliterada e sem elite que seguiu a conquista turca. Acompanhando seus cantos com uma rabeça de uma corda chamada *gusle*, eles não eram apenas divertidores mas bardos que transmitiam a suas audiências uma visão do passado e futuro da nação. No entanto, eles não eram necessariamente criadores do mito propagado por suas canções. A história de como o príncipe Lazar optou pelo reino celeste na batalha de 1389 no Campo de Kosovo parece ter se originado com a *Narração sobre o príncipe Lazar*, do patriarca sérvio Danilo III (...), a tapeçaria *Encomium ao príncipe Lazar*, da nobre Jefimija, e vários outros textos de autores anônimos, escritos dentro de um período de trinta anos após a batalha. (...) Pouquíssimas pessoas leram os textos em si, mas as canções populares baseadas em seus temas têm grandes audiências ao longo dos séculos.<sup>55</sup>

De qualquer forma, o tema da Igreja Ortodoxa desaparece progressivamente dos textos de Ranke sobre os Bálcãs – sua última aparição é na edição de 1844 que é repetida em 1879, mas os demais artigos sobre a questão oriental simplesmente ignoram a ortodoxia –, restando apenas o problema do islamismo.<sup>56</sup>

O que parece definidor do estado islâmico otomano são crueldade e violência, tópico recorrente na literatura orientalista em geral. Há quase uma animalização dos líderes, a imagem que se tem é de animais selvagens em disputa pelo espólio da caçada. Os próprios fundamentos do islamismo seriam portanto equivocados e contra o desenvolvimento das nações que estavam sob seu domínio, daí porque o império otomano, que operava sob esses fundamentos, era um poder ilegítimo e prejudicial ao balanço político geral, uma vez que para Ranke, assim como para Hegel, o Estado-Nação era o momento mais bem acabado da instituição política e cultural. No entanto, para Ranke, “a história reconhece algo de infinito em cada existência: em cada condição, em cada ser, algo eterno, algo vindo

---

<sup>55</sup> “Folk singers played a very important role in the illiterate and eliteless Serbian society following the Turkish conquest. Accompanying their chanting with one-stringed fiddle called the *gusle*, they were not merely entertainers but bards who transmitted to their audiences a vision of the nation’s past and future. However, they were not necessarily the creators of the myth propagated by their songs. The story of how Prince Lazar opted for the heavenly kingdom in the 1389 battle on the Field of Kosovo seems to have originated with the Narration about the Prince Lazar by Serbian Patriarch Danilo III (...), the noblewoman Jefimija’s embroidered Encomium to Prince Lazar, and several other texts by anonymous authors, written within thirty years after the battle. (...) Very few people have read the actual texts, but the folk songs based on their theme have had huge audiences over the centuries.” Idem, p. 11.

<sup>56</sup> “In allen diesen späteren Arbeiten ist der Einblick in die Intimität orthodoxen Lebens, welchen Vuk Karadžić als orthodoxer Christ dem protestantischen Freund aus Berlin öffnete, nicht mehr zu finden. Symptomatisch ist, daß die Namen der handelnden orthodoxen Persönlichkeiten überhaupt nicht mehr erwähnt werden, sondern nur die Amtsbezeichnungen „der Metropolit“, „der Patriarch“. Man hat recht daran getan, das Jugendwerk später am liebsten wieder in der ursprünglichen Gestalt abzudrucken. Nur wo die orthodoxe Kirche Serbiens von politischen Umstellungen mitbetroffen wird, wird sie von Ranke nach behandelt.“ HEYER, op. cit., p. 412.

de Deus.”<sup>57</sup>. No caso do islamismo e do Império Otomano, falar parecia muito mais fácil do que concretizar esse plano teórico. No texto d’*A Revolução Sérvia*, a ação dos islâmicos está constantemente ligada à guerra e a força, o que, para Ranke, seria uma diferença em relação ao cristianismo ocidental: “A Cristandade busca converter as nações: o Islã busca conquistar a Terra. A Terra é de Deus e ele a concede a quem desejar.”<sup>58</sup>

Como um protestante, Ranke ligava a religião cristã a um amadurecimento racional diretamente ligado ao poder de crítica e livre da autoridade estabelecida, mas para a realização plena de uma nação, as instâncias políticas e religiosas deveriam ser separadas, mas que são conectadas pela função social e espiritual da religião sobre as sociedades.<sup>59</sup>

Ao comparar as instituições ocidentais e orientais, Ranke passa a sugerir uma escala comparativa entre as nações que passa pelos quesitos da religião e da liberdade. É uma empreitada perigosa e cujos argumentos logo serão utilizados como bandeira em comentários menos sutis, como é o caso do prefácio para a tradução inglesa da segunda edição. O tradutor aproveita o ensejo do escrito de Ranke e apresenta um texto claramente hostil aos muçulmanos, estimulando a guerra santa. Ele começa por fundamentar sua crítica no próprio texto traduzido, negando que se aprofundará nas questões: “The History of Servia, as traced by Ranke, suggests the consideration of many and great truths, moral and political; but it is beyond the province of the translator to enter upon their discussion.”<sup>60</sup> Entretanto, o prefácio o faz mesmo assim, apresentando ideias bastante radicais, chamando a atenção para o fato de que há uma oposição entre governos que se definem por suas instituições religiosas, nas quais o Ocidente teria a dianteira:

Pode parecer-lhe permitido, no entanto, notar que a subjugação das nações cristãs ao infiel não é apenas motivo de arrependimento mas um assunto que pede atenção e simpatia ativa dos governos ilustrados e poderos da Cristandade.<sup>61</sup>

<sup>57</sup> ““history recognizes something of infinite in every existence: in every condition, in every being, something eternal, coming from God.” Ranke, cf. Iggers, op. cit., p. 25.

<sup>58</sup> ““Das Christenthum sucht die Nationen zu bekehren: der Islam sucht die Erde zu erobern. “Die Erde ist Gottes und er verleiht sie wem er will.“ Ranke, op. cit, p. 36

<sup>59</sup> “Ranke sieht im Falle Serbien einen Prozeß ablaufen, der keineswegs durch den chrislichen Glauben ausgelöst ist, der gleichwohl seinen Sinn hat und sich so vollenden soll, daß dabei das Christenthum in „gereinigter“ Form nebenher weiterbesteht. Man soll nicht gerade dabei „die ewige Wahrheit aus den Augen verlieren.““HEYER, op. cit., p. 421.

<sup>60</sup> „It may, however, be permitted her to remark that the subjection of Christian nations to the infidel yoke, is matter not merely for regret, but a subject that calls for attention and active sympathy of the enlightened and powerful governments of Christendom” KERR, Alexander. “Introduction”. In: **A History of Servia and the Servian Revolution, from Original Mss. And Documents**. London: John Murray, 1848, p. x.

<sup>61</sup> Idem, ibidem.

Em seguida, o tradutor, Alexander Kerr, chama a atenção para a circulação de ideias que acompanhava a intensificação da circulação geográfica de pessoas, descrevendo um verdadeiro programa de conversão que é também um claro impulso de dominação e guerra:

E nesses dias de ilustração, quando os missionários difundem as doutrinas do cristianismo entre os pagãos nas partes mais remotas do mum e a legislação está organizando um amplo esquema educacional para as pessoas em casa, é definitivamente razoável esperar que as condições de um povo cristão tão próximo de nós como são os sérvios irá suscitar a simpatia de seus irmãos da fé neste país livre.<sup>62</sup>

Há a tentativa de suavizar o tom bélico, mas o ataque aos muçulmanos (“*The fanaticism of their Moslem*”) continua:

O fanatismo de seus governantes muçulmanos se opõe tão fortemente às tentativas dos sérvios e búlgaros de formar instituições educacionais e até mesmo adquirir elementos de conhecimento cristão que é apenas por intervenção estrangeira para garantir os meios e oportunidades tão honestamente desejados pela população cristã desses países.<sup>63</sup>

Mas o tom do texto se agrava ainda mais e a ligação entre estado e religião é ainda mais notável:

Em primeiro lugar, os turcos tem sido invasores da Europa, oprimindo os povos e empobrecendo países que dominam; e se opondo a liberdade, ilustração e cristianismo. Se fosse para julgar um governo e uma fé por seus frutos, deveríamos todos nos unir na esperança de que a religião maometana e o despotismo obstrutivo do “Porte Sublime” sucumbisse ao avanço da maré da civilização cristã.<sup>64</sup>

A extrapolação da análise de Ranke acima apresentada se baseia em passagens como essa:

Não queremos nos aprofundar no tópico de como estas duas religiões estão conectadas de modo que a cristandade, por sua própria natureza, tem em seu interior um caráter popular e, em oposição às autoridades governamentais pagãs, se disseminou primeiramente entre o povo,

---

<sup>62</sup> “And in these days of enlightenment, when missionaries are diffusing the doctrines of Christianity among the heathen in the remotest parts of the world, and the legislature is organizing a comprehensive educational scheme for the people at home, it is surely not unreasonable to hope that the condition of a Christian people so near to us as Servia [sic], will excite the sympathy of their brethren in faith in this free country.” Idem, *ibidem*.

<sup>63</sup> “The fanaticism of their Moslem rulers is so strongly opposed to every attempt of the Servians [sic] and Bulgarians to form educational institutions, and even acquire the elements of Christian knowledge, that it is only by foreign intervention – not the less effectual for being of a peaceful kind – that the means and opportunity so earnestly desired by the Christian population of these countries can be afforded them.” Idem, *ibidem*.

<sup>64</sup> “The Turks have been intruders in Europe from the first; grinding down the people, and impoverishing the countries which they overran; and warning alike against liberty, enlightenment, and Christianity. If were to judge of a faith and a government by their fruits, we should all unite in hoping that the Mahomedan [sic] religion and the obstructive despotism of the “Sublime Porte” should yield to the now swiftly-advancing tide of Christian civilization.” Idem, p. xi.

enquanto o Islã foi expandido desde o começo sob o princípio da espada (...).<sup>65</sup>

Aqui se pode observar claramente a relação entre a história e seus usos políticos: não é apenas o que Ranke disse, mas para qual tipo de argumentos ele abriu as portas quando disse o que disse. Se, por um lado, é verdade que um autor não pode ter pleno controle sobre sua crítica e o impacto de sua obra, por outro, a dimensão da discussão e sua assiduidade nos meios de comunicação em geral tornavam possível para Ranke calcular a recepção do texto e prováveis consequências. E ainda que se cogitasse que a perspectiva apresentada n’A *Revolução Sérvia* fosse influência direta de Karadžić, para quem a desmoralização dos islâmicos era de interesse direto para o fortalecimento da causa sérvia, os outros textos de Ranke nos quais ele escreveu sozinho apresentam a mesma perspectiva acerca dos islâmicos. Sobre esta explicação religiosa de Ranke (e realizada por outros intelectuais alemães) para base de uma definição totalizante dos turcos enquanto cultura islâmica, Edward Said comenta:

Transferido de uma avaliação social implícita para outra grandiosamente cultural, esse Orientalismo masculino estático assumiu uma variedade de formas no final do século XIX, especialmente quando o islã estava em questão. Historiadores culturais tão respeitados como Leopold von Ranke e Jacob Burckhardt atacavam o islã como se estivessem lidando menos com uma abstração antropomórfica do que com uma cultura político-religiosa, sobre a qual as generalizações profundas eram possíveis e autorizadas: na sua *Weltgeschichte* (1881-8), Ranke falava do islã como miserável, árido e trivial. Essas operações intelectuais eram realizadas com muito mais perspicácia e entusiasmo por Oswald Spengler, cujas ideias sobre a personalidade do mago (tipificada no oriental muçulmano) impregnam *Der Untergang des Abendlandes* (1918-22) e a “morfologia” das culturas que advoga.<sup>66</sup>

Alem do comentário de Said apontar para uma postura orientalista mais generalizada do que se poderia supor, uma vez que o conceito é geralmente vinculado à França e Inglaterra, percebe-se também que Ranke se insere em uma tradição mais ampla de intelectuais alemães (e, mais amplamente, de intelectuais europeus) que tendem a engessar o Oriente em uma fórmula que lhes fosse compreensível e útil. Se Said cita a *Weltgeschichte* de Ranke, as coisas parecem ainda mais comprometedoras em *A Revolução*

<sup>65</sup> „Wir wollen nicht tiefer untersuchen, wie dieß mit den Prinzipien der beiden Religionen zusammenhängt, damit, daß das Christenthum seinem innern Wesen nach populärer Natur ist, und im Gegensatz gegen die heidnischen Staatsgewalten zuerst im Volke Platz griff, während der Islam von Anfang an mit dem Schwert ausgebreitet wurde, – mit der ursprünglichen, nur zuweilen verdeckten (...)“ Ranke, 1844, p. 36

<sup>66</sup>SAID, Edward. **Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente.** São Paulo: Cia das Letras, p. 282.

*Sérvia*, uma vez que aqui os turcos não podem ser tratados como mera trivialidade, já que ocupam o lugar central dos acontecimentos estudados no livro.

Da mesma forma, tal forma de pensamento relaciona-se diretamente com a noção de um Oriente que serve como o negativo de uma foto do Ocidente, ou seja, opera-se nas análises do Ocidente com uma constante alteridade pressuposta. Daí nasce uma, ainda que não necessariamente, uma posição de superioridade do autor ocidental frente ao seu reverso:

Na medida em que os eruditos ocidentais tinham consciência dos orientais contemporâneos ou dos movimentos orientais de pensamento e cultura, esses eram percebidos quer como sombras silenciosas a serem animadas pelo orientalista, trazidas a ele à realidade, quer como um tipo de proletariado cultural e intelectual útil para a atividade interpretativa mais ilustre do orientalista, necessária para o seu desempenho como juiz superior, homem erudito, vontade cultural poderosa.<sup>67</sup>

É justamente nos momentos em que Ranke pensa a cultura da qual faz parte em relação à outra, notadamente quando havia um embate entre ambas no presente, que se torna visível a tensão entre sua objetividade como pesquisador e suas análises políticas. Por ser *A Revolução Sérvia* um livro que se passa majoritariamente na história de Europa oitocentista, história essa que afetava Ranke e seus contemporâneos, o tempo que separa o historiador de seu objeto – e que pode o auxiliar em sua abstenção de julgamento – é muito menor. Logo, a relação entre tempo estudado e tempo vivido torna-se mais imediata e o impacto do que o historiador escreve é muito mais voltado para a ação e mudança do que para a erudição ou o alargamento do conhecimento. Há uma pressão inegável para que o historiador se alinhe de um lado ou outro das forças combatentes.

A concepção de Ranke da história como uma ciência rigorosa é caracterizada pela tensão entre a demanda explícita pela pesquisa objetiva, que rejeita todo julgamento de valores e especulações metafísicas, e os pressupostos filosóficos e políticos que na realidade determinam sua pesquisa.<sup>68</sup>

Isso significa que Ranke absteve-se de sua famosa imparcialidade? Não necessariamente. Longe de ser uma postura que retira o historiador de seu tempo e o coloca como que pairando sobre os acontecimentos, com os quais ele não teria nenhum tipo de envolvimento, a imparcialidade em Ranke aparece como uma tentativa de análise globalizante que envolva o maior número possível de elementos e que os apresente em sua

---

<sup>67</sup> Idem, p. 282.

<sup>68</sup> “Ranke’s conception of history as a rigorous science is characterized by a tension between the explicit demand for objective research, which strictly rejects all value judgment and metaphysical speculations, and the implicit philosophic and political assumptions that actually determine his research.” Iggers, op. cit, p. 25.



justa medida (o que justifica a inclusão da crítica sobre a igreja ortodoxa, por exemplo), o que é, em última instância, uma noção relativa.

No tópico sobre os povos do Oriente encontramos mais claramente o Ranke como homem de seu tempo e como integrante de uma ampla comunidade intelectual. O fato de que Ranke não era um especialista em Oriente pesa no sentido de que a ele é mais facilmente imputada à superficialidade no tratamento do tema, mas muitos outros autores que se dedicaram exclusivamente ao tema padeceram do mesmo mal e construíram o Oriente em molde muito similar ao usado por Ranke:

Os acadêmicos especializados no islã, e que por isto mesmo desempenharam um papel importante ao darem respectabilidade intelectual a ideias racistas sobre os muçulmanos, incluindo o inglês Edward Pockock, o primeiro ocupante da cátedra de árabe em Oxford e Simon Oakle, o historiador do século XVIII e autor da *História dos Sarracenos*. Há também George Searle, um dos primeiros tradutores ingleses do Corão. O tema dominante de seu trabalho foi o ódio e um abuso aberto do islã. A primeira cátedra de árabe em Cambridge foi estabelecida em 1632 e foi ocupada por William Bedwell. Como um biógrafo de Bedwell notou, ‘O veneno gratuito que Bedwell destila sobre o islã em cada oportunidade, até em seu dicionário, é espantoso em sua intensidade. Uma exibição manifesta de sua atitude é vista no título *Imposturas de Maomé* na primeira edição e *Maomé Desmascarado* na secunda, com o título recorrente, “Uma descoberta de inúmeras farsas, falsidades e horríveis impiedades do sedutor blasfemo Maomé: com uma demonstração das insuficiências de sua lei, contida no Alcorão”.<sup>69</sup>

Mas os ataques ao islamismo não são necessariamente gratuitos nesses comentários detratores, eles estão mais orientado pelo interesse em cativar o público leitor através da criação de discórdia e, acima de tudo, a criação de uma guerra em que se disputava a verdade religiosa e a soberania política através da reafirmação dos valores do Ocidente. A negatização do islã não se restringia aos acadêmicos britânicos especialistas no Oriente, abarcando uma grande gama de intelectuais:

Mas este veneno não estava limitado aos acadêmicos do islã. Muitos dos filósofos, os fundadores do Iluminismo – incluindo Voltaire, Montesquieu, Volney e Pascal – demonstraram o mesmo traço. E, não

---

<sup>69</sup> “The scholars who specialized in Islam, and hence played a major part in giving intellectual respectability to racist ideas about Muslims, included Englishman Edward Pockock, the first occupant of the Chair of Arabic in Oxford and Simon Oakley, the 18<sup>th</sup>-century historian and author of *History of the Saracens*. There was also George Searle, one of the earliest English translators of the Qur’an. The dominant theme of their work was hatred and open abuse of Islam. The first chair of Arabic at Cambridge was established in 1632 and was occupied by William Bedwell. As a biographer of Bedwell has noted, ‘The gratuitous venom which Bedwell expends on Islam at every opportunity, even in his dictionary, is striking in its intensity. A manifest exhibition of his attitude seen in the title *Mahammedis Imposturae* in the first edition, and *Mohamed Unmasked* in the second, with the recurrent title, “A discovery of the manifold forgeries, falsehood and horrible impieties of the blasphemous seducer Mohammad: with a demonstration of the insufficiencies of his law, contained in the Alkoran.” SARDAR; DAVIES, op. cit.

para ser enfático, filósofos como Hegel, von Ranke, Ernst Renan e Oswald Spengler trabalharam arduamente para mostrar que o islã era totalmente desprovido de pensamento ou conteúdo. Até Karl Marx teve coisas simplesmente racistas a dizer sobre os muçulmanos.<sup>70</sup>

O problema aqui talvez nem seja tanto o fato de Ranke sustentar a hipótese de que a religião islâmica tenha uma matriz acentuada de violência, o que poderia ser um tema de trabalho como qualquer outro, mas sim que ele o faz através da comparação com o cristianismo ocidental, sobre o qual ele se recusa a imputar qualquer tipo de característica negativa e, ainda mais grave, sem apresentar um conjunto de dados palpáveis e consistentes que provem que o islamismo é quantitativa e qualitativamente mais violento do que qualquer outra religião que está aliada com a força de um Estado. Nesse sentido, a violência islâmica não é operada dentro dos parâmetros de uma *hipótese*, como um estudo científico requereria, mas como um dado naturalizado.

### **3. RANKE E O ORIENTALISMO Balcânico: O CURIOSO CASO DOS VAMPIROS**

Como foi visto, o olhar para o Oriente em Ranke faz parte de um amplo movimento intelectual de reencanto e defesa que teve espaço em diversos países europeus entre os séculos XVIII e XX. Dentro desse movimento, vê-se o caso do orientalismo balcânico que explorou o folclore dos povos eslavos da região no sentido de criar características identitárias específicas. Se “os mitos sérvios foram primeiramente recebidos e ampliados no Ocidente durante o período romântico”<sup>71</sup>, a própria relação entre Ranke e o romantismo iria além de mera relação intelectual e adentra a própria forma de perceber os processos de vida, dos quais a história faria intrinsecamente parte:

A concepção diferente de Ranke baseia-se em uma filosofia alternativa da vida. Até certo ponto, esta era condicionada pelo período. O romantismo é uma noção que rejeita definição exata, mas a palavra é indispensável. A

---

<sup>70</sup> “But such venom was not limited to scholars of Islam. Many of the philosophers, the founders of the Enlightenment – including Voltaire, Montesquieu, Volney and Pascal – demonstrated the same trait. And, no to be outdone, philosophers such as Hegel, von Ranke, Ernest Renan and Oswald Spengler worked hard to show that Islam was totally devoid of thought and learning. Even Karl Marx had despairing and plainly racist things to say about the Muslims.” Idem, *ibidem*.

<sup>71</sup> ANZULOVIC, op. cit., p. 147.

reação contra o racionalismo do século XVIII é uma parte essencial da atitude romântica da mente.<sup>72</sup>

A leitura de Ranke revela que essa ligação com o romantismo foi reforçada e transpareceu nas obras pelo interesse que o historiador cultivava pela cultura em geral: literatura, pintura, poesia, canções e tradições populares. Ao contrário do que comumente se afirma acerca da exclusividade das fontes oficiais na historiografia rankeana, todos esses outros elementos culturais eram fontes dignas para o trabalho historiográfico, uma vez que com elas a história tornava-se viva e multifacetada. Além disso, as próprias fontes oficiais, como relatórios e atas, continham muitas vezes elementos da cultura e das mentalidades, como será visto mais abaixo. Assim, apesar do predomínio da história da formação dos estados voltada para as relações políticas internacionais, a cultura gozava do respeito de Ranke, de seu interesse profundo e de espaço em suas pesquisas historiográficas. No caso d'*A Revolução Sérvia*, esse conteúdo vem à tona de forma extraordinária em dois sentidos: extraordinário porque aparece de forma bastante explícita e abundante – o que não é tão comum nos outros escritos do historiador – e extraordinária porque sua essência é algumas vezes o mágico, o fantasioso, a superstição. É a partir da presença desses momentos do extraordinário fantástico que as considerações sobre alguns aspectos teóricos se iniciarão.

Um dos itens que mais pode surpreender o leitor da primeira edição da *Revolução Sérvia* é o desfile de bruxas e vampiros já no capítulo de abertura da obra. É há ainda uma pergunta mais do que cabível, ou seja, o que estariam fazendo tais personagens no trabalho de um historiador celebrado por seu enfoque político e racionalidade metodológica. No entanto, como já fora dito acima, Ranke apresenta uma variedade de interesses muito maior do que se poderia supor, uma vez que em sua concepção “a história deve ser ao mesmo tempo uma disciplina científica e fonte de cultura”<sup>73</sup>

O assunto dos vampiros foi escolhido pela importância que tem para a formação de um imaginário específico sobre os Bálcãs, lugar dos vampiros por excelência. Curiosamente, Ranke colaborou para a disseminação deste imaginário, que no século XIX havia retomado força por conta do interesse romântico pelo tema, principalmente por parte da intelectualidade alemã que valorizava o recolhimento de folclore e que utilizava os vampiros como tema de poesia.

<sup>72</sup> “Ranke’s different conception is rooted in a different philosophy of life. To a certain extent this was conditioned by the period. Romanticism is a notion which eludes exact definition, but the word is indispensable. The reaction against eighteenth century rationalism in an essential part of the Romantic attitude of mind.” GEYL, Pieter. **Debates with Historians**. New York: Philosophical Library, 1956, p. 4.

<sup>73</sup> Iggers, op. cit., p. 25.

Para isso, veja-se primeiramente o que Ranke escreve sobre o assunto. Na primeira edição, o tópico aparece então no capítulo de abertura, “*Lage der Dinge vor den Bewegungen - Nationale Sinnesweise und Poesie*” e depois é transferido para o quarto capítulo da segunda edição (1844), o qual leva o título *Zustände und Sinnesweise der Serben*. Em ambos os capítulos, são descritos os hábitos culturais sérvios (como festas de casamento, celebração natalina, comemorações religiosas, etc.) que exploram principalmente a relação do povo com a natureza, com a qual sua religião parece vincular-se sem conflitos. Para Ranke, tal harmonia entre cultura e natureza na cultura sérvia os levaria a uma maior proximidade com explicações fantasiosas, dentre as quais as férteis crenças em vampiros e bruxas<sup>74</sup>. Enquanto as bruxas também eram caras ao folclore alemão, os vampiros são seres sobrenaturais “imigrantes”, que, sendo oriundos do leste europeu, passam para o oeste como uma espécie de praga que se alastra:

No entanto, diferente da Ásia e do Novo Mundo (onde também sempre houve relatos sobre criaturas sugadoras de sangue), o leste europeu estava a poucos dias de viagem. Logo, grandes nações europeias como a Alemanha, a França e principalmente o Reino Unido tomaram conhecimento de recorrentes relatos sobre vampiros que aconteciam nas regiões sob administração do Império Áustro-Húngaro. A consequência foi que, em pleno Século das Luzes, quando a ciência moderna estava emergindo e a razão era a palavra do dia, a Europa se viu assaltada pelo chamado “levante vampírico” do leste europeu, disseminando e popularizado pela emergente imprensa com seus boletins e folhetos.<sup>75</sup>

Ranke documenta inclusive esse temor crença: “Da der Prinz sich in Stuttgart aufhielt, so ward die Sache in Deutschland bekannt, und man fürchtete schon, die Vampyrwürden sich auch dahin verbreiten.”<sup>76</sup> Tal ideia populariza-se posteriormente com o enredo de *Drácula* (1897), de Bram Stoker, onde o vampiro viaja de navio da Transilvânia (Romênia) até a Inglaterra.

Sobre os vampiros, Ranke diz na primeira edição:

Acredita-se em Wjeschtizen, bruxas que deixam seus corpos se aproximam dos que dormem, abrem o lado esquerdo de seu peito com sua varinha mágica e devoram seu coração. A ferida se fecha e a vítima continua viva por pouco tempo sem seu coração que fora consumido pela bruxa. Elas são um perigo especial para as crianças. Os adultos são ameaçados pelo vampiro, Wukodlak. Um homem mal intencionado que sai vivo do túmulo, se aproxima dos que dormem de forma imperceptível, os priva de sua força vital e desaparece. A praga é personificada: figuras femininas trajando véu branco transmitem a doença de um lugar a outro,

<sup>74</sup> Ranke, 1844, p. 62

<sup>75</sup> SILVA, Alexandre M. da. “Introdução” In: *Contos Clássicos de Vampiro: Byron, Stoker e Outros*. São Paulo, Hedra, 2011, p. 21.

<sup>76</sup> Ranke, 1829, p. 33.

de casa em casa e muitos infectados se revoltam ruidosamente em ver tal sofrimento se aproximar deles. Essas mulheres são a própria praga.<sup>77</sup>

Já na segunda edição, o trecho passa a ser o seguinte:

A crença na existência dos vampiros esté em casa na Sérvia. Não pode haver dúvida que ele está conectado com a ideia mantida pela Igreja Grega que os corpos daqueles que morreram enquanto estavam sob excomunicação pela Igreja são incorruptíveis; e que tais corpos, sendo possuídos por espíritos malignos, aparecem em lugares solitários e assassinam homens. Na Sérvia, no entanto, as pessoas não mais o ligam às ideias de Igreja; nem consideram que o vampiro sofre punição por uma vida culposa, como um poeta escreveu; eles pensam no perigo que ameaça os vivos. Eles acreditam que à noite o vampiro deixa sua tumba, vai até a casa dos vivos e lá suga o sangue dos que dormem como seu alimento. A morte rápida é uma consequência inevitável da visitação e qualquer um que morre se transforma ele mesmo num vampiro. Tem-se dito que aldeias inteiras tem sido destruídas; e algumas comunidades ameaçaram abandonar suas moradias ao menos que eles tenham permissão que eles tenham permissão de garantir a segurança de sua propriedade. Com este pensamento, eles não recorrem à extrema união, como os gregos; mas os idosos da vila fazem com que os túmulos sejam abertos e então atravessam o coração que ainda pedia sangue com uma estaca, eles queimam os corpos e jogam as cinzas no rio.<sup>78</sup>

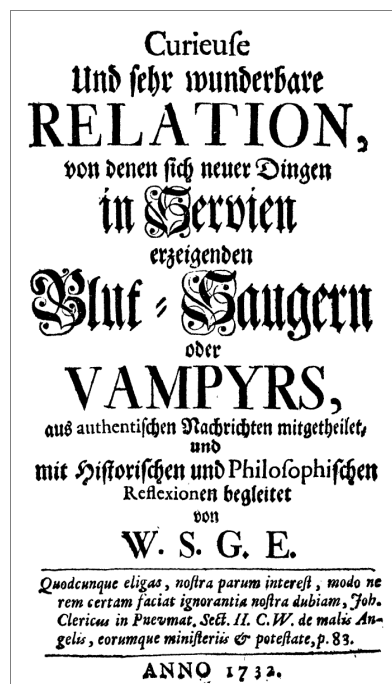
A referência de Ranke, na segunda passagem, aos escritos de um poeta sobre a natureza do vampiro aponta para uma relação extratextual fundamental para a construção da imagem do vampiro no século XIX, ou seja, sua versão literária. Para compreender ainda mais a importância desse elemento fantástico no texto de Ranke, é necessário primeiramente entender de onde o historiador retirou essas informações. Primeiramente

---

<sup>77</sup> “Man glaubt an Wjeschtizen, Hexen, die ihren Körper zurücklassen; feurig stiegen sie daher, kommen zu den Schlafenden, öffnen ihm mit dem Zauberstabe die linke Brust, nehmen das Herz heraus und fressen es. Doch kann der Beschädigte, denn die Brust schließt sich wieder, noch so lange leben, als ihm die Hexe sein Herz verzehrend zgedacht hat. Vornehmlich Kindern sind diese gefährlich; Erwachsenen droht der Vampyr, Wukodlak. Ein bössartiger Mensch kann im Grabe lebendig werden, durch die kleinste Veffnung hervorgehen, und indem er sich dem Schlafenden fast unsichtbar nähert, ihm die Lebenskraft entziehen, so daß dieser von Stunde an dahin welkt. Größeres Unheil wagt man sich jedoch nicht ganz so zu erklären. Zwar denkt man sich auch die Pest persönlich: Frauengestalten weißem Schleier tragen die Krankheit von Ort zu Ort, von Haus zu Hause, und viele Pestkranke verschwören sich hoch und theuer, solche leider gesehen, ja mit ihnen gesprochen zu haben; diese Frauen selbst sind Pest.“ Idem, p. 32.

<sup>78</sup> “In Serbien ist der Glaube an den Vampyr zu Hause. Es läßt sich nicht bezweifeln, daß er mit der in der griechischen Kirche herkömmlichen Vorstellung von der Unverwes lichkeit, der Leiber der in dem Kirchenbann Gestorbenen zusammenhängt, die dann von dem bösen Geist eingenommen werden, an einsamen Ottern erscheinen und Menschen umbringen. In Serbien dachte man jedoch nicht mehr an die kirchliche Beziehung; auch nicht daran daß der Vampyr selber für ein verbrecherisches Leben Strafe leide, wie ein Dichter diese Idee ausgebildet hat; sondern nur an die Gefahr die den Lebenden daher drohe. Man hielt dafür daß der Vampyr bei Nacht aus seinem Grabe hervorgehe, in die Wohnungen der Lebenden dringe, und hier das Blut aus den Schlafenden sauge mit dem er sich nähre. Baldiger Tod ist hievon die unausbleibliche Folge, und jeder, der so gestorben, wird wieder zum Vampyr: ganze Dörfer, sagen sie, seyen darüber zu Grund gegangen: sie drohen ihre Nohnörter zu verlassen wenn man ihnen nicht gestatten will, sich auf ihre Weise sicher zu stellen. Sie denken aber dabei nicht, wie die Griechen an Absolution: die Ältesten der Dörfer lassen die Gräber eröffnen; da durchstoßen sie das Herz das noch des Blutes bedarf, mit einem Pfahl von Weißdorn, verbrennen den Leib zu Asche und werfen sie in den Fluß.“ Ranke, 1844, p. 62.

pode-se inferir que boa parte dos relatos folclóricos alcançam Ranke via Karadžić, uma vez que este se ocupou da publicação das crenças e baladas de seu povo e também dos demais eslavos<sup>79</sup>. Entretanto, a nota de referência de Ranke é reveladora, uma vez que ele alega ter tirado os dados apresentados do relatório oitocentista “*Curieuse und sehr wunderbare Relation von denen sich neuer Dingen in Servien erzeugenden Blut Saugern oder Vampyr*“, de 1732.<sup>80</sup>



Frontispício do relatório de 1732 sobre vampiros citado por Ranke.

A fonte de 1825 é muito provavelmente a de Frombald, *Bericht des Kameralprovisors Frombald über die Geschehnisse in Kisolova*, e a de 1832 Ranke referencia como *Curieuse und sehr wunderbare Relation, von denen sich neuer Dingen in Servien erzeugenden Blut-Saugern oder Vampyr, aus authentischen Nachrichten mitgetheilet, und mit Historischen und Philosophische Reflexionen*, cujo autor é identificado simplesmente como W.S.G.E.<sup>81</sup> Essas fontes citadas por Ranke haviam

<sup>79</sup> “The publication of this book (Little Slavo-Serbian Song Book) represents the first step in a long lasting struggle that Karadzic conducted in order to affirm the place of Serbian folk culture within the nineteenth-century European process of the ‘discovery of nations.’ From 1834 to 1841 he traveled around various South Slavic lands – Croatia, Bosnia, Herzegovina, and Montenegro – collecting poems, recording beliefs and traditions and documenting popular customs. He returned periodically to Serbia, but due to constant disagreements with the absolutist Prince Miloš Obrenović he never settled there.” TRENCSENYI; KOPEČEK, op. cit., p 113.

<sup>80</sup> Ele descreve o trabalho na nota de rodapé como: „(...) eine kleine Schrift die auf zwei amtlichen zur Zeit der österreichischen Regierung in Serbien nach Belgrad erstatteten Berichten von den Jahren 1725 und 1732 beruht. Der letzte der an Prinz Carl Alexander von Württemberg damals Gouverneur von Belgrad erstattet wurde ist sehr ausführlich und mit der Unterschrift eines Oberstlieu tnants eines Fähndrichs und drei Feldscheerer bekräftigt.“ Ranke, 1829, p. 23; 1844, p. 63

fomentado uma discussão séria acerca do perigo dos vampiros no século XVIII, tendo destaque dentro da difusão do mito. O acesso de Ranke ao texto pode ter-se dado tanto por Karadžić quanto pelo acesso aos relatórios escritos que estavam publicados na compilação de cinco volumes (1821-1828), “*Zauber-Bibliothek oder von Zauberei, Theurgie und Mantik, Zauberern, Hexen, und Hexenprocessen, Dämonen, Gespenstern, und Geistererscheinungen*”. *Zur Beförderung einer rein-geschichtlichen, von Aberglauben und Unglauben freien Beurtheilung dieser Gegenstände*, feita por Georg Conrad Horst.

Outra fonte, também de 1732, chamada *Visum et Repertum (Nachricht von den Bluht-Aussaugers, so zu Meduegia in Servien sich, wie berichtet wird, haben antreffen lassen)*, escrita por Johann Flückinger, solidifica ainda mais o impacto dos vampiros sobre a sociedade. Como explica Claude Lecouteux:

Contudo, o que abona a crença nos vampiros, o que tem provocado o fluxo de tratados eruditos, são os relatórios de autoridades, como aquele publicado em Belgrado, em 1732, pelo tenente-coronel Büttener e J.H. von Lindenfels sobre os vampiros na cidade sérvia de Medvegia, ou aquele publicado no mesmo ano, em Berlim, pela Sociedade Real Prussiana de Ciências.<sup>82</sup>

Ainda sobre esse tratado:

*Visum e Repertum* (1732) foi a obra que levou o vampiro para o centro dos debates na Era da Razão. Ele tem como palco a região da Medvegia, uma região da Sérvia. (...) A publicação logo se espalhou pelo continente europeu transformando *Visum et Repertum* em um sucesso de vendas e alvo de ataques de outros pesquisadores e teólogos da época.<sup>83</sup>

Ainda durante o século XIX, os vampiros eram uma preocupação de saúde pública e levados a sério não apenas pela população como por parte das autoridades:

Abundante na Romênia, o vampire também apareceu na Sérvia. É importante para leitores do século XX perceber que os vampiros dos primeiros tempos não eram meros fingimentos fictícios da imaginação popular. Acreditava-se que vampiros existissem e em algumas instâncias pensava-se ser possível epidemias locais da doença ou outras calamidades comunitárias. Na Sérvia, no começo do século XIX, a crença no vampiro era tão arraigada que levou à ações não completamente aprovadas pelas autoridades governamentais ou Igreja.<sup>84</sup>

<sup>81</sup> O mesmo autor publica a obra *Acten-mäßige und Umständliche Relation von denen Vampiren oder Menschen-Saugern, Welche sich in diesem und vorigen Jahren, im Königreich Servien herfürgethan em Leipzig no mesmo ano de 1732.*

<sup>82</sup> LECOUTEUX, op. cit., p. 13

<sup>83</sup> Silva, op. cit., p. 22.

<sup>84</sup> “Rampant in Romania, the vampire also surfaced in Serbia. It is important for twenty first century readers to realize that the vampire in earlier times was no mere fictitious fngment of the folk imagination. Vampires were believed to exist and in some instances were thought to be responsible for local outbreaks of disease or

A palavra moderna “vampiro” vem do eslavo e aparece em sua versão primitiva “upir” pela primeira vez na obra “*O Livro da Profecia*”, do russo Vladimir Jaroslov, referindo-se curiosamente a um monge; no século XVII um novo texto, desta vez na Grécia, fala dos cuidados específicos que os rituais da ortodoxia cristã deveriam ter com os falecidos, entendendo naquele momento que os vampiros seriam mortos possuídos pelo diabo<sup>85</sup>. O vocábulo se disseminou rapidamente sob o impulso da crença e da produção textual sobre o assunto, que ligava, por sua vez, os vampiros ao contexto eslavo e mais especificamente sérvio:

Portanto, a informação histórica parece complementar os estudos linguísticos, uma vez que as primeiras ocorrências do termo *vampiro* nas todas as línguas europeias referem-se à superstição eslava; a ampla disseminação do termo e seu uso extensivo no vernáculo segue a epidemia do vampirismo parece ter de desenvolvido na Sérvia. Paradoxalmente, apesar da superstição do vampirismo pareça ter se disseminado na Europa oriental, a palavra *vampiro* (pois seu cognato eslavo é *uipi*), é agora universalmente usada para descrever este fenômeno, parece ter ganhado popularidade no Ocidente.<sup>86</sup>

Uma série relatórios publicados durante os séculos XVII, XVIII e XIX fixa o vampiro no imaginário popular e erudito alemão. A Alemanha parece ser a região com maior interesse científico no caso dos vampiros, o que é atestado pela quantidade de relatórios lá publicados. Somente no ano de 1732, são publicados seis tratados médicos sobre vampirismo<sup>87</sup> e deste momento em diante, uma grande quantidade de relatos médicos

---

other community calamities. In Serbia in early nineteenth century, vampire belief was so entrenched that it led to actions not altogether approved by either the governing authorities or the Church.” FINE JR., John V. A. “In Defense of Vampire” In: DUNDES, Alan (ed.). **The Vampire: A Casebook**. Wisconsin: Wisconsin University Press, 1998, p. 57.

<sup>85</sup> O texto é De Graecorum Hodie Quirundam Opinatus, escrito por Leo Allatibus em 1645. A Grécia voltaria a ser palco dos vampiros no poema “A Noiva de Corinto” de Goethe.

<sup>86</sup> “Thus, the historical data appear to complement the linguist studies, for the first occurrences of the term vampire in European languages all refer to the Slavic superstitions; the wide dissemination of the term and its extensive use in the vernacular follows the outburst of vampirism in Serbia. Paradoxically, although the superstition of vampirism seems to have developed in Eastern Europe, the word vampire (for which the Slavic cognate is upir), which is now universally used to describe the phenomenon, seemed to have gained popularity in the West.” WILSON, Katharina M. „The History of the World Vampire“. In: DUNDES, Alan (ed.). **The Vampire: A Casebook**. Wisconsin: Wisconsin University Press, 1998, p. 9.

<sup>87</sup> Só em 1832, têm-se: Kurtzes Bedencken Von denen Acten-maeßigen Relationen Wegen derer Vampiren, Oder Menschen- Und Vieh-Aussaugern, de Gottlob Heinrich Vogt; Philosophischer Versuch, ob nicht die merckwürdige Begebenheit derer Blutsauger in Nieder-Ungern, A. 1732. geschehen, aus denen pricipiis naturae, ins besondere aus der sympathia rerum naturalium und denen tribus facultatibus hominis könne erleutert werden, de Christoph Friedrich Demelius; Besondere Nachrichten, von denen Vampyren oder sogenannten Blutsaugern, wobei zugleich die Frage: Ob es möglich, daß verstorbene Menschen wiederkommen, den Lebendigen durch Aussaugung des Bluts den Tod zuwege bringen, und dadurch ganze Dörffer und Menschen und Vieh ruiniren können?, de Putoneo (Johann Christoph Meinig); Eines weimarischen Medici muthmassliche Gedancken von denen Vampyren, oder sogenannten Blut-Saugern, welchen zuletzt das Gutachten der Königl. Preussischen Societät derer Wissenschaftten, von gedachten Vampyren, mit beygefüget ist., de Johann Christian Fritsche; Schreiben eines guten Freundes an einen andern



vindos do leste europeu continuará a atestar o alastramento pestilento dos vampiros<sup>88</sup>, havendo escritos do gênero inclusive durante praticamente todo o século XIX, ainda que neste último século a questão comece a se deslocar para os estudos de folclore, psicologia e antropologia apresentados em revistas do gênero<sup>89</sup>. No final do século, a fala do professor Abraham van Helsing, no célebre romance de Bram Stoker, revela o sucesso do mito: “... he is know everywhere that men have been.”

A literatura não vacila em embarcar nesse assunto que causava tanta comoção, uma vez que o vampirismo também se apresentava como tema perfeito para romantismo e sua negação aos padrões de beleza acadêmicos e sua busca pelo belo decadente e mórbido e pelo grotesco elegia a temática vampiresca como musa irrecusável. A lista de obras sobre vampiros durante o século XIX era ampla entre vários autores europeus que produziram dentro dos grupos do romantismo e do romance gótico. Os alemães também participaram do movimento desde cedo e foram cada vez mais impulsionados através dos laços que o

---

guten Freund, die Vampyren betreffend, de dato 26. Martii 1732, de um autor anônimo; Unverlohrnes Licht und Recht derer Todten unter den Lebendigen, oder gründlicher Beweis der Erscheinung der Todten unter den Lebendigen, und was jene vor ein Recht in der obern Welt über diese noch haben können, untersucht in Ereignung der vorfallenden Vampyren, oder so genannten Blut = Saugern im Königreich Servien und andern Orten in diesen und vorigen Zeiten, de Otto von Graben zum Stein.

<sup>88</sup> Outros textos do século XVIII são: Tractat von dem Kauen und Schmatzen der Todten in Gräbern, Worin die wahre Beschaffenheit derer Hungarischen Vampyr und Blut-Sauger gezeigt, Auch alle von dieser Materie bißher zum Vorschein gekommene Schrifften recensiret werden (1734), de Michael Ranft; Müßiger Reise Stunden Gedancken Von denen Todten Mensche-Saugern (1735), de Johann Daniel Geyer; Medicinisches Bedencken von denen Vampyren, oder sogenannten Blutsaugern, ob selbte vorhanden, und die Krafft haben, denen Menschen das Leben zu rauben? (1739), de Christian Ludwig Charisius, Des Hochwürdigem Herrn Augustini Calmet [...] Gelehrte Verhandlung der Materi, Von Erscheinungen der Geister, Und denen Vampiren in Ungarn, Mahren etc. : Aus deren Anlaß auch darin von Zaubereyen und Hexereyen, von Besessenen und Bezauberten, von denen alten heydnischen Oraculis, oder Götzen-Bescheiden, vom Wahrsagen und Offenbaren verborgener oder künfftigen Dingen, von Wirkungen und Blendungen des Satans, von Erscheinungen so wohl Verstorbener, als auch noch Lebender, die andern weit entfernten Menschen geschehen seynd etc. gehandelt wird. (1752), de Augustin Calmet; Vampyrismus von Herrn Baron Gerhard van Swieten verfasst, aus dem Französischen ins Deutsche übersetzt, und als ein Anhang der Abhandlung des Daseyns der Gespenster beigerücket. (1755), de Gerard van Swieten; Visum Repertum Anatomico-chirurgicum, oder, gründlicher Bericht von den sogenannten Blutsäugern, Vampier, oder in der wallachischen Sprache Moroi, in der Wallachey, Siebenbürgen, und Banat: Welchen eine Eigends dahin Abgeordnete Untersuchungskommission der Löbl. K. K. Administration im Jahre 1756 erstattet hat (1784), de Georg Tallar.

<sup>89</sup> São alguns dos títulos nos século XIX: Die Vampyre – Qualmenschen – Verdammte. In: Volkssagen und volkstümliche Denkmale der Lausitz (1839), de Heinrich Gottlob Gräve; Die Vampyre in Kassuben. In: Die Volkssagen von Pommern und Rügen, (1840), de Jodocus Donatus Hubertus Temme; Der Vampyr in den Pariser Friedhöfen. Ein höchst interessanter Criminalfall der neuesten Zeit; zunächst für Psychologen und Aerzte. Aus dem Französischen der Gazette des Tribunaux, Verlag Scheible, Stuttgart (1849), de Johann Scheible; Wärvölfe, Vampire und Unterirdische. In: Deutsches Sagenbuch. (1853), de Ludwig Bechstein; Die Vampyre. In: Zeitschrift für deutsche Mythologie und Sittenkunde. (1859), de Ignaz Johann Hanus; Über Vampyrismus. In: Zeitschrift für deutsche Mythologie und Sittenkunde. (1859), de Wilhelm Mannhardt; Der Vampyrschrecken im neunzehnten Jahrhundert. In: Die Gartenlaube (1873), de Carus Sterne.; Noch einmal der Vampyr-Schrecken. In: Die Gartenlaube (1873), de Dr. Petermann.

romantismo alemão estabeleceu com o fantástico, desenvolvendo sua própria vertente do romance de vampiro:

Devido à proximidade geográfica e cultural com o leste europeu, a Alemanha foi o primeiro país a tratar do tema, buscando explicação para o fenômeno dos vampiros. *De Masticatione Mortuorum in Tumulus Liber* (1728), de Michaël Ranft, e *Dissertatio Physica de Cadaveribus Sanguisugis* (1732), de Johannes Christianus Stock abordaram a questão sob um prisma teológico, sem alcançar maior repercussão.

A palavra havia sido introduzida no idioma alemão em 1721, com “*Historia naturalis curiosa regni Poloniae*”, de Gabriel Rzazynski, mas ainda na versão eslava “*upir*”. O uso realmente vernacular ocorre em 1725, no jornal vienense *Wiener Diarium*, em referência às investigações oficiais no distrito de Graditz.<sup>90</sup> O primeiro a escrever sobre o tema de um ponto de vista literário na Alemanha foi Heinrich August Ossenfelder e a circunstância revela o diálogo entre ciência, crença e literatura, uma vez que o poeta escreve “*O Vampiro ou: minha amada menina acreditou*” (“*Der Vampiro oder: Mein liebes Mädchen glaubet*”), em 1748, a convite de Christlob Mylius, editor da revista de ciência natural *Der Naturfoscher*, em ordem de acompanhar um artigo sobre as histórias de vampiros do leste europeu:

Com a publicação do poema “*Der Vampir*” (O Vampiro), Ossenfelder quase não escapou da completa obscuridade e ele é agora reconhecido como o primeiro poeta conhecido a ter adaptado o vampiro do folclore para a literatura criativa. O que é importante e único sobre a publicação científica de Mylius em 1748 é que ela marca efetivamente a introdução do vampiro na literatura através da investigação histórica através da mídia popular.<sup>91</sup>

Se a literatura inglesa tende a tratar o tema em forma de prosa, os alemães se dedicam aos poemas vampirescos. Já em 1773, Gottfried August Bürger<sup>92</sup> escreve “*Lenore*”, que serviria de inspiração para Bram Stoker e finalmente em 1797, Goethe escreve “*A Noiva de Corinto*” (“*Die Braut von Korinth*”), retomando o tema em 1813 com a balada “*Dança Macabra*”, acompanhado, nesse entremeio, pelo “*Não Acorde os*

<sup>90</sup> Idem, p. 5-6.

<sup>91</sup> “With the publication of this short poem, “*Der Vampir*” (The Vampire), Ossenfelder barely escaped complete obscurity and he is now recognized as the first known poet to have adapted the vampire from folklore for creative literature. What is unique and important about Mylius’ scientific publication in 1748 is that it effectively marks the introduction of the vampire into literature through scientific inquire and investigation by way of popular media.” CRAWFORD, Heide. ““But why do they have fangs?” The Cultural History of the Vampire as a Teaching Strategy in the Literature Classroom”. In: NEVÁREZ, Lisa A. (ed.) **The Vampire Goes to College. Essays on Teaching with the Undead**. North Carolina: McFarland & Co., 2014, p. 24.

<sup>92</sup> **Gottfried August Bürger** (1747- 1794) foi um poeta alemão ligado do movimento Sturm und Drang. Suas composições mais famosas são as Baladas e As Aventuras do Barão de Münchhausen.

*Mortos*”, de Ludwig Tieck (c. 1800). É com Goethe que aconteceria a cisão entre folclore e literatura: “A partir desse ponto, cria-se o fosso entre a imagem do vampiro folclórico, traduzida de um cadáver ambulante, vestido em farrapos, e a representação do vampiro literário, um ser sedutor, sociável e de sexualidade inquieta.”<sup>93</sup> Katharina Wilson defende, no entanto, que a difusão do tema para o grande público não se dá por via de um autor alemão e sim pela tradução do inglês do conto de Polidori.<sup>94</sup> Assim, a transformação do vampiro tradicional eslavo no vampiro sedutor se daria com a literatura inglesa e o romance de vampiro (*Vampirroman*), um nicho do romance que tinha como objeto os sugadores de sangue e que teria logrado, em colaboração com os relatórios médicos, o aumento da difusão do mito justamente por “fascinar a todos com sua sedução e exotismo”<sup>95</sup>, fazendo com que olhos ávidos pelo extravagante se voltassem para o leste europeu:

Polidori e Byron transformaram o vampiro morto-vivo camponês bruto, primitivo e sem gênero do sul da Europa oriental em vilões distintivamente masculinos, elegantes e de classe alta da novela gótica tradicional. Eles são retratados como personalidades complexas, na qual a melancolia, crueldade e desejo de poder forma uma mistura potente e perigosa.<sup>96</sup>

Os poetas alemães continuam entusiasmados pelo tema, muitos dentro do subgrupo romântico do “romantismo negro” (“*Schwarze Romantik*”), o equivalente à *Gothic Novel* inglesa. Esses artistas apreciavam, desde o final do século XVIII, a introdução de temas mórbidos em suas obras – que incluíam o pitoresco, a loucura e o mal – e sua produção foi não só na literatura como também nas artes plásticas e posteriormente no cinema, com o expressionismo alemão de Murnau e Fritz Lang, por exemplo. Para citar apenas alguns autores que escreveram sobre vampiros ou mortos-vivos no século XIX: Novalis compõe o ciclo de poesias “*Hymnen an die Nacht*” (1800), Friedrich von Heyden publica “*Der*

---

<sup>93</sup> Silva, p. 25

<sup>94</sup> WILSON, p. 6.

<sup>95</sup> SILVA, p. 27.

<sup>96</sup> “Polidori e Byron transformed the brutish, primitive, and ungendered peasant undead of South Eastern European vampire folklore into elegant, upper-class, and distinctly masculine villains in the traditional Gothic novel. They are portrayed as complex personalities, in which melancholy, cruelty, and lust for power form a potent and dangerous mixture.” BARKHOFF, Jürgen. “Female Vampires, Victimhood, and Vengeance” In: FRONIUS, Helena; LINTON, Anna (ed.). **Women and Death. Representations of Female Victims and Perpetrators in German culture. 1500-2000**. New York: Camden House, 2008, p. 130. Sir Walter Scott, autor importante dentro da biografia intelectual de Ranke por suas obras o terem introduzido ao romance histórico e consequentemente aos temas históricos, também se envolveu com uma obra sobre o sobrenatural, transcrevendo a “História da Demonologia e da Feitiçaria”.

*Vampir und die Camarilla*” (1826)<sup>97</sup>, August Schnezler escreve “*Waldmärchen*” (1833)<sup>98</sup>, Johann Peter Lyser traz “*Das Lied vom Vampyr*” (1838)<sup>99</sup>, Heinrich Heine publica “*Die Beschwörung*” (1844) e “*Helena*” (1852)<sup>100</sup>, Siegfried Kapper compõe “*Ein Vampir*” (1844)<sup>101</sup>, Friedrich Schimper publica “*Weihegesang der Vampire neben Tantalus*” (1847)<sup>102</sup>, Rudolf Gottschall escreve “*Zwei Blumen*” (1849)<sup>103</sup>, Adolf Friedrich von Schack produz “*Deine Blassen, Blassen Wangen*” e “*Dolores*” (1883)<sup>104</sup>. Na prosa, têm-se, por exemplo, um envolvimento de E. T. A. Hoffmann os contos “*Die Serapionsbrüder*” (1819-1821)<sup>105</sup>.

---

<sup>97</sup> Friedrich August von Heyden (1789-1851) foi um escritor e político alemão. Produziu poesias, dramas, líricas, novelas e épicas, dando preferência, como vários outros românticos, aos temas da Idade Média.

<sup>98</sup> Ferdinand Alexander August Schnezler (1809-1853) foi poeta, redator e editor de contos. Alcançou fama com a edição da coletânea “*Badisches Sagen-Buch*” (1846)

<sup>99</sup> Johann Peter Lyser, cujo nome real era Ludewig Peter August Burmeister (1804-1870), foi um escritor e pintor alemão amigo de Heine e de Clara Schumann. Suas ilustrações foram utilizadas em livros infantis, tendo também realizado um dos retratos mais famosos de Beethoven.

<sup>100</sup> Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856) é uma das maiores expressões da literatura alemã. Conhecido como “o último dos românticos”, como poeta, fez a sua estreia com “*Gedichte*” (Poemas) em 1821 e publica sua primeira grande coletânea, “*Buch der Lieder*”, em 1827. Em 1831 troca a Alemanha por Paris, mas continua a escrever sobre a situação política de sua terra natal. .

<sup>101</sup> Siegfried Kapper (Isaac Salomon Kapper) (1820- 1879) foi um escritor, tradutor e médico tcheco-germânico de origem judia. Como autor, interessou-se pela literatura tcheca, mas a partir de 1848 só escreveu em alemão. Seu trabalho principal é “*České listy*”, uma coletânea de poemas tchecos judeus.

<sup>102</sup> Karl Friedrich Schimper (1803- 1867) foi um naturalista, botânico, geólogo e professor alemão famoso pela criação da teoria das eras glaciais. Produziu também uma série de poemas reunidos em “*Gedichte: 1840 – 1846*”.

<sup>103</sup> Rudolf Karl von Gottschall (1823- 1909) foi um escritor alemão de dramaturgia, épica e contos, assim como de historiador da literatura e crítico literário. Foi redator da *Ostdeutschen Zeitung* e, entre 1864 e 1888, das revistas *Blätter für literarische Unterhaltung* e *Unsere Zeit*. Pelas suas contribuições para a literatura, foi nobilitado pelo Kaiser Wilhelm I em 1877.

<sup>104</sup> Conde Adolf Friedrich von Schack (1815-1894) foi um poeta e historiador da literatura alemão. Após serviços para o estado prussiano e de Oldemburgo, renuncia ao cargo e faz uma série de viagens que incluem Itália, Egito e Espanha. Estudou a história dos mouros na Espanha e, ao regressar à Alemanha em 1855, torna-se membro da Academia de Ciências da Baviera, fundando também a Pinacoteca de Munique.

<sup>105</sup> Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822) foi um escritor alemão romântico que também atuou como jurista, compositor, crítico de música desenhista e caricaturista.



*A ilustração para o poema de Lyser, feita pelo próprio poeta, mostra um vampiro com características físicas de um eslavo.*

A literatura alemã tendia à caracterização dos vampiros segundo as fontes tradicionais, no qual o vampiro é mais grotesco do que sedutor. O impulso dos estudos folclóricos e históricos na Alemanha também incentivou o tratamento sob perspectiva mais tradicional. O termo “vampiro” consta inclusive no dicionário alemão dos irmãos Grimm, (*DWB*), no qual se lê que a palavra viria do sérvio – fiando-se então no léxico estabelecido por Karadžić – e que teria duas acepções, uma ligada às crenças e outra à zoologia (acerca dos animais que se alimentam de sangue). No primeiro sentido, existiriam três correntes: a primeira refere-se às crenças dos eslavos, romenos, albaneses e gregos baseando-se nos estudos de Herder, a segunda em Goethe e terceira na “*Christliche Mystik*”, de Görres<sup>106</sup>.

Como visto nas citações acima mencionadas, Ranke se filia mais ao vampiro folclórico do que ao literário, mas é justamente o vampiro literário, em colaboração com os relatórios médicos, que fez aumentar a difusão do mito justamente por “fascinar a todos com sua sedução e exotismo”<sup>107</sup>, fazendo com que olhos ávidos pelo extravagante se voltassem para o leste europeu. Numa conjunção de diversos elementos, a figura do vampiro, seja ela embelezada ou mais próxima da raiz tradicional eslava, foi progressivamente sendo transformada em uma marca dos Bálcãs que emanava exotismo,

<sup>106</sup>GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch**. Disponível em <http://woerterbuchnetz.de/DWB>. Acessado em 03/01/2014.

<sup>107</sup>SILVA, 27.

estranheza hipnótica e perigo, características essas que não se restringiam aos “mortos-vivos” mas que também eram conferidas aos orientais em geral, como visto acima no caso do orientalismo mais abrangente.

Seria possível conjecturar se a presença de tais elementos fantásticos na primeira edição, mesmo que partindo de uma apresentação racional, fora mera influência do círculo de Viena (e do estreito contato deste com figuras de proa do romantismo alemão). Todavia, o fato de que os vampiros de Ranke tenham sobrevivido na segunda edição (1844) pode testemunhar algo a favor do interesse sincero do historiador, ainda que parte dessa manutenção possa ter sido por respeito à coautoria de Karadžić. Por outro lado, existiam certas expectativas do público quando uma obra se tratava de uma obra de história do povo sérvio, uma vez que a ideia de “terra dos vampiros” encontrava-se em processo de ampla difusão.

As fontes de tal “vampiromania” eram tanto relatórios, investigações teológicas e tratados médicos como também o romance de vampiro. Trabalhando em conjunto, a difusão desse material colaborou para a construção da ideia dos Bálcãs como a terra do fantástico e do misterioso, como um lugar no qual as fronteiras entre esse mundo e o além eram mais tênues do que em outras partes do globo<sup>108</sup>. Ou como consta belamente em *Drácula*: “I read that every know superstition in the world is gathered into the horseshoe of the Carpathians, as IF it were the centre of some sort of imaginative whirlpool.”<sup>109</sup> E tal fixação no imaginário europeu fez com que fosse quase inevitável falar sobre essa região, principalmente em temas que tocavam história e cultura, sem passar pelos famosos vampiros:

As criaturas sobrenaturais do leste europeu começaram a chamar a atenção dos países da Europa Ocidental a partir do tratado de Passarowitz de 1718, no qual se estipulava que metade da Sérvia e partes da Bósnia e da Valáquia (hoje parte da Romênia) deixariam de ser dominadas pelo Império Otomano e passariam ao controle da Áustria. Esta nova configuração política abriu as portas de uma região próxima, mas ao mesmo tempo tão pouco conhecida pelo público ocidental, situação esta que continuou até o fim do século XIX, como atestam as linhas iniciais de *Drácula*, publicado em 1897.<sup>110</sup>

<sup>108</sup> A crença do vampiro, entretanto, está presente em quase todas as culturas europeias. A imagem clássica do vampiro que irá se solidificar como algo eslavo principalmente com *Drácula* e com os relatos antecedentes de inúmeros casos de vampirismo nos Bálcãs.

<sup>109</sup> STOKER, Bram. **The New Annotated Dracula**. Edited by Leslie Klinger. New York: Norton & Co., 2008, p. 16

<sup>110</sup> SILVA, Alexander M. da. “Introdução”, In: **Contos de Vampiro**, p. 19

Algo presente na literatura alemã sobre vampiros que ajuda a explicar a solidificação da ligação dos vampiros com os Bálcãs é a relação entre estes seres sobrenaturais como uma espécie de “zona de fronteira” histórica e cultural marcada pela ambiguidade e indeterminação. Isso é explorado por Heine em *Die Beschowörung*, em poema cujo tema trata de um monge aterrorizado e seduzido pelos mortos (“Triste olhar. Seus seios ardem/ Entre espasmos de asfixia. Juntos, a defunta e o frade/ Um aos outro silencia.<sup>111</sup>”). Mas não só em Heine as características antagônicas entre sagrado e profano são exploradas, havendo uma expansão desse elemento de tensão em outros autores:

Goethe faz uso total do potencial ambivalente do vampire que, habitando o espaço limiar entre vida e morte, é a quintessência da figura de fronteira. É muito significativo que a balada de Goethe é localizada histórica e geograficamente na zona limiar entre antiguidade e o primeiro mundo medieval, no qual atitudes em relação à religião, em relação ao sobrenatural e natural e, acima de tudo para a balada de Goethe, em relação à redefinição do corpo.<sup>112</sup>

A região da Sérvia era especialmente rica em pontos de contatos dos mais diversos tipos:

A região havia sido recentemente incorporada ao Império Habsburgo e portanto se tornado um ponto de contato entre culturas, uma fronteira entre a Igreja Ortodoxa Grega e o Catolicismo Romano, Europa Central e Bálcãs, a civilização ilustrada e uma outra supersticiosa. O debate acirrado que seguiu essas mortes epidêmicas atribuídas a vampiros, o debate sobre sua natureza como demoníaca, um fenômeno natural ou imaginado, revelaram a enorme relevância da cultura de fronteira que o vampiro habitava.<sup>113</sup>

E ainda mais, pois como Ranke nota na passagem da edição de 1844, há uma sobrevivência do vampiro mesmo a despeito da cristianização dos povos eslavos, resultando em sobreposição dos elementos cristãos (ortodoxo e católico) e folclóricos, ou seja, “ainda que o cristianismo tenha vencido a disputa pelo poder religioso, o vampiro

<sup>111</sup> HEINE, Heinrich. **Heine, hein? Poeta dos Contrários**. Introdução e tradução de André Valias. São Paulo: Perspectiva: Goethe Institut, 2009, p. 258-59. No original, essa estrofe final é: “Ihr Blick ist traurig. Aus kalter Brust/ Die schmerzlichen Seufzer steigen./Die Todte setzt sich zu dem Mönch,/ Sie schauen sich an - und schweigen.”

<sup>112</sup> “Goethe makes full use of the ambivalent potential of the vampire, who, inhabiting the liminal space between life and death, is the quintessential threshold figure. It is most telling that Goethe’s ballad is historical and geographically located in a liminal zone between antiquity and the early medieval world, in which attitudes toward religion, toward the supernatural and the natural, and, most importantly for Goethe’s ballad, toward the body were redefined.” BARKHOFF, p. 131.

<sup>113</sup> “The region had recently been incorporated into the Habsburg Empire and thus became a point of contact between cultures, a frontier between the Greek Orthodox Church and Roman Catholicism, Central Europe and the Balkans, the enlightened civilization and its superstitious other. The heated debate that followed these epidemic deaths attributed to vampires, a debate about their nature as a demonic, a natural, or an imagined phenomenon, revealed the enormous relevance of the culture borderline that the vampire inhabited.” Idem, *ibidem*.

sobreviveu no folclore do povo eslavo, tornando-se a personificação simbólica do convívio conflituoso entre cristianismo e paganismo.”<sup>114</sup>: Assim como na descrição que Ranke fizera dos turcos, onde o fato religioso era determinante, na discussão sobre os vampiros, este elemento vem novamente à superfície sob forma de uma permanência do paganismo e das “crenças primitivas” no seio da crença popular.

Pois bem, não menos do que curioso Ranke estar em meio a uma discussão tão extravagante que movia teólogos, médicos, filósofos e poéticas por vários séculos. Com isso o historiador “pai da história científica” toca em um ponto fundamental acerca do que é ou não digno de história e do que vale ou não a pena ser contado quando se escreve uma obra histórica. Assim, o que há de distintivo nesses trechos sobre os vampiros é o interesse por elementos que possivelmente seriam descartados numa tradição historiográfica anterior. Ao recordar Voltaire, por exemplo, vê-se uma postura bastante dispare na frase sumária de que “o tempo é tão caro, e a história tão imensa, que é preciso poupar aos leitores esses tipos de fábulas e de moral”<sup>115</sup>. Para Ranke, como para boa parte de seus contemporâneos, é justamente nesses detalhes que reside o interesse da história porque é deles que a vida emana até reconstruir um todo amplo e diversificado. Aqui se percebe então uma ruptura importante e com consequências fundamentais para a história da historiografia contemporânea – que passará a incluir cada vez mais conteúdos culturais e mentais – e também para a formação das nações, uma vez que tais entidades da cultura serão basilares na afirmação das singularidades de cada povo e de seu consequente direito à autonomia política (e não é portanto à toa que a palavra “nacional” consta no título do capítulo no qual Ranke trata dos hábitos e crenças sérvios).

Para alguns intelectuais da geração de Voltaire, cujo projeto de futuro passava muito mais por ideias de universalidade e uniformidade, tais divagações não eram entendidas como de grande proveito para a história, uma vez que conteúdos fantasiosos afastariam o homem do despertar para a verdade, do deixar-se iluminar pela razão.

“O fundo é o mesmo em todos os lugares, a cultura é que produz frutos diversos” – na afirmação famosa de Voltaire, apontando para uma tendência uniformista, comparável à ordem da natureza, que visualizava nas próprias vicissitudes da história as manifestações universais do

<sup>114</sup> SILVA, op. cit., p. 10

<sup>115</sup> VOLTAIRE. **O Pirronismo da História**. São Paulo, Martins Fontes, 2007, p. 17. Nesse pequeno texto panfletário de 1768, a frase se insere em um movimento de desconstrução geral da historiografia que não se apoia em fontes confiáveis, adentrando, no melhor espírito iluminista, pela inclusão da bíblia dentre os textos merecedores de desconfiança. Lecouteux indica, inclusive, a oposição frontal do autor em relação ao tema dos vampiros: “Voltaire ataca Dom Calmet, o “historiógrafo dos vampiros”, passa em revista os autores que tratam do assunto e os acusa de ter propagado essa “superstição”.” (História dos Vampiros, p. 36).



homem racional. Num mundo fragmentado e constantemente modificado pelas revoluções, seria difícil continuar falando peremptoriamente, como Voltaire.<sup>116</sup>

Assim, as gigantescas mudanças políticas após a Revolução Francesa jogam uma parcela do mundo ocidental em certo desacordo com a placidez e confiança num mundo de igualdade, ou seja, “num mundo estilhaçado, onde predominavam a variedade e a peculiaridade quase infinitas de cada povo, como não romper com o ideal de modelo único e a visão cosmopolita do pensamento ilustrado?”<sup>117</sup> A noção de universalidade não é completamente abandonada, como atesta inclusive o projeto de Ranke de redigir uma *História Universal*, mas a ideia passará a ter uma relação mais intensa e a percepção do fio que une as diferenças sofrerá mudanças radicais. Não poderia ser diferente, já que após Napoleão parecia já improvável (e, mais do que isso, parecia mesmo indesejável) um mundo padronizado e dominado exclusivamente pela razão que normatizava a vida e ameaçava despir o homem de sua subjetividade imaginativa ancestral e de sua relação com sua comunidade original. Ao mesmo tempo, no caso da Alemanha, a busca por uma autonomia em relação à França acelerou o processo e impulsionou os intelectuais para além do Reno ao mergulho na subjetividade multifacetada que podia ser tanto dos indivíduos como das comunidades e povos.

Mas não menos parte essencial do Romantismo era romper com as generalizações ou abstrações contruídas pela faculdade da razão e o desejo de abrir a mente para a realidade em suas manifestações e aparências variadas. É neste último aspecto que o movimento romântico se tornou tão estimulante para os acadêmicos em nenhum lugar mais do que na Alemanha. A consciência do individual, do característico, tanto nas comunidades como nos seres humanos, foi apressado. O estudo da lei e da linguagem, toda a forma de ver a humanidade e o mundo foi renovada. A concepção de uma coesão orgânica e de continuidade entrou na mente daquela geração e o passado pediu, portanto, uma realidade própria, insubstituível e igual ao presente em valor.<sup>118</sup>

---

<sup>116</sup> SALIBA, Elias Thomé. **As Utopias Românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 42.

<sup>117</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>118</sup> “But no less essentially part of Romanticism was the breaking away from the generalizations or the abstractions constructed by the reasoning faculty and the desire to open the mind to reality in its manifold manifestations and appearance. It is in this latter aspect that the Romantic movement has become so exceedingly stimulating to scholarship, nowhere more than in Germany. The awareness of the individual, of the characteristic, in communities as well as in human beings, was quickened. The study of law and language, the whole way of viewing mankind and the world, was renovated. The conceptions of an organic cohesion and of continuity had entered the mind of that generation, and the past thus required a reality of its own, irreplaceable and equal to the present in value.” Geyl, *op. cit.* p.4.

*A Revolução Sérvia* encontra-se dentro desse contexto mais amplo de valorização de peculiaridades, assim como tema dos vampiros contidos na obra. E dentro da história dos estudos sobre vampiros está incorporado o embate visto entre crença e razão:

O vampiro faz parte da história desconhecida da humanidade, desempenha um papel e tem uma função; não brotou do nada no século XVII ou XVIII. Ele se inscreve em um conjunto complexo de representações da morte e da vida, que sobreviveu até nossos dias, certamente com uma riqueza bem menor do que naquele passado distante que tendemos a confundir com séculos de obscurantismo, aquelas épocas remotas e ignorantes que baniram as Luzes da razão. Todavia, foi justamente a partir do século das Luzes que como uma epidemia, os vampiros se espalharam em todos os setores. Tal fato não parece curioso? Sem dúvida, para esclarecer os espíritos, era, então, necessário retomar e analisar, dissecar as crenças antigas para mostrar sua inanidade.

119

Ranke estava do lado dos que não buscavam dissecar o mito, parte porque esse não era seu objetivo principal na obra e principalmente porque sua inspiração era a de apreender as formas de pensar e viver desse povo que ele havia se proposto a apresentar a um conjunto de leitores. É verdade que, ao final, Ranke aposta em uma explicação antropológica racionalista para a disseminação da crença nos vampiros e seres afins, reafirmando tratarem-se elementos fantasiosos.<sup>120</sup> No entanto, ele não os descarta por sua natureza imaginativa. Muito pelo contrário, a compreensão do mito acaba por ser um movimento histórico por natureza, daí porque um tema caro ao romantismo parece, neste ponto, entrelaçar-se com uma abordagem análoga ao que era proposto pelos novos passos da historiografia alemã do momento:

E a atração das narrativas reside em grande parte nas zonas de sombra que elas deixaram. Para demonstrar o mito, isto é, para reencontrar as peças e os fragmentos tão bem organizados, precisamos empreender um mergulho nos tempos antigos e aprender a conhecer as crenças de nossos antepassados distantes para os quais os fantasmas foram uma realidade múltipla.<sup>121</sup>

Para a geração alemã dos séculos XVIII e XIX, o reforço da tradição popular era um ato de resistência e reafirmação da nacionalidade frente às influências estrangeiras – no caso da Alemanha seria a resistência à França e no caso sérvio aos turcos: “A valorização

<sup>119</sup> Lecounteux, op. cit., p. 15.

<sup>120</sup> „In dem gefahrlosen Gange eines mit der Natur enge verbundenen Lebens giebt nichts der Aufmerksamkeit mehr zu schaffen als plötzliche Todesfälle die rasch nach einander eintreten und die Phantasie ist geschäftig sie durch Einwirkungen von jenseit des Grabes her zu erklären.“ Ranke, 1829, p. 32 e 1844, p. 63

<sup>121</sup> Lecounteux, op. cit., p. 35.

dos contos, da poesia, das lendas nacionais e de tudo mais que evoca o retorno às fontes de um passado pleno de força e virtude exorta os alemães a reconhecer em sua própria origem os traços de uma essência perdida.”<sup>122</sup>

Os vampiros são um elemento importante da caracterização do povo sérvio e toca em outra questão diretamente ligada ao romantismo, isto é, a definição do outro que é, no caso, o “oriental”. Nesse sentido, os vampiros, bruxas e superstições eram fundamentais para Ranke e para toda uma geração que buscava definir diferenças e especificidades entre os povos. Ao mesmo tempo em que essa definição foi fruto de uma profícua produção literária, ela também indicou um processo de alteridade, uma vez que os vampiros foram progressivamente definidos como algo específico dos Bálcãs, que esbarrava tensão entre razão e fantasia, implicando muitas vezes na dissecação do mito.

#### **4. PROXIMIDADE NAS DISTÂNCIAS: CULTURA, NAÇÃO E VIOLÊNCIA**

De acordo com o que foi apresentado até o momento, o orientalismo, do qual Ranke dá mostra, é visto tanto em versões literárias quanto políticas, cada qual com uma leitura bastante específica do que significa o Oriente para os europeus do século XIX. Um exemplo é o celebrado *Drácula*, onde Bram Stoker dá inúmeros exemplos de orientalismo, no qual o Ocidente se personifica na figura de deslumbrado Jonathan Harker quando este se põe rumo ao Oriente: “A impressão que tive era que eu estava deixando o Ocidente e entrando no Oriente; as mais esplendidas pontes sobre o Danúbio, que é aqui de nobre largura e profundidade, nos levaram entre as tradições do domínio turco”<sup>123</sup>, ao que segue a descrição de sua chegada à morada do conde como sendo “em meios as montanhas dos Cárpatos; uma das mais selvagens e menos conhecidas porções da Europa.”<sup>124</sup> O escritor irlandês imortalizava de forma talentosa toda uma ideia ocidental acerca dos Bálcãs e também sobre os povos não ocidentais em geral, construída pelo menos desde a Antiguidade e que tomou feições peculiares durante o século XIX. A indomabilidade da

---

<sup>122</sup> MOURA, Caio. “O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para a consolidação da autoimagem do sujeito moderno”. In: *Filosofia Unisinos*, 10 (2), Mai-Ago 2009, p. 162.

<sup>123</sup> “The impression I had was that we were leaving the West and entering the East; the most Western of splendid bridges over the Danube, which is here of noble width and depth, took us among the traditions Turkish rule.” STOKER, op. cit., p. 9.

<sup>124</sup> “in the midst of the Carpathian mountains; one of the wildest and least known portions of Europe.” STOKER, op. cit., p. 16.

geografia é, nesse tipo de construção literário-filosófica, compartilhada com seus moradores, frequentemente imaginados e descritos como selvagens e bárbaros.

A barbárie em contraste com a civilização é um tópico comum do pensamento clássico que mantém sua força durante toda a história do pensamento ocidental e oriental, onde um lado costumeiramente acusa “o outro”, seja lá quem ele for, de cometer barbaridades e de ser incivilizado, o que pressupõe que o acusador detenha verdadeiramente os códigos normativos corretos que o insiram do lado “correto”, do lado civilizado:

O fato de aquele termo “bárbaro” tem uma história mais longa do que o termo “civilização” leva a uma conclusão intrigante: na dicotomia da idade de ouro dentro do qual o bárbaro está implicado desde sua inserção, o “bárbaro” é o termo estável enquanto suas oposições positivas mudam (grego, romano, cristão, europeu e por diante até que o termo “civilização” seja cunhado). Isto sugere que a categoria estável para o outro absoluto é até mais essencial para o discurso do eu do que uma categoria positiva absoluta de auto domínio.<sup>125</sup>

No que diz respeito a essa caracterização “bárbara” dos orientais, a discussão em Ranke fica ainda mais complexa. O historiador utiliza o termo *bárbaro* quatro vezes na primeira edição de *A Revolução Sérvia* (1829) e duas vezes na segunda edição (1844). E, ao contrário do que se poderia imaginar depois de uma descrição tão negativa dos turcos, o termo é distribuído entre sérvios e turcos, com predominância do uso em relação aos primeiros. Referindo-se todas as vezes aos eslavos, Ranke faz uso do termo em sentido negativo de desordem e retrocesso.<sup>126</sup>

<sup>125</sup> “The fact that the term “barbarian” has a longer history than the term “civilization” leads to an intriguing realization: in the age-old dichotomy within which the barbarian is implicated since its inception, the “barbarian” is the stable term, while its positive opposite changes (Greek, Roman, Christian, European, and the like, until the term “civilization” is coined). This suggests that a stable category for the absolute other is even more essential for the discourse of the self than a stable positive category of self domination.” BOLETSI, Maria. “It’s All Greek to Me: The Barbarian in History”. In: **Barbarism and its Discontents**. California: Stanford University Press, 2013, p. 65.

<sup>126</sup> “Hierdurch geriethen sie wohl sämmtlich in unlängbare Barbarei, jedoch nicht alle in dieselbe Knechtschaft. Ihre Zustände haben sich im Laufe der Zeit verschieden entwickeln”<sup>126</sup> e “Ihr Ursprung ist immer eine unglückselige Anlage der menschlichen Natur; Rachgier zugleich und Habsucht das rechte Zeichen der Barbarei.”<sup>126</sup>, „Immer bleibt es wahr, daß die türkische Herrschaft viele Vortheile nicht gewährt, welche wir der Gefellschaft verdanken; daß durch die Erhebung eines Theils der Bevölkerung über die andere die Barbarei befördert.“<sup>126</sup>, Von den Einrichtungen des osmanischen Reiches hatten dagegen die welche das Gepräge der Barbarei am stärksten tragen Harem und Brudermord, eben den Erfolg, Verwirrungen dieser Art zu verhindern.“<sup>126</sup> e “Ihre Meinung (Milosch) war, daß in einem noch immer mit Barbarei erfüllten Lande wie diesem, eine starke und strenge Gewalt unumgänglich erfordert werde.“ RANKE, 1844, p. 358.

A disseminação do termo “bárbaro” no Ocidente aconteceu através das obras historiográficas gregas, nas quais os povos estrangeiros eram os tais bárbaros<sup>127</sup>, e desde então foi admitido em diversas e intercambiantes situações de oposição:

As viagens históricas do bárbaro revelam as várias perspectivas dentro do espaço europeu (e provavelmente ainda mais perspectivas fora do espaço europeu) pelas quais o barbarismo tem sido definido. Cada vez a partir de uma perspectiva diferente, bárbaros são os não-gregos e os gregos, os cristãos e os não-cristãos, pagãos e muçulmanos, os romanos, as nações germânicas, os habitantes do oriente, os povos colonizados das Américas, África e Ásia, os colonizadores europeus, os judeus, os nazis, românia, membros da classe operária, terroristas, neoimperialistas e muitos outros. Praticamente todo grupo da história ocidental começou categorizado como “bárbaro” por outro grupo.<sup>128</sup>

Como contraponto ao civilizado, o termo *bárbaro* evoca a ampla discussão iniciada no século XVIII entre os conceitos de *cultura* e *civilização*. De uma forma bastante resumida, o termo *civilização* esteve historicamente mais ligado à tradição francesa e inglesa, enquanto o termo *cultura* tomará caminhos próprios muito específicos nos quadros da intelectualidade alemã:

Enquanto, na Inglaterra e na França, a palavra civilização associava-se ao grau de progresso e desenvolvimento material da sociedade, na Alemanha, de modo diverso, a ideia de civilização (*Zivilization*) não se revestiu do mesmo cunho de universalidade observado naqueles países. (...) Na segunda metade do século XVIII (mais especificamente, a partir dos anos 70), a palavra civilização equivalia, na Alemanha, ao que, na França, se entendia ainda por *civilidade*.<sup>129</sup>

Uma das chaves para se compreender o espaço de colaboração entre Ranke e os intelectuais eslavos pode justamente estar no fortalecimento do conceito de cultura (*Kultur*) dentre os alemães, uma vez que “A *Kultur*, diferentemente do conceito francês de *civilização* (noção determinada pela ideia de progresso material), é circunscrita pelo domínio do espírito; ela engloba as realizações artísticas, intelectuais e mesmo religiosas

<sup>127</sup> “At the time of its inception on ancient Greece, the term “barbarian” was the exact opposite of “Greek”: it was applied to foreigners who did not speak Greek and whose language was therefore incomprehensible, sounding like “bar bar”. (BOLETSI, Maria. “It’s All Greek to Me: The Barbarian in History”. In: **Barbarism and its Discontents**. California: Stanford University Press, 2013, p. 57.)

<sup>128</sup> “The historical travels of the barbarian reveal the various perspectives within European space (and probably even more perspectives outside European space) for which barbarism has been defined. From a different viewpoint each time, barbarians are the non-Greeks and the Greeks, the Christian and the non-Christians, heathens and Muslims, the Romans, the Germanic nations, the inhabitant of the Orient, the colonized peoples of the Americas, Africa and Asia, the European colonizers, the Jews, the Nazis, Romany, members of the working class, terrorists, neo-imperialists, and many others. Practically every group in Western history has been tagged as “barbarian” by another group.” Boletsi, op. cit, p. 58.

<sup>129</sup> Moura, o. cit. p. 161.

de um povo e demarca, por assim dizer, um espaço de autonomia diante da esfera dos negócios políticos.”<sup>130</sup> Sobre o significado histórico do conceito de *Kultur* na Alemanha, Norbert Elias expõe:

Que o termo “cultura” referiu-se outrora a um processo de cultivação, à transformação da natureza por seres humanos, isso está hoje quase esquecido – na Alemanha como em qualquer outro lugar. Mesmo quando foi gradualmente adotado pelas elites da classe média do século XVIII em ascensão, como uma expressão de autoimagem e de seus ideais, o termo representou a imagem que se faziam de si mesmos, tal como a viam, ou seja, dentro do contexto mais amplo do desenvolvimento da humanidade. A visão desse desenvolvimento da *intelligentsia* da classe média alemã era muito semelhante à francesa ou britânica. De fato, os escritos de historiadores escoceses como William Robertson e de Voltaire e seu círculo na França tiveram uma influência formativa nas ideias da nascente *intelligentsia* alemã.<sup>131</sup>

A *história cultural* seria fruto dessa ascensão social e a oposição entre esta a *história política* é bastante interessante quando pensada no caso de Ranke. Ainda com Elias:

Foi decisivo para a posição e autoimagem das elites da classe média alemã que a tradição da história escrita mais claramente oposta à “história política” ficasse conhecida como “história cultural” (*Kulturgeschichte*). Focalizou aquelas áreas da vida social dos seres humanos que dotaram as classes médias alemãs politicamente excluídas como a principal base para a sua autolegitimação e para a justificação de seu orgulho – áreas tais como religião, ciência, arquitetura, filosofia e poesia, assim como o progresso da moralidade humana, tal como pode ser observado nos costumes e na conduta das pessoas comuns. De acordo com a situação especial das classes médias alemãs, a linha divisória entre “cultura” e “política” e suas implicações antagônicas da história escrita como “história da cultura” ou como “história política”, nas acepções que lhes foram atribuídas nos séculos XVIII e XIX, eram particularmente pronunciadas; talvez mais pronunciadas do que entre “civilização” e “política” na Grã-Bretanha e na França.<sup>132</sup>

A mesma mudança social que permitiu a ascensão dos “mandarins alemães”, para utilizar novamente a expressão de Fritz Ringer, influirá inclusive nas formas de escrita da história, do qual Ranke faz parte.

Pode-se dizer que no significado do termo alemão “Kultur” estava embutida uma predisposição não-política, e talvez mesmo antipolítica, sintomática do frequente sentimento entre as elites de classe média alemã do que a política e os assuntos do Estado representavam a área de sua humilhação e da falta de liberdade, ao passo que a cultura representava a esfera de posição antipolítica do conceito de “cultura” nutrida pela classe média dirigia-se contra a política de príncipes autocráticos. Tinha por

<sup>130</sup> Moura, op. cit., p. 165.

<sup>131</sup> ELIAS, Norbert. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 120.

<sup>132</sup> Idem, p. 121.

alvo a política das cortes absolutistas e eram nesse sentido, concomitantes de sua predisposição anticivilizadora. O comportamento político e civilizado representada o *grand monde*, o “grande mundo”, onde as pessoas – assim parecia àquelas que viviam no “mundo menos da classe média” – eram cheias de presunção, hipocrisia e fingimento, em sentimento sinceros e verdadeiros. A esse respeito, o mundo dos o mundo dos cortesãos civilizados, com seus ideias de civilidade , polidez, boas maneiras e cautela a respeito da expressão de sentimentos espontâneos, e o mundo da política, com suas exigências de restrição emocional e estratégia diplomática, e também de tato e boas maneiras, encontram-se na mesma categoria.<sup>133</sup>

Ranke apareceria, mediante a análise de Elias, como certo intermediário entre essa oposição entre a história cultural da classe média (à qual ele pertencia) e a história política da corte (à qual ele deveria estar em bons termos em função de seu cargo de professor e pesquisador), pensando ao mesmo tempo uma política cultural e uma cultura política. N’A *Revolução Sérvia*, esses dois elementos aparecem claramente e deixam transparecer que a compreensão político-diplomática de Ranke é perpassada por um elemento cultural estrutural, expresso de forma bastante aberta no texto d’*Os Grandes Poderes*, como ele mostra ao falar sobre a supremacia francesa na Europa.<sup>134</sup>

Em meio a um longo e profundo processo de diferenciação entre o europeu e o “outro”, o elemento cultural é um ponto de comunhão entre o pensamento de Ranke e do *Círculo Esloveno de Viena*, o que possibilitou o trabalho que esses desenvolveram juntos e a visão comum da importância da cultura para a formação nacional possibilitou que um historiador, Ranke, conhecido por sua postura política conservadora e pela sua rejeição aos valores revolucionários que cultivava especial antipatia pela Revolução Francesa, “argumentando que qualquer desafio para estabelecer instituições políticas e sociais por meios revolucionários ou reformas extensivas constituem uma violação do espírito histórico”<sup>135</sup>, admitisse que a revolução sérvia fosse um processo historicamente válido, daí porque o título da obra aqui apresentada ostenta a palavra *revolução* em seu título.

<sup>133</sup> Idem, p. 122

<sup>134</sup> “Mit Einem Schlage dazu erweckt, von seiner Gründlichkeit und Reife unterstützt, entwickelte dann der Geist der Nation selbstständig und frei versuchend eine poetische Literatur durch die er eine umfassende, neue, obwohl noch in manchem innern Conflict begriffene, doch im Ganzen übereinstimmende Weltansicht ausbildete und sich selber gegenüber stellte. Diese Literatur dann die unschätzbare Eigenschaft, daß sie nicht mehr auf Theil der Nation beschränkt blieb, sondern sie ganz umfaßte ihrer Einheit zuerst wieder eigentlich bewußt machte. Wenn nicht immer neue Generationen großer Poeten auf die alten folgen, so darf man sich nicht so sehr darüber wundern. Die großen Versuche sind gemacht und gelungen; es ist im Grunde gesagt. was man zu sagen hatte, und der wahre Geist verschmährt es auf befahrenen, bequemen Wegen einherzuschreiten.“ Idem, p. 32.

<sup>135</sup> “arguing that any challenge to the established political and social institutions by revolutionary means or extensive reforms constituted a violation of the historical spirit” Iggers, op. cit., p. 26.

Dentre essas afinidades entre o panorama germânico e eslavo, havia a noção de que cabia à literatura um papel fundamental na formação nacional e a tendência expansionista uma vez que essa nacionalidade estava desenvolvida e havia alcançado o cenário das nações europeias.

O investimento dos intelectuais eslavos do século XIX na literatura nacional (e nacionalista) é intenso por ver na questão cultural uma ferramenta poderosa para a luta de independência dos otomanos:

A busca por costumes populares e sua codificação em cultura nacional foi inicialmente colocada em movimento pela tentativa de Karadžić de confirmar o valor e a riqueza da língua vernacular contra o idioma dominante “artificial” slavo-sérvio (*slavonoserbski*) cultivado por igrejas e mercadores. Nos tempos de Karadžić, quando a Sérvia estava lutando por emancipação do Império Otomano, versos que evocavam a herança nacional sérvia, especialmente de heróis históricos e lendários, representou uma fundação literária para definir fronteiras linguístico-culturais e políticas. Neste sentido, enquanto seu trabalho era fundamentado na escola filológica eslava eslavônica de Kopitar, Karadžić foi além do projeto iluminista de Kopitar de emancipação cultural eslava corroborada pelo patriotismo supranacional. Ao invés, ele se voltou para o uso de referências etnográficas para definir e legitimar uma entidade política baseada em marcadores etno-culturais.<sup>136</sup>

Há, portanto, uma identificação mútua entre os contextos alemão e sérvio que serve como uma ponte de superação parcial do orientalismo de Ranke, ponte essa utilizada pelos intelectuais sérvios para projetar suas ideias para o Ocidente e de Ranke para conhecer mais a fundo a questão oriental. A proximidade entre a situação política alemã e sérvia aqui é nítida, já que também a Alemanha tentava se desvencilhar da influencia francesa sobre sua cultura e criar uma unidade nacional através do reavivamento da importância de sua cultura popular e literatura nacional escrita em língua vernacular nacional.<sup>137</sup>

<sup>136</sup> “The search for folk customs and their codification into national culture was initially set in motion by Karadžić attempt to confirm the value and richness of the vernacular language against the dominate “artificial” Slavo-Serbian (*slavonoserbski*) idiom cultivated by the church and the merchants. In Karadžić’s times, when Serbia was fighting for emancipation from the Ottoman Empire, verses that evoked the Serbian national heritage, especially in historical and legendary heroes, represented a literal foundation for defining linguistic/cultural and later also political boundaries. In this sense, while his work was rooted in the Slavic Slavonic philological school of Kopitar, Karadžić moved beyond Kopitar’s Enlightenment project of Slavic cultural emancipation interwied with supra-national patriotism. Instead, he turned to the use of ethografical references to devise and legitimize a political entity based on ethno-cultural markers.” TRENCSENYI, Balázs; KOPEČEK, Michal. **Discourses of Collective Identity in Central and Southeast Europe (1770-1945). Texts and Commentaries. Volume Two: National Romanticism – The Formation of National Movements.** Hungary: Central European University Press, 2007, 113.

<sup>137</sup> “O próprio Ranke defende esse ponto: “Doch ist das Werk des deutschen Genius noch lange nicht vollendet, die positive Wissenschaft zu durchdringen, zu regeneriren ist er mit Anstrengung beschäftigt.



Apesar da defesa de Friedrich II como esse bastião de resistência da literatura nacional alemã ser bastante suspeita<sup>138</sup>, vê-se aqui a força que Ranke confere à cultura, principalmente à literatura, dentro do esquema da liberdade e autonomia nacional. A comunhão de ideias nacionais alemãs e sérvias não se deu apenas num plano abstrato, mas houve a aproximação efetiva do *Círculo Eslovo de Viena* e da cultura germânica, como é relatado no capítulo I, através dos emigrantes eslavos que buscaram refúgio em Berlim e Viena, começando a publicar através (e muitas vezes em língua) alemã, e que foram apresentados aos colegas germânicos principalmente por Jernej Kopitar, “an erudite mediator between the German romantic *Volkskunde* and the Slav cultural revivalists.”<sup>139</sup> Além da função de fortalecimento da coesão nacional, a divulgação da literatura sérvia tinha o objetivo de divulgar a causa nacional no âmbito internacional, intenção na qual *A Revolução Sérvia* poderia também ser incluída. Assim, se Ranke apresentava os eslavos aos europeus ocidentais, os eslavos também tinham um interesse intrínseco fundamental em serem apresentados ao mundo. Independente das feições mais ou menos “ocidentalizadas” que tomavam nessas obras que eram “cartas de introdução” às demais nações, o importante é que eles fossem reconhecidos como povos com feições próprias e características autônomas suficientes para merecerem sua autodeterminação nacional. E a

---

Allerdings hat er hier mit manchem Hinderniß zu kämpfen das ihm aus dem Gange seiner eigenen Bildung, oder seinen alten Gegensätzen entsprungen ist, doch dürfen wir hoffen, daß er durchaus zu seinem eigenen Verständniß gelangen und alsdann zu unabläßig neuer Hervorbringung fähig seyn werde. Jedoch ich halte inne, denn von der Politik wollte ich reden. Obschon diese Dinge auf das genaueste zusammen gehören, und die wahre Politik nur von einem großen nationalen Daseyn getragen werden kann. So viel ist wohl gewiß, daß zu dem Selbstgefühl, von welchem dieser Schwung der Geister begleitet war, keine andere Erscheinung so viel beigetragen hat, wie das Leben und der Ruhm Friedrichs II. Es gehört dazu, daß eine Nation sich selbstständig fühle, wenn sie sich frei entwickeln soll: und nie hat eine Literatur geblüht ohne durch die großen Momente der Historie vorbereitet gewesen zu seyn. Aber seltsam war es daß Friedrich selbst davon nichts wußte, kaum etwas ahnete. Er arbeitete an der Befreiung der Nation; die deutsche Literatur mit ihm; doch kannte er seine Verbündeten nicht. Sie kannten ihn wohl. Es machte die Deutschen stolz und Kuhn, daß ein Held aus ihnen hervorgegangen war.“ Ranke, 1833, p. 32.

<sup>138</sup> Caio Moura traz outros elementos, a partir de um estudo das obras completas de Friedrich II, que rebatem o argumento de Ranke: “Em uma carta a dirigida a Voltaire, Frederico II, príncipe da Prússia, afirma não falar alemão senão para repreender seus servos e dar ordens às suas tropas. “Não se aprende essa língua”, escreve o príncipe. Senão para fazer guerra”. Dirigindo-se uma vez mais ao seu mais ilustre interlocutor, Frederico é ainda mais sarcástico: “eis o que eu disse aos cavalos que terão a honra de vos conduzir”, referindo-se ao poema dedicado ao filósofo com o qual abrisse a carta, para então completar,” dizem que a língua alemã é feita para falar com os animais; e, na qualidade de poeta dessa língua, julguei que minha musa estivesse mais capacitada a inspirar os seus cavalos do que vos enviar os seus sons”. Para além do desprezo perante o alemão, “língua verborrágica”, segundo o príncipe, suas cartas não se cansam de enaltecer o francês como uma “língua dos deuses”, dotada de “elegância e fineza”. “Nenhum homem que não seja nascido na França, ou habitado desde muito tempo a Paris”, enfatiza Frederico, “poderá possuir em sua língua o grau de perfeição tão necessário para fazer bons versos ou elegante prosa.” (MOURA, Caio. “O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para a consolidação da autoimagem do sujeito moderno”. In: *Filosofia Unisinos*, 10 (2), Mai-Ago 2009, p. 159).

<sup>139</sup> TRENCSENÏ; KOPEČEK, op. cit., p. 112.

ideia se concretizou, uma vez que a publicação dos títulos de Karadžić “caused a sensation in European intellectual circles and were translated into several languages.”<sup>140</sup> Dentro da própria sérvia, no entanto, projetos nacionais diferentes disputavam espaço e Karadžić logrou muito mais sucesso fora de sua terra natal do que com a cúpula da Sérvia autônoma:

(...) depois de falhar em estabelecer boas relações com o príncipe Milos Obrenovic, o primeiro governante do Principado Sérvio autônomo, que banuiu a publicação dos escritos de Karadžić na Sérvia na década de 1820, Karadžić foi para a Alemanha. Lá ele introduziu Johann Wolfgang Goethe e Jakob Grimm às canções populares eslavas e colaborou com o historiador Leopold von Ranke em sua *Die Serbische Revolution*, através da qual o público europeu tornou-se familiar com a história sérvia.<sup>141</sup>

Nessa proximidade intelectual entre Alemanha e Sérvia, a Alemanha forneceria em parte o quadro de pensamento nacionalista sobre o qual os sérvios estruturaram seu ideário nacional, do qual o livro de Karadžić faz parte e no qual “[o processo político de construção nacional] foi largamente baseado na descoberta e codificação do “espírito da nação” que Karadžić chamava, influenciado por sua educação e inspiração orientada pela Alemanha, de “Nationalismo””.<sup>142</sup> Outro ponto de contato entre Ranke e os eslavos com quem ele teve relações em Viena era a visão metafísica da nação que passava por uma influência da instância divina no Estado. No caso da Sérvia, isso se dá fortemente pela nacionalização da Igreja: “Em um pensamento autenticamente cristão, a Igreja, isto é, a comunidade de crentes, constitui o corpo místico de Cristo. A identificação da igreja com a nação favorece ao invés do conceito de nação o de corpo místico.”<sup>143</sup>

Todos esses elementos semelhantes de construção nacional são resumidos em uma obra de enorme influência no nacionalismo sérvio: *A Montanha da Guirlanda: Evento Histórico do Final do Século XVII (Gorski vijenac: Historičesko Sobotie pri Svrlestky XVII vieka)*, poema épico e peça teatral escrito pelo príncipe-bispo montenegrino Petar II Petrović-Njegoš, em 1847<sup>144</sup>, sobre a qual pode ser dito que “Seu legado [de Njegoš] serve como

<sup>140</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>141</sup> “(...) after failing to establish good relations with prince Milos Obrenovic, the first ruler of the autonomous Serbian Principality, who banned the publication of Karadžić’s writings in Serbia in the 1820s, Karadžić went to Germany. There he introduced South-Slavic folk songs to Johann Wolfgang Goethe and Jakob Grimm and collaborated with the German historian Leopold von Ranke on his *Die Serbische Revolution*, by means of which the European public became acquainted with Serbian history.” Idem, *ibidem*.

<sup>142</sup> “[the political process of nation-building] was largely based on discovering and codifying the ‘spirit of the nation’ that Karadžić called, influenced by his German-oriented education and inspiration, “Nationalism”” TRENCSENYI; KOPEČEK, *op. cit.*, p. 114.

<sup>143</sup> “In authentic Christian thought the Church, that is, the community of believers, constitutes the mystical body of Christ. The identification of the church with the nation favors instead the concept of nation as mystical body.” ANZULOVIC, *op. cit.*, p. 23.

<sup>144</sup> O poema é composto na cidade sérvia de Centije, mas publicado em um mosteiro armênio em Viena.

um exemplo de como a literatura, religião e política nos Bálcãs podem ser apropriadas de forma a servirem a uma determinada agenda política. Njegoš e sua empreitada poética ocupam o palco central na fábrica de fazer mitos do sul eslavo.”<sup>145</sup>



*Fotografia de Petar II  
Petrović-Njegoš, tirada por  
Anastas Jovanović, 1851.*

Aqui não cabe entrar nas interpretações acerca de todos os papéis políticos dessa obra, que são, aliás, inúmeras, mas apenas apontar para a comunhão entre história e o elemento heroico é profundamente trabalhada, como o próprio subtítulo adianta. São comuns no poema falas como essa do Bispo Danilo:

Vocês me troueram grande alegria, meus falcões,  
Grande regozijo para mim. Heroica liberdade!  
Esta manhã radiante você foi ressurecta  
de cada tumba de nossos queridos antepassados!<sup>146</sup>

<sup>145</sup> ““His legacy [of Njegoš], serves as a telling example of how literature, religion, and politics in the Balkans can be interwoven in serving particular political agendas. Njegoš and his poetic endeavor occupy the central stage in the South Slavic myth-making factory.” PAVLOVIĆ, Srdja. **Balkan Anschluss. The Annexation of Montenegro and the Creation of the Common South Slavic State.** Indiana: Purdue University, 2008, p. 8.

<sup>146</sup> “You have brought me great gladness, my falcons,/ great joy for me. Heroic liberty! / This bright morning you've been resurrected / from every tomb of our dear forefathers!” NJEGOŠ, Petar II Petrović. Mountain of Wreath. In: [http://www.rastko.org.rs/knjizevnost/umetnicka/njegos/mountain\\_wreath.html](http://www.rastko.org.rs/knjizevnost/umetnicka/njegos/mountain_wreath.html), acessado em 10/02/2014.



*Frontispício da primeira edição de A Montanha da Guirlanda.*

A eleição de heróis do passado, segundo o modelo da *Montanha da Guirlanda*, é também experimentada na Alemanha e na Europa em geral, na qual o entusiasmo iluminista no futuro é substituído progressivamente pela celebração do passado por parte da classe média emergente:

(...) uma imagem idealizada de sua nação passou a ocupar o centro de sua autoimagem, de suas crenças sociais e de sua escala de valores. Durante o período de sua ascensão, as classes médias dos países europeus, tal como outras classes emergentes, tinham sido orientadas para o futuro. Uma vez elevadas à posição de classes dominantes, suas seções de liderança e suas elites intelectuais, à semelhança dos outros grupos dirigentes, trocaram o futuro pelo passado a fim de basear neste sua imagem ideal delas próprias. As satisfações emocionais derivadas da visada para diante deram lugar às satisfações emocionais derivadas do olhar para trás.<sup>147</sup>

O papel fundamental da história para o movimento romântico promove a união entre passado, presente e futuro em um momento em que as jovens nações necessitam ancorar suas projeções de autonomia em uma tradição de representações de si mesmas. Alguns intelectuais eslavos encontram uma visão comum que expressa esses anseios na forma da literatura romântica:

<sup>147</sup> Elias, op. cit., p. 129.

Vuk Karadžić foi um seguidor do romantismo alemão e um nacionalista, ainda que menos um ocidentalizador do que Obradović, mas sua reforma da língua literária sérvia, liberal-democrática por natureza, possibilitou a democratização da vida cultural. Do segundo volume da coleção de poemas épicos de Karadžić seus seguidores derivaram uma identidade sérvia específica: eles viram os sérvios como pessoas heroicas e em busca de justiça. O príncipe-bispo montenegrino Peter Petrović Njegoš fundiu-a a uma visão teológica do conflito entre o bem e o mal e a transplantou para o nível histórico.<sup>148</sup>

Há, então, uma leitura utópica do passado como o lugar onde se encontrariam as verdadeiras e puras raízes nacionais, entendendo que essas seriam um fato dado que, como um artefato, deveriam ser descobertas e trazidas ao conhecimento público. Entretanto, a nacionalidade estava longe de ser esse artefato obscuro: o povo, sua língua e sua cultura eram esse tesouro que precisava ser escavado e restaurado à sua dignidade de lastro de pertencimento espontâneo e incorrompido (ao contrário da superficialidade e artificialidade da cultura de corte). E a largada é dada pelo idioma, entendido como a maior preciosidade nacional e o crivo para a separação étnica que basearia as reivindicações de autonomia política<sup>149</sup>.

Através da estetização do popular, este é reapropriado pela alta cultura. O caso de *A Montanha da Guirlanda*, assim como das óperas de Wagner ou *A Montanha das Runas*, de Ludwig Tieck. A tradição popular, quando elevada do folclore ao estatuto de arte, de acordo como ela era concebida pelos românticos, ganhava uma dignidade universal que permitia o duplo estatuto de reconhecimento nacional e transacional que acabava por englobar as jovens nações europeias numa mesma fôrma de representações, na qual cada uma moldaria sua respectiva herança popular. Nesse conjunto de aproximações entre instâncias que até então eram diametralmente opostas, o passado também era presentificado na forma do culto à Idade Média e dos antepassados. São exatamente essas características que possibilitam a tradução e o entendimento das ideias trocadas entre Ranke o *Círculo Esloveno de Viena* e que transformam *A Montanha da Guirlanda* em uma obra sérvia de vulto universal:

---

<sup>148</sup> “Vuk Karadžić was a follower of German Romanticism and a nationalist, and thus less of a Westernizer than Obradović, but his reform of the Serbian literary language, liberal democratic in nature, enable the democratization of cultural life. From the second volume of Karadžić’s collection of epic poems his followers derived a specific Serbian identity: they saw Serbs as heroic and justice-seeking people. The Montenegrin prince-bishop Peter Petrović Njegoš merged it with a theological vision of the conflict between good and evil, and transplanted it onto a historical level.” MILUTINOVIĆ, Zoran. **Getting Over Europe. The Construction to Europe in Serbian Culture**. Amsterdam: New York: Rodopi, 2011, p. 126

<sup>149</sup> “Another Romanticist Idea – the vernacular language and folk art represent the purest expressions of the soul of a nation and the most important criterion for its identity.”(Anzulovic, op. cit., p. 70.)

Os versos de *Gorski vijenac* são inspirados nas lendas da Batalha do Kosovo (1389), o símbolo mais significativo da história e da mitologia da Sérvia. Assim, *Gorski vijenac* transcende os séculos de “não ser” historic, entre a perda da existência nacional no campo de Kosovo e sua subsequente ressurreição, e conecta os “antepassados místicos” e os fundadores modernos da nação. (...) Njegoš arranja a erradicação dos sérvios islamizados contra o cenário de luta do povo sérvio por libertação. Mas através de sua abordagem poética e mitológica ele vai além dos limites nacionais estreitos e a transporta para o domínio dos motivos gerais de liberdade, morte e ressurreição.<sup>150</sup>

O tema da morte (pode-se dizer inclusive a celebração da morte violenta) indica um elemento interessante, uma vez que aponta para o “barbarismo” descrito por Ranke no que diz respeito ao retorno de certas atitudes tribais na sociedade sérvia que vinha se formando desde o século XVIII:

A reafirmação das atitudes tribais pré-cristãs na Sérvia foi um processo gradual facilitado pelo caos que acompanhou a desmontagem do estado sérvio medieval e a abolição do patriarcado de Péc em 1766. Um passo além na mesma direção aconteceu no final do século XVIII e século XIX, quando as ideias de pureza das sociedades primitivas e da nação como guardiã do verdadeiro espírito do povo reforçou as crenças opostas à ética cristã.<sup>151</sup>

Vê-se entre os sérvios o surgimento de um primitivismo como resistência e como atitude de autoafirmação que passa por uma glorificação da violência, o qual se basearia duas raízes principais:

Um é o antigo culto pagão da vingança, particularmente forte entre sociedades tribais dináricas e expresso no tipo de poesia popular que experimentou um revivamento entusiasmado no final do século XVIII e começo do XIX – o tempo de Njegoš, ele mesmo coletor de poesia popular. Outro grande ímpeto de ódio veio da demonização do inimigo nos ensinamentos da Igreja Ortodoxa Sérvia.<sup>152</sup>

<sup>150</sup> “The verses of *Gorski vijenac* are inspired by the legends of the Battle of Kosovo (1389), the single most significant symbol in Serbian history and mythology. Therefore, *Gorski vijenac* transcends the centuries of historical “non-being”, between the loss of national existence on the field of Kosovo and its subsequent resurrection and connects the ‘mythical forefathers’ and the modern founders of nation. (...) Njegoš sets the eradication of Islamized Serbs against the backdrop of the struggle of the Serbian people for liberation. But through his poetic and mythological approach he goes beyond narrow national limits and transports it to the domain of general motives of freedom, death and resurrection.” TRENCSENYI; KOPEČEK, op. cit., p. 469.

<sup>151</sup> “The reaffirmation of pre-Christian tribal attitudes in Serbia was a gradual process, facilitated by the chaos accompanying the demise of the Serbian medieval state and the abolition of the patriarchate of Péc in 1766. A further step in the same direction took place in the late eighteenth and nineteenth centuries, when the ideas of the purity of primitive societies and the nation as the guardian of the people’s authentic spirit reinforced the beliefs opposed to Christian ethics.” Anzulovic, op. cit., p. 26.

<sup>152</sup> “One is the old pagan cults of revenge, particularly strong between strong Dinaric tribal societies, and expressed in the kind of folk poetry that experienced and enthusiastic revival in the late eighteenth and early nineteenth centuries – the time of Njegoš, himself a collector of folk poetry. Another major impetuous to hatred came from the demonization of the enemy in the teachings of the Serbian Orthodox Church.” Idem., p. 61.

Unem-se em uma obra literária forças latentes da sociedade sérvia que são direcionadas para um propósito comum: a autonomia política nacional. Tal papel desempenhado pela literatura não é um fenômeno estranho à Europa ocidental, principalmente para uma Europa sobre auspícios românticos que utilizam a poesia e os panfletos como forma de conclamar a nação. Mas há ainda uma relação mais próxima entre a *Montanha da Guirlanda* e a *Revolução Sérvia*, isto é, ambos têm o elemento comum da influência de Karadžić, que aparece mais uma vez como o arquiteto político que utilizava a cultura como estopim das lutas pela autonomia sérvia: “Njegoš conhecia pessoalmente Vuk Stefanović Karadžić, que ele conheceu em Viena em 1833 e cujo trabalho sobre a reforma da língua ele apoiava fortemente.”<sup>153</sup> Eis aqui mais um ilustre nome do *Círculo Eslavo de Viena* indicando que Ranke havia participado de um projeto muito maior do que possivelmente tenha imaginado. Outra suposta proximidade entre a *Montanha da Guirlanda* e a intelectualidade alemã é que parte da crítica deposita em *William Tell*, de Schiller, uma influência. Esse ponto é bastante debatido e a conclusão mais ponderada é que se há algum parentesco entre o espírito romântico schilleriano e o poema de Njegoš, a saída que ambos escolhem para o confronto é diametralmente oposta:

A peça de Schiller termina com uma paz social conseguida pela renúncia dos nobres aos seus privilégios e a garantia da liberdade de seus súditos; o poema de Njegoš termina com massacres seguidos pelo abençoamento de uma arma. O espírito romântico está muito mais próximo da *Montanha da Guirlanda* nos versos de “A Marselhesa”: “Deixe sangue impuro/enxarcar nossos campos”, do que em *Wilhelm Tell*.<sup>154</sup>

A solução pacificadora de Schiller frente ao combate explícito do poema sérvio é então um indicador do afastamento dos projetos nacionais alemão e sérvio, onde os primeiros seriam encorajados à uma espécie de acordo social conservador que aplaque os ânimos e garanta a ordem na mudança no melhor modelo kantiano e os segundos são inspirados ao conflito autorizado pelo passado, pela glória e por uma causa justa. E, ainda dentro dos quadros culturais, o romantismo foi um fator decisivo para determinar as formas de expressão diferente do projeto de novas nações tanto na Sérvia como na Alemanha, inspirando através da mesma fonte reações bastante diversas: “A ideologia ocidental do romantismo, com seu culto de supostas culturas primitivas puras, ajudou na revivamento

<sup>153</sup> “Njegoš personally knew Vuk Stefanović Karadžić, whom he had met in Vienna in 1833 and whose work on language reform he strongly supported.” TRENCSENYI; KOPEČEK, op. cit., p. 428.

<sup>154</sup> “Schiller’s play concludes with social peace achieved by the nobles’ renunciation of their privileges and the granting of freedom to their subjects; Njegoš’s poem ends with massacres followed by the blessing of a gun. The Romanticism spirit comes much closer to *The Mountain of Wreath* in the verses of “La Marseillaise”, “Let impure blood/drench our fields,” that in *Wilhelm Tell*.” Anzulovic, op. cit. p. 65.

da cultura heroico-pagã sérvia, a qual é indiferente ou mesmo hostil a uma ordem social baseada nos direitos do cidadão individual.”<sup>155</sup>

Se o romantismo alemão parece ainda olhar para o classicismo de Goethe e para a herança iluminista, o mergulho dos sérvios em seu passado tribal é profundo e a rejeição dos argumentos diplomáticos fazem do processo de independência sérvia um dos mais conturbados e violentos da história: “Não surpreendentemente, Njegoš, que, juntamente com Vuk Karadžić e outros românticos, introduziu elementos pagãos da herança popular e da cultura heroico-tribal na literatura sérvia moderna, era muito hostil aos esforços racionalistas.”<sup>156</sup>

A diferença da atitude sérvia e alemã perante o passado e sua consequência violenta ou não no presente pode ser também explicada pela divergência no regime de tempo histórico experimentado pelos dois povos. Se os alemães se apoiavam numa noção de passado que tinha como ideias-modelo o código medieval de cavaleiros germânicos, os sérvios se voltam para um passado mais próximo de atitudes territorialistas e de retaliação dos inimigos, uma vez que todo o valor do passado é depositado num tempo anterior a invasão e que anseia por sua total restauração:

A história cultural da Sérvia, como a da Rússia e outros países ortodoxos do leste europeu, seguiu um desenvolvimento diferente daquela da Europa católica e protestante. Nos países ortodoxos, o equivalente à Idade Média – o período durante o qual a Igreja era a portadora dominante da herança cultural – durou até o final do século XVII e começo do XVIII.<sup>157</sup>

Assim, considerando que a dupla passado-presente traz consigo a perspectiva de futuro<sup>158</sup>, a retomada dessa Idade Média tribal sérvia traz à tona a celebração da violência contra os inimigos turcos e contra os que eram considerados traidores. Além disso, a retomada do primitivismo tribal sérvio carrega consigo uma visão específica do tempo, no qual há uma outra classificação temporal que tende à categorização por idade e a eleição de uma época de ouro que inspira nostalgia, esse momento foi, para os sérvios, a configuração

---

<sup>155</sup> “The Western ideology of Romanticism, with its cult of supposedly pure primitive cultures, aided the revival of Serbian pagan-heroic culture, which is indifferent or even hostile to a social order based on the rights of the individual citizen.” Idem., p. 69.

<sup>156</sup> “Not surprisingly, Njegoš, who, together with Vuk Karadžić and other Romanticists, introduced pagan elements of folk heritage and tribal-heroic culture to the modern Serbian literature, was very hostile to the rationalists efforts.” Idem, p. 71.

<sup>157</sup> “The cultural history of Serbia, like that of Russia and other Eastern European Orthodox countries, followed a development different from that of Catholic and Protestant Europe. In Orthodox countries, the equivalent of the Middle Ages – the period during which the church was the dominant barrier of cultural heritage – lasted until the late seventeenth and early eighteenth century.” Idem, p. 69.

<sup>158</sup> Le Goff, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 2003, p. 209.



tribal pré-invasão otomana. Levando esse ponto em consideração, Ranke parece acertar, ainda que grosseiramente, em sua análise baseada na percepção de que algo de diferente estava acontecendo no mundo eslavo, como se o passado em toda sua crueza irrompesse entre os sérvios, cujo impulso de independência foi acompanhado por uma violência primitiva. A diferença da análise de Ranke para uma menos orientalista está em perceber que a violência assistida nesse período e nessa parte do globo não era algo específico da sociedade sérvia nem da religião ortodoxa, uma vez que todas as sociedades e religiões têm sua face violenta. Ainda assim, como explica Anzulovic, o diferencial na situação sérvia foi o altíssimo nível de fusão entre religião e estado, o que resultaria em uma produção literária (uma vez que eram os bispos e monges que detinham maior parte do controle de produção intelectual) que encorajava a violência em massa.<sup>159</sup> Literatura, independência, violência formam a tríade das ideias que ferviam entre os sérvios revolucionários. Juntamente com isso, há a sacralização da nação através da santificação de líderes da revolução e pelo filtro aplicado pelos redatores das histórias e canções que faziam parte do corpo religioso da ortodoxia sérvia<sup>160</sup>.

E não é só isso que a *Montanha da Guirlanda* deixa transparecer. Nela há também um *ocidentalismo*, o que mostra que não era apenas o Ocidente que imaginava um “outro” e que tinha planos acerca deles, ou seja, a própria Europa, a partir do ponto de vista do projeto nacional sérvio, esse “outro”. No quadro de representações, o jogo se invertia:

Afora promover a algamação dos destinos nacionais sérvios e montenegrinos, o texto está cheio de referências a outras nações e religiões, particularmente muçulmanos (*Turci*) e venezianos (*Mleci, Latini*). Estas “Caras Metades” são veementemente denunciadas e sua “normalidade”, até mesmo sua condição humana”, é trazida em questão ao longo do texto.<sup>161</sup>

Apesar de oposta aos planos da Igreja Ortodoxa, a concepção nacional de Karadžić frutificou em termos políticos porque conseguiu promover a união social através da cultura: “A mudança nos paradigmas da linguagem finalizaram um conflito que havia existido por décadas entre a cultura literária eclesiástica e o revivamento cultural sérvio

<sup>159</sup> ANZULOVIC, op. cit., p. 45.

<sup>160</sup> STADLAND, Helke. “Sakralisierte Nation und säkularisierte Religion: Beispiele aus dem Westen un Norden Europas” In: RUTAR, Sabine. **Beyond the Balkans. Toward an Inclusive History of Southeastern Europe**. Münster: LIT Verlag, 2007, p. 184.

<sup>161</sup> “Apart from promoting the amalgamation of Serbian and Montenegrin national fates, the text is filled with references to other nations and religions, particularly Muslims (*Turci*) and Venetians (*Mleci, Latini*). These “Significant Others” are conspicuously denounced, and their ‘normality’, even their ‘human condition’, is called into question throughout the text.” TRENCSENYI; KOPEČEK, op. cit., p. 419.

emergente, se resolvendo em favor do segundo.”<sup>162</sup> Ao mesmo tempo, obteve êxito porque conseguiu promover um intercâmbio de ideias com a Europa ocidental, o que, conjuntamente com a configuração europeia geopolítica do século XIX que era cada vez mais antagônica aos turcos, fomentou o apoio à causa Sérvia. Como o próprio intercâmbio de ideias com Ranke mostra, os intelectuais sérvios, muitos deles em ostracismo por divergência com líderes das forças revolucionárias, ficavam divididos entre a postura cosmopolita e nacionalista: “De fato, desde que os sérvios entraram em contato estreito com o ocidente, eles se encontraram divididos entre o modelo ocidental de sociedade civil e o tribalismo étnico.”<sup>163</sup> O conflito dilacerante entre o “eu” e o “mundo”, romântico por definição e tão exemplarmente delineado por Goethe em *Os Sofrimento dos Jovem Werther*, toma contornos nacionais na Sérvia.<sup>164</sup>:

No caso do ambiente acadêmico a relação com o cosmopolitismo é bastante diferente, em parte porque a convivência é forçada pela situação de expatriação dos intelectuais com quem Ranke conversou<sup>165</sup>, mas principalmente porque esses estudiosos vinham de outro contexto social onde os valores tribais não eram tão fortes:

Com exceção de Njegoš, os habitantes das montanhas dináricas, onde o velho tribalismo heroico-pagão ainda era muito forte, eram uns dos principais revivalistas daquela tradição sob a influência romântica. A intelligentsia sérvia, localizada em sua maioria no ambiente urbano panoniano e não nas rústicas montanhas sulistas, desempenharam o papel dominante no ressurgimento do tribalismo.<sup>166</sup>

Existe, no caso sérvio, uma distância considerável entre o polo de produção da cultura nacional e as pessoas nas trincheiras da luta de independência. Se o espírito difundido era de afirmação da especificidade sérvia perante os demais, a intelectualidade tinha uma vivência cosmopolita que ajudava a colocar a cultura sérvia no palco das culturas europeias, ganhando admiração principalmente entre os escritores alemães num conjunto de trocas intelectuais do qual *A Revolução Sérvia* faz parte e na qual os alemães, por uma

<sup>162</sup> ““The change in language paradigms ended a conflict that had existed for decades between the Church literary culture and the emerging Serbian cultural revival, resolving in favor of the latter.” Idem, p. 429.

<sup>163</sup> ““Indeed, ever since Serbs came into close contact with the West, they have been torn between the model of Western civil society and ethnic tribalism.” ANZULOVIC, op. cit. p. 74.

<sup>164</sup> Konstantinovic, Radomir. *Filosofia Palanke*, p. 238 cf. ANZULOVIC, op. cit., p. 80.

<sup>165</sup> A expulsão de intelectuais como Karadzic se deu em função de desacordos com o governo revolucionário porque enquanto o filólogo acreditava que a nova definição cultural deveria ser formada através da equação idioma-nação, a Igreja ortodoxa naturalmente defendia a manutenção d equação nação-igreja.

<sup>166</sup> “Except for Njegoš, the inhabitants of the Dinaric Mountains, where old pagan-heroic tribalism was still very strong, were one of the principal revivers of that tradition under Romanticism influence. The Serbian intelligentsia, located mostly in the Pannonian urban environment rather than in the harsh southern mountains, played the dominate role in the resurgence of tribalism.” ANZULOVIC, op. cit., p. 80.

posição que ganhava cada vez mais destaque dentro da literatura e filosofia europeia, ajudaram a projetar a obra dos colegas sérvios<sup>167</sup>:

Se a discussão começa com uma polarização entre o “eu” europeu e o “outro” oriental, o estudo da relação de Ranke com o *Círculo Eslavo de Viena* (e o ambiente intelectual mais amplo entre alemães e eslavos) mostra que o estado de coisas é mais complexo do que se poderia supor. Há um longo caminho de ideias, autorrepresentações e projetos nacionais que uniram os dois povos de forma profícua durante o século XIX e que incluiu uma série de elementos que vão da política à literatura. Em ambos os lados, cosmopolitismo e nacionalismo encontraram um meio de convivência e colaboração através da tradução recíproca de suas culturas.

---

<sup>167</sup> A relação cultural entre a Sérvia e as ideias ocidentais data pelo menos do século XVIII, quando “Strong ties were established with the West, at the time when the Enlightenment had laid the foundation for modern secular culture. This contact, uninterrupted since, has led to a large-scale assimilation of Western culture by the Serbs.” (Anzulovic, op.cit. p. 69)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

WE SHALL NOT CEASE FROM EXPLORATION  
AND THE END OF ALL OUR EXPLORING  
WILL BE TO ARRIVE WHERE WE STARTED  
AND KNOW THE PLACE FOR THE FIRST TIME.  
*T. S. Eliot, Little Gidding (1942)*

Partindo da jornada de Ranke que o levou ao contato com Vuk Karadžić e passando por cinquenta anos de idas e vindas do autor com o livro no qual estudou a questão oriental, percebe-se que *A Revolução Sérvia* é um trabalho cheio de peculiaridades e que adiciona questões importantes aos estudos de Ranke e da história da historiografia, principalmente no que diz respeito ao envolvimento de seu autor com a política e ao compartilhamento de ideias amplamente disseminadas durante o século XIX, cuja base orientou inclusive a interpretação de Ranke sobre outros povos. Se Ranke já havia mostrado interesse pela questão oriental no seu trabalho anterior, *Fürsten und Völker von Süd-Europa im sechzehnten und siebzehnten Jahrhundert* (1827), a história da Sérvia é original tanto por tratar de um evento contemporâneo ao historiador como também por ser um produto de várias mãos, o que também significou ser fruto de culturas diversas unidas em torno de um tema comum. Além disso, no caso d'*A Revolução Sérvia*, Ranke teve que lidar um grau maior de estranhamento, uma vez que lidava com dois grupos “bárbaros”, sérvios e turcos.

Nesse sentido, um tópico que parece particularmente digno de atenção é a questão do cosmopolitismo com a qual a pesquisa se iniciou e que ganha novos contornos no terceiro capítulo. O aspecto de trocas do *Círculo Esloveno de Viena*, cuja existência propiciou trocas intelectuais fundamentais para a constituição dos Bálcãs na contemporaneidade, parece contradizer o isolamento sugerido pelo processo de individualização das formações nacionais. No entanto, o espírito colaboracionista revelado pelo processo de criação d'*A Revolução Sérvia* aponta para afinidades que unem as diversas identidades europeias (até mesmo as do Leste Europeu) sob um mesmo impulso de ideias que entendem a cultura, notadamente a cultura popular, como o cerne da nova organização política dos povos.

Através do compartilhamento de dificuldades como nações então periféricas, alemães e sérvios usaram suas diferenças culturais como alavanca para o interesse mútuo. Para Ranke, o estudo da história sérvia significou, entre outras coisas, a compreensão mais global da história e, através dos mecanismos de comparação, contribuiu para a reafirmação de seu próprio lugar de fala.

As ideias românticas, com as quais Ranke lida, vieram a fomentar tanto a valorização da cultura popular como essa introspecção característica das formações nacionais. Ao mesmo tempo, como atesta a própria *Revolução Sérvia*, ao tratar dessas identidades nacionais no plano da produção de obras literárias ou historiográficas, tal especificidade era elevada a um plano mais amplo de uma reflexão sobre ideias. Nesse sentido, o próprio objeto de estudo ganhava uma característica universal de luta pela liberdade e direito de autodeterminação. E, curiosamente, foi o mergulho dos povos em si mesmos (ou, pelo menos, do que esses povos imaginavam sobre si) que possibilitou o encontro com uma comunidade mais ampla que compartilhava os mesmos valores culturais.

No desafio de definirem suas nações, os intelectuais germânicos e eslavos reforçaram laços supranacionais que eram igualmente de respeito e de ideias pré-concebidas e generalizantes. Esse elemento não deixa de ser surpreendente, uma vez que admiração e preconceito caminhavam intimamente: Ranke respeitava enormemente a figura de Karadžić, mas a imagem de atraso que viera se colando ao Oriente desde o século XVIII parece vencer o historiador alemão em alguns momentos. Se os processos históricos pelos quais Alemanha e Sérvia passavam construía afinidades, o lado do globo em que cada uma estava – oeste e leste – definia certa hierarquia que figurava como um dado pré-estabelecido e naturalizado.

No entanto, há uma sutileza estrutural nesse ponto. Primeiramente, há uma separação clara em Ranke entre os níveis culturais e políticos. Ainda que a política e cultura tenham relação imbricada no pensamento de Ranke, é possível perceber que o historiador parte do pressuposto da superioridade da organização política europeia, sustentando a noção de que a reestruturação da Sérvia só se completaria quando a nação adentrasse a comunidade política de molde ocidental. O tema da revolução sérvia desperta em Ranke empatia, mas é preciso que os sérvios se adaptem finalmente à estrutura política ocidental. O mesmo pode ser dito a religião institucionalizada (ortodoxia), a qual Ranke considera um atraso na formação sérvia, colocando a cristandade ocidental em grau mais elevado. Por outro lado, a cultura é um vínculo forte entre o ponto de vista alemão e o contexto sérvio e aqui parece

haver mais uma idealização da cultura sérvia orientada pela curiosidade. Sobre os turcos, nota-se pouco interesse em entender sua cultura de fato e de forma aberta.

No que diz respeito às relações num nível pessoal, a rápida proximidade estabelecida entre Ranke e Karadžić indica certa homogeneização da intelectualidade europeia, apesar das diferenças culturais. Aqui é importante notar o papel fundamental da Alemanha na formação dos intelectuais eslavos, o que contribuiu para a criação de um espaço comum. Percebe-se então que há uma instância de relações na qual o parâmetro de troca não é a nacionalidade e sim o compartilhamento de valores intelectuais comuns e de visões de mundo afins. No entanto, poderia ser cogitado se essa formação germânica dos eslavos não constituiria uma aculturação. Apenas de certo modo, uma vez que os mecanismos de domínio cultural são sempre ambíguos e frutos de reapropriação. Dois exemplos disso são: o uso que Karadžić fez da influência de Ranke para disseminar seu ponto de vista, uma vez que *A Revolução Sérvia* é abertamente contra os otomanos, e a instrumentalização que essa cultura letrada com formação alemã fez da cultura popular, o que é sumarizado no impacto do poema *A Montanha da Guirlanda*. O que parece ter possibilitado as relações entre ambos, pelo menos do que é possível inferir a partir d'*A Revolução Sérvia*, foi um conjunto de ideias em comum e, acima de tudo, o uso que os eslavos fizeram de seu contato com alemães para promover sua causa.

Assim, estranhamente, as acusações de “barbarismo” encontravam eco na própria forma como os sérvios concebiam a si mesmo, uma vez que a volta às raízes tribais foi percebida como caminho de resistência e algo estimulado através da literatura. Os sérvios teriam estabelecido um uma relação complexa entre o cosmopolitismo (que requeria o domínio dos códigos ocidentais) e uma espécie de “ímpeto primitivo” mediado pela “alta cultura”. No caso do contato com Ranke, a escrita da história sérvia foi uma estratégia muito bem sucedida de divulgação da causa nacional, utilizando os canais que o cosmopolitismo trazia para que a revolução ganhasse ainda mais momento junto à opinião dos europeus do oeste. Na busca de formarem a si mesmos, os sérvios ganharam o olhar da Europa. E nada era tão conhecido pelos alemães no período do que a busca por autonomia e individualidade cultural e política. Impossível não recordar Goethe, que captou tais processos de individualização com maestria: “Entro em mim mesmo e aí encontro um mundo.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. São Paulo: Hedra, 2006, p.32.

# BIBLIOGRAFIA

---

## 1. FONTES

### 1.1. Edições d'A *Revolução Sérvia*

**Die Serbische Revolution. Aus serbischen Papieren und Mittheilungen.** Hamburg: Friedrich Perthes, 1829.

**Die Serbische Revolution. Aus serbischen Papieren und Mittheilungen.** Berlin: Duncker und Humblot, 1944.

**A History of Servia and the Servian Revolution, from Original Mss. And Documents.** Trans. by Alexander Kerr. London: John Murray, 1848.

**Serbien und die Türkei um neunzehnten Jahrhundert.** Sämmtliche Werke, 43. u. 44. Band. Leipzig: Duncker und Humblot, 1979.

**Serbien und die Türkei um neunzehnten Jahrhundert.** Leipzig: Duncker und Humblot, 1979.

### 1.2. Obras de Ranke

RANKE, Leopold. **Zur Kritik neuerer Geschichtschreiber. Eine Beilage zu desselben romanischen und germanischen Geshichten.** Leipzig: Berlin: G. Reimer, 1924.

\_\_\_\_\_. (ed.). **Historisch-politische Zeitschrift.** 1. Band. Hamburg: Friedrich Perthes, 1832.

\_\_\_\_\_. (ed.). **Historisch-politische Zeitschrift.** 2. Band. Berlin: Duncker und Humblot, 1833.

\_\_\_\_\_. „Zur orientalischen Frage. Gutachten im Juli 1854. Sr. Majestät König Friedrich Wilhelm IV vorgetragen“. In: **Historische Zeitschrift**, Bd. 13, H. 2 (1865), pp. 406-433

HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). **Leopold von Ranke: história.** Trad. Trude von Laschan Solstein. São Paulo: Ática, 1979.

### 1.3. Demais fontes

- ANÔNIMO (von einem Russen). **Russland und die Orientalische Frage**. Aachen, J. M. Vaner, 1860.
- BÜRGER, Gottfried August. “Lenore”. In: COSTA, Bruno (org.). **Contos Clássicos de Vampiro. Byron, Stoker e outros**. Trad. Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010, pp. 217-227.
- BURCKHARDT, Jacob. **Cartas**. Seleção de Alexander Dru. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- BYRON, George Gordon, Lord. “Trecho de um Romance”. In: COSTA, Bruno (org.). **Contos Clássicos de Vampiro. Byron, Stoker e outros**. Trad. Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010, pp. 43-50.
- \_\_\_\_\_. “The Bride of Abydos”. In: **Turkish Tales** (<http://www.poemhunter.com/poem/bride-of-abydos-the/>).
- CLAUSEWITZ, Carl von. **A Campanha de 1812 da Rússia**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Trad. de Sara Baldus. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FICHTE: **Addresses to the German Nation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- GERVINUS, Georg. Gottfried. **Fundamentos da Teoria da História**. Trad. de Sara Baldus. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. “A noiva de Corinto”. In: **Contos Clássicos de Vampiro. Byron, Stoker e outros**. Trad. Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010, pp. 228-236
- GOETHE, Johann Wolfgang von; SCHILLER, Johann C.F. von. **Correspondência**. São Paulo: Hedra, 2010.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch**. Disponível em <http://woerterbuchnetz.de/DWB>. Acessado em 03/01/2014.
- HEINE, Heinrich. **Contribuição à História da Religião e da Filosofia na Alemanha**. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Heine, hein? Poeta dos Contrários**. Introdução e tradução de André Valias. São Paulo: Perspectiva: Goethe Institut, 200.



- \_\_\_\_\_. **O Rabi de Bacherach e Três Textos Sobre o Ódio Racial.** Trad. de Marcus Mazzari. São Paulo: Hedra, 2009.
- HOFFMANN, E.T.A. **O Pequeno Zacarias Chamado Cinábrio.** Trad. de Karin Volebuef. São Paulo: Hedra, 2009.
- HUGO, Victor. **Do Grotresco ao Sublime (Prefácio do Cromwell).** São Paulo: Perspectiva, 2010.
- KANT, Immanuel. **Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Começo Conjectural da História Humana.** São Paulo: UNESP, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Resposta à Pergunta: O Que é Iluminsimo?” In: **Textos Seletos.** Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 101-117.
- OSSENFELDER, Heinrich August. “O Vampiro”. In: COSTA, Bruno (org.). **Contos Clássicos de Vampiro. Byron, Stoker e outros.** Trad. Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010, pp. 215-216.
- POLIDORI, John. “O Vampiro”. In: COSTA, Bruno (org.). **Contos Clássicos de Vampiro. Byron, Stoker e outros.** Trad. Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010, pp. 51-78.
- SCHILLER, Johann C.F. von. “Letters Upon the Aesthetic Education of Man” In: **Literary and Philosophical Essays: French, German and Italian.** The Harvard Classic Series, 32. New York: Collier, c. 1910.
- STOKER, Bram. **The New Annotated Drácula.** Edited by Leslie Klinger. New York: Norton & Co., 2008.
- TIECK, Ludwig. **Feitiço de Amor e Outros Contos.** São Paulo: Hedra, 2011.
- VOLTAIRE. **O Pirronismo da História.** São Paulo, Martins Fontes, 2007.

## 2. BIBLIOGRAFIA GERAL

- The Romantic Period: “Romantic Orientalism: Overview”. In: **The Norton Anthology of English Literature.**  
 ([http://www.wwnorton.com/college/english/nael/romantic/topic\\_4/welcome.htm](http://www.wwnorton.com/college/english/nael/romantic/topic_4/welcome.htm))
- (LORD) ACTON, John Emerich Edward Dalberg-Acton. “German Schools of History” In: **The English Historical Review**, vol. 1, no. 1(jan. 1886), pp. 7-42.

- ALBIERI, Sara. “Razão e experiência na constituição do conhecimento histórico: reflexões sobre os aspectos indiciários do paradigma newtoniano” In: **Dimensões**, vol. 24 (2010), PP. 284-297.
- ANZULOVIC, Branimir. **Heavenly Serbia. From Myth to Genocide**. New York: London: New York University Press, 1999.
- AVLOWITCH, Stevan. **Serbia: The History Behind the Name**. London: C. Hurst & Company, 2001.
- BENTIVOGLIO, Júlio. “A *Historische Zeitschrift* e a historiografia alemã do século XIX” In: **História da Historiografia**, no. 6 (Mar 2011), pp. 81-101.
- \_\_\_\_\_. Entre a história e o cânone: a ciência histórica oitocentista e seus textos fundadores. **História da Historiografia**, v. 8, p. 175-186, 2012.
- \_\_\_\_\_. Cultura política e historiografia alemã no século XIX: a Escola Histórica Prussiana e a *Historische Zeitschrift*. **Revista de Teoria da História**, v. 3, p. 20-58, 2010.
- BENTIVOGLIO, Júlio; LOPES, Marcos Antônio (orgs.). **A Construção da História Como Ciência. De Ranke a Braudel**. São Paulo: UNESP, 2012.
- BERLIN, Isaiah. “O Conceito de História Científica” In: **Estudos Sobre a Humanidade. Uma Antologia de Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, PP. 58-98.
- BOLETSI, Maria. **Barbarism and its Discontents**. California: Stanford University Press, 2013.
- CANDIDO, Antônio. “O Romantismo, Nosso Contemporâneo. Resumo da Aula Inaugural de Antônio Cândido no Departamento de Letras da PUC-Rio” In: **Jornal do Brasil**, 1903.1988, PP. 107-111.
- COSTA, Bruno (org.). **Contos Clássicos de Vampiro. Byron, Stoker e outros**. Trad. Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010.
- DALLMAYR, Fred. **Beyond Orientalism. Essays on Cross-Culture Encounter**. New York: New York State University Press, 1996.
- DEHDAR, Gity. „**Der Orient in der deutschen Literatur, in Theater und Oper**“. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Wien: Universität Wien, 2011.
- DIETHER, Otto. **Leopold von Ranke als Politiker. Historisch-psychologische Studie über das Verhältnis des reinen Historikers zur praktischen Politik**. Leipzig: Humblot und Dunker, 1911.

- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: Memória, Identidade e Representação**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- DOSSE, François. *A História*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- DRAGOVIĆ-SOSO, Jasna. **'Saviours of the Nation'. Serbia's Intellectual Opposition and the Revival of Nationalism**. London: C. Hurst & Co., 2002.
- DUNDES, Alan (ed.). **The Vampire: A Casebook**. Wisconsin: Wisconsin University Press, 1998.
- EL-HAJ, Nadia Abu. "Edward Said and the Political Present" In: NETTON, Ian Richard. **Orientalism Revisited. Art, Land and Voyage**. New York: Routledge, 2013.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador. Volume 1: Uma História dos Costumes**. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FITZSIMONS, M. A. "Ranke: History as Worship". In: **The Review of Politics**, Vol. 42, nº 4 (Oct., 1980).
- FORD, FRANKLING L. "Leopold von Ranke: Setting the Story Straight" In: **Proceedings of the Massachusetts Historical Society**. Third Series, vol. 87 (1975), pp. 57-75.
- FRONIUS, Helena; LINTON, Anna (ed.). **Women and Death. Representations of Female Victims and Perpetrators in German culture. 1500-2000**. New York: Camden House, 2008.
- GAY, Peter. **Estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GEYL, Pieter. **Debates with Historians**. London: B.T. Bastford, c. 1955.
- GIANNOTTI, José Arthur. "Kant e o Espaço da História Universal" In: KANT, Immanuel. **Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, PP; 107-171.
- GILBERT, Felix. "Leopold von Ranke and the American Philosophical Society" In: **Proceedings of the American Philosophical Society**, Vol. 130, No. 3 (Sep. 1986), pp. 362-366.
- GRAFTON, Anthony. "The Footnote from De Thou to Ranke." In: **History and Theory**, Vol. 33, No. 4, Theme Issue 33: Proof and Persuasion in History (Dec., 1994), pp. 53-76.

GUGLIA, Eugen. **Leopold von Ranke. Leben und Werke.** Leipzig: Friedrich Wilhelm Grunow, 1898.

GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

HAMPSON, Norman. **O Iluminismo.** Lisboa: Ulisseia, 1973.

HEYER, Friedrich. „Leopold von Rankes Orthodoxie-Verständniss in seiner Darstellung der „Serbischen Revolution““. In: **Geist, Glaube, Geschichte.** Festschrift für Ernst Benz. Netherlands: Brill Archiv, 1967, pp. 402-421.

\_\_\_\_\_. **Die Orientalische Frage im kirchlichen Lebenskreis. Das Einwirken der Kirchen Auslands auf die Emanzipation der Orthodoxen Nationen Südeuropas 1804-1912.** Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque. “O Atual e o Inatual em L. von Ranke” In: **Leopold von Ranke: história.** Trad. Trude von Laschan Solstein. São Paulo: Ática, 1979.

IGGERS, Heorg. “Historicism: The History and Meaning of the Term” In: **Journal of the History of Ideas**, vol. 56, no. 1 (Jan. 1995), pp. 129-152.

\_\_\_\_\_. **History in the Twentieth Century. From Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge.** Connecticut: Wesleyan University Press, 2005.

JELESJIJEVIĆ, Miodrag. **Leopold von Ranke: „Die Serbische Revolution” – Voraussetzung und Entstehung im Wiener Kreis um Bartolomäus Kopitar und Vuk Stephanović Karadžić.** Münster: Dissertation.de Verlag, 2007.

JOLY, Fábio Duarte (org.) **História e Retórica: ensaios sobre historiografia antiga.** São Paulo: Alameda, 2007.

KÄMPFER, Frank. *Vuk Karadžić und Leopold Ranke: Zur Rezeption der 'SERBISCHEN REVOLUTION' in Deutschland.* In: [www.frank-kaempfer.de/Neuer\\_PDF\\_Ordner/Ranke\\_Serbische\\_Revolution1991.pdf](http://www.frank-kaempfer.de/Neuer_PDF_Ordner/Ranke_Serbische_Revolution1991.pdf). Acessado em 06/07/2013.

KENNAN, George Frost. **O Declínio da Ordem Europeia de Bismarck.** Trad. De Fernando de Azevedo Corrêa. Brasília: UnB, 1985.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês.** Trad. Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: UERJ: Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Contraponto, 2006.

LECOUTEUX, Claude. **História dos vampiros: autópsia de um mito.** São Paulo: UNESP, 2005.

- LIEBEL, Helen O. "The Elightenment and the Rise of Historicism in German Thought" In: **Eighteen-Century Studies**, vol. 4, no 4 (Summer 1971), pp. 359-385.
- LOPES, Marco Antônio (org.). **Ideias de História. Tradição e Inovação de Maquiavel a Herder**. Londrina: EDUEL, 2007.
- LOPES, Marco Antônio MOSCATELI, Renato. **História de Países Imaginários. Variedades dos Lugares Utópicos**. Londrina: EDUEL, 2011
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Romantismo e Política**. Trad. Eloisa de Araújo Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MACKENZIE, John M. **Orientalism. History, Theory and the Arts**. Bath: Manchester Universty Press, 1995.
- MARTIN, Richard; KODA, Harold. **Orientalism. Visions of the East in Western Dress**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1995.
- MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **A História Pensada. Teoria e Método na Historiografia Europeia do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MATA, Sérgio da; MATA, Giulle Vieira da. "Os Irmãos Grimm entre Romantismo, Historicismo e Folclorística" In: **Fenix – Revista de História e Estudos Culturais**, vol. 3, ano III, no. 2, (Abril, Maio, Junho 2006), PP. 1-24.
- MCMEEKIN, Sean. **O Expresso Berlim-Bagdá. O Império Otomano e a Tentativa da Alemanha de Conquistar o Poder Mundial (1898-1918)**. Trad. de Maria Silva Mourão Neto. São Paulo: Editora Globo, 2011.
- MEINECKE, Friedrich. **El Historicism y su Genesis**. México: Fondo de Cultura Ecnómica, 1943.
- MENEZES, Edmilson. "Moral e Vida Civilizada: nobre a avaliação moderna de seus nexus. In: **Começo Conjectural da História Humana**. São Paulo: UNESP. 2010, pp. 41-126.
- MILLER, David. **Comparativism in a World of Difference. The Legacy of Joseph Campbell to the Postmodern History of Religions**. In: <http://dlmiller.mysite.syr.edu/CompDiff.htm>, acessado em 11/11/2013.
- MILUTINOVIĆ, Zoran. **Getting Over Europe. The Construction to Europe in Serbian Culture**. Amsterdam: New York: Rodopi, 2011.
- MOLDENHAUER, Dirk. **Geschichte als Ware. Der Verleger Friedrich Christoph Perthes (1772-1843) als Wegbereiter der modernen Geschichtsschreibung**.

Veröffentlichungen der Historischen Kommission für Thüringen, Band 22. Mörlenbach: Böhlau Verlag, 2008.

MOURA, Caio. "O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para a consolidação da autoimagem do sujeito moderno". In: **Filosofia Unisinos**, 10 (2), Mai-Ago 2009, p. 157-173.

MUHLACK, Ulrich. "Ranke, Franz Leopold von." In: **Neue Deutsche Biographie (NDB)**. Band 21. Berlin: Duncker & Humblot, 2003, p. 140–142.

MUIR, Edward. "Leopold von Ranke, His Library, and the Shaping of Historical Evidence." **Syracuse University – Library Associates Courier**, Vol. 22, Nº1 (1987), pp. 3-10.

NEVÁREZ, Lisa A. (ed.) **The Vampire Goes to College. Essays on Teaching with the Undead**. North Carolina: McFarland & Co., 2014.

PAVLOVIĆ, Srdja. **Balkan Anschluss. The Annexation of Montenegro and the Creation of the Common South Slavic State**. Indiana: Purdue University, 2008.

QUATAERT, Donald. **The Ottoman Empire (1700-1922)**. New York: Cambridge University Press, 2005.

RINGER, Fritz. **O Declínio dos Mandarins Alemães**. São Paulo: EDUSP, 2000.

ROSS, Sydney. "Scientist: The story of a word". *Annals of Science*, Vol. 18, Nº2 (1962), p. 72.

RÜEGG, Walter (ed.). **A History of University in Europe. Volume IV: Universities since 1945**. New York: Cambridge University Press, 2011.

RUTAR, Sabine. **Beyond the Balkans. Toward an Inclusive History of Southeastern Europe**. Münster: LIT Verlag, 2007.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: Uma Questão Alemã**. Trad. Rita Rios. São Paulo: Liberdade, 2010.

SALIBA, Elias Thomé. **As Utopias Românticas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SARDAR, Ziauddin. **Orientalism**. Buckingham: Open University Press, 1999.

SARDAR, Ziauddin; DAVIES, Meryll Wyn. **The Nonsense Guide to Islam**. United Kingdom: New Internationalist Publications, 2007, versão online em [www.newint.org](http://www.newint.org).

SCHEVILL, Ferdinand. "Ranke: Rise, Decline and Persistence of a Reputation" In: **The Journal of Modern History**, vol 24, no. 3 (Sep. 1952), pp. 219-134.

- SEGER, Donna. **Early Takes on the Turkey.** In: <http://streetsofsalem.com/2011/11/22/early-takes-on-the-turkey>.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "Rethinking Comparativism" In: **New Literary History**, Volume 40, Number 3, Summer 2009, pp.609-626.
- SPITZ, Lewis W. "History: Sacred and Secular" In: **Church History**, vol. 47, no 1 (Mar. 1978), pp. 5-22.
- TRENCSENYI, Balázs; KOPEČEK, Michal. **Discourses of Collective Identity in Central and Southeast Europe (1770-1945). Texts and Commentaries. Volume Two: National Romanticism – The Formation of National Movements.** Hungary: Central European University Press, 2007.
- TRGOVČEVIĆ, Ljubinka: „Nördliche oder südliche Universitäten? Serbische Studenten an deutschen Universitäten im 19. Jahrhundert.“. In: DUCHHARDT, Heinz (Hrsg.). **Jahrbuch für Europäische Geschichte.** Band 6. München: Oldenburgh Wissenschaftsverlag, 2005, pp. 55-76.
- TURIN, Rodrigo. "Uma novre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista" In: **História e Historiografia**, no. 2 (Março 2009), PP. 12-28.
- WEBER, Wolfgang; BRADY, Thomas A. "The long reign and the final fall of the German conception of History: A Historical-Sociological" In: **Central European History**, vol. 21, no. 4 (Dec., 1988), PP. 379-195.
- WERLE, Marco Aurélio; GALÉ, Pedro Fernandes. **Arte e Filosofia no Idealismo Alemão.** São Paulo: Barcarolla, 2009.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso. Ensaio sobre a Crítica da Cultura.** Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, p. 2001.
- WOCKOECK, Ursula. **German Orientalism: The Study of Middle East and Islam from 1800 to 1945.** New York: Routledge, 2009.
- ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. **La Cultura Moderna de la Historia. Una Aproximación Teórica e Historiográfica.** México: El Colegio Del Mexico: Centro de Estudios Historicos, 2002.

### 3. IMAGENS

Todas as imagens, com exceção de quando assinalado nas mesmas, foram retiradas do banco de dados do Wikimedia Commons (<http://www.commons.wikimedia.org>).

**CAPA:** Christoph Weigel, segundo Caspar Luyken. "85. *Ein Janitschar*" In: *Neu-eröffnete Welt-Galleria*, Nürnberg, 1703.